



Cartas para o Bem Viver

ORGANIZAÇÃO:

Rafael Xucuru-Kariri + Suzane Lima Costa

Cartas para o Bem Viver

© OS AUTORES

© 2020 BOTO-COR-DE-ROSA LIVROS, ARTE E CAFÉ

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação editorial Milena Britto e Sarah Rebecca Kersley

Projeto gráfico e diagramação Maira Martines (três design)

Imagem da capa e contracapa Denilson Baniwa

Revisão Joseane Mayté Sousa

1ª Edição - dezembro/2020

Cartas para o bem viver / Suzane Lima Costa,
Rafael Xucuru-Kariri (organizadores). -- 1. ed. --
Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café /
paraLeLO13S, 2020.

ISBN 978-65-992335-4-8

1. Cartas - Coletâneas 2. Literatura brasileira
3. Povos indígenas - Brasil I. Costa, Suzane Lima.
II. Xucuru-Kariri, Rafael.

21-60489

CDD-808.86

BOTO-COR-DE-ROSA LIVROS, ARTE & CAFÉ / PARALELO13S

livrariabotocorderosa@gmail.com

www.livrariabotocorderosa.com

www.cartasindigenasaobrasil.com.br

Cartas para o Bem Viver

Rafael Xucuru-Kariri + Suzane Lima Costa

1ª Edição

Salvador

Boto-cor-de-rosa livros, arte e café

2020

Apoio:



11 Das urgências do Bem Viver

17 O Bem Viver dos indígenas

- 20 De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu
- 23 De Sonia Guajajara para o Brasil
- 25 De Gersem Baniwa para as pessoas que sonham um outro Brasil
- 36 De Juvenal Payayá para o cacique Sacambuasu
- 47 De Graça Graúna para os ancestrais
- 51 De Márcia Kambeba para sua avó Assunta
- 55 De Denilson Baniwa para o parente que vive na Terra Indígena Marte
- 59 De Rafael Xucuru-Kariri para Apoena, seu filho
- 62 De Jerry Matalawê para Agnaldo Pataxó Hãhãhãe
- 65 De José Carlos Tupinambá para as lideranças
do povo Tupinambá de Olivença
- 71 De Taquari Pataxó para os brasileiros
- 78 De Eloá Kastelic e Rosenilda Luciano para a sociedade não indígena

85 O Bem Viver para viver junto

- 88 De Angela Mendes para Chico Mendes, seu pai
- 93 De Rubelise da Cunha para Ailton Krenak
- 97 De Bianca Dias para Caetano Veloso
- 101 De Cristina Araripe Fernandes para Estamira
- 109 De John Antón Sánchez para Michelle Bachelet
- 115 De Aparecida Vilaça para Paletó OroNao' (Watakao' Oromixik)
- 122 De Fábio Merladet para Rafael Xucuru-Kariri
- 125 De Ricardo Piera Chacón para Elicura Chihuailaf

133 O Bem Viver em nossas/outras comunidades

- 136 De Milena Britto para seus parentes
- 142 De Rosinês Duarte para Eva, sua filha
- 149 De Mara Vanessa para Iara e Maria Rita, suas filhas
- 154 De Deise Queiroz para Pérola, sua alma vibrante
- 158 De Thaiane Pinheiro para Maria Alda, sua avó

163 O Bem Viver fora dos trópicos

- 166 De Tim Ingold para uma criança que está prestes a nascer
- 171 De Bernd Reiter para os não-indígenas
- 175 De Stéphane Pujol para “o outro”

179 O Bem Viver e as artes de si

- 182 De Paloma Vidal para Carmen
- 185 De Arami Marschner para sua Oma
- 187 De Josiley Francisco de Souza para você
- 190 De Antonio Marcos Pereira para A.
- 194 De Alexandre San Goes para Alexandra
- 200 De Joseane Maytê Sousa para o tempo
- 205 De Suzane Lima Costa para quem ainda escreve cartas

211 O Bem Viver e a vontade política

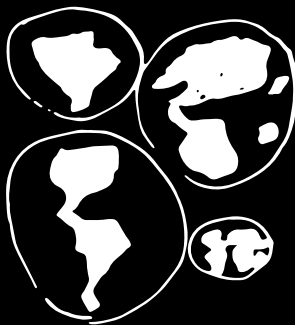
- 214 De Irene Maria para os professores indígenas
- 217 De Joseli dos Reis Querino para os professores de Língua Portuguesa
- 224 De Luciene Azevedo para seus alunos de Literatura
- 227 De Fernanda Mota Pereira para as professoras de língua estrangeira em escola pública
- 234 De Roberto Sobral para os que ainda se encontrarem pelo Ministério da Educação

241 O Bem Viver entre o presente e o futuro

- 244 De Maria Rosário de Carvalho para um amigo
- 252 De Nego Bispo para a geração neta afrodescendente e afrodiaspórica
- 255 De Diosmar Filho para o Quilombismo
- 260 De Kandy Obezo Casseres para a Presidenta eleita da Colômbia
- 263 De Beth Rangel para os pequenos e grandes jovens
- 267 De Alvanita Almeida Santos para as Deusas
- 271 De Ramon Fontes para as nossas ancestrais infectadas
- 278 De Felipe Milanez para os brancos
- 283 De Amanda Marina Batista para o Bem Viver
- 289 De Leandro Durazzo para o futuro

292 Sobre as autoras e os autores das cartas

Pela utopia de uma vida sem mal.



Das urgências do Bem Viver



Este é um livro de cartas e de urgências. Uma coletânea de cartas-urgentes para falar, estar ou inventar um porvir do Bem Viver entre nós. Cartas escritas não só para promover o encontro entre um remetente e um destinatário, um espaço entre dois, como pensou Grassi,¹ mas para pôr em movimento um território de/ para muitos, um encontro de coletivos. Se os gêneros de correio são em si modos sociais de garantir nossas conversas diárias, nossos encontros, uma carta-urgente para o Bem Viver é uma convocação especial para dizer das emergências do tempo presente, para um entendimento do que é estar pessoa singular na vida coletiva, do que é fazer da beleza conflituosa das conversações um lugar ativo de experimentos de si e de partilhas com os outros.

Essas conversações perguntam pela força dos nossos corpos diante das micro/macros barbáries cotidianas, perguntam como se vive uma boa vida, criativa e criadora - *Teko nhe' porã*: a vida sem mal, dos ensinamentos Kaiowá e Guarani² ou a vida do fazer artístico delicado do *Shien Pujut*, dos Awajún³ - cosmovisões indígenas que, somadas à noção Quéchuá do *Sumak Kawsay*,⁴ nos aproximam de uma definição do que pode ser imaginar uma vida bonita. As cartas desta

1. GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.

2. XAMIRINHUPOTY, Valdelice Veron; REZENDE, Maria Aparecida. Nhande rekoha nhè'ê ayvu arando: Para o Bem Viver da humanidade na cosmovisão Kaiowá. In.: SÃO PAULO, Conselho Regional de Psicologia. *Povos indígenas e psicologia: a procura do Bem Viver*. São Paulo: CRP SP, 2016.

3. Os Awajún, povo indígena do Peru, consideram o Bem Viver como uma vida social plena, que pode ser expressa nos seus modos de fazer cerâmica.

4. Trata-se da definição de viver em plenitude, na língua Quéchuá, que envolve estar em harmonia com a natureza e reforçar as relações comunitárias.

coletânea ativam esses afetos em projeções e críticas dos sentidos e dos rumos do Bem Viver na vida capital que levamos.

Contudo, a junção da ideia de carta e urgência pode produzir um contra caminho em relação às emergências dos tempos acelerados que vivemos, principalmente, se considerarmos a situação pandêmica que colocou o mundo em isolamento social por meses no ano de 2020. Isso porque uma carta hoje não alcança a condição de urgência se comparada aos outros tantos modos de comunicação que nos conectam em segundos. Então por que escrever cartas? Por que considerar essas cartas como urgentes? A quem interessaria essas correspondências?

Há três décadas povos indígenas em diferentes regiões do Brasil escrevem cartas aos presidentes, governadores, juízes e demais autoridades que representam o bem comum na sociedade não-indígena. Parte significativa dessas cartas trata de um chamado para o Bem Viver e, lamentavelmente, dos modos não naturais de morrer em algumas aldeias no Brasil. Tratam também da defesa das terras onde os indígenas vivem e onde querem morrer, projetando um radical desejo de uma outra vida, uma outra utopia. Nas pesquisas que realizamos, lendo e analisando mais de quinhentas correspondências,⁵ vimos que para muitos indígenas escrever uma carta é o último dos acontecimentos, é “um pós-luta”: uma prática que acontece sempre depois de uma retomada de terra, depois de uma manifestação, depois da morte de seus grandes líderes, depois da perda dos filhos e filhas; Uma sucessão de ‘depois’ para dizer ao Brasil e aos brasileiros tudo que tentaram fazer para continuar sendo indígenas em suas terras; um recurso final para o início de uma outra tentativa de agir pela vida. As cartas-urgentes desta coletânea se relacionam muito com esse movimento dos indígenas: escrever como o princípio e o fim de um enfrentamento. Em outras palavras, uma carta pode ser urgente, porque, dependendo do contexto da sua criação, ela pode ser a própria luta, algumas vezes, a última alternativa, outras, o início de tudo.

Foi com essa vontade também urgente que convidamos professores, ativistas, artistas, escritores indígenas e não indígenas, mães, pais, líderes comunitários, estudantes, indigenistas parceiros de ações políticas, para escrever cartas para

5. Aqui estamos nos referindo às pesquisas realizadas no âmbito do projeto *As cartas dos Povos indígenas ao Brasil*. Para saber mais consulte o site: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/>

o Bem Viver. Cartas endereçadas para umx interlocutorx, imaginárix ou não, que pudesse escutar com atenção nossas aflições, reflexões, nossa potência, que pudesse experienciar o que pode vir a ser a criação de palavras de ação, de força e de coragem - palavras urgentes para criarmos uma boa vida para nós, para os outros, numa tentativa de expor quais são as nossas emergências hoje, numa tentativa de lidar com o que é urgente para o Bem Viver dos povos indígenas e não-indígenas.

Para esta primeira edição, recebemos cartas de diversas aldeias indígenas e regiões do Brasil e de países como Espanha, França, Escócia, Estados Unidos, Colômbia, Equador, totalizando cinquenta correspondências, que decidimos organizar em sete seções diferentes e complementares entre si. A primeira seção é apresentada pela carta-imagem da artista plástica Arissana Pataxó, intitulada de *Pau-Brasil*, 2020. As demais seções são abertas pelas cartas-imagens nomeadas de *Sonhaços*, por Leonardo França e produzidas como uma série de imagens-sensações, inspiradas pela convocação ao sonho feita por Ailton Krenak. Os *Sonhaços* são um modo plástico de escrever o Bem Viver, “a partir da arte de sonhar-sentir o corpo enquanto constelações afetivas de outros corpos”.⁶

A primeira dessas constelações se abre com a seção intitulada **O Bem Viver dos indígenas**. As palavras de Ailton Krenak, Sonia Guajajara, Gersém Baniwa, Juvenal Payayá, Graça Graúna, Márcia Kambeba, Denilson Baniwa, Rafael Xucuru-Kariri, Jerry Matalawê, José Carlos Tupinambá, Taquari Pataxó, Eloá Kastelic e Rosenilda Luciano nos dizem dos diferentes modos de nascer, morrer e Bem Viver como ‘índio’ no Brasil. Em conversas endereçadas para quem quer cantar e dançar para o céu ou endereçadas para o próprio Brasil, para outras lideranças e caciques, para seus filhos, pais e avós, as cartas surpreendem não só porque é possível ler como os indígenas estão lidando com o tempo presente/ passado de epidemias, luto e vida, mas pelo modo como o pensamento sobre quem são os indígenas, suas noções de comunidade e pertencimento, ainda carece de um olhar mais cuidadoso e inteligente por parte dos não-indígenas. Esses escritos nos aproximam do que o povo Kaiowá e Guarani chama de *Teko nhe*”ē

6. FRANÇA, Leonardo. *A quem cabe o lugar de humano nessa dança? Cosmo-fricções para danças estilhaçadas*. Dissertação (Mestrado). Escola de dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Ba, 2020.

ete - vida de palavra - e ensinam sobre o que é, afinal, estar entre os Outros, não para ser-em-comum, mas para estar nos deslocamentos do que nos singulariza e do que nos coletiviza.

Na seção seguinte, **O Bem Viver para viver junto**, o que surpreende são os nomes dos destinatários das cartas: Chico Mendes, Ailton Krenak, Caetano Veloso, Estamira, Michelle Bachelet, Paletó OroNao', Rafael Xucuru-Kariri e Elicura Chihuailaf. Nomes próprios de pessoas conhecidas no cenário político nacional e internacional, bem como nomes de importantes agentes locais que mobilizam em vida (e pós-morte) significativas ações políticas, artísticas e literárias. Foi assim que Angela Mendes, Rubelise da Cunha, Bianca Dias, Cristina Araripe Fernandes, John Antón Sánchez, Aparecida Vilaça, Fábio Merladet e Ricardo Piera Chacón encontraram um modo de destinar suas cartas para dizer do Bem Viver nesse outro lugar de encontros.

Diferente dos conhecidos nomes dos destinatários das cartas da segunda seção, em **O Bem Viver em nossas/outras comunidades**, os destinatários nos são próximos não pela visibilidade nacional e local do nome próprio que possuem, mas pelo lugar de afeto que ocupam na vida das autoras das correspondências. São cartas para filhas, mães, avós, parentes, cartas para suas comunidades de origem, mas com uma ressalva: não são retratos de família essas cartas, são mais seus borrões, porque traduzem contextos de pertencer e não pertencer ao coletivo, à comunidade, à própria ideia tradicional de família. São, por fim, cartas de identidade que as professoras Milena Britto, Rosinês Duarte, Mara Vanessa, Deise Queiroz e Thaianie Pinheiro decidiram por tornar públicas. Postais de identidade da memória dos seus corpos negros, indígenas, do corpo-mulher desses afetos familiares, que atravessaram temporalidades para hoje nomear seus rostos e os rostos de muitxs de nós. Obrigada por isso.

Já na quarta seção, intitulada **O Bem Viver fora dos trópicos**, o antropólogo Tim Ingold, o sociólogo Bernd Reiter e o filósofo Stéphane Pujol escrevem cartas imprimindo em si-mesmos quem são os seus outros - quem são os outros de uma diferença espaço-tempo, o outro de uma outra língua que se sabe distante da sua ou o outro de um lugar-não-lugar, se pensarmos nos diferentes modos de pertencer. A carta de Tim Ingold nos diz do que seria o encontro entre uma criança e um velho que, por estarem distantes da ideia de desempenho eficiente

para a vida em sociedade - ideia que a 'geração do meio' define como o melhor jeito de viver a vida - podem viver o futuro não como meta ou produto, mas como um bem comum. Já Reiter e Pujol nos falam do diálogo possível entre os povos que não têm a *sorte* histórica e os que a têm, isto é, entre os povos que se veem ameaçados física e culturalmente a todo momento por serem quem são e aqueles que podem mudar suas identidades, línguas e culturas, sem que isso implique em perder a possibilidade de nomear a si próprios e decidir seus futuros.

Em **O Bem Viver e as artes de si**, Paloma Vidal, Arami Marschner, Josiley Francisco de Souza, Antonio Marcos Pereira, Alexandre San Goes, Joseane Mayté Sousa e Suzane Lima Costa performam uma vontade de escrever para o Bem Viver de um 'você-eu' nomeado e 'anonimado' pela própria ambivalência do endereçamento de suas cartas. Um modo delicado de dizer o quão ordinários são os sentimentos comuns que nos tomam de susto. Por outro lado, a mesma delicadeza, movida nesse jogo de aflição e alegria, também pode ser um impossível, e o único lugar se torna a própria carta, a própria escrita. Em outras palavras, diríamos, simplesmente, que essa é uma seção de cartas de amor.

A quinta seção, intitulada **O Bem Viver e a vontade política**, está composta por cartas-convites direcionadas a professores indígenas, estudantes de literatura, professores de línguas e gestores de ações educacionais dispostos a inventar novos futuros e, por que não, novas utopias. Paradoxalmente, são também cartas que tensionam a própria ideia de futuro e perguntam sobre modos de 'estar presente', modos de colocar a atuação de quem fala e de quem escuta na espreita de seus próprios lugares, do seu próprio tempo, da sua própria vontade de fazer. Irene Maria, Joseli dos Reis Querino, Luciene Azevedo, Fernanda Mota Pereira e Roberto Sobral miram para si mesmxx, do mesmo modo que falam com os outros das suas cartas, demonstrando que não há Bem Viver possível sem a honesta vontade política/poética de quem trabalha com educação.

As cartas finais desta coletânea compõem a seção **O Bem Viver entre o presente e o futuro**. Há nessa última série de cartas uma espécie de pano de fundo das cartas presentes nas seções anteriores. Um pano de fundo contextual, desenhado não para espelhar o tempo presente ou para predizer o futuro, mas para colocar essas temporalidades em perspectiva e em alerta, diante da densidade das situações de morte/vida que a primeira crise sanitária mundial

do século XXI escancarou em todos nós. Como perspectivar vida/morte não é somente dizer das (des)esperanças do presente ou do futuro, as cartas de Maria Rosário de Carvalho, Nego Bispo, Diosmar Filho, Kandya Obezo, Beth Rangel, Alvanita Almeida Santos, Ramon Fontes, Felipe Milanez, Amanda Marina Batista e Leandro Durazzo falam para os jovens, às mulheres, para um amigo ou para uma futura presidenta sobre quais são as distopias e utopias que nos atravessam para o movimento de uma boa vida coletiva ou para a criação de algum tipo de pactuação em defesa de sua emergência.

Todas as cartas deste livro nos fazem perguntar se há como viver tempos urgentes sem projetar novas utopias. Os próprios indígenas, que há décadas escrevem cartas para o Brasil, já nos dizem que não, e dizem porque não há nada mais utópico do que um povo escrever cartas para o Estado, do que uma comunidade aspirar o irrealizável: a resposta de um ausente. As minibiografias dos autores desta coletânea também nos dizem um bonito não, porque apresentam, ainda que em poucas linhas, o fazer diário de pessoas que se ocupam da palavra - seja ela oral, escrita, grafitada ou desenhada -, vivem dela e, por isso, se preocupam em como dizê-la, em como projetá-la para encontrar os outros. Suas atuações nas escolas públicas, nas universidades, nas aldeias indígenas, no Ministério da Educação, em suas casas ou na rua, não só justificam a presença de seus nomes nesta primeira edição de correspondências, mas demonstram como escrever uma carta, em um momento tão delicado do mundo e de suas próprias vidas, só é possível para quem acredita na urgência do fazer com palavras.

SUZANE LIMA COSTA

RAFAEL XUCURU-KARIRI

O Bem Viver dos indígenas





PAU-BRASIL

De Arissana Pataxó.

Coroa Vermelha, setembro de 2020.



Ayissama Pataxó

De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu



À esquerda do Rio Doce, 11 de setembro de 2020.

Amigos,

Percebi, antes de começar a escrever essas palavras, que se aproxima a primavera. Estamos chegando ao momento do esteio do céu. Decidi, então, escrever esta carta para falar com vocês sobre o Bem Viver, para quem acredita que cantando é possível suspender o céu, para quem acredita que o modo **como** vivemos e o mundo **onde** vivemos é recriado a toda hora. Para além da nossa capacidade de descrever a vida, quero aqui falar da vida como um evento que acontece de dentro de tudo, o tempo todo.

Escrevo, então, para nosso Taru, nosso céu, e para quem acredita que pode suspendê-lo nesse tempo primaveril de proximidade com a terra.

Nossos ancestrais cantavam para suspender o céu. Com esse canto, a cura também chega. Esse é um dos poderes que nossos ancestrais nos passaram: uma prática de comunhão da terra com o céu, por isso a terra é a nossa mãe.

A ideia da terra como nossa mãe é muito repetida entre nós, indígenas. A poética expressa nessa imagem da mãe-terra pode ser até ingênua para alguns, mas ser filho da terra é aprender que estamos em relação com todos os outros seres sagrados que constituem o mundo. Se esse giro de forças pudesse ser pensado não como ingenuidade nossa, mas como nosso modo de agir no coletivo, provavelmente não seríamos nós, os indígenas, os povos sem o lugar de viver e o lugar de morrer na grande história do mundo.

Nosso canto também nos livra do abismo que os brancos criaram entre os

mortos e os vivos. Nossos ancestrais estão todos aqui, estão todos em meu corpo e, quando eu morrer, eles estarão aqui também. Do mesmo modo, eu também estarei. A comunhão céu e terra é isso, o nosso Taru Andé é isso! Por isso, a importância de não ocupar nossos pensamentos com narrativas estreitas, com uma narrativa só. Essa ideia dos nossos antigos de suspender o céu cantando, dançando, para aliviar a terra do excesso de pressão que oprime os humanos se relaciona com uma outra constelação de saberes, que nos diz que o céu já caiu sobre a terra em outras épocas.

Quando as humanidades experimentam catástrofes, fazem do canto e da dança a sua aprendizagem. Esses cantos de suspender o céu criam uma brisa, um ar que faz com que os humanos reestabeleçam a sua própria cura. Essa ideia ensina que o céu já caiu em outras épocas e os humanos desenvolveram formas de conversar com o céu, cantar para ele, cantar para o rio, para a montanha. Essas humanidades extraíram dessas experiências a poesia da vida, o canto para afastar a dor, o xamanismo, ou seja, poderes que nossos ancestrais passaram de geração em geração para nos constituirmos como filhos do organismo terra.

Essa lógica que o Ocidente criou de demarcar território, de enquadrar as formas de vida dos povos originários causou danos irreversíveis às nossas formas de estar no mundo, danos que se repetem por falta de um bom encontro que possa reconciliar essas perspectivas de mundo em disputa. Pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria. Em outras palavras, o verbo disputar virou verbo vida, passou a nomear o princípio das coisas do mundo. Mas como estar além da violência que confirma todos os dias o equívoco da narrativa que diz que o mundo foi criado para nos servir e que nós estamos aqui para incidir sobre ele? Como estar além? Como deixar de acreditar no mundo como uma plataforma extrativista? Como escapar desse vírus gigante *homo sapiens*, essa bactéria que come o planeta?

Se continuarmos entendendo o mundo assim, viveremos sempre produzindo incidentes, terríveis incidentes engajados em nome e em defesa do progresso, da evolução e só teremos a banalização e o desprezo pela vida como horizonte de expectativa. Digo isso porque o que escolhemos comer, vestir, fazer, plantar, criar tem relação com tudo isso, mas, ao invés de ser habitado, o mundo passou a ser disputado, como se nós tivéssemos recebido o mundo para isso: para uma

grande e infinita disputa. Quando defendo que precisamos voltar a sonhar é porque precisamos acreditar na criação de uma inteligência sutil, movente, para permitir que a vida, em sua diferença, coexista.

Por isso, quando o céu criar a pressão sobre a terra, digo a você que dance, que suspenda o céu! Os filhos da terra precisam cantar e dançar para que o céu possa dar uma atmosfera vital, necessária para o retorno das flores, dos pássaros, das borboletas, das matas, enfim, para a celebração da vida, para o Bem Viver.

Escrever esta carta, neste momento crítico das humanidades ou das pluralidades, como gosto mais de dizer, me fez desejar dançar para o céu, me fez querer a vida nessa plenitude e me fez, também, convidar você que está lendo estas palavras agora para cantar junto, para chamar a primavera, para vivermos juntos e bem.

Com um abraço afetuoso,
AILTON KRENAK

De Sonia Guajajara para o Brasil



Terra Indígena Araribóia, 30 de julho de 2020.

Para o Brasil, novamente, para o Brasil,

Esta é a segunda carta que escrevo para o Brasil.

A primeira escrevi quando me lancei candidata à vice-presidente da República deste país, ao lado do meu amigo Boulos. Eu, a primeira mulher indígena que disputou a presidência do Brasil. Nós perdemos, Brasil, nós perdemos. O Brasil perdeu, mas não vou falar aqui dos vencedores da eleição de 2018, afinal, esta é uma carta para o Bem Viver. Vou falar sim, Brasil, que não há como querer a boa vida, a vida coletiva, uma vida digna e plena para todos sem olhar de frente para os povos indígenas, que todos os dias lutam para não morrer no Brasil.

Eu, Sonia Bone Guajajara, como mulher indígena do povo Guajajara do Maranhão/Amazônia brasileira, atuando, sem cansar, na linha de frente, no combate à Covid-19 entre os povos indígenas, sei bem a cara do tempo de sofrimento e dor que estamos vivendo. Vivemos enfrentando as doenças que os brancos nos impõem. A pandemia acentuou muito mais a violência que já vivíamos, criou, mais uma vez, a imposição de uma cultura sobre a outra. E somos sempre nós, Brasil, os indígenas, aqueles que mais morrem, que mais sofrem, que mais perdem. A colonização ainda não acabou: suas práticas estão vivas e nossos corpos são usados como exemplo, todos os dias.

Sempre falo que precisamos nos fortalecer enquanto povos, movimento, e fortalecer nossas frentes de atuação política. Digo isso porque acredito que a defesa do Bem Viver, hoje, é também ocupar espaços nacionais e internacionais,

espaços políticos para agirmos em defesa da vida dos povos indígenas, continuar a luta, nunca desistir dela e continuar tendo forças para as grandes batalhas que ainda virão.

Quando penso, Brasil, nessas batalhas, lembro de líderes como Paulinho Paiakan, um dos grandes criadores do movimento indígena no Brasil, que lutou contra a construção da usina Belo Monte, e que morreu de Covid. Penso no cacique Aritana Yawalapiti, também morto pela Covid-19. Penso em Domingos Venite, importante cacique, líder dos Guarani Sapukai também morto pelo vírus. Sem contar a vida dos quase **mil mortos** pela Covid-19. **MIL INDÍGENAS MORTOS!**

São muitos, Brasil, são muitos parentes que, neste momento, perdem suas vidas. Isso é um projeto de extermínio em curso, um velho projeto que se repete. Que Bem Viver é esse que nos destinaram? Que ideia é essa de humanidade, de coletivo, de sociedade que os brancos do Brasil ofereceram para nós?

Eu digo que não quero essa vida. Eu escrevo esta carta, Brasil, para dizer não. Não queremos o Bem Viver dos brancos, esse Bem Viver do chamado bem-estar social que só trata de como comprar mais para vender melhor. Ou melhor: que só trata de quem pode comprar e de quem pode vender. O bem-estar dos juros dos bancos, do capitalismo dos brancos. Eu digo não!

Termino esta carta apresentando a você, Brasil, o meu sonho, porque temos que sonhar, como bem diz o meu parente Ailton Krenak, por isso, eu lanço, mais uma vez, os meus sonhos neste papel: quero que os povos indígenas tenham seus territórios garantidos, quero as demarcações necessárias para isso, o retorno à mãe terra, a Mãe de Todas as Lutas, a qual dedicamos nossas vidas por muitas gerações. Isso é o Bem Viver. Essa é a ideia de Bem Viver na qual acredito. Esse é o sonho e a realidade que ainda verei em vida.

SONIA GUAJAJARA

De Gersem Baniwa para as pessoas que sonham um outro Brasil



Da Aldeia Yaquirana, Rio Içana, 20 de agosto de 2020.

Para todas as pessoas, de todas as raças, etnias, línguas, culturas, crenças, que sonham um outro Brasil!

Nesta carta buscamos expressar e compartilhar nossas indignações e inconformismos, mas, também, esperanças, sonhos e utopias, inspirados em documentos coletivos de muitas pessoas, comunidades, organizações e movimentos sociais e humanos.⁷

Devemos acreditar que, em sã consciência, nenhuma pessoa de bem pode concordar e se sentir feliz com a construção de um Brasil à custa de um cemitério gigantesco com cinco milhões de vidas humanas exterminadas em cinco séculos, cujo único infortúnio é que estavam aqui, por obra e ordem do Criador, quando da chegada dos invasores europeus. Um Brasil que continua sendo “construído” ou “destruído” à custa de milhares de vidas de pessoas indígenas, negras, pobres e da destruição da natureza.

Essa terra generosa, hospitaleira, rica, biodiversa sempre foi o berço de nossas civilizações e de nossas existências. Por isso somos seus guardiões, cuidadores e

7. Nos inspiramos na Carta Aberta do I Encontro Virtual de Educação e Saúde Indígena do Amazonas e Roraima (Manaus, 28/07/2020), na Carta Aberta do Núcleo Takinahaky de Formação Superior de Professores Indígenas – NTFSI/UFG e do Coletivo de Educadoras e Educadores do FAE/UFG em Luta por direitos. Também na Manifestação contra a violência da Polícia Militar no Rio Abacaxis e na Terra Indígena Coatá-Larajal, nos municípios de Nova Olinda do Norte e Borba/AM (Manaus, 17/08/2020).

defensores. É um lugar sagrado de nossa ancestralidade e espiritualidade. Nunca foi um lugar sem dono e sem habitante. Por isso ninguém tem o direito de vir aqui abusar dela, destruí-la e usá-la de qualquer jeito e a qualquer custo para obter lucro fácil e criminoso. Criamos nossas organizações para, junto com outras organizações e movimentos sociais, defender nossos territórios, nossa natureza e os nossos direitos humanos.

Muita gente chegou de outros lugares distantes e desconhecidos por nós, acolhemos e aprendemos a conviver: negros, brancos, amarelos. Aprendemos a conviver a partir da pedagogia da interaprendizagem, da solidariedade e da reciprocidade. Mas, junto com os que vieram de lugares distantes, vieram, também, pessoas mal-intencionadas, herdeiras de Caim⁸ e seguidores de Érebo e Tánatos,⁹ e logo começaram a implantar e praticar atos de muita violência, crueldade, barbaridade e injustiça contra nossos povos. Assim, esta terra do Bem Viver, da *Hekwape Ienepe*,¹⁰ da *Yvy marã e'ý*,¹¹ da *Pachamama*,¹² da *Aby-Yala*¹³ passou a ser terra de crises, de ódio, de racismo, de tragédias, epidemias, pandemias, pandemônios, pragas, desastres e necropolíticas.

Essa gente má nos trouxe à situação em que vivemos hoje, em uma sociedade à deriva, sem líder, sem prestígio no mundo, sem referências morais e espirituais. Vivemos tempos da barbárie, da hipocrisia religiosa, do ódio, da violência armada, da ignorância, da mentira, da falsidade (*fake news*), do aprofundamento do individualismo e do egoísmo, da falta de solidariedade e de responsabilidade.

Neste período de muita tristeza e dor, causada pelo adoecimento e morte de nossos sábios e sábias, guardiãs e guardiões de saberes milenares e grandes mestres e mestras responsáveis pela transmissão de conhecimentos especializados únicos às gerações mais novas, muitos faleceram. Assim, ficamos mais empobrecidos,

8. Caim é um dos filhos de Adão e Eva, personagens primordiais bíblicas do judaísmo e do cristianismo.

9. Érebo, deus da escuridão e da sombra na antiga mitologia grega, e Tánatos, deus da morte, também na mitologia grega.

10. “Hekwape Ienepe” é a Criança-Universo, o universo (terra) primordial na Cosmologia Baniwa.

11. *Yvy marã e'ý*, Terra Sem Males (sem fome, sem guerra, sem doença) na Cosmologia Guarani.

12. Em Quechua, Pacha é universo, mundo, tempo e mama é mãe – Terra Mãe.

13. *Abya Yala* em Kuna (ou Guna) é terra madura, terra viva, terra em florescimento, terra de sangue vital.

mas não menos criativos e resistentes. Hora triste da tragédia anunciada, evitável na sua dimensão de perdas de vidas humanas, incomensuráveis, inadmissíveis, imperdoáveis. Neste profundo estado de luto, transformamos nosso dia a dia de luto em luta permanente!

O vírus da pandemia revelou a crueldade e a insignificância das idolatrias da modernidade e pós-modernidade, representadas pelo mercado, pelo hipercapitalismo e ultraneoliberalismo e pela presença nefasta das forças políticas da extrema direita no Brasil e no mundo. Revelou, também, as fragilidades e inseguranças das sociedades presentes, como consequência da fé cega e ilusória no mercado e na iniciativa privada, que nada fazem ou assumem diante da tragédia humana em curso. O Sistema Único de Saúde (SUS), sob a reponsabilidade de destemidos funcionários públicos de saúde, tão maltratados e desprestigiados pelos governos, carregam de forma digna e missionária o dever de socorrer o povo agonizante nas portas e leitos dos hospitais.

Mas, além do racismo e da terrível doença, nossos povos originários seguem enfrentando outras ameaças e violências, presentes no descaso das instituições responsáveis por executarem políticas indigenistas, na invasão de nossos territórios, na falta de atenção básica para se garantir a segurança das nossas comunidades e de nossas lideranças, o que torna ainda mais cruel o avanço da Pandemia nas nossas aldeias e territórios.

“O índio é cada vez mais um ser humano como nós”.

“Condenados a viver como pré-históricos”.

“Querem ser que nem nós”.

“São como animais em zoológicos”.

“Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido eficiente quanto a americana, que exterminou os índios”.

Infelizmente, tais pensamentos e palavras ofensivas ganham outras mentes e almas fracas, ignorantes e maldosas, que as reproduzem e as usam como motivação ou mesmo como justificativa para a perpetuação da violência, do ódio e do racismo contra os povos indígenas, externalizados por meio de frases como essas que comumente ouvimos nas ruas, nos espaços públicos, nas escolas, nas universidades, nas igrejas:

“Chega na aldeia e mata todo mundo. Extermina essa raça”.

“Chega lá com a polícia e trava tudo. Tem que fechar a aldeia para esses índios não entrarem nem saírem”.

“Isso aí é índio, não é gente, não”.

“Eles não têm cultura nem religião”.

O racismo, a maldade, a barbárie, o pecado, expressos nas falas mencionadas acima e em outras condutas, seguem incentivando mais um genocídio. Em um momento tão difícil para os nossos povos originários, que estão fortemente afetados pela grave pandemia, é hora de lutarmos contra o egoísmo e elaborarmos novas práticas de solidariedade, de empatia, de convivência, de compaixão, de palavra amiga, sentimentos e atitudes ausentes ou desconhecidos por esses maus des governantes.

O pior cenário para os povos indígenas se acentuou pela atuação do atual governo federal. Durante 20 meses (a partir de janeiro de 2019 até agosto de 2020) não foi possível apontar um único aspecto dessa política de governo que não tenha o viés de suprimir nossos direitos e incentivar ódio e racismo. Alguns exemplos da política anti-indígena do governo: a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que se recusa a dar assistência às populações em terras não demarcadas ou urbanas, mesmo em tempo de Pandemia; a desarticulação do governo com as comunidades indígenas e a falta de respeito para com as formas próprias de cuidados através da saúde tradicional; a desvalorização dos agentes indígenas de saúde e de saneamento na interface entre a saúde alopática e a saúde tradicional. A História nos ensina que os governantes do mal sempre se aproveitaram de epidemias e pandemias para avançar com seus propósitos de extermínio e genocídio dos povos indígenas.

Aqui no Amazonas não é diferente. Nossos povos são vítimas de um governo estadual sem nenhum compromisso real com eles, exemplificado com: o grave caso da anulação do direito constitucional, conquistado em 2018, após oito anos de duras lutas, que destinava 0,5% da receita corrente líquida (± R\$ 60.000.000,00), exclusivamente para o atendimento aos povos indígenas do Estado, o que poderia ter salvado as vidas dos 200 indígenas e 3.563 não indígenas mortos pela Covid-19, muitas delas abandonadas em suas casas ou nas portas dos hospitais por falta de leitos ou de equipes médicas; a gravíssima execução de jovens indígenas e membros de comunidades tradicionais no rio Abacaxis, nos municípios de Nova

Olinda do Norte e Borba, pela polícia do estado, além de práticas repugnantes de tortura e terror, ocorridas no início de agosto deste ano; a transformação da Fundação Estadual do Índio, uma conquista histórica e coletiva dos povos indígenas do estado, em um antro de negociações políticas e econômicas escusas, usando, para isso, os próprios indígenas; e a negação de diálogo mais amplo com o movimento indígena, ignorando as pertinentes propostas indígenas elaboradas e apresentadas em série de documentos encaminhados ao governo.

Essa triste realidade é percebida por muitos e cantada em versos, como no enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense no Carnaval de 2017: “Sangra o coração do meu Brasil. O Belo Monstro rouba as terras de seus filhos, devora a mata e seca os rios”. É a tristeza e o risco da natureza tutelada, maltratada, castigada, destruída, humilhada.

Sob o risco da Covid-19, do desmatamento, das queimadas e da política de morte do governo, a floresta e a humanidade vivem um dos momentos mais críticos da história moderna. O governo não protege e não cuida do seu povo, da floresta, dos campos, dos cerrados, das matas, dos rios, dos mares, quando enfraquece políticas sociais de educação, saúde e de proteção do meio ambiente.

O genocídio em curso no Brasil está associado não tanto à Pandemia, mas à omissão deliberada ou a inépcia do governo no combate à sua disseminação e no cuidado da saúde das pessoas. O genocídio é grave, é atentado contra a humanidade. Extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso – destruição de populações ou povos.

A sobreposição do desmatamento acelerado e de queimadas com a Pandemia e com o Pandemônio Político do governo do ódio, do racismo e do ecocismo pode significar um desastre ainda maior para os povos indígenas, ribeirinhos, comunidades do campo e tradicionais, considerando principalmente que mais de 30 povos ou etnias indígenas no Brasil são compostos por menos de 100 pessoas, que podem ser efetivamente exterminados pela Pandemia, aliada à política ecocida e anti-indígena do governo.

Não é este Brasil que sonhamos! Um Brasil tutelado que se arrasta nas sombras do monstro apocalíptico do império ultra capitalista do Norte, seduzido por seu arsenal de armas de guerra, do racismo e da maldade globalizada!

Por isso devemos nos indignar, resistir e lutar com todas as nossas forças contra

tudo o que está acontecendo de mau em nosso país. Não seremos derrotados nunca! Nosso objetivo principal deve ser sempre celebrar a nossa existência, homenagear os parentes que nos foram arrancados pela doença e pela política de morte do governo e, ao mesmo tempo, renovar nosso compromisso com a continuidade da nossa luta histórica pelos nossos direitos e pelas nossas vidas. Esta é a forma mais nobre de honrar nossas lideranças e parentes que nos foram tirados.

Devemos repudiar e lutar com todas as nossas forças contra o ato do presidente da República de excluir a representação indígena no Conselho Nacional de Educação, que denota clara falta de respeito aos nossos direitos e agride a todos os Povos Indígenas brasileiros e confirma sua política anti-indígena. Devemos lutar pela nomeação de um profissional indígena, indicado pelas organizações indígenas, para compor o referido Conselho, conforme exigências legais e democráticas do país.

Devemos nos insurgir contra todas as formas de violência à vida, contra as ameaças aos nossos direitos individuais e coletivos, contra a imposição cultural e religiosa, a discriminação, o racismo, o epistemicídio, o ecocídio e a omissão do Estado na demarcação das terras, na atenção à saúde, na educação, na proteção dos bens materiais e culturais dos povos indígenas.

Devemos reafirmar sempre nossa disposição de somar forças com os demais setores da sociedade brasileira que lutam pela garantia dos direitos humanos, sociais e econômicos, pela democracia, pela liberdade de pensamento e livre expressão do espírito e pela implementação do projeto de Bem Viver no mundo, do respeito à Mãe Terra e no cuidado da nossa Casa Comum.

Devemos sempre reafirmar nosso compromisso incondicional contra toda e qualquer forma de negação, perseguição e destruição de nossos direitos, vidas e existências. Muitos homens e mulheres valorosos e valorosas nos deram caminhos e pistas, como os de Dom Pedro Casaldáliga:

“Malditas sejam todas as cercas!”

“Malditas sejam todas as propriedades privadas que nos privam de viver e de amar!”

“Malditas sejam todas as leis, amanhadas por umas poucas mãos, para ampararem cercas e bois e fazerem da terra escrava e escravos os homens!”

As palavras de Dom Pedro Casaldáliga devem ser fontes de inspiração,

iluminação e de encorajamento diante de nossa profunda indignação com os mais de 120 mil brasileiros que morreram vítimas da Pandemia da Covid-19 e da política de morte do governo, dentre os quais 706 indígenas brasileiros, até 24 de agosto de 2020, potencializada pela incompetência, omissão, insensibilidade e irresponsabilidade moral, ética e política do governo. Os responsáveis devem pagar pelo sofrimento de famílias desses 120 mil mortos em um país sem política de saúde e sem sequer um ministro da saúde.

Devemos manter nossa indignação e nosso inconformismo permanente pelos mais de oito mil e trezentos indígenas assassinados pela ditadura militar entre 1964 e 1985 e pelas formas cruéis que forçaram a participação indígena nas suas sujeiras e crimes imperdoáveis praticados no combate, tortura e assassinatos dos guerrilheiros do Araguaia. Quanta maldade, desumanidade, hipocrisia de cristãos!

Não devemos e nem podemos ficar somente indignados ou inconformados! Precisamos denunciar, insurgir e gritar contra essas malditas cercas, estas malditas leis, essas malditas mãos, bocas, línguas, cabeças, papéis e canetas, pois só assim viveremos a paz inquieta proposta por Dom Pedro Casaldáliga, a paz que denuncia a paz dos cemitérios e a paz dos lucros fartos, injustos e assassinos; a paz do pão partilhado, da fome de justiça; a paz da liberdade conquistada; a paz que se faz “nossa”, sem cercas nem fronteiras. Cada um e cada uma de nós deve, da forma que puder, espalhar e gritar essa denúncia, se mobilizar e agir com atitudes concretas para impedir e, principalmente, combater, com todas as forças, essas políticas genocidas que matam e destroem vidas! Devemos resistir sempre!

Diante de todas essas situações-limites, nosso compromisso deve ser sempre de defender a vida, os direitos humanos, a dignidade humana e a natureza diante de desgovernos genocidas, ecocidas e odientos que nos enojam e nos envergonham. Não tardará a Justiça. Se a justiça dos homens falhar ou for incapaz ou incompetente, a Justiça sagrada da Natureza e dos nossos ancestrais não falhará.

Devemos reafirmar sempre que não abriremos mão do direito sobre nossas terras, que são sagradas, inalienáveis, indisponíveis e imprescritíveis; que seguiremos firmes na luta pela demarcação das terras indígenas que faltam ser demarcadas; que nos manteremos em alerta contra os invasores das nossas terras e em defesa dos povos isolados.

Devemos viver a nossa convicção da necessidade de diálogo e de complementariedade de saberes, já que nenhuma cultura, em particular e isolada, possui a sabedoria necessária para reverter os efeitos negativos do desenvolvimento ecocida e suicida das últimas décadas.

Devemos nos inspirar e acreditar em nossas sabedorias ancestrais para orientar um viver humano em harmonia com a cosmogênese, baseada na equivalência de culturas e cosmovisões, na nossa sabedoria de intimidade e participação no funcionamento do mundo natural; na sabedoria das mulheres em unir conhecimento do corpo com o da mente, da alma com o do espírito, a intuição com a razão, a consciência com o conhecimento intelectual.

Devemos resistir e desmontar o racismo, o ódio, a intolerância, a barbárie civilizatória, que naturalizam o genocídio, o etnocídio, o epistemicídio e o ecocídio e que nos levam a perder, como humanidade, importantes conhecimentos, valores, e questionam nosso lugar e papel no mundo.

Devemos construir espaços humanos e sociais mais acolhedores, justos, fraternos, e sustentáveis, mais humanos e humanizadores. Devemos viver e existir como atitude de RESISTÊNCIA.

Devemos nos inspirar e nos guiar na pedagogia da natureza e nas pedagogias ancestrais ou primordiais que nos ensinam, desta vez por meio da Pandemia, que somos seres sujeitos a perdas, sofrimentos, incertezas, dores, finitudes, incompletudes, razões pelas quais fomos brindados com a capacidade de prevenção, interação, afeto, cuidado, solidariedade, fé, força cosmopolítica, mas, sobretudo, com a humildade frente à Mãe Natureza.

Tais pedagogias sociocósmicas ensinam que a humanidade deve mudar radicalmente o seu conceito de “desenvolvimento” insustentável e inviável, diante da necessidade primordial e vital de respeitar os limites da natureza e o seu tempo de recuperação. O ser humano inserido e integrado nesse sistema único e autônomo da natureza está sujeito às suas leis.

Nunca devemos esquecer o alerta político de Dom Pedro Casaldáliga: “o opressor não seria tão forte se não tivesse com ele membros dos oprimidos”. O alerta tão real e atual indica nossa principal fraqueza durante todo o período colonial até os dias de hoje e que precisa ser superado urgentemente. Quando veremos a Grande Aliança dos Povos Originários? Quando veremos a Grande

Aliança dos Povos Indígenas colonizados e oprimidos? Cremos que chegará. E, a partir dessa Grande Aliança, também teremos um Brasil Grande! Outro Brasil! De todos os Brasileiros!

Mas, que Brasil sonhamos?

Certamente, um Brasil da Constituição, que garante ao povo ser plurilíngue, pluricultural, pluriétnico e democrático. Um país amoroso com seus povos e respeitoso com outros povos, com menos desigualdade e com mais compartilhamento cultural, linguístico, político, econômico e espiritual.

Sonhamos um Brasil com uma política de Saúde Indígena abrangente, alcançando as comunidades mais distantes, aquelas fora das terras demarcadas e dos indígenas que vivem nas cidades. Uma política de saúde fundamentada na complementariedade, no respeito, no estímulo e na valorização da medicina tradicional, dando prioridade à prevenção das doenças e valorizando a perspectiva própria das comunidades.

Sonhamos um Brasil cujo povo se indigna quando seu dirigente decide vetar 16 dispositivos de lei que definem medidas preventivas contra a Covid-19 em comunidades indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais durante a pandemia, dentre os quais o que determinava garantia de acesso ao fornecimento de água potável e distribuição gratuita de materiais de higiene, limpeza e de desinfecção para as aldeias indígenas, a obrigatoriedade do Executivo liberar verba emergencial à saúde indígena e que executasse ações para garantir a essas comunidades a instalação emergencial de leitos hospitalares e de terapia intensiva, com o fornecimento de ventiladores e máquinas de oxigenação sanguínea.

Sonhamos um Brasil que respeita os processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas, a interculturalidade, a *Intercientificidade* e a especificidade de cada comunidade indígena, definida de acordo com a situação sociolinguística e orientada para o fortalecimento dos projetos de vida dos nossos povos. Um Brasil que garanta a contratação digna de professores indígenas por meio de realização de concurso público para preenchimento de vagas nas escolas indígenas.

Sonhamos um Brasil que respeita nossos ideais de vida inspirados em nossos mais velhos, na nossa ancestralidade de Bem Viver, na reciprocidade entre as pessoas, na coletividade, na solidariedade, na convivência com outros seres da natureza, no profundo respeito pela terra e no uso coletivo do que ela oferece.

Esses ideais têm nos guiado a colocar em prática a solidariedade entre nós nesse tempo de pandemia.

Sonhamos um Brasil que compreenda, reconheça e respeite nosso território, espaço onde vivemos, lugar sagrado e cheio de significados, de espiritualidades, de valores e de conhecimentos gerados ao longo da história, que orientam a nossa existência, sendo imprescindível para a reprodução física e cultural e a segurança do presente e do futuro de nossos povos.

Sonhamos um Brasil que compreenda e respeite sermos povos indígenas, coletividades descendentes dos povos originários do continente americano, que nos distinguimos no conjunto da sociedade e entre nós com identidades e organizações próprias, cosmovisões e epistemologias específicas e especial relação com os territórios que habitamos e a natureza a que pertencemos.

Sonhamos um Brasil que compreenda e respeite nossa decisão de defender, conservar e transmitir nossa riqueza material e imaterial às gerações futuras com base em nossas instituições sociais, sistemas jurídicos e de conhecimentos. Temos consciência de que o nosso futuro, enquanto povos, está diretamente associado à garantia e à governança coletiva dos nossos territórios.

Sonhamos um Brasil que compreenda, reconheça e respeite que nossa relação com o Estado está pautada pela orientação dos nossos direitos originários, amparados pelas nossas conquistas consagradas na Constituição brasileira e no Direito Internacional, como sujeitos e protagonistas de nossa história. Somos conscientes da dívida histórica que o Estado tem para com os nossos povos. Iremos lutar e permanecer em luta para que essa dívida seja reparada na concretização de nossos direitos, que a lei reconhece e determina que sejam garantidos.

Sonhamos um Brasil fundado em uma Filosofia Política que trata da vida e da existência dos seres humanos e da natureza; um Brasil de uma lógica de vida baseada na precedência ontológica da realidade sobre a legalidade e sobre a política; um Brasil que nos aceite como somos e como queremos continuar sendo, com a abertura dos nossos espíritos, com nossos espíritos livres, resistentes e resilientes, com nossas almas limpas, pobres de riquezas materiais, mas ricas de bondades, valores, sabedorias, pensamentos livres, livre reflexão, crítica, criativa, transformadora e profunda capacidade de compreender e viver a rica diversidade de mundos.

Sonhamos um Brasil que cultive e exporte EMPATIA, respeito, solidariedade, diplomacia de paz, de bondade.

Sonhamos um Brasil capaz de atender o convite pedagógico ao exame de consciência do Papa Francisco ao lançar o desafio inicial de descolonização moral e espiritual: “Como nos seria útil fazer um exame de consciência e aprender a pedir perdão!”

Sonhamos juntos com o xamã Davi Kopenawa em seu sonho profético e apocalíptico sobre as consequências das crises e tragédias ecológicas, climáticas e ambientais provocadas pela irresponsabilidade humana, descritas em sua obra *A queda do céu*, que podem nos levar ao juízo final, resultado do profundo egoísmo dos brancos, que só conseguem sonhar com eles mesmos, com seus próprios medos, fantasmas, tragédias, castigos, com a sua cosmofobia¹⁴ e mercadorias enfeitiçadas e condenadas desde o pecado original de Adão e Eva.

Mas, também, sonhamos junto com Kopenawa o sonho da esperança que, diferente dos brancos, continuaremos sonhando, como fizeram nossos antepassados desde os primeiros tempos, muitos mundos, todos os mundos possíveis: mundo das florestas, mundo dos rios, mundo dos mares, mundo dos lagos, mundo das montanhas, mundo dos ventos, mundo dos trovões, mundo dos raios, mundo dos espíritos, mundo das almas, mundo dos animais, mundos subaquáticos, mundos subterrâneos, mundos dos céus, mundo das estrelas, mundos primordiais, mundo dos humanos homens e mulheres, mundo dos mundos, mundos do Bem Viver. Enfim, o sonho do Brasil dos brasileiros, índios e não índios.

GERSEM BANIWA

14. Cosmofobia: termo que designa medo ou terror do cosmo ou, ainda, maldição do cosmo e da natureza a partir da condenação de Adão e Eva, expulsos do Paraíso - Cosmo Perfeito -, que foram pagar seu pecado capital e original, e de toda humanidade, na Terra das serpentes. Um dos criadores do termo Cosmofobia é o intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos.

De Juvenal Payayá para o cacique Sacambuasu



Carta do cacique Juvenal Payayá, 2020, Utinga Ba,
para Sua Excelência Eminente Cacique SACAMBUASU,
1678, Aldeia de Utinga, Pindorama, Abya Yala.

Sua Excelência Grandioso Morubixaba – Cacique – SACAMBUASU (em memória),

Mui Saudoso Grande Guerreiro, digno Principal dos Povos Topim Payayá – aldeia de Utinga, hoje território de identidade da grande Chapada Diamantina, estado da Bahia, respeitosas saudações.

Venho me apresentar como Cacique [Morubixaba] Payayá do século XXI, a quem, nesses difíceis instantes, coube a missão de suceder a ti no cargo da mais alta referência entre os povos nativos de Pindorama e até de Abya Yala.

Que não te espante: pretendo explicar nesta missiva, combinando alguns fatos e acontecimentos, desde teu desaparecimento, há muitas luas, até os dias de hoje.

Reconheço como missão de extrema dificuldade. Diante da tua grandeza, minhas pretensões são modestas. Com a sua devida licença, noticiarei para o mundo alguns fatos transcorridos durante cinco séculos, desde teu sacrifício em favor do teu povo. Desejo seguir marcas dos teus passos desde que te ataram os pulsos e te esquartejaram. As evidências são poucas, as trilhas tortuosas, mas, apesar das raras evidências deixadas pelos algozes, nelas encontramos focos de luzes e nos guiamos pelo caminho da história até onde a competência permitir.

Não pretendo produzir uma carta muito formal como certamente seria esperado pelos descendentes dos que engenhosamente tentaram encobrir os traços da história e a tua biografia, afinal não se trata de uma denúncia, apontar culpado, buscar confissão de culpa; posso até omitir o que achar irrelevante

devido ao espaço do papel da carta.

Atesto, inicialmente, que a minha ascensão ao posto máximo não foi usurpação, fui eleito, afinal, ele ficou vago por séculos, até que um maioral entre os Gameleiras, Raimundo Gonzaga, com braço forte para manter o povo unido, tornou-se cacique até o momento da sua partida para juntos dos abakûyguara. Meio século se passou sem um legítimo Morubixaba, então nos declararam “povos extintos”, usurpando o nosso território. Acredite, meu Cacique, quase toda a memória se apagou: recuperar um gesto, um nome, uma palavra era uma vitória; o trabalho foi árduo para retomar a consciência, a cada instante, de pouco em pouco, nada de imposição.

Saber um pouco da história do povo Payayá valeu a pena, foi um dos passos importantes dados pelos remanescentes nativos. Apareceu uma menina que desvendou muito do novo. Já conhecemos até os limites do território original do teu tempo, os rios, as serras, afinal o resgate das tuas memórias fortalece nosso espírito; nas nossas veias, sentimos pulsar o sangue da cultura ancestral Payayá.

Hoje noto que ser um Cacique é ser, ao mesmo tempo, vigia de almas e guardador de memórias, conselheiro e, também, um pekugûapara, conhecedor dos caminhos, um guerreiro; em certas circunstâncias, um bárbaro e escudo do povo. Depois dos políticos sucessores dos bandeirantes, a função tornou-se menos compreendida, alguns destes se tonaram responsáveis pelas barbaridades praticadas contra todos os povos nativos de Pindorama e Abya Yala.

Meu caríssimo Morubixaba ou Sr. Governador dos nativos, quero deixar público um momento em que te apresentaste com tua grandeza perante o considerado maioral entre os lusitanos. Apesar de prisioneiro, através de ato vil e perverso, te declaraste governador do teu território. Foi o momento mais crítico da tua valente existência, também de todo o povo Payayá. Eras um prisioneiro na grande Taba colonial, Salvador, e diante dos capitães do mato tu eras o maior dos troféus. O governador recebia o prisioneiro com curiosidade. No pátio, em delírio, a multidão urbana uivava ao contemplar a nudez em tão formosos corpos, e te apresentaram como troféu de guerra, o séquito frente ao palácio bêbado pelos apupos, e tu despertavas enorme atenção, até o respeito do Sr. Governador.

Em um destes momentos, ao ver a multidão aplaudindo o líder branco, Governador Mendonça Furtado, representante do colonizador usurpador do teu

território, sobrepuسته a todas as normas restritivas permitidas aos vencidos e, assim, com ditas no tupi, teu idioma, encorajado, sem te renderes apesar de prisioneiro, bradaste: “Abraça-me que também eu em minha terra era governador como tu o és aqui”, e o Mendonça Furtado, sorrindo, te obedeceu e abraçou o índio nu para o delírio da multidão.

Senhor Cacique, pelo menos temos em mãos algumas bem traçadas linhas, pois muitos povos nada têm por referência. Só lamentamos serem elas na linguagem do homem branco. No idioma espanhol, um “cronista”, “escrivão” ou “sábio” se encarregou de contar para os seus pares a nossa história pelo avesso, ao modo deles. Através das palavras do Juan Lopes Sierra, escrivão do Governador lusitano, obtivemos algumas poucas impressões da tua vida. As palavras dele receberam credibilidade das academias, porém, para nós, as palavras sobre o teu saber são parcas e vagas, pois o desejo do escrivão era enobrecer o seu Governador e não te retratar, nem fazer justiça como o grande guerreiro traído. Restou uma nuvem de fumaça, um borrão apagando o legado deste povo nativo e milenar. Nada foi dito sobre origens, feitos, cultura e apego [crença] ao Grande espírito, o Ser criador de todas as coisas, a forma como era teu culto ao grande Ser.

Para ser fiel à minha narração, deixo grandes dúvidas da tua relação com o rio e os povos vizinhos. O pouco que aprendi ouvindo Yayá Gameleiras, tua descendente, quero transmitir a todos como provas orais da tua existência. Valendo-me dos favores dos mais velhos é que faço uma evocativa: unir documentos escritos com as memoráveis e recordações, e que tudo mais nesta missiva seja tomado como verdadeiro legado, a responsabilidade é deste humilde sucessor, hoje Cacique, que luta para ser digno de tua memória.

Como as palavras citadas são as poucas que restaram atribuídas ao meu saudoso Cacique, apesar de tantas que ele escreveu sobre si mesmo, nos apegamos a elas e até acreditamos que ainda existam traços e grafismo, em alguma caverna, para serem desvendados, melhorando, assim, a compreensão, deduzindo o que há de melhor sobre o que foi o teu poder e grandeza, o limite do território, a numerosa prole.

A narrativa do escrivão sobre Sacambuasú é muito sucinta, porém suficiente para quem tem boa vontade e espírito de bom observador nativo para identificar a dupla intenção do colonizador em relação a qualquer dos povos nativos. Primeiramente, o escrivão não demonstra nenhuma compreensão da relação

cultural com a posse da terra – a terra não é posse, é mão – nem o reconhece como grande líder. Essa contradição se justifica na missão do colonizador, que sente desprezo pelo legado dos nativos, das riquezas de tão vastíssimo território. Segundo, na adjetivação, limita-se a chamar-te de principal, governador, forquilha grande, homem bárbaro, criando a expectativa que motivou o Sr. Governador da província em conhecer-te, chegando a te abraçar. É sabido que os fracos e vencidos não se tornam merecedores de abraço do vencedor, assim concluímos que o Cacique Sacambuasu era antes de tudo um forte, e não um bárbaro.

Neste caso, bárbaros parecem ser o escrivão e o governador ou, pelo menos, filhos de bárbaros. A palavra bárbaro é um plágio característico da língua grega. Para os gregos, bárbaro era o estrangeiro, o que não era grego, assim como para os romanos – dois impérios minúsculos em relação a Abya Yala, mas que foram cruéis na destruição de inúmeros povos estrangeiros. O governador e o escrivão são originários desse preconceito maldito. Sabe-se que parte destes homens que tanto te importunaram são filhos de escravos do império romano, na verdade, descendentes dos povos ditos bárbaros – estrangeiros – destruídos, escravizados pelo império romano. Contraditoriamente, os dois grandes impérios – romano e grego – foram vencidos pelos punhos dos próprios bárbaros, que se esqueceram de seus legados. Nem romanos nem bárbaros se empenharam para continuarem como romanos e bárbaros.

Meu admirado herói, acredito que esses povos, os bárbaros, não foram tão fortes como nós. Na ignorância de um bárbaro, nos chamam de índios, não podemos negar que lutaram, mas se renderam, se deixaram aculturar, se curvaram ao brilho e à glória do grande império, reverenciaram a imagem, mesmo despedaçada, de um império destroçado na sua própria arrogância. Os povos ditos bárbaros – estrangeiros – preferiram abdicar das suas origens: suas línguas, feitos bélicos, do orgulho original das dinastias de seus reis, da glória e do sagrado dos seus antepassados, da subsistência agrária produtiva, da semente, do sangue da raça; abdicaram das fronteiras e das vilas e preferiram construir metrópoles parecendo a Roma imperial; esqueceram-se da vida no território originário.

Foram fracos? Eu não prefiro afirmativa, mas foram convenientes com a fraqueza. Eram bárbaros ou eram Lusitanos? Bárbaros ou Celtas? Ou Celtiberos? No seu território ninguém é estrangeiro! O certo é que renegaram o seu passado

e, agora, querem exigir o mesmo de nós?

Foram esses filhos de bárbaros que invadiram o teu, o nosso Território Sagrado em busca de riquezas, pois já não tinham como viver no seu mundo quase inóspito e buscavam fontes de alimentos, porque viviam à beira da fome crônica, careciam de terras produtivas em seus minúsculos territórios, tudo se esgotaria em breve.

E por aqui vastidão de terra farta e fértil, madeira para construir naus, alimento para saciar a fome de mais de um continente em desespero – até o mundo todo, se desejável. Encontraram cobre, ferro, ouro, prata, e desses metais fizeram o pior dos usos, impuseram a vontade de quem os tinha ao mundo. Uma nova ordem foi criada para administrar o volumoso barril de ouro e prata, madeira, algodão, cacau, milho, batata e as ervas medicinais e muito mais produtos usurpados de teu território, sem nada pagarem senão com o fio da espada. Isso se chamou MPC, “modo de produção capitalista”, poder que domina o mundo até o tempo presente.

Quero relatar ainda ao meu caro Governador que, após a tua partida, tuas mulheres foram subjugadas, forçadas pela paixão da sevícia, algumas se tornaram objetos do sedutor, dos homens brancos e do homem negro, este também oprimido, fugitivo da escravidão e acolhido nas aldeias. Da união entre esses povos surgiu uma mistura de cor e raça, esta se afastou da matriz, desse tronco nativo, da língua, dos costumes. Esses povos compõem a maioria da nação, mas sem poder e sem consciência do que é poder caso fossem unidos, vivem em sua maioria na miséria, como viviam os europeus antes da invasão de Abya Yala; moram na periferia, nos cantões, são sem teto, sem-terra, sem abrigo, desprovidos do amor pela terra e, conseqüentemente, sem a relação com a tua memória. Autodenominam-se pardos, mulatos, morenos, cafuzos, ou seja, nem negros, nem brancos, nem índios, nem nada; mal sabem que teus descendentes formam a maioria nos transportes coletivos, nas favelas, nos guetos. São eleitores responsáveis pela eleição de mulheres e homens brancos, fazendeiros brancos, empresários brancos, governadores brancos, dos militares brancos, sempre votam em brancos.

Aliás, meu caro saudoso Governador, os teus fiéis escudeiros, que não passam de alguns milhares, vivem nesta ordem: para governar preferem os brancos, rejeitando votar em um representante nativo, filho de Sacambuasu – uma vergonha.

Apesar de hoje sermos minoria, meu caro Cacique, nós, indígenas – palavra

do colonizador –, lutamos com as forças que nos restaram, continuamos a rejeitar ver-nos destruídos como argamassas no bolo fecal do colonialismo. Somos nativos, somos homens originários de Pindorama, de Abya Yala, filhos herdeiros da glória de Sacambuasú.

Meu principal, acredito que terei teu aval para rejeitar com veemência a definitiva rendição. Não aceitaremos o jugo dos falsos bárbaros, a submissão é uma covardia. Apesar de a miscigenação forçada camuflar a rendição, se os bárbaros de lá despiram-se da manta de sua ancestralidade, nós não. Seremos preservadores da tua história marcada pela resistência e pela luta.

É necessário repetir: não dominamos muitos capítulos desta história, pois nenhum nativo a escreveu. Não sabemos bem o que há de verdade nela. Em um dos fragmentos, nota-se que o governador da colônia – assim eles chamavam o majestoso território de Aby Ayala, que mal conheciam –, Dom Afonso Furtado, dedicou profunda admiração pela tua postura e “sabedoria”, e por que esconderam de nós por tantos tempos? Hoje, nossas kunhã e nossos kurumi buscam, com muita vontade, conhecer esse legado que certamente contribuirá para a formação das futuras gerações.

Nós, dessa Aldeia que também é tua, estamos curiosos para saber, por exemplo: em 1678, quantos anos você tinha? O que aconteceu com o teu filho sequestrado pelo Miguel Lemos? Este tal bandeirante queria “pegar” as kunhã, mas você flechou quatro deles: quantos morreram no conflito inicial? Entre os 400 que foram descidos, quantos retornaram para o sagrado território? Quem foram os dois “principais” aprisionados? Como foi realmente teu sacrifício? Disseram que te deceparam os membros e espalharam pelas trilhas das aldeias para intimidar os demais, assim como cem anos depois fizeram com Tiradentes, mas não nos intimidaram, ficando assim provado que Payayá [índios] que é Payayá [índio] não se intimida, não se acovarda, rende-se jamais.

Assim, caríssimo Morubixaba, a minha admiração pela tua imagem é farta, guardo no peito tua imaginária presença como um gigante. No centro do território reconquistado, relembramos tua figura enigmática em uma pequena estátua no centro da chakana. Imagino teu legado de guerreiro, arco duro, flecha certa, o aió de onde provinham as proteínas para o povo; vezes surpreendo-me imaginando eu sendo a tua cópia, a tua alma em mim mesmo, eu sendo a tua

pessoa, sentado na beira do rio de águas claras numa atitude altiva. Penso que hoje moro onde você morava, imagino vezes que sou você, que você e Raimundo Gonzaga eram um só, ele o último dos “grão cacique” Payayá!

Quando canto - nhe'engara - junto de yapyra -, penso ser você após a pescaria, o banho nas águas gélidas da y'tinga. Vejo as mães no teu tempo como vejo as minhas; vejo crianças espalmando águas em algazarras; imagino os louvores de gratidão pela pesca, pela caça, pelos frutos, pela paz; as belas plumas que enfeitavam as cabeças da kunhá, dos kurumi e o penacho de azulão tombado sobre os largos ombros teus e a reverência dos guerreiros.

Sacambuasu, sendo em memória teu mais fiel seguidor, desejo êxito durante toda a eternidade aos filhos e netos, teus sucessores!

Teus cabelos naturais me parecem volumosos e negros, caídos no rosto oval; os cachos nos ombros das meninas sempre nuas e vivazes, escorregando gotas pelos corpos esguios depois de correr, saltitar, gritar e cantar, louvam o melhor da natureza; penso muito como seria mágico a tua relação com a serra, o prado, a lua despejando luz amarela sobre as águas de Yapyra; imagino você como parte da natureza a qual não se distinguia valores individuais, somente harmonia, um corpo alimentando o outro, um corpo provendo a vida do outro e juntos convivendo naturalmente até que cada tekobé atinja o limite determinado pelo seu criador.

A esse fenômeno na língua de Pombal chamam de morte. Para uns, natural; para outros, a morte é uma encomenda da ganância, do acúmulo do MPC, bens e riquezas, posse forçada da terra, pela usurpação do alheio como se água, terra, brisa fossem mercadorias. Aos homens faltam o natural controle de si, a estupidez dos humanos ditos civilizados não permite a paz. Já não há fronteiras nem se determinam os limites das coisas, meu Caríssimo herói, e, quando surgem os limites, eles são impostos pelas classes dominantes: para uns, correntes do bem, para outros correntes do mal.

Meu Cacique ancestral, é forte a admiração, saudades de quem nunca vi, de sua pessoa histórica, antepassada, ancestral. Esta admiração cresce a cada dia. Como me referi, acredito que hoje habito o mesmo sítio e, no território onde era a sua oka, tudo me diz que sim. Minha altura – 1,69 m – quase um ano para a sua estatura gigante de mais de 2m. Você é nosso herói, não posso comparar-me a ti, mas queria te imitar nos conhecimentos da flora, das fibras,

dos sons das serras, dos mistérios das diversas línguas; dominar a diplomacia, a resistência. O escrivão que fez o relato mais confiável te descreve como um gigante cheio de saberes, um diplomata, vencido em seu próprio território pela chantagem do bandeirantismo: sequestraram teu filho, e isso, além das armas de fogo cujo pipoco assustara teus guerreiros, o elemento surpresa, abriu brecha para o avanço do inimigo voraz.

Nesta carta, como disse, as pretensões são modestas. A proposta de fazer um relato sucinto para a comunidade Payayá/Topym/Maracá, assim como disse o cronista, os três eram um povo só, hoje somos poucos remanescentes capazes de nos identificarmos como tal. Nós, Payayá Gameleira, nos consideramos nativos da aldeia de utinga, lamentamos termos perdido o elo principal, a cultura viva, a verdadeira história, mesmo assim guardamos o vínculo originário como um tesouro. Cada ponto de saber é um galardão, um caco de cerâmica é uma relíquia.

Somos um povo que busca, ama e zela por seu território, o território que já foi o grande domínio Payayá e você o grande líder. O atual território Payayá é minúsculo, porém é tudo que sobrou, o suficiente para guardar teu coração; nele estão manchas do teu sangue, restos mortais preservados no seio da Mãe Terra. Por aqui certamente paira o espírito ancestral de cada uma das mães Payayá, cada guerreiro abatido pela estupidez das armas coloniais; no chão rochoso deste território, há marcas vivas dos teus pés, gotas de sangue esvaídas dos corpos de guerreiros nativos, coisa da avareza colonial, do MPC. As correntes dos rios da chapada parecem chorar pelas feridas abertas e deixadas pelos garimpeiros; tudo é lembrado, tudo cultuamos e zelamos plantando uma muda em cada ferida; cada árvore produzindo sementes, que alimentarão e proverão descanso a cada guerreiro, a cada mãe e seu feto, cada velho alquebrado. É por isso que replantamos a semente tardia e que jamais se percam.

Além desta modesta pretensão – faz bem lembrar para os remanescentes um pouco da história do nosso grande herói –, humildemente peço a inspiração e “sabedoria” que se escondiam nas rugas dos mais velhos, nossos Tamyia, nossos abuelos, os ancestrais, que juntamente contigo devem estar no ybaka, em alegria e paz. Quão bom seria ter ouvido mais de Yayá Gameleira, saber histórias esquecidas; bom seria poder despertar aos modernos escrivães, homens do saber, do poder, da justiça, os que se julgam dominadores das vidas presentes e

passadas, que antes do seu poder, do seu saber, do seu domínio, houve homens e mulheres que se amavam e amavam a natureza preservando a vida sobre a terra.

Aos poetas e aos filósofos considerados superiores, aos mercadores que transformam o mar em estrada, aos banqueiros que multiplicam os valores, aos que fazem da natureza mercadoria, aos garimpeiros – que, como tatu, ferem a crosta da Terra, desmineralizando o solo, poluindo os rios – aos madeireiros – destruidores das florestas, de árvores centenárias com suas máquinas que deixam a terra nua com suas vergonhas expostas, parecendo meretriz enganada –, aos mercadores de armas e das balas perdidas, aos homens da ciência que contribuem para a guerra – que gerenciam a semente transgênica, tal como disse o poeta, semente “castrada, densa como a fuligem, bela como a Rosa de Hiroxima, macia como creme cósmico, arrogante como o príncipe nu” –, a todos eles imploramos respeito pela tua memória.

Se pudesse eu falaria a cada um sobre a sua responsabilidade pela vida, passada e presente, vida ancestral e, também, vida das futuras gerações, do cultivo pelo saber nativo, orientação pela preservação da Mãe Terra, que ao chão não se envenene, as flores e as abelhas, o solo é sagrado, a água não é comércio nem mercadoria.

Melhor que não se despreze a erva nativa, pois ela não é daninha, é alimento das abelhas; preservem os lagos e lagoas, as cacimbas e os lapões, pois nessas fontes a caça se servia; e também não se exterminem os povos nativos, os povos originários, os povos indígenas, o povo Payayá; que se preserve os direitos dos povos sobre a Mãe Terra.

Talvez, meu caro Cacique, eu tendo permissão para mostrar a cópia da carta que ora te escrevo inspirado, segundo o teu consentimento, os povos indígenas serão os primeiros a ter acesso, serão, também, melhor compreendidos pelos descendentes dos colonizadores e dos atuais imigrantes, hoje, senhores do congresso, executivos e juízes. Essa missiva recomenda aos pobres, aos pretos, aos índios que escolham melhor seus representantes, os que fazem as leis, os que as aplicam, que não sejam sempre os ricos, para dominar os pobres, os povos nativos, os pretos e pardos.

Como Vossa Senhoria pode notar, quase nada, ou melhor, pouco tenho a pedir, pois já tive muito, uma longa vida produtiva. Tenho muita gratidão em ser um Payayá Gameleira, de conhecer o último Cacique, dominar parte dessa

história, ser testemunha e ter usufruído das sombras da Gameleira, onde o grande Morubixaba repousava nas tardes de verão, assim como ter essa indizível honra em ser hoje Cacique Payayá, sucessor de Raimundo, seu mais direto sucessor.

Assim sendo, meu distinto Cacique, saudoso Sacambuasu, mesmo diante das lutas pelas quais a humanidade está passando, neste século que mal começou, não se vê sinais claros de compreensão e arrependimento por tudo que fizeram com as florestas e o povo: foram milhares de mortes nas areias e nos campos de Pindorama, hoje Brasil. Certo de que ainda restam poucas florestas e tribos, algumas aldeias e Terras Indígenas – que são da União –, não temos mais direito e liberdade de providenciar nosso próprio alimento na floresta, não podemos usar livremente as águas dos rios sem pagar, nem pescar na quantidade que precisamos. Tudo, hoje, tem preço e limites, são as chamadas propriedades privadas, nas cidades que você conhecia como tabas, são muros e portões, no sertão são as cercas e cancelas: uma folha de papel feita de pó de madeira determina o começo e o fim de tudo. Quem tem o papel se diz dono, apesar de não saber dizer quem o concedeu, porque as terras, hoje estado da Bahia, eram tuas do Recôncavo ao São Francisco.

Meu grande cacique, já ultrapassei o limite de uma carta, é quase um artigo, cuja missão, a qual me foi determinada pelo espírito de luta herdado nesse caminho, é a reflexão sobre o teu papel como mártir e líder. Posso imaginar que o mais complicado dos papéis ou missão dados a um ser humano, acredito, seja a missão de recuperar a cultura do seu povo quando este povo foi considerado extinto. O resultado poderá ser imprevisível.

Não sei se agradei, a linguagem foi a atual, mas os cronistas deixaram claro que os Payayá de teu tempo eram políglotas, diplomatas, estrategistas, capazes de vencer o primeiro exército do reino, fato que tanto me orgulha. Assim, vou me despedindo pedindo desculpas por não dominar a língua nativa, na esperança de que ela permanecerá viva e para sempre.

Respeitosas considerações,

CACIQUE JUVENAL PAYAYÁ

Sucessor de Sacambuasu

GLOSSÁRIO:

ABYAYALA: Terra madura, Terra viva, Terra em florescimento - língua do povo KUNA: norte da Colômbia. Nomes do continente, hoje, Americano.

AIÓ: bolsa de fibra para transportar coisas necessárias.

CHAKANA: cruz andina com doze pontas, símbolo dos mais altos conhecimentos dos povos andinos.

GAMELEIRAS: Família indígena remanescente Payayá; Árvore de grande porte considerada sagrada pelo Povo Payayá que cobria as nascentes do rio Utinga – Ficus adhatodifolia.

KUNHÃ: menina em tupi.

KURUMI: menino em tupi.

LUZITANOS, CELTAS, CELTIBEROS: ditos bárbaros formadores da península ibérica.

MORUBIXABA: líder indígena, cacique.

OKA: casa.

PAYAYÁ/TOPYM/MARACÁ: diversas denominações do povo Payayá.

PAYAYÁ: povo nativo indígena, seu território abrangia do recôncavo ao São Francisco por mais de 3 mil Km² do atual estado da Bahia; Payayá - filho do espírito; Payayá - homem rápido.

PEKUGÜAPARA: o que conhece o caminho.

TABA: aldeia.

TAMYIA: avós [abuelos].

TEKOBÉ: vida.

TOPIM: povo indígena de Utinga.

UTINGA: aldeia indígena visitada por Miguel Lemos em 2 de julho de 1678.

YAYÁ: Vovó [Gameleira].

YBAKA: lugar de descanso dos mortos – céu.

De Graça Graúna para os Ancestrais



Ameríndia, 9 de agosto de 2020.

Mãe... Pai... cadê vocês? Sabem que dia é hoje?

É nosso o dia, e apesar dos tempos obscuros; precisamos comemorar a nossa resistência! Vocês me ensinaram isso e o que eu aprendi, passo para as crias das minhas crias.

Faz tempo que a gente não se vê, nem se abraça. A situação não está fácil p'ra ninguém. Até parece um fim de mundo, como dizem; pois uma doença (nem quero dizer o nome) se espalhou pelo mundo: os hospitais estão abarrotados de gente, principalmente as mais idosas. O pessoal da Saúde orienta pra ficar em casa e quando houver extrema necessidade de sair: usar a máscara. Eu sei que vocês estão atentos às recomendações e que ao Grande Espírito; vocês estão intercedendo por nossa família, nossos parentes, nossas lideranças, nossas aldeias. Esqueci não, Pai, o canto que carrego na memória (desde menina) faz parte da nossa sobrevivência/resiliência:

*“Eu tava sentado na Pedra Fina
O Rei dos Índios, eu mandei chamar.
Caboca Índia, Índia Guerreira,
Caboca índia do Juremá”.*

Quem está na companhia dos Encantados não se sente só. Mantenho a crença, do nosso jeito; alimentando as boas lembranças do convívio, do Bem

Viver com os antigos, com os meus filhos, com os amigos e os parentes de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Não sei se é impressão, mas parece que o tempo da distância deu uma esticada e digo mais: sei não. Desconfio que nem mesmo o telefone com a mais avançada tecnologia seja capaz de encurtar essa aflição que está pesando em cada um de nós.

Mas é preciso ter paciência pra entender o tempo das coisas. Acho que você pensou isso, agora. Paciência para discernir, para exercitar a intuição desde sempre. Sabedoria/intuição ao caminhar pelas matas ou pra sentar nas pedras à beira do rio; intuição/sabedoria em cada passo dos pajés, das pajés e aprender com os guardiões e as guardiãs da mata sobre um mundo habitado por espíritos; um mundo formado por palavras e deuses e deusas; um mundo encantado dos povos indígenas.

A saudade é grande. Metade do ano já se foi, mas perdura o tempo dos abraços, quando estivemos juntos, viajando por Ameríndia. Agora estamos longe uns dos outros; porém tão logo acabe esse confinamento, a gente vai ter abraços e xêros. Prometo.

Há poucos dias precisei sair, fazer umas comprinhas no mercado; pois não tem feira aqui, onde moro. Liguei pra vocês, mas era tanto barulho de carro, moto e confusão na rua, como se não bastasse o problema do celular sem sinal. Mas isso é o de menos. Pior mesmo foi deixar a Aldeia e vir pra cidade, batalhar por emprego, estudar e driblar os problemas de saúde e uma porção de coisas ruins que deixam a gente no desamparo. E se a gente pede que respeitem nossos direitos vem a resposta imediata: “se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come”. Foi isso que ouvi de uma vizinha que desrespeitou o nosso jeito de ser e de viver. Ouvi desaforos. A gente não deixa a Aldeia por querer, simplesmente. As circunstâncias obrigam: desemprego, doenças, preconceito, perseguição..., mas não esmoreço e nem esqueço das lições de encorajamento:

- Nunca esqueça o caminho de volta!

Esqueço não, Pai. E a propósito do caminho de volta, peço um favor: ao ler esta carta pra minha Mãe, evite comentar as passagens tristes; fale que alimento a esperança de voltar pra casa e de vê-la recuperada do glaucoma. Você sabe que ela é muito atenta às coisas que eu escrevo. Diga-lhe o de sempre: que eu me orgulho das minhas raízes, de ser o que sou: Potiguara, filha de Tupã.

E antes que eu me esqueça, fale pra Mãe que estou sempre em contato com

os meus filhos. Olhe um fragmento do comentário de Agnes a respeito da nossa origem. A minha caçula escreve bem:

“Minha mãe me chama de negrindia, sou mistura de preto sarará com indígena e essa mistura me faz honrar e ter orgulho da minha ancestralidade e de quem vou me tornando, pois tô sempre pronta pra mudar: já fui muitas e agora estou me encontrando em novo projeto que, apesar de poucos recursos, já começa cheio de poesia no nome [...]”

Veja também as palavras da sua neta mais velha. Copio um trecho do afeto que Ana expõe num cartão-postal repleto de desenhos:

*“Oi, Mainha, tô aqui ouvindo o barulhinho da água caindo na fonte, abaixo da janela. Quero dar continuidade a ela com você: plantar, escolher novas pedras e flores...
Aqui, vai pra você uma lembrança do aniversário de Nina, pra aquarelar a paisagem linda que também acho tua cara.
Beijos e saudades sempre”*

Do meu filho, compartilho algumas linhas da história que ele está escrevendo; pedaços de memória sobre uns dias que Fabiano andou pelo roçado com você, meu Pai:

“Lembro as férias que passei por lá. Acordava antes do sol nascer e o acompanhava na caminhada de horas da casa ao roçado (acho que não chegava a meia hora, mas na minha cabeça as caminhadas também não tinham fim). Lá no roçado seguia meu vô, eu também com minha peixeira na cintura, colhendo a macaxeira que ele tinha plantado”.

Pai... Mãe..., embora vocês não apreciem falar por telefone; fiz um áudio curtinho pra quando vocês sentirem vontade de ouvir a minha voz. Assim, a gente vai driblando o desassossego em meio ao isolamento, enquanto vocês escutam os recadinhos que a gente, aqui em casa, preparou com muito carinho

pra vocês. E, pra não perder o caminho de volta, mantemos a nossa Resistência; entoando o que aprendemos nos rituais de Toré:

*“Sou Tupã, sou Tupã. Sou Potiguara.
Sou Potiguara nessa Terra de Tupã.
Tenho arara, craúna e xexéu, todos os pássaros do céu
Quem me deu foi Tupã, foi Tupã, sou Potiguara”*

Pai... Mãe... recebam esta carta como um escrito do meu afeto, respeito e minha gratidão. Sempre,

GRAÇA GRAÚNA
(Indígena potiguara/RN)

De Márcia Kambeba para sua avó Assunta (em memória)



Castanhal, Pará, 20 de agosto de 2020.

Minha velha, quantas saudades!

Por aqui as coisas vão caminhando, obedecendo o tempo da natureza, no entanto, um pouquinho mais acelerado que antes. Eu me refiro a 1979, época em que morávamos na aldeia Belém do Solimões, e eu aprendia lições valiosas de como perceber o Bem Viver.

A nossa cultura não parou de caminhar, segue o fluxo das águas, das luas e em conformidade com o ensino que vem da biodiversidade. Por aqui, continuamos buscando uma relação de partilha com outros povos e de equilíbrio com a natureza. Tenho lembrado muito da senhora, do que me diria hoje com um olhar mais amplo dessa luta coletiva.

Tenho lembrado de suas mensagens, sentido o cheiro da fumaça de seu tabaco e, quando fecho os olhos, num lapso de saudosismo, vejo a senhora na maqueira velha com um cachimbo na mão, dando conselhos, falando de um futuro que ainda estaria por vir e dizendo de como teríamos que nos unir para resistir. Nesse exato momento de memória e saudosismo, sinto a presença de sua espiritualidade fortalecendo a minha e percebo que o Bem Viver pode ser um ensino a ser partilhado com a cidade, tendo como mestres os povos originários.

Hoje, minha amada mãe, com meus 41 anos de vida, percebo que o mundo ainda não entendeu que é o homem quem depende da natureza, e essa dependência está no ar que utiliza para respirar, que precisa trabalhar a terra para plantar seu alimento, territorializando o lugar. O homem esqueceu que é preciso existir um

respeito mútuo e não só de uma via. Essa interação de pertencimento de um ser para com outro ser, nós, indígenas, aprendemos na aldeia, ainda pequenos, e é fundamental no diálogo de mundos, porque existe um mundo para além desse que habitamos fisicamente, o mundo dos espíritos ou mundo da ancestralidade.

Mas como bem a senhora me dizia, fumando seu cachimbo enquanto eu a embalava, deitada debaixo de sua maqueira, tudo ficaria mais difícil para nós à medida que a sociedade fosse crescendo no sentido de espaço físico, de consumo etc. Nossas matas sofreriam grandes impactos, nossos povos seriam expulsos e nossa paz na aldeia ameaçada. Lembro de olhar nos meus olhos de menina, assustada pela forma de trato já na cidade, e me dizer: “aprenda a lidar com o preconceito, ele sempre irá existir, mas entenda que você vai ser necessária para ajudar nosso povo, porque virão tempos difíceis de luta e sobrevivência e todos terão seu papel nessa resistência”.

Esse tempo chegou, minha mãe, e estamos sentindo a onda de genocídio a nos abater. Penso que é preciso ter boas estratégias de sobrevivência. Sofremos com a derrubada das florestas, a invasão de nossas terras, queimadas, e tudo isso afeta nosso modo de vida, desequilibra nosso ecossistema e nosso sistema de ver a vida com um olhar de solidariedade. A violência contra os povos se torna cada dia mais forte. As religiões, desde sua época, já impactavam nossa cultura e continuam a impactá-la. A solidariedade está ameaçada. O pajé foi colocado no esquecimento, pouco importa seu conhecimento.

Todavia, confio na forma de perceber a vida pelo olhar do Bem Viver, que nos apresenta uma relação intrínseca com a natureza. Nessa dependência, continuamos produzindo nosso roçado, partilhando a pesca com os que foram acometidos pela pandemia e apresentando esses saberes para os mais jovens, na esperança de que eles sejam continuidade. A relação com a terra tem valor ancestral, uma relação simbólica e cosmológica.

Lembro, mãe, de quando morávamos na aldeia Belém do Solimões. Nunca nos faltou alimento, porque sempre tinha um vizinho que nos dava um peixe ou um pedaço de carne. Aparecia em casa com uma bacia de frutas, farinha, beiju e nosso fogo a lenha sempre estava aceso. Depois de sua partida para o plano espiritual, eu, já na cidade, experimentei a fome quando fui para Tabatinga estudar graduação em Geografia. Para ter como comprar apostila, tive que me

privar do café da manhã e do almoço, esforço que mais tarde teria um valor imenso para mim. Na cidade, a gente não tem quem reparta o seu lanche ao meio e nos ofereça um pedaço. Aqui o sistema é cada um por si e Deus por todos.

A vida na cidade é difícil, mas a gente acaba aprendendo a viver nela. Sinto que uma parcela da sociedade não indígena começa a repensar sua presença no planeta e sua relação com a ancestralidade e com a natureza. Procuramos refletir com as escolas da cidade sobre a importância do sentir, cuidar e partilhar. Nessa ampla e vasta noção do que é Bem Viver pela visão dos povos, procuramos apresentar a relação da dinâmica do tempo indígena, que é circular, e segue uma velocidade mais lenta que a sentida e percebida na cidade. Vejo o acelerado vai e vem dos carros e pessoas nas ruas que estão sempre com pressa, com muita pressa para chegar a qualquer lugar ou a lugar nenhum.

Essa aceleração trouxe a aldeia mais para perto da cidade, e o barulho fez com que, hoje, não se escute mais o assovio da Matinta pelas ruas barrentas da aldeia à meia-noite. A Matinta se tornou folclore para as crianças da cidade, e as da aldeia não sabem imitar seu assovio e talvez não tenham a experiência de sentir medo da presença desse ente da floresta como um dia eu senti. O boto, outro ser de encanto, está em extinção. É raridade ver um boto rosa, que a senhora dizia ser um general a proteger o rio e toda a cidade encantada que existe debaixo das águas.

É possível que, nesse novo tempo, as mudanças tenham sido drásticas, mãe. Mas penso que não apagou em nós a força de reexistir a toda forma de dizimação que quer apagar nossa identidade, nos tirar o direito ao pertencimento, calar nossa voz, esvaziar nossas matas e retalhar nosso solo sagrado. Mantemos forte e acesa a luz da memória, dos saberes em nosso lugar. Fortalecemos nossa filosofia de vida cada vez que um ancião se pronuncia e nos colocamos num ato de escuta e aprendizado.

Lembro de lhe ouvir dizer que o estudo seria futuramente nossa ferramenta maior de resistência. Aprender na escola do “branco” como falar na mesma língua para poder buscar um diálogo e, quem sabe, invadir o invasor de forma apaziguada e com educação. Descobri, mãe, na literatura que a senhora me apresentou, ainda menina, lá na aldeia, a ferramenta necessária de comunicação entre nossa cultura e a cultura da cidade. Temos procurado criar pontes, causar reflexões

com amorosidade, sem agressão, convidando para uma interculturalidade.

Por fim, minha velha amada, volto a dizer que tenho saudades de lhe ouvir, seus sábios conselhos, mas sei que hoje nossa sintonia se faz através da voz do coração. E quando quero receber um conselho para tomada de decisões importantes escuto a natureza e lá, no silêncio guerreiro, consigo lhe ouvir e ouvir meus ancestrais, porque é preciso silenciar para pensar na solução de frear a máquina da destruição que não pensa no outro, e, sim, no lucro, que não se importa com o Bem Viver, mas com o viver bem.

Resistimos ao capitalismo que acelera os motores para cima de nossas terras e de nossa floresta e destrói sem pena e sem pensar no que será do amanhã, se até lá teremos água, mata e biodiversidade. Temo que daqui a alguns anos estejamos sem água, tendo que raspar nossas cabeças, porque a água, que hoje já está escassa, estará mais poluída ainda, nos impossibilitando de exibirmos nossos longos cabelos. Quem sabe se estarei aqui para ver, mas temo pelos meus netos que ainda virão e pelos filhos de seus filhos. Eu temo que o homem, que é dono de uma vasta inteligência, não consiga entender que está se autodestruindo. E peço às ancestralidades mais amor em todos os corações, que aprendam com os povos indígenas a viver a solidariedade e o Bem Viver.

Peço, mãe, a sua proteção na caminhada. Na busca por um mundo mais humano, entendo que todos somos um território do sagrado que deve ser respeitado em sua totalidade. Peço a Tana kanata ayetú (nossa luz radiante) que o espírito da natureza se fortaleça a cada despertar de um novo dia; que o manto sagrado da terra não seja cortado por latas e poluído por lixo que produzimos sem pena; que nosso egocentrismo encontre um freio diante da beleza que carrega a mãe da mata e que as deusas das encantarias consigam frear o motor da devastação. Peço por mim, pela sociedade, pela nação.

MÁRCIA KAMBEBA

De Denilson Baniwa para o parente que vive na Terra Indígena Marte



Niterói, Terra Indígena Karioka, 03 de outubro de 2020.

Ao parente que vive na Terra Indígena Marte,

Oi, bom tempo! Seja manhã, tarde, noite ou madrugada.

Espero que hoje tenha chovido aí, nenhuma chuva ácida, nenhum temporal. Só uma chuva mesmo, sabe? daquelas que molham o chão e refrescam a quentura. Sim, essa.

Aquela que faz um barulho quando cai na terra, que molha as plantas e tira o calor do solo. Aquela que dá esperança e não desespero. Pode ser um sol também se você está num dia gelado ou numa tempestade que não passa. Seja um dia que revigore suas energias e fé.

Queria te contar uma coisa engraçada. Na TV, está passando um programa chamado “Largados e Pelados”. O nome é engraçado, e a sinopse diz que: “a cada semana um homem e uma mulher são levados a um dos ambientes de clima mais extremo do mundo. Os dois ficarão literalmente expostos, já que serão deixados sem comida, sem água e sem roupas”. Nesse episódio, duas pessoas são levadas para a savana da Guiana e lá, com um facão, uma pederneira e uma panela têm a chance de provar que conseguem sobreviver sem a ajuda de equipamentos da vida na cidade. Não é o primeiro episódio que vejo, então consegui circular um padrão. Eu te conto aqui, porque é engraçado, como pode ser útil para mim e de que forma pretendo terminar esta carta.

Bom, o padrão que percebi foi: as pessoas que desistem na primeira semana são as que chegam contando vantagem e falando sobre suas experiências nas

forças armadas ou no domínio das adversidades. Os homens desistem mais rápido. A água e fogo são essenciais para manter a sanidade mental. Apesar da carne ser muito importante como fonte de proteína, a falta dela não é certeza de continuar firme no programa. As mulheres que vi nos episódios conseguem ser mais práticas e inteligentes; elas não desistem fácil e encontram soluções engenhosas. No episódio que estou assistindo agora não foi diferente: o homem desistiu no segundo dia, e a mulher está se mantendo firme, apesar das adversidades. Ela pegou um Bauari agora, um peixinho de água doce. Estou torcendo por ela.

Assistindo esse episódio, tenho pensado no que é realmente essencial na vida moderna. O que precisamos para viver bem? Talvez essa TV que está ligada não seja essencial; talvez ela me afaste ainda mais do que é a natureza, natureza da qual nós, eu e você, fazemos parte. Já faz um tempo que não pesco um Bauari. É, já faz um tempo.

Outra coisa que pensei foi: imagina se não tivesse mais floresta, nem rios, nem savanas, nem nada... como seria o programa? Talvez, ao invés de “largados e pelados” na natureza, seria “largados e pelados” no apocalipse, né? Vai saber.

Outro dia vi que os planos de morar em outros planetas estão avançando, quer dizer, essa gente lá da NASA já sabe que, pelo ritmo que destruímos tudo, não vai sobrar nada aqui neste planeta. Quer dizer, quando acabarmos tudo por aqui, vamos acabar o que tem em outros planetas. Descobriram ouro e diamante em Marte, é uma nova corrida do garimpo. A Serra Pelada Marciana. É o que temos planejado. Então, fiquem alertas, os terráqueos não são confiáveis. Eu te conto mais...

Aqui, onde estou, chama-se Brasil. Viviam aqui cerca de três milhões de parentes meus, era uns mil povos diferentes. Hoje sobraram trezentos e cinco povos e aproximadamente oitocentos e noventa e sete mil pessoas. Somos aqui 0,47% da população desta fronteira chamada Brasil. É o que sobrou do contato com o outro mundo. Fico pensando como será o contato aí com vocês, mas, pelo que leio das notícias aqui, o objetivo é apenas um: explorar e dominar, o que não foi diferente do contato aqui.

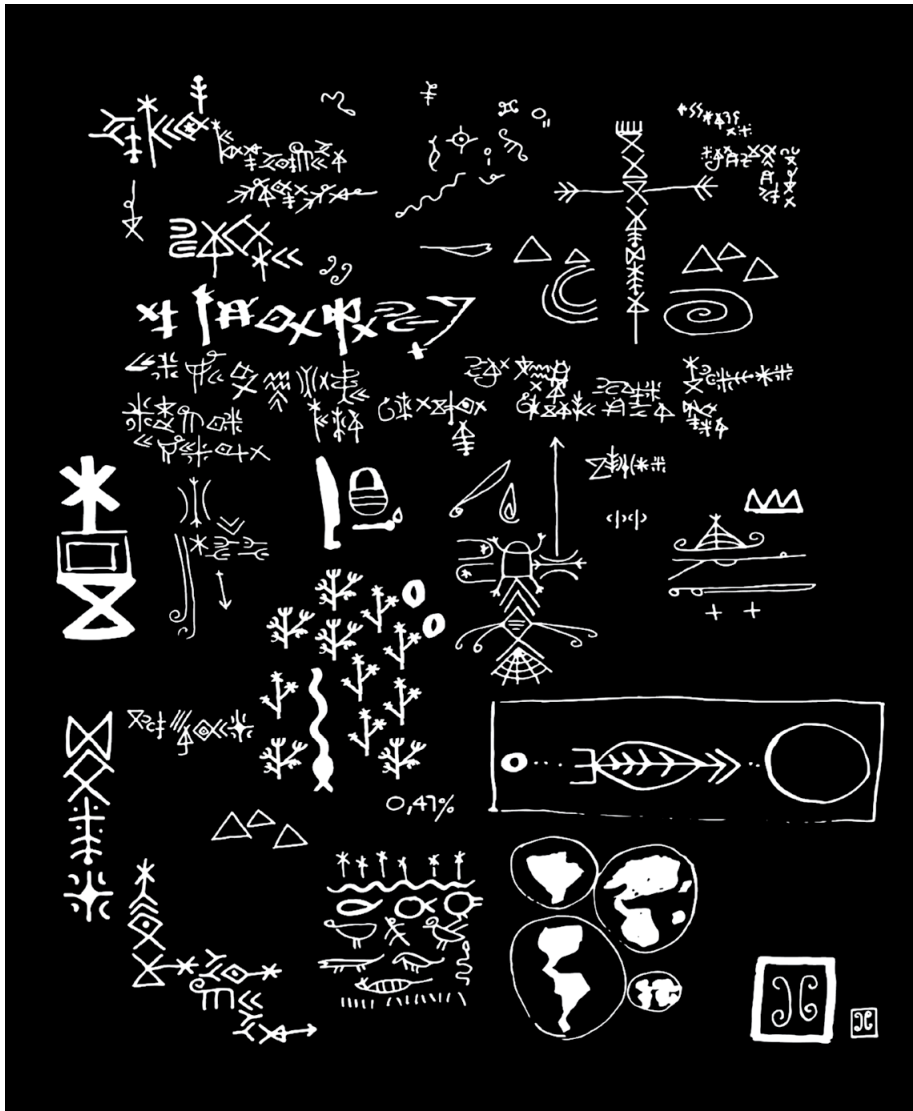
Aqui, nós, os indígenas, estamos cada vez mais lutando por uma volta ancestral, sabe? Como uma volta a um tempo antes da colonização, mas sabemos

que é impossível. Então, vivemos numa certa redução de danos. Redução de danos da colonização.

Ou como eu, conversando com amizades, cheguei à conclusão de que é um retorno à terra. Terra essa que chamamos de comunidade, território e memória. É isso: aqui estamos no retorno da memória. Espero que você e seu povo não tenham que passar por tudo o que passamos aqui. Para isso, eu desenhei alguns códigos que servem como modelo e modo de pensar a vida e a caminhada do meu povo e, também, alguns desenhos que apresentam este planeta para você, caso, quando você venha nos visitar, não tenha mais o que temos hoje: florestas, rios, oxigênio, animais, vida.

Grande abraço! Nós nos vemos no Universo!

Do amigo e parente,
DENILSON BANIWA



CARTA AOS INDÍGENAS DE MARTE

De Denilson Baniwa.

Terra Indígena Karioka, outubro de 2020.

De Rafael Xucuru-Kariri para Apoena, seu filho



Salvador, 12 de julho de 2020.

Apoena, meu filho,

Preciso lhe falar sobre o dia em que registrei seu nome.

Foi um momento importante. Um nome e um sobrenome nos dizem muito. Eles são uma biografia, mas também uma historiografia. Cartórios de registros são arquivos históricos de uma sociedade; páginas de como as pessoas vivem e se identificam. Não seria diferente com você. Registrar seu nome, Benjamim Apoena, como pertencente ao povo Xucuru-Kariri, é contar a história do Brasil. Como lhe disse, um nome nos diz muito.

Ser indígena é um território simbólico difícil de habitar nesse país. Nós nos tornamos uma espécie de referência taxonômica, com uma legenda explicativa abaixo dos nossos nomes. A identificação com um povo indígena carrega uma prisão: basta evocá-la para nos aprisionarem nos preconceitos habituais. Vivemos uma batalha cotidiana para preencher com nossos corpos o vazio deixado pelos estereótipos com os quais tentam nos enquadrar.

Veja o caso da sua bisavó, que era índia sem saber. No tempo em que a Antropologia não se preocupava tanto em classificar povos na região nordeste, mas o Estado insistia em roubar nossas terras, Dona Eudócia Maria vivia sua vida sem tantas nomenclaturas identitárias. Simplesmente cuidava dos seus com ervas, conselhos, rezas e rituais, enquanto vagava pelo sertão à procura de uma vida melhor. Estrangeira em sua própria terra, como todos nós, índios, somos, ela sabia que sua história de vida e a do seu povo não garantia o direito à própria

casa, nosso território. O poder do dinheiro e o poder do título de propriedade forjados dos não índios valiam mais.

Já seu avô sabia que era Xucuru-Kariri, mas não podia ser. Testemunhando a diáspora de seus pais e da sua nação, com medo do mesmo destino, foi declarado caboclo, mestiço, muitas vezes sem revidar, como única opção de uma vida menos sofrida. Antes que você se apresse com julgamentos, tente se colocar no lugar dele. O seu nome de índio, Apoena, foi garantido na certidão; o dele, na chacota do preconceito e na humilhação da pobreza.

Seu pai carregou essas contradições e assumiu como sobrenome o nome do nosso povo. Assino Xucuru-Kariri sem apagar meu nome de cartório como forma de me manter alerta, de me lembrar da trajetória errática do nosso país, que tenta sentir orgulho de si mesmo com os horrores de sua história. Cioso da humilhação de seu passado, seu avô me ensinou sobre o orgulho que devemos sentir de nós mesmos. A vida e a labuta política por respeito trataram de consolidar a identificação dessa autoestima com o nosso povo.

Foi pensando nesse orgulho de ser indígena que sua mãe e eu escolhemos seu nome. Uma homenagem a uma liderança indígena e outra a um indigenista. Ahöpowe em jê é Apoena em português. No primeiro encontro entre o sertanista Francisco Meirelles e o povo Xavante, o cacique Ahöpowe declarou: “branco, amanso-te!” A intensidade desse momento foi revivida anos mais tarde, quando Meirelles registrou seu filho como Apoena, uma homenagem aportuguesada ao encontro que teve com o grande cacique. “Apoena, aquele que enxerga longe”, nome para você, meu filho, pensado também como um entrelugar do encontro de um indígena com um indigenista, do português com o jê, e hoje, do seu pai com a sua mãe.

Nós queríamos que seu nome indígena carregasse a busca de uma boa vida, de alguém que procura satisfação consigo próprio e com o mundo que o rodeia, isto é, um Bem Viver. Mas não se engane: essa não é uma história de passividade. Esse mundo interno e sem fronteiras tem que ser conquistado cotidianamente, como na manhã na qual fui ao cartório. Feliz e cansado, entreguei ao oficial de registro um papel com o seu nome escrito. Ele transmitiu o primeiro olhar desconfiado, o que não me espantou, afinal, estava no cartório que registra os filhos mais ricos da cidade, acostumado a sobrenomes de pompa. Para minha

surpresa, o oficial de registro disse que precisava consultar a juíza de plantão. Retornou confirmando o meu preconceito e o deles: num bairro de ricos, nome de índio não se registra.

Todos os seus nomes de branco foram aceitos pelo escrivão, mas: “Apoena não é sobrenome”, “no Brasil se fala português, não Tupi”, “o menino não terá ligação com o pai, que não tem nome de índio” – argumentaram.

Insisti em ver a juíza e lhe despejei os códigos constitucionais. Conteí do absurdo daquela cena. Na primeira capital do Brasil, na terra dos Tupinambá, Benjamim pode, mas Apoena não. Ela me olhou como o primeiro português a ver um índio: perplexa, desdenhosa, surpresa e orgulhosa. Após várias idas e vindas ao Cartório, muita jurisprudência discutida, ameaças de processos pelo evidente descumprimento da lei e desrespeito à nossa dignidade, conseguimos! Seu nome foi aceito nos registros oficiais do Brasil. Nome de índio.

Triunfante, solicitei que se colocasse a observação “pertencente ao povo Xucuru-Kariri”. Mais alguns dias de discussão e espera para, finalmente, garantir uma certidão de nascimento. Como lhe disse, o Bem Viver é, principalmente para nós, um ato de construção diária diante de uma sociedade que insiste em nos negar a própria existência.

Olho para você e penso nesta carta, escrita num passado não tão distante no tempo, mas longínquo nas ideias – assim espero. Como pai, quero que você veja um Brasil melhor, diferente dos horrores de hoje. Espero que você viva uma boa vida, satisfeito consigo e batalhando por um mundo com o qual você se sinta bem. Minha pequena contribuição para o início do seu Bem Viver foi garantir seu nome de índio.

Seu pai,

RAFAEL XUCURU-KARIRI

De Jerry Matalawê para Agnaldo Pataxó Hãhãhãe



Aldeia de Coroa Vermelha, 10 de agosto de 2020.

Caro amigo,
Agnaldo Pataxó Hãhãhãe,

Você me fez uma pergunta difícil, mas muito oportuna e necessária a ser respondida: como pensar o índio na política? A meu ver, esta questão pode ter múltiplas respostas, mas seguiriam dois sentidos principais. Para ajudar a responder esta pergunta, precisamos definir rapidamente o que é índio e política.

Na primeira, quem é índio ou indígena? Para simplificar a questão, não que ela seja simples, proponho aqui o seguinte entendimento: seria uma pessoa que é membro de um povo originário e, portanto, é um ameríndio. Na segunda, o que é política? Com resposta igualmente simples, podemos afirmar que política é a ação ou bem comum.

A partir desses contextos, respondendo mais objetivamente à questão, como pensar o índio na política? É preciso pensar quais as opções ou as condições da participação indígena na política? Pensar as opções. Podemos participar como brasileiros comuns, seguir as regras do jogo político atual com a atuação individual ou em blocos para cumprir os interesses, em grande parte, interesses individuais ou espúrios, como temos visto na cena política nacional.

Nessas condições, não vejo nada mais do que mais do mesmo. Nossas contribuições são nulas e nossa participação torna-se sem eficácia alguma sobre mudanças que são exigidas para o estabelecimento da política do bem

comum e do Bem Viver.

Já como membros de povos originários, como sujeito coletivo que somos, temos que ter a clareza de que representamos uma coletividade e um projeto político de Bem Viver. E isso é radicalmente diferente, possível e necessário.

Analisando-se estes dois caminhos, encontraremos, no primeiro, a ideia de que somos simples e meros coadjuvantes. Participamos de maneira desigual, pois temos que participar do jogo de poder com as regras e sentidos do jogo político atual, que não nos acolhem e nem nos representam. E, assim, na grande maioria, os indígenas que estão atuando na política são sugados e, até mesmo, obrigados a participar e agir como políticos profissionais comuns. Eles entram num ciclo vicioso que visa apenas à manutenção de poder pessoal, partidário e das oligarquias políticas locais, regionais e nacionais já estabelecidas. O que, na maioria das vezes, não tem espaço algum para povos indígenas.

Ao contrário, a maioria dos políticos não indígenas entende que os indígenas, os territórios e as pautas indígenas, são atrasos e entraves ao desenvolvimento nacional e, assim, o indígena que queira participar da política, muitas vezes, sem saber, joga com os direitos de seu próprio povo. Neste contexto, os políticos indígenas viram mais do mesmo e querem sempre participar de uma nova eleição, querem mais poder e trocas de favores e, para isto, mentem, enganam e fingem ser poderosos e resolutivos.

Já no segundo caminho, e processo alternativo de poder, somos sujeitos coletivos e protagonistas ativos. Somos agentes de transformação da nossa própria realidade, todos juntos. Neste sentido, temos mais que a obrigação de propormos e atuarmos num processo e num projeto político alternativo de poder. Neste caso, entendo que pode, e vai haver, disputas internas, mas que não podem ser visíveis externamente, para os brancos, pois entre os indígenas não poderá haver disputas indissolúveis e devemos mostrar união, como grupo organizado que somos. Entendo que tem lugar para todos nós em diversos espaços que temos direitos. Temos que agir a nosso favor, sim, em colaboração efetiva e afetiva. E, neste sentido, podemos dizer que este processo se inicia pela autodeterminação do povo indígena que quer participar da política e deve cominar na liderança, a partir da visão dos indígenas, de um projeto pensado e implementado para e pelo bem comum, o Bem Viver e os “territórios de vida”, como diria o Cacique

Babau Tupinambá.

Concluindo, é fundamental a participação dos povos indígenas no processo político. Digo mais: temos que entender que já participamos e, querendo ou não, já estamos totalmente envolvidos nele. O que resta saber é: vamos, de forma livre e consciente, ficar a reboque de projetos políticos externos e espúrios ou vamos pensar de forma livre e autônoma, exercendo o protagonismo de nossa participação na política a partir da política comunitária de nossos povos?

Temos um norte, temos referências comuns: como políticos, nós, indígenas, somos sujeitos coletivos que agimos e representamos uma coletividade e compomos um projeto político indígena mais amplo de bem comum e de Bem Viver, e isto não apenas para nossos povos indígenas, mas, também, para toda nação brasileira, pois nunca podemos nos esquecer ou nos afastar disso: temos um lugar. Somos filhos de povos originários, herdeiros da manutenção da ancestralidade nesta terra mãe do Brasil e, por isso, temos igual direito de liderar a nós mesmos, num grande projeto de vida, no qual caibam todos, independentemente de raça, gênero, cor, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, classe social ou posicionamento político.

Fico por aqui e deixo meu grande abraço para você.

JERRY MATALAWÊ

De José Carlos Tupinambá para as lideranças do povo Tupinambá de Olivença



Aldeia Tupinambá de Olivença, 28 de agosto de 2020.

Minhas parentas e meus parentes,

A intenção de escrever esta carta é para, juntos, pensarmos na atual conjuntura da Pandemia imposta ao mundo pela Covid-19, que tem se materializado também em nossas aldeias, em nosso território sagrado. É preciso pensar como nos adequaremos ao tão falado “novo normal”, como sobreviveremos a esse momento cuidando dos nossos e, da mesma forma, cuidando também da gente, de modo que possamos equilibrar nossos corpos e mentes para enfrentarmos o momento e sair dele com sabedoria e força para refazer os laços que foram quebrados.

Como vocês sabem e por experiência própria, diariamente, nós, indígenas, precisamos criar estratégias de sobrevivência e de reexistência. Nos últimos tempos, os ataques aos direitos sociais para indígenas, sobretudo na área de saúde, educação e território, têm estado na mira dos genocidas de plantão, dentre estes o Estado brasileiro, levando os movimentos indígenas a se organizarem, se unirem, concentrando enormes esforços na luta para a manutenção desses direitos. Como diz minha mãe, “a gente está em pé porque é forte, porque todos os dias é uma rasteira”.

Nesse sentido, a pandemia só veio potencializar os problemas já existentes nas aldeias e mostrar o quanto o acesso desses sujeitos aos serviços mais básicos é quase inexistente, sobretudo à saúde. E muitos são os relatos de parentes sobre pessoas importantes no movimento indígena que perderam suas vidas por falta de um atendimento adequado e emergencial – não há um programa de saúde

preventiva associado aos modos e práticas de saúde/cura tradicionais do povo Tupinambá. É preciso um empenho maior, junto aos órgãos de controle, para a implantação de um serviço de saúde que promova a proteção do nosso povo, para que não se percam mais vidas de pessoas que tenham uma representatividade tão importante no nosso movimento.

Recentemente, tornou-se encantada uma grande liderança Tupinambá, Domingas Damásio, vítima da Covid-19. Uma grande guerreira que, juntamente com seu companheiro, Pedro Braz, também encantado em 2018, trouxe importantes contribuições para o movimento indígena Tupinambá, atuando diretamente na área da educação. Como sabemos, mas é importante frisar, essa família de Sapucaieira foi protagonista no processo de escolarização dos Tupinambá que, a partir de 1996, deu os primeiros passos para a implementação de uma escola indígena no Território, tendo como pioneira a professora indígena Pedrísia Damásio, filha de seu Pedro e dona Domingas.

Quem conhece essa família e conheceu o casal sabe do zelo, afeto e cuidado que ambos tiveram pelo movimento indígena, pelos moradores de Sapucaieira e pelo projeto de educação indígena. Lembro-me de diversos momentos sentado embaixo do pé de jaca em frente à sua casa, onde tecíamos prosas e brincadeiras. O casal, sempre entusiasmado para falar da luta, da educação, fazia reclamações sobre a atuação de algumas lideranças. Dona Domingas sempre trazia seus conhecimentos sobre os remédios caseiros e como os antigos faziam para curar as doenças. Tinha uma fé inabalável na espiritualidade, como ela mesma me disse certa vez: “Zé, tenho muita fé nos meus guias, são eles quem me ensinam esses remédios da mata, por isso que sou assim forte”.

Domingas Damásio foi uma mulher forte, guerreira, sofreu muito na vida. Sua família teve as terras roubadas ainda na infância e, depois que constituiu família, foi explorada no trabalho da roça, nas fazendas de Sapucaieira, para criar os filhos. Ela nos dizia que tinha herdado a força do caboclo Marcelino, de quem era sobrinha-neta. Infelizmente, Dona Domingas – uma sábia dos conhecimentos tradicionais, uma “biblioteca viva” – virou um passarinho e foi voando encontrar com seus antepassados em outro plano, nas matas misteriosas dos Tupinambá. Domingas está num lugar protegido, junto aos seus, mas é importante dizer que sua vida foi interrompida e retirada do seu povo e dos seus familiares por

falta de uma política sistêmica de saúde indígena que atenda às necessidades das aldeias, sobretudo nesse momento de pandemia.

Aproveito o momento oportuno para fazer uma denúncia relativa ao que estamos vivenciando na atualidade, nesse momento muito difícil para a humanidade: a política genocida do Governo Federal tem destruído muitas famílias, e muitas aldeias têm perdido lideranças extremamente importantes, sobretudo os envolvidos nos processos de luta do seu povo. A necropolítica do Governo Federal tem feito vítimas em todos os territórios indígenas no Brasil. Desde que o vírus começou a se espalhar pelo território nacional e entrou nas aldeias, muitos/as parentes/as já perderam suas vidas, tudo em decorrência da falta de políticas públicas eficientes para atendimento dos povos indígenas brasileiros. Em muitas das aldeias, que ainda seguem com pouco contágio, as próprias lideranças e caciques estiveram na linha de frente, evitando a propagação do novo coronavírus, mas, em muitos casos, muitas dessas lideranças perderam suas vidas para a Covid-19.

Trago nesta carta a história de dona Domingas para que não fique apenas em nossa memória social os seus feitos e luta, mas que seja imortalizada e que outras gerações saibam da sua importância no processo de (re)construção de uma nação e do quanto ela acreditou que um mundo melhor para o seu povo seria possível. Dona Domingas era muito conhecida por pesquisadores que estiveram entre nós. Após sua morte, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) publicou uma matéria intitulada: *Dona Domingas Damásio, anciã tupinambá, morre vítima de Covid-19*.¹⁵ A matéria fala da atuação da anciã na luta pela demarcação do território e pelo direito à educação diferenciada, assim como denuncia as ações genocidas do Governo Federal na atualidade.

Domingas tinha um sonho de “Bem Viver”, que a cura das doenças, os partos, os modos de fazer roça coletiva, as farinhadas se fortalecessem entre os parentes. Certa vez, ela me falou da ciência de cura dos mais velhos:

15. CIMI. *Dona Domingas Damásio, anciã tupinambá, morre vítima de covid-19*. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2020/08/dona-domingas-damasio-ancia-tupinamba-morre-vitima-Covid-19/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Antigamente, os índios mais velhos iam para o pé de Buraem. De manhã cedo, quando o sol ia saindo, eles tiravam a casca para fazer xarope, para asma, bronquite, gastrite, úlcera, fígado, rins e para fazer tintura para cicatrizar ferimentos. Eles falavam que iam tirar de manhã cedo, porque assim o sol levava junto deles a doença da pessoa, e tinha que saber a quadra da lua para não aumentar o problema. Para sarar de alguma doença, o remédio tinha que ser feito na lua minguante, porque assim a doença ia sumindo igual à lua.¹⁶

Então, dois pontos que acho extremamente importantes fazer menção nesta carta e alertar às atuais lideranças sobre os cuidados que devemos ter: a atenção que devemos ter com os mais velhos - reverenciados pelo nosso povo, os troncos velhos da aldeia, por serem detentores dos conhecimentos tradicionais, que guardam, na memória, os costumes dos antigos e têm ensinado à nova geração os modos de sobrevivência e a cultura. Devemos a eles os avanços e conquistas obtidos até aqui, sobretudo o nosso reconhecimento quando saímos da categoria de caboclo de Olivença e passamos a ser reconhecidos enquanto Tupinambá de Olivença.

Não há como negar a importância dos anciãos para constituição e manutenção do nosso povo. Os mais velhos são como esteio de uma casa: sobre sua existência estão os conhecimentos tradicionais, o manejo de mundo e da ciência, o acesso ao mundo espiritual e a sabedoria de curar doenças a partir da medicina tradicional, além de tantos outros costumes e conhecimentos que não se perderam, porque estiveram guardados na memória social dos velhos da aldeia.

O segundo ponto que faço menção é sobre as gerações futuras, ou seja, as crianças Tupinambá. Precisamos dialogar sobre o futuro desses meninos e meninas. O caminho já foi traçado pelos mais velhos quando reivindicaram a implantação de uma escola indígena específica e diferenciada na aldeia,

16. Entrevista realizada em setembro de 2010, em trabalho de campo do Projeto Observatório da Educação Escolar Indígena – Núcleo Yby Yara/CAPES/INEP/SECADI, também reproduzida em minha dissertação de mestrado, intitulada *O que nós queremos é uma escola com o cheiro do nativo: os modos de apropriação da escola pelos Tupinambá de Olivença*, defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, da Universidade de Brasília, em 2019.

tornando-se central para a (re)organização política do movimento indígena, a reelaboração e afirmação das identidades, reorganização social, afirmação e (re) constituição da cultura, a valorização dos conhecimentos tradicionais, estudos e pesquisa da língua, dos costumes tradicionais, em articulação com a luta pela demarcação do Território tradicional.

É fundamental demonstrar a importância da escola indígena para o nosso povo e como esta tem se tornado central para articular diversas frentes de luta (internas e externas). Sobremaneira, a geração que passou pela escola indígena tornou-se um Tupinambá forte, na cultura e nas tradições, despertando para uma consciência de indianidade e, conseqüentemente, passou a afirmar e a fortalecer sua identidade étnica. É pela manutenção dessa escola que precisamos lutar, por um ensino com práticas pedagógicas diferenciadas que continue fortalecendo a identidade étnica, as práticas culturais e o fortalecimento dos símbolos que constituem a cosmovisão Tupinambá, ajudando na retomada da autonomia indígena frente aos seus projetos societários e de Bem Viver.

E que nunca esqueçamos que o projeto de Bem Viver está associado à reconquista do território. Nesse sentido, a proposta de uma escola na aldeia tornou-se central e motivacional para mobilizar as famílias a lutar pela defesa e retomada do território tradicional, despertando e rearticulando sensibilidades e capacidades coletivas que, em algum momento da história, se fragilizaram a partir dos mais variados tipos de violência, física e simbólica, vivenciados pelo nosso povo.

Os antigos sempre falam que “*a terra é a nossa mãe, é ela que garante o sustento dos seus filhos e recupera os sentidos de estar vivo e nunca nos abandona. Sem a terra os índios não têm o pé no chão, não tem vida, vive a vagar pelo mundo*”. Recordo-me ainda das palavras de seu Pedro Braz, quando nos alertou:

se é para lutar, vamos lutar; se é para ter a terra de volta, vamos brigar para isso, porque é nessa terra que foi enterrado troncos velhos. Mas a gente precisa ter união, porque se não tiver, nada vai para frente. Foi na união que a escola saiu. Quando eu morrer eu quero ser enterrado aqui, porque tudo que tenho foi a terra que me deu.

Então, meus parentes, continuemos a lutar por nossa mãe terra e que nunca

nos falte esperança de um dia poder circular livremente pelo nosso território, espaço sagrado dos Tupinambá, morada dos encantados.

Há, portanto, muito a ser feito, de forma que possamos continuar (re) existindo, construindo nossos projetos de presente e futuro, assentados no ideal do Bem Viver. Se as dificuldades enfrentadas nesse contexto de pandemia são muitas, continuamos acreditando na força dos ancestrais, dos encantados, dos nossos anciãos, das lideranças, de dona Domingas que se “encantou” e, sobretudo, das nossas crianças e jovens, já que eles são o nosso futuro, um futuro mais esperançoso e digno para o povo Tupinambá.

Por fim, agradeço ao meu povo e toda sua organização política pelo empenho e dedicação ao longo dos anos na busca por dias melhores; aos que já se foram e não concretizaram seus sonhos de ter a terra sagrada sob o domínio do nosso povo. Encerro com esse canto que continua sendo entoado por nosso povo que, de algum modo, fala de nosso presente: “*Ó devolva nossa terra, que essa terra nos pertence, pois mataram e ensanguentaram os nossos pobres parentes*”.

Com meu abraço,

JOSÉ CARLOS TUPINAMBÁ

De Taquari Pataxó para os brasileiros



Coroa Vermelha, 05 de julho 2020.

Meu Brasil brasileiro, o indígena que vive em mim saúda e conclama o indígena que vive em você!

Sou Pataxó, mas também estaria igualmente honrado em ter nascido Kiriri, Tuxá, Tupinambá, Xavante ou Kaiapó. Sou indígena, como tantos outros, filho de povos herdeiros de ricas culturas, com belíssimas histórias e saberes ancestrais, dos primeiros habitantes dessas terras, hoje intituladas Brasil.

Na condição de povos livres e autônomos, guardiões das florestas, filhos e filhas da mãe Terra e da Mãe natureza, com os melhores sentimentos, eu me dirijo a todos vocês para compartilhar experiências e sabedorias da prática cotidiana do Bem Viver.

Nosso sistema de vida indígena se contrapõe ao sistema capitalista que tanto provoca desigualdades e injustiças. O nosso Bem Viver fornece elementos fundamentais para a construção de um mundo melhor e mais diverso, pois é urgente a necessidade de viabilizar, no Brasil, uma sociedade que seja ecologicamente correta, socialmente justa, culturalmente diversificada e humanamente solidária. E esse desafio, com certeza, precisa ser perseguido por todos nós, sejamos índios e não índios, sociedades e governos.

Nós, indígenas, pensamos numa sociedade que seja melhor não somente para nós, povos indígenas, mas que seja melhor para todos os brasileiros. Assim, precisamos construir um mundo no qual possamos todos sermos felizes, no qual a nossa felicidade não implique na infelicidade alheia.

Estamos de acordo com os nossos irmãos Zapatistas quando acreditam que é necessário construir um novo mundo, “um mundo onde caibam muitos mundos, onde caibam todos os mundos”.¹⁷ Neste sentido, o Brasil precisa urgentemente parar de agir com violência institucionalizada e interromper o ciclo de negação de direitos e de matança de nossos corpos indígenas.

Todos precisam saber que todos os dias, de Norte a Sul do Brasil, somos atacados e mortos por lutarmos e defendermos os nossos territórios e nossos modos de vida, nossos costumes e tradições.

Basta! É preciso acabar com tudo isso! O povo brasileiro precisa reconhecer e aceitar os indígenas do jeito que eles são: com suas especificidades e diferenças culturais e históricas.

Os brasileiros precisam nos enxergar como seres humanos dignos de existência. Não aceitamos mais esse discurso que nos coloca na condição de bichos, de atrasados e agressivos, que nos apontam como empecilho ao desenvolvimento do Brasil. Por conta disso, todos os dias somos discriminados, excluídos, invisibilizados, mortos.

Os brasileiros precisam aprender a coexistir na diversidade étnico-racial. Precisam saber lidar com outros modos de falar, de vestir, de agir e pensar. Somos pessoas, não melhores ou piores, apenas culturalmente diferentes.

Somos mais de 305 povos e falamos 274 línguas indígenas em nosso país. Temos o direito de sermos respeitados e valorizados pela nossa riqueza e diversidade sociocultural. Não podemos mais conviver com tanta indiferença e desprezo por parte da sociedade, que insiste constantemente em processos de supressão e homogeneização das nossas culturas e dos nossos povos.

O Brasil precisa se reconhecer como um país multiétnico, pluricultural e multilinguístico. Assim, repudiamos todas e quaisquer formas e tentativas de veicular uma história e uma cultura únicas. O melhor de nosso país são justamente as cores, as diferentes perspectivas, as distintas formas de ser, de pensar e existir. Essa é nossa maior grandeza e força.

Nós, povos indígenas, já há muito tempo insistimos em alertar a humanidade

17. MARCOS, Subcomandante. Globalización y Resistência. In: ALBINÁNA, Antônio. *Geopolítica del caos*. Madrid. 1999, p. 229.

sobre os graves perigos e danos que todos nós seremos submetidos pelo modelo de sociedade em curso, que explora homens e mulheres, destrói a natureza e tudo que nela existe, a fim de auferir lucro cada vez maior e com concentração de renda.

O Bem Viver indígena fornece elementos para a construção de modelos de vida pautados na preservação das florestas e na utilização racional dos recursos naturais. Respeitando e coexistindo com os seres vivos iguais e diferentes de nós. Por isso, dizemos: brasileiros, é necessário instituir modelos de vida que sejam pautados no equilíbrio entre os humanos e a natureza. Pois, como guardiões, não podemos nunca aceitar a destruição da floresta, a poluição dos rios e mares como algo natural.

Quando os invasores portugueses aportaram por aqui em 1500, não existiam esgotos a céu aberto ou canalizados para os rios. Nossas águas eram claras e transparentes, não eram turvas por conta dos dejetos humanos que são comumente despejados deliberadamente nos córregos. As matas eram verdes e mais ainda abundantes do que atualmente. Não existia desmatamento nem queimada desenfreada. Não havia animais em extinção. Não tínhamos ainda o tão badalado efeito estufa.

Nós, povos indígenas, sabemos viver respeitando as diferentes formas de vida e em equilíbrio com a Mãe Terra e a Mãe Natureza. Por longo tempo, estamos defendendo nossos territórios, a floresta e os demais seres que nela habitam e, em decorrência disso, temos sofrido todo tipo de injustiça e violência, colocando em risco de extinção nossos povos.

Temos a consciência de que, na atualidade, nossos esforços têm sido insuficientes para conter a destruição de nossos territórios, das florestas, dos rios e dos animais. É preciso que outras forças entrem em ação, para que, juntos, possamos salvar o planeta, principalmente para salvaguardar a nós mesmos e as futuras gerações.

Sabemos que a sociedade capitalista ajudou a criar pessoas egoístas e insensíveis, que só pensam em acumular coisas e consumir produtos, em um ciclo frenético e interminável. O nível de alienação é tal que elas preferem amar as coisas, em vez das pessoas. Elas exploram e menosprezam a tudo e a todos com objetivo de aumentar cada vez mais seus ganhos irrealistas e insignificantes.

Temos visto vidas serem pautadas pelo lucro, pela ganância e pelo poder. Essas pessoas não têm limites nem respeitam absolutamente nada. Essa perspectiva consumista, acumuladora e exclusivista tem entrado em colisão com os modos de ser, de sentir e pensar dos povos indígenas. Isso porque nós possuímos uma relação ancestral e mítica com a natureza e queremos dar a esta outra destinação que não seja a exploração pelas vias capitalistas.

Queremos gerir nossos territórios segundo os nossos princípios e valores, a partir de nossas cosmovisões e segundo nossas espiritualidades, sem interferência externa de ninguém. No entanto, mais de 500 anos já se passaram, desde a chegada dos primeiros colonizadores, e até hoje convivemos dia após dia com a invasão de nossos territórios. Não queremos, em nossos territórios, grileiros, madeireiros, posseiros, garimpeiros e muitos outros inimigos da floresta.

Como povos indígenas sempre fomos os guardiões das florestas, mas agora precisamos também de proteção e ajuda, pois é crescente o número de assassinatos de nossos caciques e lideranças indígenas.

É uma luta desigual, mas não vamos recusar, pois existem muitos outros seres vivos que coabitam a floresta e não podem falar por si mesmos e nem podem se defender dos ataques perversos e predatórios de alguns humanos gananciosos.

A biodiversidade precisa de nossa ajuda. Os papagaios, as araras, as onças, as capivaras, as cobras, as formigas, os tatus, as antas e muitos outros animais e insetos precisam da proteção de nós, humanos, para continuarem coexistindo conosco. Os ipês, os jacarandás, as sucupiras, as maçarandubas e tantas outras árvores nativas precisam de ajuda para não desaparecerem.

Enquanto alguns seres humanos destroem a fauna e flora, muitos outros também podem ajudar a barrar essa devastação que nos coloca a todos de joelhos. Todos nós sabemos que a humanidade tem maior responsabilidade, pois tem maior poder de influência e transformação no planeta.

Precisamos de um modelo de educação que desperte as pessoas para um mundo melhor, que possa gerar consciência de seus direitos e deveres para não se tornarem consumistas alienados e manipulados.

A natureza está dizendo à humanidade que o modelo de vida em curso está destruindo o planeta e tudo que nela existe, mas ainda dá tempo para impedir o pior e mudar o curso dessa história. Todos nós podemos e devemos participar. É

preciso que haja mudança de estilo de vida, mudança de mentalidade e adoção de medidas que sejam ecologicamente viáveis.

Infelizmente, defender a floresta tornou-se extremamente perigoso. Nossos caciques e lideranças sofrem ameaças de morte e pressão para abandonar a causa. Nossos algozes têm forte poder econômico e muita influência política. O agronegócio se destaca no Congresso como uma das principais bancadas.

A chamada bancada ruralista atua em bloco e é bem articulada. Representa, principalmente, os grandes plantadores de monoculturas e criadores de gados. Esse grupo reivindica a abertura de novas áreas para ampliar seu projeto de morte e, também, reivindica o afrouxamento das legislações ambientais. Esse grupo é considerado o maior opositor da nossa causa indígena.

Assim, os ruralistas têm criado uma série de embaraços para inviabilizar as demarcações de nossos territórios. Esse grupo tem criado desde teses e armadilhas jurídicas, como o marco temporal, até grupos armados, verdadeiras milícias rurais para fazer prevalecer seus interesses. Esses não poupam esforços e dinheiro, são gananciosos e destruidores da natureza. Suas riquezas são construídas a partir da destruição das florestas e contaminação do solo e dos rios. Suas atividades exigem o consumo interminável de recursos naturais. Por esse motivo, avançam de forma desenfreada em direção às nossas aldeias.

Os ruralistas desejam abrir os territórios indígenas para o cultivo de monoculturas, extração de minérios e madeiras. Eles querem as terras para especulação imobiliária e fazer fortuna por meio da grilagem. Nós queremos cuidar da Mãe Terra e viver em equilíbrio com a Mãe Natureza e com os demais seres vivos que habitam a floresta, como sempre fizeram nossos ancestrais. Nós, povos indígenas, não aceitamos essa afronta por parte dos ruralistas, iremos lutar incansavelmente para defender nossos territórios.

O Brasil e os brasileiros não podem mais conviver com esse modo de produção tão predatório e desumano. O país não pode ser indiferente à morte das florestas e dos povos indígenas.

O Estado brasileiro precisa urgentemente fazer cumprir o que diz a Constituição Federal e demarcar as terras tradicionalmente ocupadas por nós, povos indígenas, garantindo a proteção e impedindo os conflitos e mortes. A Carta Magna de 1988 previu um prazo de 05 anos para regularização de todas

as terras indígenas brasileiras, mas essas disposições não foram suficientes para a efetivação de nossos direitos à terra.

Temos constatado que, nos últimos tempos, a demarcação dos territórios indígenas vem encontrando enormes desafios para se concretizar, pois os procedimentos que deveriam ser técnicos, vêm sofrendo forte influência política e de lobistas, exercida pela bancada ruralista.

É lastimável, mas no tempo em que a demarcação dos territórios indígenas era possível, a duração processual média era de 20 anos, o que certamente não é um tempo razoável nem justo.

As nossas terras demarcadas ou que aguardam processo de demarcação estão sendo invadidas por pessoas estranhas que querem se apropriar de nossos territórios. Constantemente temos convivido com violação de nossos direitos e ataques armados a nossas aldeias.

O impasse na regularização das terras indígenas tem gerado insegurança jurídica e uma série de problemas para as nossas comunidades. Quando a União não demarca os nossos territórios, não nega somente o direito à terra, mas nega, também, outros direitos fundamentais, como o direito à moradia, à educação e à saúde.

Os diferentes governos têm adotado um entendimento de que as terras indígenas não demarcadas, que estão em litígio, são locais instáveis, inseguros, sendo assim, a construção de escolas e postos de saúde, bem como uso de equipamentos públicos nestes espaços seria uma atitude irresponsável. Deste modo, o Estado, a pretexto de proteger os patrimônios públicos, recusa assistir e garantir os direitos básicos aos indígenas.

Assim, os nossos territórios indígenas podem ser entendidos como locais de resistência diante da devastação. As nossas terras são vistas como últimas barreiras que impedem o avanço da destruição das florestas. A regularização de nossas terras é boa não somente para nós, mas para a qualidade de vida e ambiente mais equilibrado para todos os brasileiros, pois, nos territórios indígenas, estão concentradas as nascentes de água potável, onde a natureza é preservada. Os nossos modos de vida ancestral têm contribuído para a manutenção das florestas nativas e possibilitado o equilíbrio ambiental. A demarcação retira de cena terras que poderiam ser utilizadas para fins de especulação imobiliária. Nós,

indígenas, não somos proprietários das terras onde vivemos, temos apenas o usufruto exclusivo, elas pertencem à União.

Queremos nossos territórios demarcados para viver em paz, segundo nossos princípios e valores. Nós, povos indígenas, não somos nem desejamos ser um entrave para o desenvolvimento do país, mas somos contra as formas truculentas e desrespeitosas com que os grandes empreendimentos são construídos em nossos territórios, sem que nossos povos sejam consultados, pois não queremos o desenvolvimento proclamado pelos políticos e empresas que estão muito mais interessados em se apropriar de nossas terras, recursos naturais e minerais, do que promover efetivamente a melhoria das condições de vida de nossos povos.

Nós precisamos nos reconectar com a terra, com a natureza, com nossos ancestrais e com nossas espiritualidades. O modelo de sociedade em curso separou homens e mulheres da terra e fez com que as pessoas parassem de produzir seu alimento para entregar essa importante tarefa às indústrias. Contudo, as indústrias não produzem comida para comer, mas para vender. Talvez seja por essa razão que temos um alimento de qualidade duvidosa, mas como a maior parte da população não produz seu próprio alimento, torna-se refém desse sistema perverso. Voltar a produzir o próprio alimento é uma forma de contrapor essa estrutura capitalista.

Deixar de consumir produtos que utilizam agrotóxico e sementes geneticamente modificadas também é outra solução. O uso abusivo de agrotóxico tem levado ao envenenamento de pessoas e animais, à contaminação do solo e das águas. O mundo não precisa disso!

É preciso construir outro modelo de educação que não seja pautado no eurocentrismo, e essa nova forma de educação precisa ser ampla e diversa, que leve em consideração as contribuições, experiências e conhecimentos milenares dos povos indígenas.

TAQUARI PATAXÓ (GENILSON DOS SANTOS DE JESUS)

De Eloá Kastelic e Rosenilda Luciano para a sociedade não indígena



Foz do Iguaçu, Manaus, Brasil, 05 de agosto de 2020.

Prezados/as amigos/as,

Nós, pesquisadoras dos estados do Paraná e do Amazonas, inconformadas com a situação de genocídio que atinge os povos indígenas do Brasil, unimo-nos na esperança de darmos eco aos clamores indígenas, a partir das suas realidades, especificamente nessas duas regiões do Brasil, acometidas pela Pandemia da Covid-19. A nossa intenção é sensibilizar a sociedade não indígena para a diversidade nas adversidades acentuadas pela pandemia, cruzando as vozes indígenas das regiões Norte e Sul do Brasil, evidenciando cenários comuns com diferentes particularidades.

No início da invasão europeia, os povos originários no Brasil somavam milhões de pessoas, mas por força da colonização foram declinando e, atualmente, são 262 povos falantes de mais de 154 línguas, habitando 724 Terras Indígenas (TI), em diferentes fases de procedimento demarcatório.¹⁸

Dentre as questões que assolam os povos indígenas no Brasil, buscamos evidenciar semelhanças e assimetrias nos cenários de pandemia, tendo em vista que boa parte das comunidades não tinha acesso ao saneamento básico de qualidade, desde o período anterior à Covid-19. A questão da água de má qualidade, historicamente, tem causado inúmeras doenças, como a diarreia por

18. ISA. *Situação Atual das Terras Indígenas*. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/#pesquisa>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Escherichia coli, disenteria bacteriana, febre tifoide, cólera e outras, mas nenhuma delas mata tanto quanto a Covid-19. Ter acesso à água potável em tempos de pandemia foi causa de vida ou morte entre os indígenas.

Muitos povos indígenas são vulneráveis às viroses causadas pelos não indígenas, com destaque para as doenças respiratórias que acometem as crianças, sendo a Covid-19 a mais letal, atualmente. O contato forçado, as guerras, extermínios e a transmissão de doenças contagiosas reduziram a população indígena no Brasil. No Estado do Paraná, restaram 13.300 indígenas,¹⁹ sendo 30% deste total formado pelo povo Guarani, cerca de 70% de Kaingang e poucos Xetá e Xokleng que se articulam por laços ancestrais.

Um passado e um presente de violações dos direitos humanos, iniciados com a hegemonia da língua portuguesa sobre as línguas indígenas. Interações sangrentas objetivadas na expropriação das terras e apropriação das mentes e corpos. Hoje os clamores são pela saúde indígena. Em tempos de pandemia, o atendimento médico aos povos violados é ofertado como bônus e não como obrigação do Estado. Em tempos de “normalidade”, comunidades ficam até sete meses sem atendimento médico.

O Ministério Público Federal classificou a atuação do governo como limitada no combate à Covid-19. O órgão considerou que, devido à extensão do território brasileiro e à circulação de invasores, garimpeiros, madeireiros - portadores do mal, no sentido amplo da palavra -, caberia à Fundação Nacional do Índio encabeçar ações nas Terras Indígenas. Já o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) manifestou-se sobre o aumento exponencial da Covid-19 entre os Kaingang, no Rio Grande do Sul, agravado pela falta de agentes de saúde da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) que, quando infectados, não são substituídos.²⁰

De acordo com a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), atualmente são 148 povos indígenas contaminados, com 22.656 casos confirmados

19. PARANÁ, Secretaria da Educação do Estado. *Povos Indígenas do Paraná*. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=554>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

20. CIMI. *Aumento devastador da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2020/07/nota-cimi-sul-aumento-devastador-Covid-19-norte-noroeste-gauchos/>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

e 639 óbitos por Covid-19 no Brasil.²¹ Já o CIMI, no mês de junho, registrou 35 casos de Covid-19 entre os Avá-guarani do Oeste do Paraná. Nesse cenário, alertamos para as subnotificações que distorcem a realidade, promovendo uma atmosfera ilusória. Tomemos como parâmetro os informes do final do mês de julho de 2020, no Relatório Epidemiológico da Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Paraná, que registrou 584 casos de Covid-19, dos quais 252 foram descartados, 247 casos foram suspeitos e 85 casos confirmados da doença em todo estado.²²

Dentre as Terras indígenas do estado, toma-se como referência a Aldeia de Santa Rosa do Oco'y, na qual os Avá-guarani estão sob os efeitos da doença e a caminho de conviver com as possíveis sequelas da Covid-19. Na aldeia, localizada próximo à fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, vivem 170 famílias, num total de 900 indígenas. Desses, 77 testaram positivo para a Covid-19.²³ Os infectados são trabalhadores nas câmaras frias do frigorífico na cidade vizinha, labor penoso que determina o tempo de vida útil do trabalhador indígena.

Nessa região, as ações tomadas pelo MPF, FUNAI e SESA foram emergenciais, como a palavra “pandemia” já impõe, mas questiona-se por que as medidas não foram implementadas como uma política sistemática e preventiva, tendo em vista que o Covid-19, no mês de março de 2020, já mostrava ao mundo sua potência avassaladora letal, clamando pelo protagonismo indígena no planejamento e execução das políticas públicas de saúde.

As contradições ficaram expostas quando o Relatório Epidemiológico do Estado do Paraná apontou 85 indígenas infectados em todo estado, no entanto, narrativas e a mídia registraram 77 indígenas infectados num só local. Desses casos, 76 em recuperação, 1 em tratamento domiciliar, 2 casos suspeitos, e a

21. APIB. *Comité Nacional de Vida e Memória Indígena*. Disponível em: <<http://emergenciaindigena.apib.info/>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

22. PARANÁ, Governo do Estado. *Coronavírus - Informe Epidemiológico*. Secretaria de Saúde do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Coronavirus-COVID-19>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

23. GLOBO. *Pajé de 105 anos morre de Covid-19*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/07/27/paje-de-105-anos-morre-de-Covid-19-na-aldeia-ocoy-em-sao-miguel-do-iguacu.ghtml>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

ocorrência de um óbito.²⁴ Chamamos atenção para as consequências maléficas da subnotificação e, nesse universo enganoso, um (1) óbito materializou a perda inestimável do Chamoi Guarani, que ceifado pela Covid-19, foi encontrar Nhanderu aos 105 anos de idade. “Sua cultura e sabedoria foram fundamentais, suas ervas tradicionais servidas evitaram os internamentos e mortes, mas ele não resistiu. Triste fim, e nós não tivemos um corpo para chorar”.²⁵

No Amazonas, a situação é alarmante! Em Manaus, o visitante indesejado, o novo coronavírus, desembarcou no dia 13 de março de 2020, trazido por uma senhora não indígena recém chegada da Europa. De repente, como num passe de mágica, tudo mudou: a nossa rotina, os nossos costumes, a nossa cultura, os nossos modos de viver e de Bem Viver. Opa! Só uma coisa não mudou: o início da história se repete como a invasão de 520 anos atrás, mas agora o colonizador traz consigo um ser invisível e letal, aliado perfeito para os auspícios econômicos do capitalismo. A diferença do começo é que desta vez o ataque mortal já tem os seus pré-condenados: os idosos, os portadores de doenças preexistentes e os indígenas, incluídos nos grupos de vulneráveis.

O pânico se instalou. Havia um prenúncio de genocídio tal como ocorrera em tempos passados pela epidemia de sarampo, por exemplo. Isso mexeu com as especificidades culturais indígenas, baseadas no espírito de coletividade e solidariedade, práticas contrárias à prevenção da doença, que recomenda o isolamento social, o distanciamento, a individualização de utensílios domésticos, o uso de máscaras, a proibição dos rituais xamânicos. Mexeu também com a cosmovisão indígena, cuja força tem base na espiritualidade e na crença de que as doenças são causadas por seres espirituais e não físicos; para quem a relação com a natureza e com todos os seres vivos é harmoniosa e respeitosa porque tudo tem um sentido de ser e de existir.

Era comum dormirmos e acordarmos com os barulhos mórbidos dos pequenos aviões transportando os doentes dos municípios para a capital. Havia filas de espera, já não havia prioridades, mas escolhas involuntárias de quem receberia a possibilidade de salvamento ou não, uma vez que os hospitalizados raramente

24. Ibid.

25. Narrativa de uma professora Avá-guarani.

se recuperavam. O colapso do sistema público de saúde causava pavor em vez de esperanças, pois eram tantas mortes diárias, que chegou a colapsar também os sistemas públicos e privados de serviços funerários no Estado.

A Covid-19 já atingiu 34 povos indígenas no Amazonas, com 182 falecimentos em 25 povos e 3.654 casos confirmados.²⁶ O primeiro caso foi registrado em 25 de março entre o povo Kokama do Alto Rio Solimões, o mais afetado e com maior índice de letalidade, chegando a 57 óbitos. No entanto, a Federação Indígena do Povo Kukami-Kukamiria do Brasil, Peru e Venezuela, informa que são 60 indígenas Kokama mortos pela Covid-19 até o dia 4 de julho. Segundo a APIB, a equipe da SESAI é um dos principais vetores de expansão da doença nos territórios indígenas, inclusive chegando até o Vale do Javari, uma das regiões com maior número de povos isolados do mundo.

O aumento de mortes nos hospitais públicos levou os indígenas a buscarem tratamento alternativo com o uso da medicina tradicional. Os resultados surpreenderam de forma levemente positiva, quando em São Gabriel da Cachoeira/AM, o município mais indígena do Brasil, a Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN) divulgou, no dia 13 de julho/2020, o total de 2.998 casos confirmados, destes 2.792 recuperados e 47 óbitos. Na Região do Alto Rio Negro, os povos Baniwa e Tukano tiveram maior número de óbitos, com o total de 8 para ambos. No mesmo período, em Manaus, eram mais de 100 mortes diárias com enterros em valas comuns.

Nos dois Estados, Paraná e Amazonas, a emergência exigiu união de esforços e parceria das organizações indígenas estaduais, instituições indigenistas governamentais e não governamentais, o Ministério da Defesa, as Forças Armadas, educadores, pesquisadores e aliados da causa indígena para implementar planos emergenciais de socorro às vidas indígenas. A ajuda humanitária continua chegando às mais longínquas aldeias espalhadas pelos rincões das nossas vastas florestas e rios.

Diante do caos da pandemia, a situação se fez propícia para as ações da necropolítica e políticas anti-indígenas do (des)Governo Federal de Jair Bolsonaro,

26. COIAB. *Boletins diários da Secretaria Especial de Saúde Indígena, relatos de lideranças, profissionais de saúde indígena e organizações da rede da Coiab*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/coiabamazoniaoficial/>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

que desrespeita e ignora a existência indígena no país. Premissa escancarada no histórico de frases preconceituosas dirigidas pelo presidente aos povos indígenas, uma delas dita em plena campanha: “a cavalaria americana foi mais eficiente no extermínio de índios que o exército brasileiro”; outra, dita depois de assumir o cargo: “os povos indígenas são seres humanos como nós”. Soaria “inofensivo” se não fosse os seus antecessores em 1500 nos considerarem animais, bárbaros, desprovidos de humanidade. Seria um avanço se não fosse estratégia desvelada de manipulação com a intenção retrógrada, integracionista e de extermínio dos povos indígenas.

A falta de empatia, a omissão e o descompromisso promovem a dança de cadeiras nas pastas da saúde e educação, tão cruciais no período pandêmico. No ritmo dançante, o presidente nomeou um ministro da educação, cujo “brado retumbante” ecoou ao Brasil e ao mundo que odiava o termo “povos indígenas”. A indiferença do desgoverno é revoltante, desumana e inaceitável! O mesmo Deus usado no slogan de campanha enquanto presidenciável – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – agora é usado pelo presidente para o eximir das suas responsabilidades para com o povo brasileiro.

A política de retrocessos inclui o veto de 16 pontos na Lei de Prevenção ao Covid-19 nas áreas indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, relacionados às ações básicas para fornecimento de água potável, distribuição de materiais de higiene, limpeza e desinfecção nas aldeias. O governo do Amazonas não é diferente, anulou o direito conquistado e aprovado na Constituição do Estado em 2018, o qual garantia 0,5% do orçamento estadual para ações destinadas ao segmento indígena.

Em nome das preciosas vidas que partiram, levando conhecimento e bibliotecas de saberes acumulados ao longo dos tempos pelos líderes, anciãos, educadores e de toda vida ceifada, que sangra as almas dos sobreviventes, resta-nos transformar a dor em lutas, mesmo sem poder ir às ruas. A sensação de aprisionamento e imobilidade possibilitou novas frentes de lutas, novas formas e novas armas.

No fim de julho, o levantamento sobre a situação da pandemia de Covid-19 no Brasil registrou 1.189 mortes diárias em todo o país, com total de 91.377 óbitos desde o início da pandemia.²⁷ No início de agosto, tragicamente, chegamos a 100

27. GLOBO. *Mortes por Covid-19*. Consórcio de Veículos da Imprensa. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-mortes-por-Covid-19-informa-consorcio-de-veiculos-da-imprensa>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

mil mortes sem um ministro da saúde, e seguimos à deriva!

O Amazonas, apesar de ter liderado o índice de letalidade, com 43% das mortes em relação aos demais estados, no total de 3.252 óbitos e 100.140 casos, hoje está em situação de queda. No início de agosto, em relação ao período de pico dos meses anteriores, os óbitos no Amazonas reduziram consideravelmente para 8, sendo 4 na capital e 4 nos interiores, porém houve aumento em relação aos dados de julho.

Continuamos em combate contra a Covid-19, relutantes para que as rotinas da anormalidade não passem a ser vividas como a “nova normalidade”, e para que a “normalidade” de antes da pandemia seja revista pelos governantes.

Para a maioria das sociedades indígenas, a natureza é o ser supremo na terra, que é sagrada, símbolo maior de vida e do cosmos que direciona o Bem Viver, portanto, a pandemia é a reação do mundo adoecido pelo (des)envolvimento que promove a autodestruição da humanidade. O momento de rupturas e dores é também de aprendizados e reflexões das formas colonizantes na vida indígena.

Para o movimento indígena, as lições trazidas pelas muitas fragilidades são de fortalecimento, de resistência e resiliência para o enfrentamento das violações agravadas pela pandemia. A mudança do Brasil que sonhamos não é por doenças e nem preconceitos, mas sim pelo Bem Viver respeitoso, que fortalece a etnicidade e promove a autonomia sociocultural e econômica das diferentes culturas numa relação harmoniosa de valorização da diversidade brasileira. E, assim, irmanadas aos parentes indígenas, não cansaremos de esperar e ajudar a construir a tão sonhada ponte do Bem Viver, onde as vidas importam e estão sobre todas as coisas!

ELOÁ SOARES DUTRA KASTELIC

ROSENILDA RODRIGUES DE FREITAS LUCIANO

O Bem Viver para viver junto

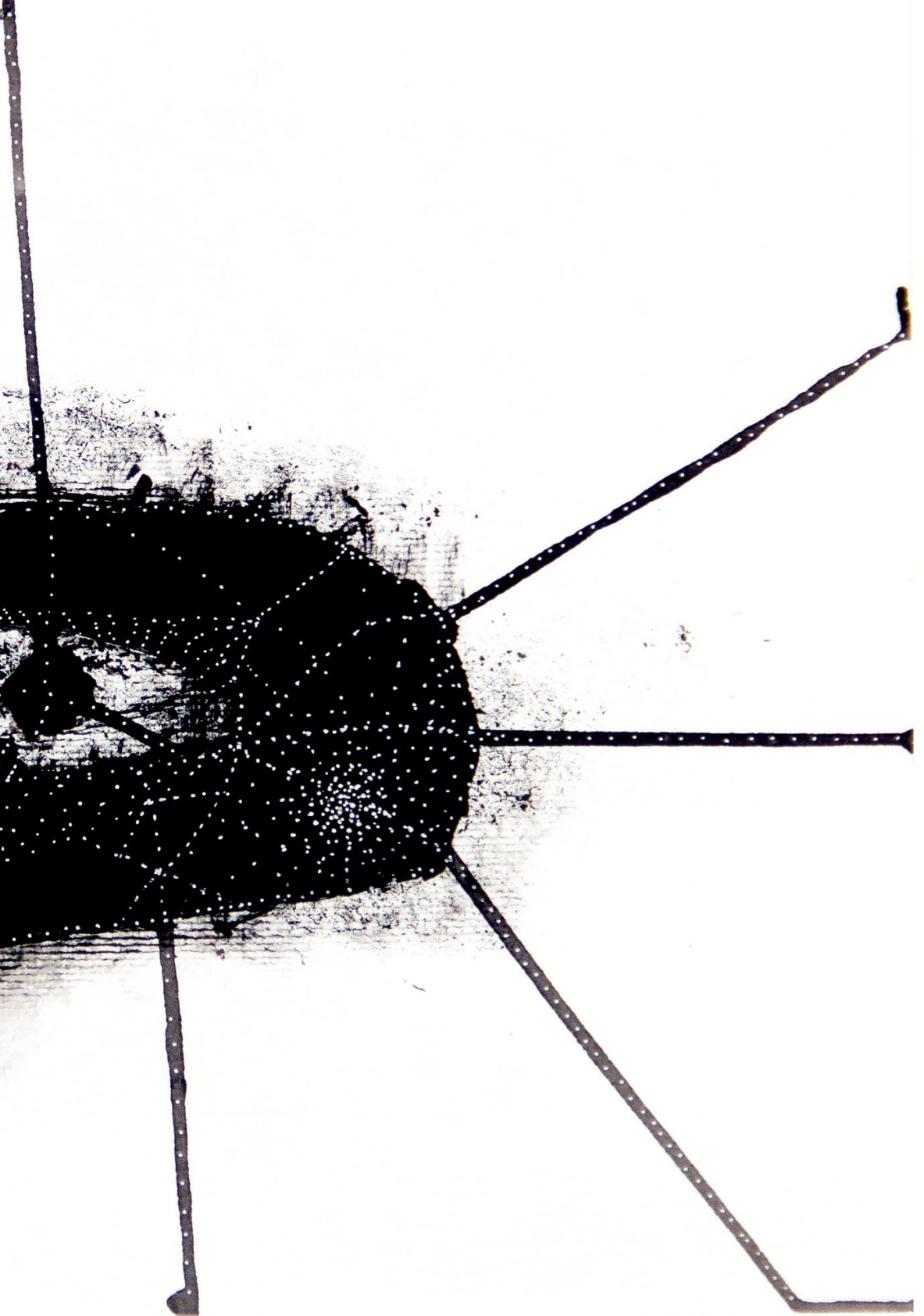


SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.





De Angela Mendes para Chico Mendes, seu pai



Da Amazônia, lugar do nosso bem querer, 30 de setembro de 2020.

Olá, meu pai,

Não vou dizer há quanto tempo, pois a gente conversa muito ainda. Mas, nesta carta, gostaria de te dizer coisas que talvez eu já tenha dito às outras pessoas, mas não a você diretamente. Quero falar sobre como, apesar do nosso pouco tempo juntos na terra, você me ensinou sobre valores como solidariedade, resistência e organização.

Sabe aquela vez que eu cheguei na tua casa e vi toda a tua roupa estendida no chão, inclusive os ternos alinhados que usaste nas vezes que recebeu teus prêmios? Você disse que não tinha mais espaço no sindicato e aí abrigou os companheiros em casa, fazendo de tudo para que ficassem o mais confortável possível, isso foi sobre solidariedade. Esses dias, encontrei o Anacleto numa atividade. Você deve lembrar dele, um seringueiro-poeta morador da Reserva Extrativista Chico Mendes. Ele foi me contar animado que tinha participado de mais de 40 Empates²⁸ com você e outros companheiros, do tanto de floresta

28. “Os Empates são mobilizações dos seringueiros criados pelo líder [...] Chico Mendes, nos anos 80, para impedir os desmatamentos [...] na Amazônia. [...] os seringueiros [...] se posicionavam de mãos dadas e em círculos entre as árvores. Assim, os madeiros [...] desistiam de derrubar as árvores com as motosserras”. MENDES, Angela. *Entrevista com Angela Mendes para o site Amazônia Real*. Filha de Chico Mendes lidera Empates contra as queimadas. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-filha-de-chico-mendes-lidera-empates-contra-as-queimadas/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

que tinha ficado em pé por causa desses Empates. Isso foi sobre resistência, e um grande exercício de paciência, e diálogos fraternos que despertavam a empatia de quem estava do outro lado, com a motosserra na mão.

Na verdade, pai, eu acho que aprendi mais sobre você do que com você, porque tivemos tão pouco tempo para a gente se reconectar, que depois que você se foi, bem depois, passado os traumas e dores, eu fui me aproximando dos teus companheiros e companheiras de luta e iniciei um intenso aprendizado sobre quem foi você. Foi assim: conversando, perguntando, lendo, que eu criei no meu imaginário a pessoa que eu reconheço meu pai.

Tem um amigo meu que cunhou um termo, a querência, do verbo querer, e no fim, meu pai, acho que tudo se resume a isso: o querer, o desejar é o que nos impulsiona, e você quis muito mudar a realidade que te cercava. Você foi alfabetizado tarde, mas a maioria dos teus amigos sequer aprendeu a escrever o próprio nome, enquanto você aprendeu não só a ler e a escrever, mas aprendeu com o Euclides que sozinho ninguém muda nada, e você se lançou nessa luta para organizar os trabalhadores em Sindicatos, Cooperativas e Associações.

Aí descobri que você construía pontes. De que outra forma esse movimento que nasce no interior da floresta de um estado pequeno como o Acre ganharia o mundo? Juntando academia, movimentos, ativistas, políticos, ONGs ambientalistas, intelectuais, artistas - todo mundo começa então a debater sobre a importância da Amazônia. Também construía alianças. A potência da Aliança dos Povos da Floresta, idealizada por você e teus companheiros extrativistas e indígenas, ainda hoje reverbera no imaginário de lideranças tão ativas como o próprio Ailton Krenak.

Acho que foi um grande desafio para todos imaginar e concretizar uma aliança entre populações que no passado foram inimigas de morte. Exigiu muita sabedoria, resiliência e paciência, porque afinal era preciso estar com o espírito desarmado, mas vocês, como sábios da floresta, souberam como fazer acontecer. Sabe que esse episódio da Aliança me faz pensar que os povos que habitam na floresta têm uma diversidade de conhecimentos e habilidades que vai além do que podemos analisar. No caso da Aliança, acho que a necessidade de estar melhor articulados para enfrentarem as ameaças comuns foi determinante, mas e até lá? Até a concretização dessa ideia? Como tratar e superar as mágoas e dores

do passado que ainda deveriam permear a alma dessas pessoas? Sim, creio que os encantados da floresta também ensinam sobre psicologia, além de curar o corpo, também curam a alma. Felizmente, a história conta também de como vocês aprenderam muito sobre o manejo dos recursos da mata com os indígenas e isso foi importante para que conseguissem sobreviver num lugar totalmente distante de suas realidades, que oferecia muitos perigos desconhecidos.

Soube também pelos teus amigos que, entre outras coisas, você era um atento “escutador.” Sabia ouvir, digerir bem as informações para poder se posicionar. Talvez nos falte ainda isso, o saber escutar, apreender as palavras e seus sentidos, também os sons. Agora, por exemplo, é tempo de ouvir as cigarras, elas estão tinindo, cantando muito alto, sinal de uma estiagem forte, sem chuvas, a terra está seca e a floresta queimando. A Rosa Roldán, a amiga que te acolhia quando de suas passagens pelo Rio de Janeiro, também foi uma pessoa que me falou muito sobre você. Como ela tem ainda orgulho de ter sido tua amiga, conta com admiração das longas conversas e de como você resistiu às tentações que os fazendeiros te faziam, oferecendo benefícios para que desistisse dos Empates, parasse de atrapalhar a boa vida deles. Que ensinamento belo sobre ética, coragem e muita coerência! Isso talvez não tenha sido tudo o que você tinha para ensinar, mas foi o que consegui aprender sobre você, o suficiente para saber que se tivesse permanecido vivo estaríamos a anos-luz, em termos de avanços e conquistas, em todas as direções.

Não quero, com tudo isso, falar que você foi perfeito, posto que na condição humana estamos todos e todas buscando sempre melhorar, mas fez muito mais do que muita gente já fez por aqui, sem esperar ganhos materiais em troca. E é sobre isso que precisamos falar, porque hoje vivemos uma crise que já ultrapassou todos os limites, uma crise do homem com/contra a natureza sim, mas, pior do que isso, uma crise do homem com ele mesmo, uma crise de caráter, de valores éticos e morais, que os intelectuais chamam de crise civilizatória.

Na verdade, acho até que já avançamos algumas casas e a crise está bem naquele limite que parece que o mundo é uma bolha prestes a explodir, sabe, no limiar. Pai, eu fico lendo, matutando e prestando muita atenção a tudo ao meu redor e acabei percebendo como tudo é tão volátil e fugaz, como a mente humana foi capaz de bolar um sistema tão escravagista ao longo dos tempos.

E não estou falando dos senhores de engenho, apenas. Eles foram parte do processo, a parte mais clara e visível do sistema, mas falo também daquela parte da sociedade humana que foi acumulando riquezas e poder e criando sempre formas de acumular mais e mais, enquanto vai mantendo a maioria do povo cada vez mais distante de recursos imprescindíveis, como a educação, ou como o próprio alimento.

Essa sociedade foi, na cruzada cruel pelo enriquecimento, mantendo outra camada da população invisibilizada, dividindo a população entre aqueles que sabem sobre os direitos que lhes assistem, embora não lhes alcancem, e aqueles que sequer tinham direitos e que adquiriram, em tese, pela graça da Constituição Cidadã de 1988. Você conheceu e lutou contra esse processo cruel que tem dois lados: o lado de quem produz bens materiais incessantemente, uma indústria da morte, que mata e destrói tudo ao seu redor para manter o sistema funcionando a todo vapor, o escravagista. Do outro lado da mesma moeda, o consumidor voraz dos produtos, aquele que compra compulsivamente e que não quer saber de onde está vindo o produto, nem o rastro que está deixando. Mas, no fim das contas, o lado que domina é o do capital, porque ele sim traça estratégias, arma armadilhas, cria todo um sistema altamente complexo que invade mentes e transforma as pessoas em máquinas consumidoras. É contra esse sistema que precisamos lutar, lutar e vencer, porque enquanto ele continuar fazendo com que as pessoas pensem que ter e possuir sempre mais as deixa no topo da tal pirâmide de classe social, portanto, melhores que as outras, as que estão lá na base da mesma pirâmide, as que mantêm esse país funcionando de fato, estão tendo cada vez menos direitos e oportunidades, estão cada vez mais distantes de um ideário de justiça social. E os que mantêm a saúde e o equilíbrio de todo o planeta estão perdendo até seu direito de existir, porquanto estão perdendo seus territórios sagrados, sua cultura e suas tradições.

Sim, meu pai, a luta é grande, precisamos libertar o mundo da ideia de progresso e desenvolvimento que se tem hoje e que tanto mal nos faz, que dizima os recursos naturais e maltrata o espírito do homem e da natureza. Precisamos construir as bases para uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, onde prevalecerá o respeito por todos os seres vivos e não vivos. É tempo de aprender com quem tem o que ensinar. Se pensarmos que estamos neste caos pelo que

fizemos de ruim com quem nos abriga, nos acolhe e cuida de nós, a mãe terra, a grande Pachamama, podemos aprender com quem, desde os primórdios da terra, mantém com ela uma relação de respeito e reciprocidade. Por isso, de onde você estiver, eu te peço que me oriente e me guie para que, com meus passos, eu possa trilhar com resiliência e sabedoria o caminho que você tanto nos mostrou, e que eu consiga passar essa mensagem para tantos outros e tantas outras. Que em 2120, como você escreveu numa esperançosa carta, estejamos sim celebrando o centenário da revolução socialista, que unificou o mundo num só pensamento e num só ideal de união e fraternidade - o sonho, então, terá se tornado realidade.

Da sua filha,

ANGELA MENDES

De Rubelise da Cunha para Ailton Krenak



Rio Grande, 28 de agosto de 2020.

Querido Ailton Krenak,

Escrevo a você como quem escreve uma carta em sonho. Confesso que não sabia se tinha permissão para sonhar, mas meu amigo Alfredo Gentini, a quem dedico o meu sonho em palavras, foi meu amparo, tornou-se ponte e me deu a mão para fazer a travessia. Em sonho, consigo resistir à força que me impõe uma noção de progresso e produtividade determinada pelo tic tac do relógio, e me desloco a um tempo-espaço onde é possível integrar-me à linhagem da *experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar*.²⁹ É nesse tempo-espaço que adentro a tenda na qual ao centro está o fogo sagrado, para ser guiada pelo ancião Nishnaabeg Doug Williams em uma cerimônia de contação de histórias. Isso ocorre em terras pertencentes ao povo Michi Saagiig Nishnaabeg, hoje localizadas no Canadá. Com Doug Williams aprendo que essa busca insana, que nos desconecta do sonho e de quem somos, nos impede de ver que aquilo que buscamos já estava lá.

Nesse sonho também ouço sua voz a me falar, Ailton. Vejo você sentado calmamente em sua casa, e num relance vejo sua imagem no Congresso Nacional, pintando o rosto. Sempre que lhe vejo e ouço falar, é como se observasse a firmeza e a nobreza de uma frondosa árvore, impassível à tempestade que a quer derrubar. Sempre que lhe vejo e ouço falar, percebo que não está só, você

29. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

é muitos, a própria potência do sujeito coletivo,³⁰ integrada harmoniosamente no todo que habita. E sua voz se integra à voz profética de Raoni, e me diz: *você sentirá o medo que nós sentimos.*³¹ Esta frase fica ecoando em minha mente, enquanto você e Raoni fortemente clamam para que paremos o que estamos fazendo, para que paremos a destruição e o ataque aos espíritos da Terra...*quando você corta as árvores, agride os espíritos de nossos ancestrais.* O clamor se repete, e dói em meu peito, porque estou sentindo o medo que vocês sentiram. Eu tenho a consciência do equívoco. Eu vejo o que vocês veem, tenho consciência do equívoco, mas eu também sou parte do equívoco, então eu sei de que medo vocês estão falando.

Quando sinto forte a dor em meu peito, seguro firmemente em minha mão a pena que recebi após a cerimônia na tenda, e ouço o canto do Corvo que vem do hemisfério norte, através das palavras de Lee Maracle, pertencente ao povo Salish, dizendo que *a mudança é um assunto sério, e com os humanos, é importante que venha com grande intensidade. Fortes tempestades alteram a terra, amadurecem a vida, limpam o mundo do velho, trazendo o novo. Os humanos chamam isso de catástrofe. Apenas nascimento, canta o Corvo.*³²

Sim, estamos diante de uma catástrofe, ocasionada pelo projeto suicida do homem branco. O que estamos vivendo no momento em todo o mundo, e em especial no Brasil, é alarmante – a destruição da vida não apenas como resultado da pandemia, mas como projeto de nação. Tenho consciência da necessidade de tudo isso estar acontecendo, é o que aponta a ordem natural do universo, mas por ser parte deste equívoco, do humano desconectado do todo, também sinto o que estamos vivendo como uma catástrofe. Sinto a ordem natural acontecer, sinto a necessidade de acontecer, mas também me sinto dentro deste processo, e sinto o medo e a impotência diante do prenúncio de um colapso.

O medo é parte do meu estar e ser neste mundo que está causando a catástrofe, o mundo que sempre a causou, catástrofe essa que vocês sempre sentiram e

30. KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. *Revista periferias – O paradigma da potência*, p. 1-21, v. 1, n.1, 2018. Disponível em: <<http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>> Acesso em: 20 out. 2020.

31. “Você sentirá o medo que nós sentimos”, diz Raoni Metuktire, líder indígena Kayapó, a Bolsonaro. *Revista Carta Capital*, 25 de setembro de 2019.

32. MARACLE, LEE. *Ravensong: a novel*. Vancouver: Press Gang, 1993.

vivenciaram. O velho mundo criou essa catástrofe quando chegou nas terras do seu povo, aí iniciou a destruição, e eu me vejo desse lado, por isso sinto o medo; mas no momento em que agarro fortemente a pena em minhas mãos e me vejo dentro da tenda, diante do fogo sagrado, ouvindo a voz de Doug Williams, tudo se dissipa. Meu grande desejo é conseguir cada vez mais ter um pé do outro lado, cada vez mais conseguir ver como vocês veem.

Ao encontrar a força resistente da pena e fechar os olhos, ouço a voz do xamã Yanomami, Davi Kopenawa, a dizer que *os brancos não temem, como nós, ser esmagados pela queda do céu. Mas um dia talvez tenham tanto medo quanto nós.*³³ Sim, nós brancos sempre fomos movidos pelo medo e desejo egoístas que lançaram as caravelas ao mar, jamais pela preocupação zelosa e amorosa com o todo, *para além de nossa própria vida, com a da terra inteira, que corre o risco de entrar em caos*, e agora sinto o medo.

Fui criada e educada para ser o “povo da mercadoria”, para falar na natureza como “metáfora da natureza que criamos para nosso consumo próprio”. Ailton, é esse o problema, não é mesmo? Ao falarmos na construção de um outro mundo possível, não nos vemos como natureza. Continuamos insistindo nessa separação do eu humano e do outro natureza como espaço, não nos colocamos como iguais, como seres e existências que possuem a mesma potência e se integram para que a vida continue. *Só existe um céu e é preciso cuidar dele, porque, se ficar doente, tudo vai se acabar...* assim me diz novamente a voz do xamã Yanomami.

Nesse sonho em que as vozes de Doug Williams, Raoni Metuktire e Davi Kopenawa se unem a sua, todas as vozes se transmutam em sua imagem pintando o rosto no Congresso Nacional. Através de você, ouço o xamã Yanomami a nos lembrar que *os xamãs sabem das coisas más que ameaçam os humanos*, e sua voz clama: *pare a destruição, pare o seu ataque aos espíritos da Terra. Quando você corta as árvores, agride os espíritos de nossos ancestrais*. Vejo e ouço você falar, mas você não está só – ao seu redor estão todos os xamãs, os ancestrais e cada árvore derrubada.

Ao acordar deste sonho estou em outro tempo-espaço. Diante da imensidão do mar da praia do Cassino, no extremo sul dessas terras violentamente denominadas

33. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.11-56; 375-512.

Brasil, vejo uma enorme Lua Cheia que cresce no cair da tarde. No cenário acinzentado deste final de dia e na solidão do inverno no Sul que cobre as areias, tenho a pena firme em minhas mãos, fecho os olhos, e não estou só. O medo se dissipa, pois me uno a você, às vozes que lhe acompanham, aos ancestrais, às árvores derrubadas e àquelas que balançam bravamente diante das tempestades, renascendo como parte de um todo que resiste e sempre permanecerá.

RUBELISE DA CUNHA

De Bianca Dias para Caetano Veloso



Ribeirão Preto, 15 de outubro de 2020.

Querido Caetano Veloso,

Escrevo de dentro da maior crise ética e sanitária do país, tomando posse da língua e consentindo com o tremor que me invade diante do carinho e admiração pelo seu percurso como artista. Já nos conhecemos em uma situação-limite: tão bonita e epifânica. Eu fui me encontrar contigo para levar um livro que escrevi a partir de meu luto e me esbarrei em sua dor. Esse encontro marcou em minha vida um acento na ideia de que toda história pessoal pode ser política no sentido de acessar o comum, de tocar uma ferida que pode ser partilhada. Escrevo também para um homem que é pura força feminina lembrando de um poema bonito de Pizarnik: “Não sei sobre pássaros/ Não conheço a história do fogo/ mas creio que minha solidão/ deveria ter asas.”³⁴ O que se apresenta aqui são fragmentos, palavras e pensamentos esparsos, ritmos e sons que regem uma maneira de escrever, de estar no mundo, de viver. Não sei sequer se é uma carta, mas são faíscas que subvertem o sentido do contágio, uma forma de sentir que um Brasil que possui Caetano Veloso ainda abriga algo imenso e vivo.

Penso que escrever é sempre escrever o indizível e quando escrevo sinto-me atravessando a fronteira do sentido. Sua presença em nós subverte a lógica perversa de poder que se instalou em nosso país, pois estraçalha os lugares dos

34. PIZARNICK, Alejandra. *Antologia Poética*. Lisboa: Tinta da China, 2020. p. 40. *Las aventuras perdidas*, 1958. Trad. Fernando Pinto do Amaral.

enunciados fálicos convocando a potência da enunciação. Sua música é um território movediço que abriga o inquietante de todas as vidas. “Existirmos a que será que se destina?” - foi escutando a primeira vez essa música que saberia que ela marcaria algo incontornável em minha vida. Foi com essa música que encontrei minha finitude, acolhendo o impossível e negando qualquer miragem de poder.

“Apenas a matéria vida era tão fina.” Encaro a dimensão do negativo, sustento as ranhuras e as rachaduras de ser falante. Quero fazer resistência aos discursos dominantes, caminhar da impotência à possibilidade de narrar uma vida que não recua e não cede aos horrores do mundo, inventando uma dança na queda.

Escuto junto de ti muitas vozes que acolhem a fenda e a fissura, acenando para uma política do desejo num mundo tão árido e devastado. Escuto um artista aberto e poroso que acredita na arte e na lâmina da linguagem, que pode ser precisa e encontrar a força de mover mundos na fragilidade ou na vertigem da queda.

Quantas vezes, eu e muitos, sobrevivemos ao naufrágio sentindo, assumindo a dimensão do impossível na escuta de suas canções. Contigo aprendi a cair, Caetano, como no poema de Luiza Neto Jorge:

*o poema ensina a cair
sobre os vários solos
desde perder o chão repentino sob os pés
como se perde os sentidos numa queda de amor
ao encontro do cabo onde a terra abate
e a fecunda ausência excede.³⁵*

Uma carta é também um ensaio que convoca a espessura de cada invenção, de cada vida, de cada forma de viver, abrigando os enigmas de estar no mundo para além de si. A vertigem também é uma forma de saber-se vivo e de se nomear. E é possível pensar de forma insurgente o enigma:

35. JORGE, Luiza Neto. *A Noite Vertebrada*. Faro: Ed. Autor, 1960.

*Os átomos todos dançam, madrugada, reluz neblina
Crianças cor de romã entram no vagão
O oliva da nuvem chumbo ficando para trás da manhã
E a seda azul do papel que envolve a maçã.*³⁶

Esta carta é um ensaio e uma forma de saudar o que sua presença no mundo faz por nós: ela é um caminho para o pulsional, para a alteridade radical, para algo que escapa ao apelo fálico e que desliza constantemente, como potência da vulnerabilidade, pois “a vulnerabilidade das coisas preciosas é bela porque a vulnerabilidade é um sinal de existência”,³⁷ como nos lembra Simone Weil.

Junto-me às outras mulheres, aos homens, à minha ancestralidade, ao que me antecede e ao que me projeta além de mim. Se ando obcecada com a ideia do singular é por encontrar aí algo da origem, esta que é, ao mesmo tempo, ruína e salto para a invenção, como na escrita da autora Carolina Maria de Jesus, a partir de sua escrita radical forjada num lugar de interdição: mulher, negra e pobre. Por meio de sua escrita ela denunciava o que era interdito e a partir de um exercício literário corajoso encontra sua “voz-grito”: “Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”³⁸

Num encontro que reúne tantas vozes, convoco em minha carta o lugar do intangível e do invisível da singularidade, acolhendo também a escrita dos povos indígenas, das mulheres negras, a diáspora contada pelos povos escravizados. Falo contigo de um caminho que aprendi pelas suas canções: um caminhar do eu ao outro, escutando as palavras alheias, as que vivem no fora. Falar com elas, não falar por elas; mover-se na ideia subversiva de que “o eu é um outro”; escutar a própria voz e todas as outras; saber da inquisição, pelas bruxas que foram queimadas; invocar os poemas de Safo; reconhecer com alegria genuína a minha existência e todas as outras; não sem dor, preservar o grão do inapreensível e de pura alteridade nesse exercício errante da escrita: uma escrita feita com o meu corpo e com muitos outros corpos.

36. Letra da canção “Trem das cores”, composta por Caetano Veloso.

37. WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

38. JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Francisco Alves, 1960. p. 160.

Trata-se de uma escrita que é um grito de socorro e que pode, enfim ser ecoado. Diante da solidão, do isolamento e do medo me coloco a escrever observando o mundo, mesmo no confinamento. Lia esses dias um livro de Maura Lopes Cançado, em que ela denuncia as relações de poder vigentes e aponta a segregação e as amarras a que seu corpo de mulher está submetido. “Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios.”³⁹

Não deixa de ser estranho escrever uma carta de dentro de um confinamento gerado pelo inominável de uma pandemia, mas é uma carta que aposta efetivamente por tantas vozes e maneiras de se inscrever no mundo. Uma carta que é o documento de uma época endereçada a você, o maior artista brasileiro, que com sua luz nos ajuda a encontrar lugar, voz e potência de acontecimento, pois não há violência mais cruel do que o anestesiamiento de nossa capacidade de sonhar, de imaginar, de desejar. Neste ponto, Emil Cioran tem toda a razão ao lembrar que “só agimos sob a fascinação do impossível: isto significa que uma sociedade incapaz de gerar uma utopia e de consagrar-se a ela está ameaçada de esclerose e de ruína”.⁴⁰

Um forte abraço de uma amiga de vida.

BIANCA DIAS

39. CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*: diário I. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. p. 60.

40. Cioran, Emil. *História e Utopia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 101.

De Cristina Araripe Fernandes para Estamira



Salvador, 28 de julho de 2020.

Querida Estamira,

Quando fui interpelada pela ideia do encontro sobre o tema *Das Urgências do Bem Viver*, a partir da mesa constituída pelo Núcleo de Estudos das Produções Autorais Indígenas (NEAI – UFBA), apresentada no Congresso Virtual da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em maio de 2020 – pensei em você, e no seu inadiável desejo de comunicar o objeto da sua missão, que como macroprojeto sempre foi ser si mesma, sempre comprometida com a sua verdade, fundada numa ética para com o planeta e os seres que nele borbulham.

Você – que nunca quis ser comum, autômata, porque sempre ciente de todas as limitações impostas pelo fato de ser uma mulher imersa num contexto de vida tão violento, tão sem escuta, e com tanta disputa da família e do Estado para enredá-la na armadilha dos diagnósticos, dos sofrimentos, todos resultados de tantos abandonos – sabe bem o sentido das urgências. Não há urgência no singular, e você bem o sabe desde que falava em proteger, lavar, limpar, usar mais, seus modos de perlaboração com o lixo da cidade.

Tenho a triste impressão de viver num tempo sem noção das urgências, e cada vez mais distante da existência de um céu em queda plural. Toda a sua luta, Estamira, foi pela necessidade do Bem Viver. Quando Milena Britto,⁴¹ que

41. Mesa do Congresso Virtual UFBA, 2020, que contou com a participação das professoras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Suzane Lima Costa, Milena Britto de Queiroz e Mônica de Menezes dos Santos, e dos doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da mesma Instituição, Cristina Araripe Fernandes, Joseane Maytê Sousa Santos e Ricardo Horacio Piera Chacón.

foi a primeira a falar no dia do nosso encontro, fez um desenho do *Trocadilo*,⁴² ele que é o capital na maquinação da fome insaciável de consumo da vida, sempre querendo engolir tudo, desenfreadamente, ficou evidente o tanto que o capitalismo adoce tudo o que toca e transforma em mercadoria, para depois vender como solução o calmante, e nele as armadilhas do dopante.

Como é difícil habitar um tempo em que a vida parece perturbada. Olhar e ver a doença sendo enganchada entre a receita do bom dia e o *non sense* do fantástico, vida fabricada, televisiva. Tenho a sensação de que, entre a lua e o dedo, as inquietações são modeladas para a desvalorização mais óbvia – Ah, mas se eu não viver nesse sistema, em que sistema eu vou viver? – Ah, mas se eu não tiver dinheiro, como é que eu vou pagar as contas? – Ah, mas se eu não fizer desse jeito, como é que eu vou adquirir bens? E assim vai o controle remoto artificial sempre no comando da vida, assujeitando.

O *Trocadilo*, Estamira, é a deformação. Essa cultura do capital que tem nos deformado. É uma cultura. A cultura capitalista não é só um modelo econômico, mas uma cultura *deformadora* de uma perspectiva da vida e do modo de olhar o mundo. E as perguntas que tenho me feito, ciente de que vivo imersa dentro de tudo isso são: como nós definimos as nossas urgências? Quais são as nossas pautas de vida? Quais são os nossos referentes de mundo? Qual a nossa disposição para a criação de novos referentes de mundo? Qual é a nossa disposição para barrar a necrocultura, cujo projeto tem tirado a vida de 600 mil jovens de 18 a 24 anos de idade, periféricos, pretos e pobres, todos os anos, no Brasil? Sem contar os nativos, cujo protagonismo transbordante só recentemente tem sido publicizado. Será que a gente consegue ver que temos convivido passivamente com um projeto letal, do qual somos alvos, cúmplices e partícipes? Será que diante desse cenário, a não violência poderia ser um projeto de urgência desse país em que eu e você vivemos? Será que temos alguma pauta viável ou realmente já ultrapassamos o ponto sem retorno?

Enquanto Milena Britto ia urdindo o seu traçado, explicando como nos tornam consumidores vorazes da vida, recordei-me do livro *Vida Capital – Ensaios de biopolítica*, quando o Peter Pal Pélbart faz sua reflexão sobre *O sequestro do*

42. Trocadilo é um qualificativo criado por Estamira para referir tudo o que é antívida.

comum, mostrando como fomos sendo enganados a acreditar em clichês – “da relação, do amor, do povo, da política ou da revolução, daquilo que nos liga ao mundo”⁴³ –, clichês que cedo ou tarde acabam por se exibir como meros espectros de uma realidade sempre forjada - ilusão, que nos obriga a acordar. Tal como o fez você, Estamira, mesmo arcando com a pena do encarceramento, da drogadição psicotrópica, da infecção septicêmica, mesmo gritando desesperadamente sobre o sentido da vida, sem que ninguém quisesse ouvir o que você dizia. “Loucura”, disseram eles sobre sua percepção do poder sanguíneo. “Ela era boa, perfeita, mas aí ficou assim”. Não entenderam nada, nada, nada. Hoje, continuam enredados em seus subterfúgios, tentando aplacar a culpa envergonhada que sentem, mas sem distinguir o motivo.

O céu do nosso mundo, conforme você o previu na carne, agora desaba em um galope feroz. Quando morreu a matriarca do povo Pataxó, Zabelê (1932-2012), mãe, que chorava quando via os filhos com fome, avó que chorou, vendo netos e bisnetos também passando fome, era evidente o paralelo entre as linhagens que vocês duas sustentavam. Zabelê se perguntava até quando a ganância ia subtrair a terra e exterminar o seu povo. Ela mesma, que foi sobrevivente de um incêndio em 1951, que a tirou do seu Tekoha, terra para o qual ela nunca mais retornou, fazia tanta remessa a você, Estamira, cujo pai também foi arrancado da terra, você, que como Zabelê, morreu em julho; você em 2011 e ela em 2012.⁴⁴ Paralelos celestes na constelação do caranguejo. Quando nos arriscamos a perlaborar no mundo como você o fazia, como Zabelê também o fazia, abrem-se gestos de miração – catar, separar, reciclar, ouvir, falar, repetir *ad infinitum*.

Davi Kopenawa, xamã nos Yanomami, que brotou das águas amazônicas do Toototobi, tem feito um apelo aos que ainda se importam com eles, os nativos de Pindorama, nome desse punhado de terra que habitamos antes da espoliação do ‘Tratado Brasil’ – fiquem de olho nesse mundo, cuidem uns dos outros, construam redes de apoio, pois o afeto é e será o maior desafio do nosso século. A escola, segundo o xamã, está em Xapiri, alma da floresta que detém o poder de curar

43. PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 141.

44. PATAXÓ, Zabelê. *Os brasis e suas memórias*. Disponível em: <<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-zabele-pataxo/>>. Acesso em 20 jul. 2020.

a todos nós. Kopenawa diz que precisamos com urgência nos voltarmos para a floresta e invocar Xapiri, mesmo que a queda do céu já tenha nos alcançado.⁴⁵ Será que sabemos distinguir o que é o afeto, Estamira?

Parar de matar nossos parentes, continuando a chamá-los de índios. Ailton Krenak, uma liderança indígena, tem falado sem cessar desde os anos 1980 sobre protegermos a floresta. Há pouco tempo, quando foi interpelado a falar sobre decolonialidade nas Américas, Krenak riu seu riso ácido, e que mais parecia um riso de desgosto por se ver perante essa crença de que existe uma América habitada por índios e ameríndios, ideia que para ele é tão obtusa, pois evidencia o quanto estamos imersos na colonialidade.⁴⁶ Como falar em decolonialidade, quando perpetuamos essa ideia de América vespuciana? Tudo não passou e não passa de projeto invasor, violento e saqueador.

É por causa do projeto de invasão, aliás, nunca interrompido, que *Watu*, o rio sagrado sob os cuidados do povo Krenak, encontra-se, neste momento, em coma. Há mais de 200 anos, o povo Krenak enfrenta as mineradoras, que mudaram a topografia das Minas Gerais, e são responsáveis por milhares de vidas perdidas com a anuência imoral dos governos brasileiros e internacionais. Ailton Krenak sempre destaca a importância de interagirmos com o lugar em que nos encontramos. O *dasein heideggeriano* já estava presente na perspectiva do Bem Viver dos povos nativos, aliás, muito antes de o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) formular suas teorias. Para os povos indígenas, o ser humano não é superior a nenhuma outra forma de vida, não é um ser privilegiado em relação a seus demais parentes, mas inseparável, devendo ser capaz de buscar cooperação, colaboração, e arriscar-se a uma solidariedade não seletiva, e sem se esquecer de zelar pela floresta. Para Ailton Krenak, os tarados do capital querem devorar a floresta Amazônica.

Recentemente, assisti ao Davi Martim Karay Popyguá Guarani afirmar que, enquanto a humanidade quiser mais, mais um carro novo, mais um celular de

45. KOPENAWA, Davi. *Davi Kopenawa*, liderança Yanomami, responde ao discurso de Bolsonaro na ONU (WEB), 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qX7AuQ4Qv9Y&t=820s>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

46. KRENAK, Ailton. *Série de conferências na web*. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=krenak>. Acesso em: 20 mar.-set. 2020.

última geração, mais um deslocamento ultraveloz, sempre nessa tecnologização voraz da vida, não há chance de futuro, por isso, o povo Guarani quer menos. O povo Guarani quer olhar para o passado antes do ponto da ruptura em 1500, pois segundo sua crença, o futuro está nesse ponto, assim sendo, o modo de avançar nas questões desafiadoras que hoje se apresenta, o caminho é olhar para trás. Olhar para trás significa dar início ao imprescindível trabalho de cura espiritual das pessoas e dos lugares com os remédios de Xapiri. Continuar no *modus operandi* do consumo desenfreado de tudo, da devoração apressada do futuro, mostra que não restará nada. Esse tipo de futuro está agonizando hoje, diante dos nossos olhos, e tudo tende a se acabar, caso assim se perpetue a insistência em não ver, não sentir, não querer saber, não querer parar. O convite Guarani insiste que agora é a hora para compartilhar a reza de cada um, a fala de cada um, a palavra de cada anciã e ancião. No momento, tomba o nosso maior patrimônio, dizimado pela ausência de uma política pública sanitária, que nega a diferença, embora a humanidade esteja confrontada com seu sentido de superioridade em relação às outras espécies, insiste em negar o fim do mundo.⁴⁷ Como diz Ailton Krenak, enquanto o vírus é endereçado aos humanos, abóboras continuam crescendo no quintal.

Como acordar dessa cegueira letárgica que, inescrupulosamente, fala em desenvolvimentismo a todo custo? Não, o caminho não é para frente, como grita a voz do guerreiro Davi Popyguá Guarani. Quando olhamos para os últimos 520 anos, o que vemos são atrocidades e adoecimentos. Quando figuras duvidosas se apresentam como o futuro, ele pergunta – De que futuro vocês estão falando?⁴⁸ Quando essa gente fala que a Amazônia tem que ser explorada, porque é um lugar que tem pobreza, mato, que não tem nada, que está improdutivo, que é preciso plantar, desenvolver e colocar a boiada para passar, que visão deformada do futuro é essa? Davi Popyguá lembra que o *Tekoá*⁴⁹ é o lugar do Bem Viver.

47. POPYGUÁ, Guarani. *Uma conversa com Karai Popygua (David)*, liderança indígena Guarani - Jornalistas Livres. [Web], 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-hTzVlTiweM&t=14s>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

48. Ibid.

49. O termo *Tekoá*, também é grafado 'tekoha' (pronunciado /tequô'á/).

Tekó, vida; á, lugar. Lugar onde se faz a vida. Sem Tekoá, não tem como viver.

As Nações Indígenas não têm como sobreviver vivendo na cidade. Sonia Guajajara, da Terra Indígena Arariboia no Maranhão, coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), falou no Senado Federal que ter o território não é só ter a terra, mas é também o território enquanto língua, o território para poder viver segundo seus valores e modos de vida.⁵⁰

Quando Mônica de Menezes nos contou a história de *Kafka e a boneca viajante*,⁵¹ que traz essa imagem tão bonita do homem que se deixa afetar pela falta que a criança sente com a perda do objeto estimado, e se oferece para encontrar com a criança uma solução, ainda que momentânea, mostra esse olhar atento ao outro: um olhar que se compromete também com a falta do outro, porque reconhece a própria falta. Então, essa pedagogia não prescritiva, da qual Mônica de Menezes fala, tem nela mesma uma potência que faz romper com esse modelo que nos quer imerso no capitalismo, na colonialidade, e por isso exige que nós nos perguntemos o quanto temos servido a esse modelo? O quanto somos servidores e serviçais desse modelo consumista em cada gesto, em cada respiração, em cada perspectiva, seja na maneira como nós nos direcionamos ao outro, à vida, à natureza?

Como diz o Davi Kopenawa, a natureza não é objeto, a natureza é sujeito. O outro não é objeto, o outro é sujeito. Eu não posso olhar para a floresta e dizer: “Eu quero essa árvore, eu quero essa água”, porque tudo isso é dotado de um espírito, como nós também somos dotados de um espírito. Eu gosto muito da palavra *Geist*, do idioma alemão, o fantasma, também espírito, intelecto, mente, e que em composição com o tempo – *Zeit* – forma o *Zeitgeist*, ou espírito de um tempo, uma época. Ao olhar para o nosso mundo, eu me pergunto qual é o espírito que governa o nosso tempo? Ouço o céu caindo, um pedaço aqui, outro acolá.

Então, quem é esse sujeito que pode emergir da ruptura conceitual dessas noções de capitalização da vida, de engajamento no consumo, de desenvolvimento a qualquer preço? Eu diria que a solução está no trato atemporal desses conceitos,

50. GUAJAJARA, Sonia. *Sonia Guajajara dá aula de história sobre povos indígenas à senadora do PSL* (Web), 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qcoze7cv7dE>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

51. FABRA, Jordi Serrai. *Kafka e a boneca viajante*. SP: Martins Fontes, 2020.

no desfazimento dessa mentalidade por uma perspectiva de *descapitalização*, *desengajamento* e *desenvolvimento*, que nos permita praticar a noção de Bem Viver, *Sumak Kawsay* no idioma *Quéchua*, algo que trata de conexão com a memória ancestral, e que implica uma disposição para dar continuidade a essas linhagens que nos constituem, ou pelo menos para nos perguntarmos o quanto de disposição temos para dar continuidade a essas linhagens? Como diz você, Estamira, não é jogando fora, mas cuidando, conservando.

Quando Milena Britto fala da noção do lugar canônico, não só de uma Literatura canônica, mas de um cânone de comportamentos, e de como a gente institui uma “canonidade” para um modelo de aproximação a tudo isso que a vida nos apresenta de modo surpreendente, efetivamente de que Literatura a gente está falando? Será que quando a gente fala da poética de uma Stela do Patrocínio, ela pode ser acolhida, estudada ou pensada como uma epistemologia tanto quanto a de um José de Alencar? São perguntas que me faço e que aqui deixo como oferta ao diálogo. Em minha opinião, a Literatura é cura. É muito lindo quando você, Milena Britto, diz que “a narrativa é um elemento de reorganização”.

Você, Estamira, é a prova viva desse exercício de perlaboração pela narrativa, a sua poética, mas tem gente que prefere ver como loucura. Eu prefiro olhar como uma ‘Literacura’. A ‘Literacura’ de alguém que se elabora através do seu próprio fazer. Da Literatura enquanto fazer de si, enquanto modo de vida, porque quando a gente fala de Literatura, muitas vezes parece que falamos de um objeto que está fora, que está separado, que pode ser consumido, que pode ser valorizado ou desvalorizado por esse ou por aquele autor, por essa ou por aquela referência, por esse ou por aquele estilo. Mas quando a gente olha para essa Literatura como um sujeito, de nós e do outro, e, sobretudo, de nós enquanto esse outro, novamente me vem o Davi Kopenawa quando fala do sonho, ou melhor, quando nos interpela a sonhar. O xamã diz que adoecemos porque paramos de sonhar. Nós precisamos urgentemente sonhar; precisamos voltar a sonhar; precisamos voltar a escutar, a conversar e a aprender a chamar por Xapiri.

Tenho por mim, Estamira, que reaccessar o sonhador em nós requer uma imensa coragem de abandonar a crença em paradigmas preconcebidos. A gente sempre fala de ‘eu e eles’, talvez, a gente precise retomar uma ideia de nós. Nós e nós, e nossas ancestralidades. Parece que quando a gente fala em ancestralidade

só o outro é povo ancestral, só o povo indígena tem ancestralidade, só o povo negro tem ancestralidade, e aí tudo se perde na distração das representações. No entanto, onde é que a gente se coloca dentro dessas ancestralidades? Quais são as nossas experiências de e com as nossas ancestralidades? A que linhagens de ancestralidades nós nos afiliamos? E aqui não me refiro somente à espiritualidade, mas também às nossas afiliações intelectuais.

Acredito nessa ancestralidade como o sonhador em nós. Não acredito na possibilidade de nos tornarmos nós sem acessar esse ancestre em nós, por isso, Estamira, que quando você fala que só o formato é sanguíneo, diz do pensamento comum da normose, que é capaz de olhar para você apenas como alguém a delirar. A ideia do outro como algo a ser conforme não passa de uma falsa perspectiva de sociedade como algo homogeneizado, onde o diferente está fora, porque não é visto como parte de <nós>. A janela do enquadramento enxerga pela lente do homogêneo, anulando as heterogeneidades com as quais não quer conviver, mas com a qual, objetivamente, sempre estive em convivência, apesar de interdita pelas regras do que há de mais tacanho e negacionista na visão e na experiência de mundo. E assim, o diferente é violentado.

A meu ver, a saída está em sermos capazes de pensar a partir de outros referentes, de outra ideia e visão de ser e estar no mundo.

Quem sou eu, como me locomovo no mundo pensando como <nós>? Que visão se desdobra em mim quando me deparo com esses rizomas de 'nós'? Fico aflita quando vejo o modo blasé como lidamos com as nossas urgências, como se tivéssemos muito tempo para pensar essas urgências que nos interpelam na forma de pandemias e pandemônios, que sacodem mais do que as placas tectônicas. Ainda assim, o hábito da cegueira nos impele a repetir o sujeito de sempre, vivendo entre o medo e a esperança; medo de que fique pior, esperança de que melhore. Burla. Eu diria até que no lugar de urgências do Bem Viver, poderíamos falar também das emergências do Bem Viver, porque já atingimos o estado crítico. Agora mesmo, o céu está a desabar em muitos lugares. O que fazer?

SUA,

CRISTINA ARARIPE FERNANDES

De John Antón Sánchez para Michelle Bachelet



Quito, 24 de setembro de 2020.⁵²
Dia de Nossa Senhora das Mercês. (Obatalá no panteão Yorubá).

Senhora Michele Bachelet.

Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos.
Genebra.

Estimada Senhora,

Estamos escrevendo para você do Equador, em nome dos 160 milhões de afrodescendentes da América Latina e do Caribe que estão insatisfeitos, uma vez que já se passaram 5 anos da Década Internacional dos Afrodescendentes, proclamada pelas Nações Unidas, de 2015 a 2024, com o objetivo de reconhecimento, justiça e desenvolvimento. Estamos muito decepcionados, pois já se passou metade da década e não vemos nenhum progresso, pior ainda neste cenário da pandemia causada pela Covid-19.

Pretendemos, nesta carta, explicar como vemos o problema do desenvolvimento entre os afrodescendentes:

1. Desafios do desenvolvimento e Bem Viver entre os afrodescendentes.

Ainda não se dispõe de estatísticas completas, mas já é fato oficial que 92% dos 160 milhões de afrodescendentes nas Américas vivem na pobreza e extrema pobreza. Mais de 15% deste total ainda não sabe ler e escrever.

As sequelas do racismo, do preconceito racial e da discriminação institucional têm permitido que os afrodescendentes não alcancem sua cidadania plena, nem

52. Carta traduzida do original em língua espanhola por Rafael Xucuru-Kariri.

tampouco seu desenvolvimento humano.

Mesmo nos países mais desenvolvidos e democráticos da região, as crianças afrodescendentes morrem mais do que as crianças brancas, antes de completarem 5 anos. Os jovens brancos e mestiços vão mais à universidade do que os jovens afrodescendentes.

Nossas mulheres, além de serem assediadas sexualmente, ocupam o primeiro lugar no emprego doméstico. As crianças, por outro lado, só veem no futebol, nas Forças Armadas e nas empresas de vigilância a única oportunidade de trabalho.

Em algumas sociedades, um profissional afrodescendente ganha muito menos do que um profissional branco. Muitas vezes a renda mensal não paga a cesta básica, muito menos uma ida ao cinema.

O pior de tudo é que a discriminação institucional permite a segregação racial nas cidades. Assim, muitos bairros de maioria afrodescendente são os mais inseguros – nenhum táxi quer ir até lá.

Nesses bairros se vive em superlotação, falta água potável, as necessidades básicas são feitas em latrinas, o carro do lixo não passa e as gangues de criminosos recrutam nossos jovens, enquanto a falta de atenção médica aumenta os ataques cardíacos, a hipertensão, a obesidade, o HIV e a gravidez precoce.

O mais grave é a violência dos direitos humanos em nossos territórios ancestrais, tanto pelo Estado quando por forças paramilitares. A brutalidade policial, o encarceramento em massa, os deslocamentos forçados e o confinamento são a rotina em nossos territórios ancestrais e nas cidades. Nossos jovens e líderes sociais são vítimas do recrutamento forçado pelo crime, sem esperanças de um futuro melhor.

Se possível, sintetizarei os problemas do desenvolvimento entre os afrodescendentes:

1. Vulnerabilidade nos territórios ancestrais;
2. Acesso limitado dos afrodescendentes ao crédito bancário;
3. Os Programas de Desenvolvimento Social não respondem à realidade dos afrodescendentes;
4. Não existem Políticas ou Programa de Desenvolvimento Econômico para os afrodescendentes;
5. Formação e capacitação insuficientes para o emprego digno;
6. Discriminação no mercado de trabalho e desemprego, especialmente

entre as mulheres;

7. Apropriação dos conhecimentos dos afrodescendentes por não-afrodescendentes;
8. Mercados limitados para os produtos dos afrodescendentes;
9. Os produtos dos afrodescendentes não são competitivos;
10. Incompreensão do mundo da vida dos afrodescendentes pelo ocidente.

2. O direito ao desenvolvimento entre os afrodescendentes.

Os afrodescendentes no século XXI enfrentam o problema estrutural do desenvolvimento, que advém da pobreza, e esta, por sua vez, da racialização, do colonialismo e da escravidão.

O grande desafio dos afrodescendentes no século XXI é o desenvolvimento. Compreendemos este a partir da noção de Amartia Sen, isto é, como a capacidade real que pode ter uma pessoa de viver seus direitos, seus direitos humanos. O desenvolvimento é a via para que uma pessoa se torne um cidadão.

O desenvolvimento é alcançado quando o cidadão está satisfeito com os direitos humanos mais básicos: os direitos econômicos, sociais, culturais, territoriais e ambientais.

No entanto, como havíamos descrito, nem o desenvolvimento nem a cidadania foram plenamente satisfeitos para os milhões de afrodescendentes, sendo a causa fundamental o racismo estrutural eurocêntrico, que ainda dirige as mentalidades tanto da burguesia quanto dos governantes dos nossos países.

Desde 2001, a afrodescendência se mobiliza perante as Nações Unidas para exigir o direito ao desenvolvimento, tal como estabelece a Convenção dos Direitos Humanos de Viena, em 1993. O direito ao desenvolvimento, na nossa perspectiva, só pode ser alcançado por meio de medidas institucionais mais radicais, que combatam o racismo estrutural e revertam as sequelas da negação da cidadania, ocasionada pela discriminação institucional praticada pelos Estados em dois séculos de republicanismo e democracia.

3. Desenvolvimento e reparações.

Mas a reivindicação do direito ao desenvolvimento não é uma questão circunstancial. Essa reivindicação tem uma raiz histórica. Esse objetivo para

os povos afrodescendentes tem um fundo ideológico e ancestral, pois assim como a liberdade foi objetivo de nossos ancestrais escravizados, que criaram os quilombos como espaço estratégico; assim como a luta pela igualdade foi o objetivo de nossos avós no século XIX, tendo a contribuição para as lutas de independência dos estados como objetivo estratégico; assim como no século XX nossos pais lutaram pela cidadania, tendo como objetivo estratégico as lutas pelos direitos humanos; hoje, no século XXI, nosso objetivo estratégico é a luta contra a pobreza, a desigualdade, a exclusão, buscando um modelo alternativo de desenvolvimento nos diferentes modelos sociais e econômicos.

Do mesmo modo que o direito ao desenvolvimento tem um fundo histórico, também há uma plataforma estratégica de futuro: as reparações.

As reparações históricas são entendidas como verdade, justiça e desenvolvimento. Por que falar em reparações como cenário para reivindicar o direito ao Desenvolvimento? Por que estabelecer reparações implica em três coisas: a verdade da história, a desejada justiça e o merecido desenvolvimento. Quando falamos de verdade, aludimos ao reconhecimento do papel da afrodescendência para a humanidade, o impacto da escravização, do colonialismo e do racismo estrutural. A Justiça é entendida, na medida em que a negação da condição humana do afrodescendente o condenou a uma pobreza eterna, como ato supremo e legítimo de reparar o dano da escravidão. Já o desenvolvimento como uma condição para a reparação e a garantia, de uma vez por todas, da cidadania e dos direitos humanos aos afrodescendentes

4. A proposta de desenvolvimento na perspectiva afrodescendente.

Este panorama sombrio da negação do direito ao desenvolvimento viola as condições de vida e de bem-estar social dos afrodescendentes, negando o Bem Viver. Isso exige questionar os modelos de desenvolvimento que têm sido aplicados a partir de diferentes políticas sociais e públicas para o benefício dessas comunidades. Modelos que foram, sem dúvida, formulados distantes, talvez, da própria concepção de vida e de desenvolvimento.

É importante ter em conta que o *desenvolvimento*, enquanto conceito, deve ser compreendido a partir de uma visão plural, pois existem variados conceitos de desenvolvimento, assim como diversas são as culturas

A partir desse ponto de vista, o desenvolvimento deve ser interpretado com base na própria heterogeneidade da humanidade na busca frenética por seu bem-estar, sua adaptação e sua qualidade de vida, de seu Bem Viver. O desenvolvimento, na perspectiva afrocêntrica, deve sempre partir da ontogênese e da cosmovisão de cada ser e de cada comunidade, pois, em última análise, esta constitui uma resposta concreta ao modelo de sua própria cultura, no âmbito da cosmovisão de cada povo.

Assim, para os povos afrodescendentes, pensar em um modelo de desenvolvimento para suas comunidades exige, antes de tudo, situar a sociedade no contexto conjuntural da modernidade e da globalização. Em segundo lugar, é necessário colocar um ponto crítico no modelo de desenvolvimento ocidental dominante, inspirado no paradigma do progresso e do bem-estar, sustentado na acumulação do capital e na riqueza material.

Um modelo de desenvolvimento próprio, fundamentado na concepção afrodescendente, deve partir da mesma lógica cultural que essas comunidades construíram ancestralmente.

A partir desta lógica de vida, os povos da diáspora têm estruturado historicamente um projeto de desenvolvimento que garante a satisfação plena de suas necessidades e as exigências demandadas pelas formas originais de se relacionar e se integrar à natureza, e que reivindicam respostas estratégicas a respeito da segurança alimentar, da racionalidade econômica, do conhecimento tradicional, das práticas tradicionais de produção e dos sistemas ancestrais de intercâmbio e alianças sociais.

Em suma, o compromisso cultural do desenvolvimento dos povos afrodescendentes materializa-se no modelo do Etnodesenvolvimento, quer dizer, da concepção de desenvolvimento que, fundamentada na ontogênese afrodescendente, demanda o entendimento de variáveis-chave que dão suporte à noção de vida e bem-estar dessas comunidades, as quais, atualmente, representam a expressão concreta de sua modernidade e moldam o paradigma dos direitos coletivos que o movimento étnico defende em sua longa luta pela vida e pela liberdade: território, autonomia, identidade e participação.

De forma alguma a proposta do “Etnodesenvolvimento” deve ser vista com zelo endogâmico, muito menos como um fenômeno isolado do contexto nacional

e global. Pelo contrário, deve ser entendida como uma aposta contra hegemônica e subalterna ao modelo dominante baseado no economicismo e sustentado na lógica do capital. O “Etnodesenvolvimento” na perspectiva afrodescendente é uma contribuição significativa à necessidade que os povos ainda não globalizados têm de construir um mundo socialmente mais justo e mais tolerante.

Cordialmente,

JOHN ANTÓN SÁNCHEZ

De Aparecida Vilaça para Paletó OroNao' (Watakao' Oromixik)



Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2020.

Pai,

Já faz três anos desde a sua morte e ainda me pergunto onde você estará. Você dizia que, ao morrer, gostaria de ir para o céu dos crentes. Não tanto por opção, eu sabia, mas por falta de escolha, pois o inferno de que falavam os missionários era assustador. Como suportar a ideia de seu corpo assando eternamente, em um fogo que não completa o seu trabalho, e você morrendo de sede, pedindo água para os parentes no céu, que não poderão te atender?

O céu dos crentes, você concordaria, não é lá essas coisas, com cada pessoa vivendo isolada em uma casa, sem ver ninguém, o dia todo a escrever as palavras ditadas por Deus, comendo somente pão e bebendo água. Sei que você, com esse seu jeito expansivo, falante, sociável, não estaria bem lá, sem ter para quem contar as histórias dos antigos, ninguém para rir junto, para dançar.

Como eu te disse muitas vezes, acho que os missionários estão errados em tentar convertê-los ao pensamento deles, dizendo que as falas dos antigos são mentiras, que as festas de vocês são coisa do diabo, que tudo o que sempre fizeram está errado. O pensamento de vocês sempre foi diferente. Acho que os missionários fizeram de vocês pessoas mais tristes e preocupadas ao falar de pecado, culpa, castigos. Por isso prefiro imaginá-lo hoje no mundo subaquático dos mortos, esse sim um lugar bom, para onde iam todos os Wari' antes da chegada dos missionários. Nesse caso, você estará jovem e belo, com todos os dentes que lhe faziam tanta falta e com o cabelo bem preto. Como todos os homens que

chegam no mundo subaquático se tornam matadores, seus cabelos devem estar bem compridos agora, ao modo dos cabelos dos matadores depois da reclusão.

Não deu tempo de eu te contar, mas na véspera da sua morte sonhei que você vinha me visitar desse jeito, jovem como um rapaz. Eu te disse: “pai, como você está bonito!”. E você sorriu, orgulhoso. Quando acordei naquela manhã, encontrei uma mensagem no meu celular dizendo que você estava no hospital, já em coma. Soube que, assim que chegou, quis falar comigo ao telefone, mas não deu certo, pois ao que parece você não conseguia mais articular bem as palavras, acho que devido à desidratação. Quando li a mensagem, liguei para nosso amigo médico, o Gil, e pedi que ele colocasse o telefone junto ao seu ouvido, lá no hospital. Pedi a você que fosse forte e me esperasse chegar, mas isso também não deu certo. Você morreu e não tive tempo de te ver.

Aí debaixo d’água você deve estar organizando festas o tempo todo, fazendo novas músicas, guiando os dançarinos, como fez comigo na primeira festa em que me levou. Você se lembrava bem dela, pois diversas vezes rimos juntos ao falar disso. Foi na aldeia Tanajura. Entrei junto com vocês na linha de dançarinos e logo passaram o tambor para a minha mão. Fiquei sem saber o que fazer, pois sabia que o tocador do tambor deve iniciar uma nova música, e eu não conhecia nenhuma. Então você se colocou atrás de mim, acompanhando-me no movimento de ida e volta da linha de dançarinos, soprando para mim a letra de uma música e me dizendo para nunca tirar os olhos do tambor, para olhar sempre para ele enquanto dançava. Fiz o melhor que pude, mas os nossos anfitriões não paravam de rir, me chamando de garça de pernas compridas, rindo do meu modo de cantar. Você não me deixou parar e seguí cantando. Ao final dessa festa vieram lhe dizer que a sua filha era mesmo Wari’ e você veio me contar, orgulhoso.

Você também deve estar casado novamente, quem sabe com a sua primeira esposa, assassinada pelos brancos, ou talvez com To’o, sua esposa pelo resto da vida? Quem sabe com as duas, como era comum no tempo da floresta? Você deve ter encontrado também o seu pai, avô que nunca conheci, igualmente assassinado pelos brancos, e sua filha, que morreu nessa mesma ocasião, também com um tiro. Provavelmente já tem outros filhos, todos crianças ainda. Devem estar te dando alegrias, pois você adora crianças. Não me esqueço do carinho e cuidado com que tratava seus netos, meus filhos, Francisco e André, quando

eram pequeninos. Tenho fotos suas abraçando-os por trás para ensiná-los a esticar bem a corda do arco e a colocar a flecha na posição certa. Lembra de uma vez que você, para treinar o Francisco, pediu-lhe que matasse uma galinha a flechadas, ensinando-o que o melhor a fazer era mirar o pescoço?

Quando cheguei ao rio Negro pela primeira vez, só a minha irmã Orowao, sua filha mais velha, era casada e havia lhe dado quatro netas. Meus outros irmãos eram todos jovens. Abrão era um rapazinho, Main Tawi e A'ain Tot, adolescentes, Davi e Ja, crianças. Eu me lembro bem de todos eles assim, especialmente de Ja que, bem pequenininha, acho que com uns seis anos, dizia que o nome dela era Ja Zero Zero, porque não tinha roupas. E quando ela foi chamada para me acompanhar até Ta' Nakot, a roça onde vocês estavam plantando milho, salvou-nos de uma tempestade construindo um abrigo de folhas com o meu canivete. Naquele tempo, minha conversa com você era ainda meio truncada, pois eu estava começando a aprender a falar wari'. Às vezes Abrão nos ajudava, traduzindo, e em outras eu ficava mesmo sem entender, e você ria do meu ar perdido. Mas isso não fazia você parar de contar histórias, tentar me fazer aprender as falas dos antigos, saber das expedições guerreiras e das festas do passado.

Bem, pai, queria te contar sobre algumas coisas que aconteceram desde a sua morte. Lembra-se das tantas vezes que pedi que você contasse sobre a sua vida diante do meu gravador? Pois, finalmente, consegui colocar as suas histórias em forma de livro, para os brancos lerem, para que te conhecessem. No início, pensei em escrever somente o que você havia me dito, mas a toda hora eu me metia na escrita, dando palpites sobre as coisas, contando sobre o que vivi ao seu lado. Então resolvi incluir no livro as minhas lembranças das coisas que vivemos juntos, suas viagens ao Rio de Janeiro, as nossas festas de Natal e *réveillon* na casa dos meus pais ou na praia, vendo os fogos, nossos banhos de mar, os concertos de música, o cinema e até o Tivoli Parque, que existia na Lagoa. Quando fomos ao parque, Francisco era muito pequeno e ficamos nós três juntos andando nos carrinhos de crianças, enquanto Abrão e Beto se divertiam naqueles brinquedos de escorregar e rodar, que nos davam medo. Pois contei isso tudo e muita gente que nunca te conheceu leu a sua história e passou a te admirar tanto quanto eu. Achei que você gostaria de saber disso.

Visitei meus irmãos, seus filhos, no final de 2017, pouco tempo depois da sua

morte. Foi muito triste o nosso encontro e choramos juntos. Davi estava bem naquele momento e fiz um bolo de aniversário para ele, que comemos na casa de Abrão. Pouco tempo depois, já no Rio, recebi a notícia de sua morte. Espero que ele esteja aí com você, rejuvenescido e com as pernas curadas, capaz de andar e dançar. Os demais estão bem. Já teve mais uma filha, Maria Manoela, e agora tem uma neta também pequena, filha de Leila. Aparecida, filha de Abrão, teve mais dois filhos, que fazem companhia para a pequena Tokohwet. Os rapazes de Abrão, Jacson e Jardison, casaram e cada qual tem um filho. Um deles se chama Watakao', em sua homenagem. Os meus meninos, os seus netos daqui do Rio, estão bem e crescidos. Francisco tem uma namorada de quem gosto muito e sei que você gostaria também. Ele mora em um apartamento em Laranjeiras, que Abrão conheceu quando veio nos visitar no Natal. Virou químico, estuda plantas e remédios. André está muito alto, maior do que eu e do que o irmão, e está terminando a faculdade de História. Além disso, gosta de escrever poemas, que são quase canções.

Embora não queira lhe perturbar (acho que nem conseguiria, pois vocês só pensam em dançar aí debaixo d'água), preciso dizer que algumas coisas ruins têm acontecido. O governo mudou. Temos outro presidente e outros ministros. Nenhum deles gosta dos indígenas e por isso não impedem mais a entrada de brancos nas suas terras. Tem muito garimpeiro, madeireiro e grileiro invadindo os territórios indígenas e não se faz mais nada, deixa-se eles lá, como se fosse o certo. A Funai está sendo desmontada, com as pessoas mais competentes, aquelas que gostavam mesmo de Wari', sendo mandadas embora, substituídas por pessoas que nunca tiveram qualquer contato com indígenas, que não sabem nada de nada. Ainda não conseguimos a assinatura do presidente para o documento que preparamos juntos em 2008, para incluir em seu território demarcado as terras que eram antes de vocês. Falta só essa assinatura, pois a portaria de demarcação já foi até publicada no Diário Oficial e assinada pelo ministro anterior. Cheguei a ir a Brasília uma vez para tentar conversar com as pessoas da Funai sobre isso, mas agora me parece que seria perda de tempo. Os governantes disseram que não demarcam mais nenhuma terra indígena e estão querendo até reverter processos que estavam em curso. É inacreditável que tenhamos chegado nesse ponto. Estamos todos aqui, minha família, os amigos e os colegas que você conheceu, muito preocupados e tristes.

Antes mesmo disso o nosso Museu Nacional pegou fogo. Você foi tantas vezes

lá comigo para vermos a minha sala, os ossos nas gavetas, o grande dinossauro da exposição! Pois nada disso existe mais, queimou completamente. Parece que o fogo começou com um ar-condicionado que ficou ligado, mas só perdemos tudo porque os bombeiros demoraram a chegar e, quando chegaram, não encontraram água nos hidrantes. Como apagar o fogo? Tiveram que ir até o lago lá embaixo para pegar água e nesse intervalo o fogo se alastrou. Eu estava em casa e vi tudo pela televisão. Parecia que eu estava sonhando. Olhava para a tela e via a minha sala, com labaredas saindo. Aquele prédio lindo em chamas, tudo sendo destruído e a gente vendo de longe, sem poder se aproximar. No dia seguinte fomos lá, todos nós, ver se conseguíamos entrar ou ao menos chegar perto. Não conseguimos. Choramos abraçados do lado de fora e depois demo-nos as mãos e circundamos o Museu, como em um abraço. Como um parente queimado pelo fogo. Já faz dois anos e nunca mais tive uma sala de trabalho.

Recentemente chegou aqui uma grande doença de branco, que se espalhou pelo mundo todo, pelas cidades e pelas aldeias. Tem tanta gente morrendo, pai, que em alguns lugares precisaram construir valas coletivas e jogar lá os corpos. Os parentes não podem se despedir de seus mortos, pois os médicos dizem que eles podem se contaminar. Isso deve fazer você se lembrar da epidemia que chegou a vocês com os primeiros brancos, em 1961. Você me contou que as pessoas morriam nos caminhos, enquanto tentavam fugir da doença para se abrigar em locais frescos da floresta, perto de gente saudável. Tinham que ser deixadas nos caminhos, pois os vivos estavam fracos demais para dar a elas o funeral adequado, e acabavam sendo comidas por urubus. Essa nova doença também dá febre e pneumonia, como aquela que matou vocês, mas não se cura com antibióticos ou outros remédios e as pessoas morrem rápido, com falta de ar. Também não encontraram ainda uma vacina. Então dessa vez os brancos estão morrendo junto com os indígenas. O nome da doença é Covid-19. Chegou a nós porque uns brancos que moram longe resolveram mexer com animais da floresta, que então transmitiram a doença para eles. Você diria que eles estão se vingando, e acho que está certo. Não se pode interferir assim na vida dos animais, ainda mais capturá-los para vendê-los em mercados, como parece ter sido o caso. Não se respeita os animais, nem a floresta. Os brancos acham que eles são simples coisas, prontas para serem mortas e comidas, mas você me ensinou que não é

assim. Eles são gente, embora somente os xamãs possam vê-los assim. Por isso não gostam de serem desrespeitados e nos mandam as doenças.

Essa doença nova não é transmitida por mosquito, como a malária, mas de uma pessoa para a outra, por meio do espirro, da fala, do toque. Uma pessoa doente não pode ficar perto da outra, não pode ser cuidada pelos seus parentes, ficando à mercê dos mortos que querem vir buscá-la. Imagina o sofrimento? Se você estivesse vivo eu estaria doida aqui de longe, com muito medo de você adoecer. Mas a boa notícia é que muitos dos nossos parentes do rio Negro pegaram essa doença, mas não morreram. Abrão disse para mim ao telefone que teve muita febre, tosse e ficou prostrado. Ficou em casa, cuidado por Tem Xao' e pelos filhos, que também adoeceram, mas não ficaram mal. Parece que estão todos tomando chá de quina-quina, que tem ajudado. Acho que aquela casca de árvore que você pegava para os meus filhos quando estavam com diarreia, que é bem adstringente e dá um chá avermelhado, está sendo usada também. Ainda bem que há ainda velhos e adultos que conhecem as plantas e que os jovens estão aceitando os seus conselhos e aprendendo. Mas entre outros povos estão acontecendo muitas mortes. Morreram líderes importantes, como Aritana e Paulinho Payakã, que defendiam os indígenas diante dos brancos. E muitos professores, professoras, sabedores. Os que mais morrem são os velhos, porque têm menos saúde e logo ficam fracos. Morreram muitos deles.

Aqui no Rio de Janeiro a doença está muito forte. Não podemos encontrar as pessoas da família que moram em outras casas, para que um não contamine o outro, caso esteja com a doença sem saber. Só vejo Francisco de longe, na pracinha aqui perto, usando máscara, como aquela que fiz você usar no avião no tempo da gripe suína. Só saio para fazer compras de comida, sempre com máscara e passando álcool todo o tempo nas mãos. Está tudo muito estranho. As pessoas se evitam na rua, como se tivessem medo umas das outras. Não nos cumprimentamos, e se sorrimos, não se vê, pois estamos com a boca escondida pela máscara. Estou triste de ficar em casa, com o coração apertado por saber que tanta gente está morrendo e que o governo não faz nada para ajudar. Chego a achar que, por eles, quanto mais gente morrer, melhor.

Não posso mais dar aulas normais, só pelo computador, onde vejo somente as imagens das pessoas e ouço as imagens de suas vozes. Assim como quando

ocê falava comigo por Skype, lá da casa do Gil. Agora não precisaria mais ir à casa dele na cidade, pois tem internet na casa do Abrão e nos falamos sempre pelo celular, usando o vídeo. Às vezes fico imaginando você lá, escondido em um cantinho, pronto para aparecer e falar comigo.

Sinto muito a sua falta, pai, mesmo com o passar do tempo. Seus netos pensam muito em você também. Quando me dá muita saudade, ouço a sua voz em uma das minhas fitas gravadas e, se começo triste, acabo rindo, porque você sabia colocar graça nas coisas como ninguém. E continuo a falar muito de você para as pessoas. Quero que todos te conheçam, saibam quem você foi, ouçam as suas histórias.

Dance bastante aí, divirta-se com os nossos parentes. Quem sabe um dia vou encontrá-lo?

Da sua filha,

APARECIDA VILAÇA

De Fábio Merladet para Rafael Xucuru-Kariri



Porto Seguro, 28 de junho de 2020.

Querido amigo Rafa,

Espero que estejam bem nestes tempos sombrios de conservadorismo, pandemia, quarentena e medo.guardo ansioso o dia em que nossos filhos Alice e Apoena possam se conhecer e ser, como nós, grandes companheiros ao longo da vida!

Poderá lhe surpreender, amigo, o tema da minha carta. Em um tempo que se fala tanto sobre o Bem Viver, escrevo justamente sobre o seu oposto, convencido de que qualquer concepção de Bem Viver exigirá, por certo, uma reflexão sobre o mal viver.

Não escrevo, no entanto, sobre um mal viver abstrato e sim sobre o mal viver que, com mais ou menos intensidade, habita cada um de nós. O mal viver de que quero lhe falar é a vida que se reproduz a partir do sofrimento humano injusto. O sofrimento, tal como o prazer, a beleza e a alegria, é algo inerente à vida e, portanto, nem todo sofrimento é injusto. Um machucado causado por um acidente, um grande amor não correspondido, a perda de um ente querido, que falece após viver longos anos... por mais dolorosos que sejam, e por vezes são, esses sofrimentos não são propriamente injustos. Mas há o sofrimento de mulheres e homens que durante a noite sentem frio e fome, de crianças que se prostituem nas estradas por algumas moedas, de moradores de rua que dormem no esgoto, por ser este o único lugar seguro da polícia durante a noite, de trabalhadores obrigados a trabalharem em condições análogas à escravidão, por um prato de

comida ao fim do dia, de agricultores sem-terra, brutalmente assassinados ao lutarem por seus direitos, de mães, com os filhos no colo, assistindo aos seus lares sendo derrubados pelos tratores do desenvolvimento, de indígenas que se suicidam ao terem negadas suas terras, sua cultura e sua identidade... sofrimentos desnecessários e estúpidos provocados pela ação humana e que poderiam ser evitados se tivéssemos humanidade e compaixão com o Outro.

São injustos todos os sofrimentos causados pelas relações de exploração, opressão, exclusão e silenciamento resultantes do capitalismo, do colonialismo, do racismo e do patriarcado. Mas para que possa expandir muito além do que seria razoável o seu conforto, direitos e benefícios, o mal viver exige como sacrifício o sofrimento de outros. A dignidade e a vida de milhares de seres humanos, também da natureza, são diariamente sacrificadas para que uma pequena minoria possa manter um opulento padrão de consumo, ironicamente almejado como símbolo de realização da boa vida.

O paradoxo é que, embora possamos escrever belas e elogiosas odes ao Bem Viver, na prática, o que aspiramos mesmo é alcançar um opulento padrão de consumo às custas do que quer que seja. É ter mais, ganhar mais, produzir mais, comprar mais, viajar mais, acumular mais e poder mais, triunfando sobre os demais. Triunfar na vida, eis a imagem que eleva o mal viver a objetivo último de nossa existência...

Falamos da importância e beleza do Bem Viver enquanto mantemos intactas as relações de poder e de opressão que o inviabilizam. Quando a democracia é ultrajada por golpes de Estado, quando os protestos dos movimentos sociais são criminalizados; quando florestas são devastadas pelo fogo e pelas motosserras; quando populações negras lutam pelo direito de não serem assassinadas pela polícia e mulheres lutam pelo direito de não serem assassinadas pelos próprios companheiros; quando a política de demarcação de terras indígenas e quilombolas sofre ameaças de retrocesso; quando comunidades de pescadores tradicionais enfrentam grandes corporações que contaminam seus rios e mares; quando camponeses se erguem contra indústrias mineradoras que lhes roubam a terra; quando pequenos agricultores se opõem ao império do agronegócio para impedir o envenenamento causado pelo uso indiscriminado de agrotóxicos; quando ocupações urbanas e rurais resistem contra tentativas de reintegração de posse,

movidas por especuladores e grandes latifundiários com forte influência no sistema político e judiciário; quando moradores de rua se unem para denunciar a violência policial e os moradores de vilas e favelas se organizam para fazer frente à formação de milícias e grupos de extermínio paramilitares, onde estamos nós?

Fazemos todos parte de um sistema orientado para o mal viver e reconhecer essa condição, bem como a influência que ela causa em nossas atitudes mais cotidianas e elementares é um passo fundamental para combater as formas com que trabalhamos em cumplicidade com as estruturas injustas que nos esforçamos para criticar. Todos nós reproduzimos (ou, com nosso silêncio, permitimos que se reproduzam) ideias, posturas e atitudes coloniais, racistas, machistas e capitalistas que causam sofrimento humano injusto e os que se dizem isentos de tais práticas são, em geral, os que delas estão mais impregnados. O primeiro passo rumo ao Bem Viver está em reconhecer o mal viver presente em nossas próprias atitudes, ações e inações. Seremos capazes desse ato de autorreflexão, coragem e humildade? Seremos capazes de incorporar em nossas ações as consequências das críticas que temos produzido? Seremos capazes de assumir compromissos com as lutas sociais em defesa da vida e do Bem Viver, estando ao lado deles no momento de perigo? Seremos capazes de reduzir a distância entre o discurso do Bem Viver e a prática do mal viver? Será essa a condição para que nossos filhos possam, sem medo, se encontrar e brincar juntos?

FÁBIO ANDRÉ DINIZ MERLADET

De Ricardo Piera Chacón para Elicura Chihuailaf



Valencia, 30 de abril de 2020.

Mari mari, estimado Elicura,⁵³

Escrevo-te esta missiva, pois venho refletindo há um tempo acerca do futuro do Chile, do Brasil, da América Latina, e do nosso planeta, a *Ñuke Mapu*, a cada dia alvo de ações produto de uma força indiscriminada do capital, o qual age como se não tivesse compreendido ainda a importância de cuidarmos dela, se quisermos continuar a nossa existência enquanto espécie.

Penso na ideia do *komve mogen*, o Bem Viver, parte indissociável do *kimvn*, o conhecimento mapuche. Essa filosofia de vida de todas as cosmovisões dos povos ancestrais no Abya-Yala. O *Itrofil Mogen*, tem me dito inúmeras vezes você. A totalidade sem exclusão. A integridade sem fração. Da vida e de tudo que vive. A biodiversidade, se buscássemos um conceito similar no meu mundo ocidentalizado. A partir dessa ideia, dizia-me você, o motor da sociedade mapuche não está na busca por um crescimento econômico, mas sim, na procura pelo equilíbrio que só pode trazer uma interação baseada na reciprocidade. Uma reciprocidade tanto econômica quanto cultural e social.⁵⁴

Você defende a luta do teu povo como uma ação que é produto de uma

53. Elicura Chihuailaf Nahuelpan, escritor, poeta, ativista, pensador mapuche. Autor, entre outras obras, de *De sueños azules y contrasueños* (Chile: Editorial Universitaria, 1995; Espanha: Huerga&Fierro, 2002), *Sueños de luna azul* (Chile: Editorial Cuatro Vientos, 2008), e *Recado confidencial a los chilenos* (Chile: LOM Ediciones, 1999 e 2015).

54. Os diálogos aos quais aludo ao longo da carta, venho mantendo-os com o poeta por meio da leitura do seu livro *Recado confidencial a los chilenos*, mas também, pela leitura de artigos e entrevistas publicados em jornais, revistas especializadas e programas de televisão, além de conversações pessoais via redes sociais.

ternura, despertada pelo amor à terra ameaçada. A tarefa deve partir de cada um, me diz também você. Assumir-se de acordo com o lugar e as ferramentas que a causalidade designou a cada qual. Assim, penso hoje, a partir tanto do lugar quanto das ferramentas que me foram designados e que foram designados aos membros da minha sociedade: é realmente possível essa luta para nós?

O resumo da minha vivência durante os dias de quarentena será, então, o eixo a partir do qual tentarei explicar-lhe a minha posição, o meu estado anímico a respeito de tudo isso. Consciente de que ocupo um lugar privilegiado, material e intelectualmente falando, se comparado a boa parte dos nossos povos, tenho sentido as horas dos meus dias de confinamento passar dentro de uma certa paz.

Mas, encontrando-me longe do Brasil, onde moro há mais de vinte anos, preocupa-me, hoje, o curso que nessa terra vão tomando os acontecimentos com a chegada deste vírus que hoje nos assola. Por outro lado, em todos estes anos em que moro fora do Chile, também não tenho deixado de acompanhar os fatos que têm ido marcando a história do meu país, de sorte que, estando aqui na Espanha, acompanho, também, tudo que se passa por lá. Três frentes de preocupação marcam, então, o horizonte da minha visão.

Tem havido, no entanto, ‘um desfase’ no que diz respeito às medidas que cada Governo tem tomado, e as respectivas respostas das suas populações. Começo, então, por revisar algumas impressões, talvez animadoras, me atrevera a dizer, após os primeiros dias de quarentena a qui em Valência. As imagens trazidas principalmente pelas redes sociais mostram animais silvestres andando livres pelas ruas, parques, estradas de cidades do mundo todo. Dois condores descem da Cordilheira e pousam na varanda de um apartamento em um bairro residencial de Santiago, uma manada de elefantes atravessa tranquilamente uma estrada urbana da Tailândia, golfinhos são avistados nos canais de águas, agora transparentes, de Veneza. As cidades vão tomando traços diferentes, os mares e oceanos parecem respirar e os céus mostram-se límpidos, sem a habitual poluição citadina.

Uma interrogante surge, assim, movida pela utopia que teima em não esmorecer dentro de mim: em que medida esse momento significará uma mudança no futuro para o ser humano? As discussões de parte de pensadores de renome não demoram em emergir. O fim ou a continuidade do sistema capitalista parece

estar no cerne de todo debate. Gaston Soublette,⁵⁵ como de costume, levanta sua voz para denunciar o que está por trás de toda essa discussão intelectual: “as pessoas estão cansadas de ouvir diagnósticos meramente econômicos e políticos”, defende em entrevista ao jornal *La Tercera*, em 11 de abril de 2020. E o lado oculto de toda essa aparelhagem montada por olhares tecnicistas, que preocupa Soublette, infiltra-se em pequenos gestos que observo aqui, no seio de uma sociedade aparentemente rica e, sem dúvida, menos desigual que as nossas sociedades latino-americanas: o empobrecimento crescente da qualidade humana. Vazamentos que também se deixam ver entre as falas e ações de segmentos sociais privilegiados da nossa América Latina.

Em conversações via WhatsApp, escuto atônito pessoas de um bom nível cultural, próximas da minha vida pessoal e profissional, expressarem o que dizem ser “o nojo” que sentem do povo chinês, culpando-o da pandemia, por conta da tal sopa de Wuhan. Tomo conhecimento, no meio de uma conversação informal, do fato de que muitos dos trabalhadores que entraram em centros de saúde, para reforçar o elemento humano no pico da pandemia, foram logo “desligados”, como se diz hoje, com esse apego ao eufemismo, próprio deste sistema que mascara tudo. Gente que se dispôs a trabalhar em condições de risco, dispensada, sem maiores explicações, apenas houve melhoras na curva de contágios.

A falta de empatia demonstrada por algumas empresas brasileiras, que promovem máscaras de luxo a preços exorbitantes, a *sabendas* de que a maioria da população desse país vive com o dinheiro que a sua força diária de trabalho lhe permite. Máscaras, penso eu, que só podem ser oferecidas a uma parte ínfima da sociedade, porém, seus fabricantes sabem que haverá, sim, pessoas dispostas a adquiri-las, como uma maneira de se distinguir. O vírus não diferencia quem ataca, tem se dito à exaustão. Estaríamos todos no mesmo barco. Mas alguns insistem em viajar só se for na primeira classe.

Por outro lado, o Estado espanhol nega-se a regularizar a migração ilegal,

55. Filósofo, musicólogo e esteta chileno. Autor de *Cartas públicas: ideas y reflexiones* de Gastón Soublette (Chile: Ediciones El Mercurio, 2019), compilação das cartas enviadas pelo autor, durante mais de vinte anos, ao jornal *El Mercurio*, nas quais trata de assuntos de relevância para o bem-estar do planeta, e para o Bem-Viver dos povos.

amparado no Pacto Europeu sobre Imigração e Asilo, de 2008, deixando à deriva milhares de pessoas em plena crise sanitária, sob alegação de que o Pacto “não permite regularizações generalizadas”.⁵⁶

No Chile e no Brasil, a precariedade das condições de vida de muitos tem cobrado o seu preço. A dificuldade de se fazer frente a uma crise sanitária dessa magnitude, lançando mão de sistemas públicos de saúde em geral deficientes. A necessidade de se pensar no cuidado dos estrangeiros do qual fala Bernardo Toro,⁵⁷ traduzido na otimização dos bens públicos.

Os povos indígenas no Brasil, por sua vez, têm se visto abandonados à sua sorte. “Enquanto a humanidade se preocupa por sobreviver ao novo coronavírus nas cidades, aqueles que são tratados como subumanidades correm risco de sofrer um genocídio”, afirma a jornalista brasileira Eliane Brum, no jornal *El País*⁵⁸. No mesmo periódico, Maria Laura Canineu, diretora da Humans Rights Watch no Brasil, denuncia a manutenção de ações de garimpo e desmatamento ilegal em terras indígenas, ainda que a pandemia tenha significado uma óbvia diminuição das atividades econômicas na região⁵⁹. Enquanto isso, Bruce Albert escreve no *New York Times* para o Brasil: “A doença parece propagar-se rapidamente nos bairros pobres das periferias das grandes cidades amazônicas como Manaus e Belém, os quais já se encontravam sobrecarregados pela chegada de refugiados indígenas venezuelanos”.⁶⁰

A lista de casos reportados acerca de pessoas em situação de risco devido

56. Para ler a matéria completa, acessar: <https://www.latercera.com/la-tercera-domingo/noticia/gaston-soublette-la-gente-esta-cansada-de-oir-diagnosticos-puramente-economicos-y-politicos/ZZ5LKGE5DFDADENEWFHQA75EXI/>.

57. TORO ARANGO, Bernardo. *Ética del cuidado: el nuevo paradigma educativo. Elementos para una nueva conversación*. Ciudad de México: SM de Ediciones, 2018.

58. Para ler o artigo completo, publicado pela jornalista, em 14 de abril de 2020, acessar: https://elpais.com/elpais/2020/04/14/opinion/1586868471_128016.html.

59. Canineu publica o artigo em 26 de abril de 2020. Para leitura completa, acessar: <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-04-26/o-brasil-nao-pode-abandonar-povos-indigenas-durante-a-pandemia.html>.

60. Albert é antropólogo francês, que desenvolve há décadas investigação junto aos povos Yanomami, da Amazônia. Autor, junto ao líder Yanomami Davi Kopenawa, do livro *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Para leitura na íntegra do artigo, publicado em 27 de abril de 2020, acessar: <https://www.nytimes.com/es/2020/04/27/espanol/opinion/coronavirus-yanomami-brasil.html>.

à pandemia é enorme. Não poderia abrangê-la toda nestas poucas linhas que lhe escrevo.

Em reportagem de *Mongabay Latam: Jornalismo Ambiental Independente*,⁶¹ denuncia-se a situação de risco em que se encontra boa parte dos povos originários no Chile, devido à não interrupção do turismo, praticado de forma clandestina nesta crise, além da necessidade de muitos membros desses povos terem que continuar se deslocando entre a cidade e as áreas rurais nas quais a maioria mora, com o objetivo de garantir a sua sobrevivência. Por outro lado, a reportagem traz um possível vetor de propagação da doença entre as comunidades mapuche, o qual tem a ver com a falta de informação, o despreparo dos funcionários do Estado para se relacionarem com o teu povo e os povos indígenas em geral. “A cultura mapuche compreende a “casa” como a comunidade, pelo qual a mensagem de “não sair de casa” não chega corretamente. Eles continuam visitando-se diariamente entre vizinhos e familiares, para compartilharem o canudo para beber o chimarrão ou o copo de alguma bebida. Só recentemente as pessoas começaram a entender que não podem fazer isso”.⁶²

Assim, ao observar tudo isso acima exposto, digo a mim mesmo e lhe digo: podemos pensar em uma transformação dessa envergadura, não penso nem a curto prazo, mas, pelo menos, a mediano prazo? Trata-se, creio eu, de alinhar fino, sem atitudes apressadas, que possam vir a “descuidar” dos problemas de fundo sobre os quais devemos nos fazer responsáveis. Tecer com paciência as possíveis saídas, reconhecendo, primeiro, a dualidade que nos habita, ou seja, reconhecendo, antes de tudo, o nosso lado também ligado a esse sistema de consumo, de relações assimétricas, que destrói, para não cairmos na armadilha de pensarmos na questão como um problema de outros.

As perguntas continuam a me assaltar: quanto do que temos, do que experimentamos a diário e que é produto e mantenedor da dinâmica desse

61. Para leitura da reportagem completa, publicada em 13 de abril de 2020, acessar: <https://es.mongabay.com/2020/04/chile-indigenas-frente-al-Covid-19/>.

62. Fala do trabalhador social e professor do departamento de saúde pública da Universidad de la Frontera, na cidade de Temuco, Andrés Cuyul, a qual faz parte da mesma reportagem cujo link aparece na nota de rodapé anterior.

sistema, estaríamos dispostos a rever, a reformular nas nossas vidas? Falo de nós, os membros relativamente privilegiados, “bem inseridos” na sociedade maioritária.

Com esta pergunta, não me refiro única e necessariamente aos bens ou confortos materiais, mas também às engrenagens nas quais nós nos desenvolvemos, como pessoas membros de uma família, de um bairro, e como profissionais, membros de associações, de organizações, de instituições.

O que significaria, então, hoje, pensarmos, a partir desses pressupostos, no desenvolvimento de uma dinâmica de reciprocidade econômica, de reciprocidade cultural, de reciprocidade social? Acredito, Elicura, que nós, os membros dessas sociedades ditas maioritárias, não podemos cair no jogo ilusório e perverso de depositarmos nos povos originários, na sabedoria do seu povo mapuche, por exemplo, toda a responsabilidade pelo porvir do planeta, por uma mudança de mentalidade.

Também não creio que se trate de colhermos desse pensamento do seu povo, e tentarmos aplicá-lo sem mais na nossa realidade. Deveríamos, sim, mobilizar-nos, para pressionar pela abertura de espaços institucionais em que as decisões políticas sejam, também, pensadas e decididas por vocês, por aqueles e aquelas que vocês qualificassem para dita tarefa. Lutarmos pela implementação de instâncias de reflexão e de tomada de decisões realmente representativas de todos os povos. Mas, certamente, essa é uma luta que vocês vêm travando há muito. Cabe a nós, agora, entender que o nosso lugar é o de apoiá-los, não apenas com discursos, mas com ações concretas.

Mas a nossa participação, para não ficar apenas nesses discursos que se apropriam dessas visões ancestrais e que, de muitas maneiras, creio eu, ressuscitam a ideia do “bom selvagem,” pensada por Rousseau e usada como justificativa para inúmeras atrocidades, precisa partir de um processo autorreflexivo por meio do qual possamos ver, nas nossas natividades, possibilidades de resgate de formas ancestrais de convívio com a Terra e entre os povos. Virmos de que maneira e em que medida são elas hoje plausíveis de atualizar-se.

A recuperação dos costumes antigos dos povos, creio eu, não precisa ser apenas a retomada de costumes dos povos entendidos hoje como povos originários, pois todos, me diz você, Elicura, temos algo de nativos no sangue dos nossos ancestrais, nas suas histórias, nos seus costumes. Falo talvez da recuperação de formas de

viver que privilegiam o pequeno comércio de bairro, a pesca artesanal, o cuidado das nossas frutas e hortaliças, ou a preferência pela grande feira dominical em vez da loja da cadeia de supermercado próxima de casa. Resgatar quiçá o tempo para conversar, o diálogo como uma possibilidade de escutar mais do que apenas falar, ouço você dizer. O respeito e a participação ativa nas organizações de bairro, que podem nos provocar um sentimento de segurança e de cuidado, para conosco e com os demais, como me diz Bernardo Toro.

Muitas dessas ações têm aflorado ou se reforçado durante estes tempos de crise sanitária. Apesar de não sempre estarem presentes essas notícias entre aquelas que interessa veicular aos grandes meios de comunicação. Privilegiar, então, o jornalismo independente, mas também a informação que circula entre vizinhos, poderia, quem sabe, nos fortalecer nesse sentimento de que talvez seja possível, sim, pensarmos em um mundo outro, no Bem Viver.

Por outro lado, as relações sociais que desenvolvemos na própria academia precisam também mudar. Precisamos refletir acerca da ideia de que o conhecimento pode ser construído também de boca em boca, de ouvido em ouvido, dando valor ao saber que provém da prática ou da tradição passada de geração em geração, sem tanta certificação ancorada em citações e currículos obrigatórios. Aceitarmos que aquilo que nos diz um homem ou uma mulher que sabe acerca de um determinado assunto ou fenômeno, não por ter “estudado” a respeito, mas pelo conhecimento que a vida, a experiência têm lhe dado, deve gozar de uma validade tão forte quanto aquele conhecimento que pode nos chegar pela via do estudo. Saberes não necessariamente certificados por processos acadêmicos.

Então, pergunto-me, estimado Elicura: o que significaria isso para nossas vidas, as vidas daqueles que estamos dentro de um certo patamar de conforto, pois vivemos com privilégios que poucos têm, situados em lugares estratégicos da academia, da institucionalidade? De quanto disso estaríamos dispostos a abrir mão, claro que não totalmente, mas uma parcela disso, para que outras dinâmicas pudessem se estabelecer, mais horizontais e menos verticais? As perguntas vão em direção ao mundo acadêmico e institucional, mas servem elas também para ponderarmos o quanto poderíamos transacionar das nossas existências sociais e culturais, para termos um país, um continente, um mundo em que as diversidades não só “caibam”, mas ainda possam elas usufruir dos

benefícios da vida em comum.

A cota que cabe às instituições e aos Estados é fundamental. Mas a nossa parte consistirá, penso eu, em começarmos os nossos processos internos de mudança, para que, assim bem providos, possamos pressionar devidamente, para que políticas públicas e institucionais sejam efetivamente postas em andamento. E implementadas a partir de vivências ancoradas no paradigma do cuidado trazido por Bernardo Toro.

O saber do seu povo, Elicura, é fundamental. Mas não bastará nunca se nós não fizermos dos nossos pensamentos ligados ao Bem Viver, mais do que uma ideologia ou uma política pública, uma maneira de viver, está me dizendo você.

Por isso, tenho me perguntado, insisto: quanto de nós estamos realmente pondo, quanto de nós podemos efetivamente entregar, para que essa mudança possa vir de baixo, do íntimo de cada um, como toda mudança que costuma se manter e consolidar no tempo.

Igual a você, sinto-me cético, estimado Elicura. Mas “não desisto”, penso ao ouvir a voz do nosso *adelantado* Mario Benedetti.

RICARDO PIERA CHACÓN

O Bem Viver em nossas/outras comunidades



SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.



De Milena Britto para seus parentes



Salvador, Bahia, 6 de julho de 2020.

Meus parentes,

Passei anos imaginando quem vocês seriam, que língua falavam, como comiam. Cheguei até a inventar vocês. Inventar não, acho que fantasiar é a palavra certa. Fantasiei sobre vocês. Até *me fantasiei* de vocês na escola, envergonhada confesso, naquela situação que hoje sabemos ser fruto do racismo que cristaliza imagens distorcidas e deslocadas de contexto.

No início, a minha imaginação partia das imagens estereotipadas dos livros, depois foi mudando a partir de pedaços de imaginários que fui aprendendo a desvendar enquanto descobria a história de violência contra vocês. Até que me dei conta de que uma dessas violências foi e continua sendo o silêncio. A invisibilidade imposta e cultivada é tão cruel que muitas vezes nem nos permite sentir a ausência, essa falta sobre as suas vozes, os seus sonhos, as suas lutas, os seus sons, os seus traços, os seus desejos. E eu descobri isso aqui pertinho de mim, aqui dentro de casa. Hoje sei que essa é a história do Brasil, a nossa história pessoal e coletiva erguida sobre a violência do silêncio.

Descobri que o silêncio arranca pedaços da gente, nos deixa desmemoriados, sem passado, ou melhor, nos deixa mutilados, com uma espécie de saudade de nossos parentes cujo rastro perdemos. Vou contar a vocês o que aconteceu com a memória dos meus antepassados diretos, porque assim conto a vocês um pouquinho de mim.

Eu tinha uns sete anos quando comecei a querer saber quem eram os meus

avós. A minha mãe, pelo que minha memória guarda, nunca tinha falado nada sobre isso. Nem meus tios e tia, nem meus primos. Também não sabia nada sobre quem eram meus avós paternos. Mas, pelo menos da parte de meu pai, eu lembro de ele falar com orgulho de que o seu pai e a sua mãe eram pessoas admiráveis, que eram “família de bem”, que eles eram, inclusive, contra a vida errante que meu pai levava, dizia ele próprio. Meu pai contava que seus pais eram do interior de São Paulo, onde ele foi criado, mas que ele nasceu no Espírito Santo. Só sei isso de seu passado.

O meu pai era o que a sociedade racista chama de mulato, de crioulo, de moreno jambo e todos os adjetivos que escondam a palavra negro. Então, apesar de não ter conhecido e não saber também quase nada desses avós paternos, eu convivi com uma ideia sobre eles, e eles serem negros sempre foi um ponto de força para o meu pai, portanto, para mim isso ficou protegido. Não os conheci porque, quando eu tinha 12 para 13 anos, os meus pais se separaram e eu nunca mais vi ou soube de meu pai, uma parte de uma história longa e sofrida. Mas a dor que conhecemos é fácil de nos curarmos dela. A história hoje é outra: o que não é fácil é lidar com os vazios, os silêncios, o proibido.

Curioso o que a narrativa sobre nossos antepassados nos provoca. Como meu pai deixava uma e outra coisa sobre sentir orgulho de seus pais, acho que de alguma forma internalizei que sabia algo deles, embora de fato soubesse praticamente nada.

Mas nada se compara ao silêncio por parte do meu lado materno. Faltava algo enorme de meu passado. Perguntei a minha mãe, quando tinha uns sete anos, onde estavam o pai e a mãe dela. Minha mãe, que nasceu em 1945, contou-me que era órfã, que aos seis anos perdeu a mãe e aos sete perdeu o pai. Ela deve ter me contado de forma séria ou, de algum modo, eu devo ter achado que doía ela ter perdido o seu pai e a sua mãe ainda tão criança e não perguntei muito naquela altura. Ela também nunca tocava neste assunto. Ao longo dos anos, entretanto, enquanto eu crescia, sentia vontade de saber mais quem eram esse avô e avó. Senti que não conhecer nada sobre eles era desconhecer a mim mesma. Perguntei então à minha mãe, outra vez, quem eram, como eram seus pais, de onde eles tinham vindo. A resposta dela foi a mesma e única resposta que encontrei perguntando o mesmo à minha tia e aos meus tios, irmãos da minha mãe: disse

não se lembrar de quase nada, apenas que seu pai era português, muito mais velho do que a sua mãe, enfatiza que até poderia ser o avô dela, que era viúvo antes de se juntar à sua mãe, que tinha muitos filhos adultos do casamento anterior e que um desses meio-irmãos a havia criado quando ficou órfã. Contou que a mãe dela era uma “cabocla”, que não tinha nenhuma lembrança dela, que morrera de alguma enfermidade relacionada a complicações de alguma gravidez. Acho que eu não entendi, naquele momento, o que anos mais tarde passei a entender. A palavra cabocla escondia um tabu. Era um signo carregado de sentidos e, principalmente, carregado de preconceito, de racismo.

Pois, meus parentes, eu tinha uma avó “cabocla” e, mesmo que eu não soubesse ainda, eu tinha sido proibida de conviver com a memória dela, porque a sociedade, sobretudo naquela época, a proibia, a silenciava sob o manto do preconceito. Minha mãe silenciou sobre a sua mãe porque aprendeu que era algo negativo. Não alimentavam essa memória para ela, não narravam e não a deixavam falar nessa mãe. Uma “selvagem”, era o que deixavam escapar para ela, desde que era pequena. Ela dizia com um misto de vergonha e tentativa de justificar algo: “sua avó era cabocla, gostava de andar descalça, gostava de mato, de plantas”. E acabou aí.

Anos e anos se passaram, meus parentes, e eu aqui no mesmo lugar daquela menina de sete anos que queria saber de onde veio, quem eram as suas e os seus: a minha vontade de conhecer minha história, de conhecer vocês, ainda segue.

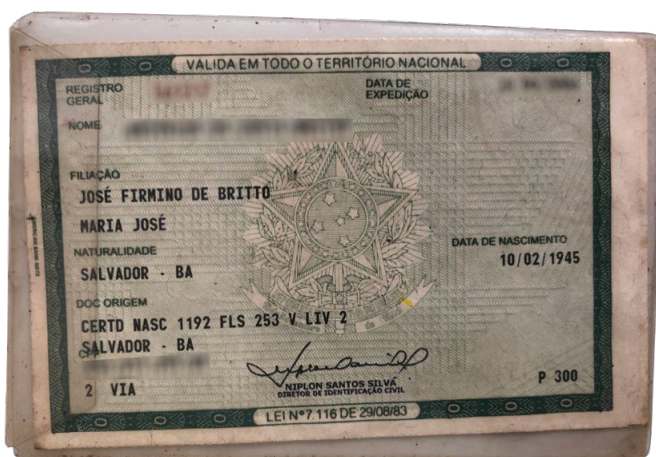
Sempre me fascinou e ao mesmo tempo me apavorou esse silêncio, infelizmente, bem sucedido. Por um lado, me perseguia a curiosidade infinita sobre quem era essa avó, a que povo pertencia, como falava, de que gostava. Por outro, como ninguém falava nada e eu nada sabia, fantasiava com ela, tentava imaginar a sua casa em alguma aldeia indígena antes de se juntar a esse português.

Um dia qualquer perguntei à minha mãe como se chamava a mãe dela. Eu ansiava por materializá-la, usar um nome para conversar com ela em minhas fantasias. Minha mãe decepcionou a minha expectativa por algum nome indígena ao responder pura e simplesmente: Maria José.

Eu ouvi esse nome cristão e fiquei confusa. Maria José de quê?

Maria José. Assim, sem sobrenome. Sem nome também, pois, agora, sei bem que esse batismo violentava e escondia os povos indígenas, subjugava-os, apagava-

os da nossa memória. Hoje eu vejo esse nome cristão sem sobrenome no R.G. da minha mãe, quando a levo a consultas médicas, e ainda me choca tamanha violência: não podiam ser indígenas, mas também não podiam ser brancos. Deixavam para eles a marca impressa de uma origem indevida, proibida, perdida, suspeita. Sem sobrenome, como se família não tivesse, como se história não tivesse. O nome cristão como referência, depois de terem apagado o pertencimento ao povo de minha avó, deixa inscrita a origem não desejada pelo pensamento colonial.



(imagem do R.G da minha mãe)

Não conseguiram, contudo, apagar essa presença. Onde havia silêncio, houve preenchimento com possibilidades. Mesmo que tentem todas as formas de apagar a presença indígena, ela permanece. E isso é nosso triunfo.

Os meus traços físicos são o resultado dessa conhecida mistura de branco, negro e indígena. Ouvia desde criança as pessoas falarem do meu nariz, como obviamente algum traço notado como denúncia de algo que até hoje nem sei exatamente o que é. Mas imagino. Nunca tive problemas com a minha mistura,

meus cabelos cacheados, meu traços. Acho que sempre gostei de carregar muitos em mim. Saber dessas ancestralidades tão 'brasileiras', ter sangue indígena, negro e português sempre me deu orgulho. Nunca tentei me embranquecer como era comum, aparentemente, em parte daquela família materna cuja porção portuguesa obviamente dominou a narrativa e apagou uma mãe indígena.

Só na narrativa, pois minha avó sempre existiu para mim. Eu não a recusava, eu a procurava. O meu problema foi outro: a vida toda eu senti uma falta, uma curiosidade e um desejo de conhecer jamais preenchidos. Tentei saber mais de minha mãe, hoje uma senhora idosa de memória falha, sobre a minha avó. Uma pista, um sinal, uma dica. Sei apenas que ela vivia no litoral norte, na região entre Barra de Pojuca e Itacimirim. Uma vez minha mãe deixou escapar que com esse pé enorme, que ama estar descalça e com esse amor infinito por plantas, eu teria puxado a minha vó Maria José. Espero que sim.

Eu queria poder dizer algo especial para essa avó cuja memória sequer me deixaram. Nenhuma pista eu tenho para ir atrás. Queria dizer que hoje sei mais sobre ela porque sei sobre o Brasil, sei que os brancos tentaram apagá-la, cristianizá-la, arrancar sua língua, sua liberdade, sua história. Mas que os parentes dela não deixaram e que a luta segue. Eu aprendi que minha avó não desapareceu. Seu espírito está na natureza, na terra, na água, nos sonhos, no meu sangue. Está com seus parentes que hoje narram outra história.

Queria dizer para ela que, mesmo que a tenham silenciado, eu jamais a esqueci. E que mesmo sem saber quase nada dela, e, portanto, de mim mesma, eu a sinto aqui comigo; que mesmo que tentaram esconder essa mulher indígena que andava de pés descalços, eu a vejo em todo lugar, correndo e subindo árvores, cuidando de plantas como eu mesma faço. Aliás, talvez eu converse tanto com minhas plantas para conversar com ela. Eu a tenho em mim porque sou ela do mesmo jeito que sou os outros avós. Só que agora não a calam mais. Hoje sou professora da Universidade Federal da Bahia e tento colaborar com a luta contra esses mecanismos ainda tão poderosos de epistemicídios. Tento brigar contra essa narrativa única que tem apagado seletivamente algumas vozes.

Despeço-me, por agora, parentes, sabendo que a luta de vocês segue forte e que uma coisa a mais chegou pelos brancos para tentar deixar vocês ainda mais vulneráveis: a Covid-19. Desejo do fundo de meu coração que vocês resistam, que

lutem, que se protejam, já que, além de tudo, um presidente branco e fascista tenta fazer o vírus letal acabar com vocês ainda mais rapidamente. Sei que ele não vai conseguir, embora as perdas já nos machuquem. Estou pensando em vocês e em minha avó, e o que puder fazer, com minha consciência política e histórica, e o respeito pelos meus ancestrais, eu o farei. O silêncio jamais vai apagar essa memória. Por isso agradeço, nesta carta, todos os esforços de vocês por resistirem ao apagamento. Agradeço as lutas, as narrativas, as tradições guardadas. Sonho com esse futuro onde as netas e netos vão ter direito a conviver e conhecer as histórias de seus avós, direito à memória desses avós índios, negros, que o branco sucessivamente tenta apagar. Que a luta se amplie.

SUA PARENTE MILENA BRITTO, NETA DE MARIA JOSÉ, CHAMADA DE CABOCLA PELOS SEUS DESCENDENTES DIRETOS, CUJO RASTRO FOI APAGADO DA HISTÓRIA, MAS QUE EM MIM VIVE.

De Rosinês Duarte para Eva, sua filha



Salvador, 09 de agosto de 2020.

Minha amada Eva,

Ao começar a rabiscar essa carta, a primeira questão que me veio à tona é por que eu escolhi minha filha mais nova para escrever uma carta sobre o Bem Viver? Sendo eu mãe de dois filhos: Davi e você, sendo você a mais nova, de apenas 3 anos. Por que te ter como interlocutora? Por que não escolher Davi que tem 9 anos e já tem uma maturidade intrigante para entender as tantas complexidades da vida? Sim, essas questões me inquietaram. Escolhi você, porque num tempo não cronológico, parece ser você a mais velha. Porque, por ser mulher negra, você precisará acolher com mais avidez os conselhos que exponho aqui, porque você precisará voltar, com mais frequência à sua baobá.⁶³ Para que você, minha filha, use da melhor forma as palavras materializadas nesta carta, sim, a palavra escrita permanece viva por muito tempo, esta carta é uma pouca da memória de sua ancestralidade materna. Tudo que sei de minha família, dos que vieram antes de mim, foi sua avó Val quem me contou. Para todo ditado que ela dizia,

63. Baobá: árvore que liga os mundos. Utilizo essa metáfora para falar da necessidade de ter algo ou alguém que estabeleça sempre a sua relação com o lugar de onde você veio, com uma memória ancestral; para que você não se perca no caminho que escolher trilhar. Ela é a mais velha árvore do Iroco, a que guarda o seu espírito. Para as mulheres, representa a sua ligação com seus ancestrais. Considero, portanto, a baobá como símbolo da minha ligação com meus ancestrais, um ser, um momento, um objeto que me conecta com as minhas mais velhas. A minha baobá é minha mãe, sua avó Valdelice. Descubra quem ou o que será a sua baobá.

tinha uma memória de família, sacralizando aquelas palavras, sempre oralizadas, nada escrito. Então, te deixo aqui um bocadinho de minhas memórias e uns poucos conselhos para o Bem Viver. Essa carta é endereçada a você, mas vai perceber que ela dialoga com muitas meninas e meninos negros. Espero que ela seja alento, seja lembrança e, de alguma forma, seja encorajamento.

Começo te contando quem eu sou, de onde eu vim, qual o meu lugar de pertencimento. Eu sou Rosinês de Jesus Duarte, sou mulher, negra, cis, hetero (um dia você vai saber por que dizer tudo isso), mãe de dois filhos: você e Davi, sou filha de Valdelice Santos de Jesus, neta de Camila Maria de Jesus, bisneta de mãe Ancelma (não consegui até hoje saber o nome completo de minha bisavó). Acho que essa é a primeira violência sofrida por uma mulher negra: geralmente, a nossa árvore genealógica é resgatada até a avó, no máximo até a bisavó. Insistem em apagar a nossa memória, de todas as formas. Eu cresci no subúrbio ferroviário de Salvador, na Bahia, no bairro de Plataforma, mais especificamente, no São João do Cabrito. Minha pequenina, você não sabe o que isso significa, talvez, nunca saberá, eu trabalho todos os dias para que você e seu irmão não conheçam as dores desse pertencimento, mas aprendam a beleza e a força de saber de onde vêm. Eu demorei muito tempo para entender que havia força nessa origem. Por muito tempo, tive que esconder meu endereço para não ser ainda mais discriminada.

No entanto, foi nessa minha aldeia que me tornei mulher negra, isso não se pode apagar, nenhuma violência racista tira isso de mim. Nesse lugar, eu aprendi a força do trabalho em comunidade, aprendi a fazer amigos para a vida toda, aprendi que enquanto tiver um irmão passando fome, não podemos comer um pão em paz, aprendi que a fé de uma jovem periférica nasce com ações em prol do bem-estar da comunidade. Por isso, desde os 13 anos, quando comecei a participar de algumas ações na Comunidade de São João do Cabrito, eu não me conformo em comer o pão sozinha, em sorrir sozinha: aprendi que o pão e a alegria têm de ser partilhados e precisa ser de todos. Eu sempre fui desconfiada, não sirvo para ser religiosa, hoje sei disso, mas aprendi muito participando das ações na comunidade, junto com pessoas que até hoje admiro: Padre Joaquin do Kenia, Irmã Mônica da Tanzânia, Irmã Maria José daqui do Brasil e meus companheiros de grupo de jovens. Sabe o que é intrigante, Eva? Eu trabalhei

muito na comunidade como integrante do grupo de jovens, participei de ações formativas promovidas pelo padre Joaquim e pelas freiras acerca de questões raciais, tinha consciência da dureza de ser mulher negra numa sociedade tão machista e racista. Nesse cenário, parecia que existia um limite pré-determinado do que se podia alcançar: o máximo que conseguiríamos profissionalmente era ser caixa de supermercado ou professora primária nas pequenas escolas do bairro. Não há nada de mal em ter nenhuma dessas duas profissões, mas eu queria experimentar outra direção, queria conhecer outros espaços.

Minha consciência de mulher negra aguçada pelas ações em comunidade me levou a querer entrar num espaço ainda pouco habitado por minha gente: a universidade. Então, quando terminei o antigo segundo grau, hoje ensino médio, enquanto não encontrava emprego, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal da Bahia. Eu sempre gostei das palavras, seja ela escrita ou oralizada, lidar com a palavra me encantava, eu achava que pela palavra eu poderia libertar as pessoas de suas próprias prisões. Por isso, achei que faria jornalismo, mas no último dia de inscrição no vestibular, eu preferi transformar em primeira opção a área que estava em segunda: eu acreditei que em Letras eu alcançaria a palavra em todas as suas facetas, com todo o seu poder, além de acreditar que era mais fácil a sociedade aceitar uma professora negra do que uma jornalista negra.

A partir desse momento, me dei conta de que ser negra pode tornar as coisas mais difíceis, entendi por que eu não era escolhida para ser vendedora de lojas que exigiam boa aparência, por que eu não havia sido selecionada para nenhuma vaga a que concorri, todas para atendimento ao público. Eu era uma mulher negra que estava ousando sair da minha redoma. Na minha comunidade, a maioria das mulheres era negra como eu, eu não era diferente, mas ao sair de Plataforma para procurar emprego, percebi que a cor da minha pele, o meu endereço, eram sempre um pré-discursivo que testemunhava contra mim. Contudo, na Universidade, percebi também que o conhecimento poderia ser uma saída para enfrentar o racismo. Não acaba com ele, apenas te dar instrumentos eficazes para enfrentá-lo. Eu era uma menina negra numa universidade pública, considerada a melhor do Estado da Bahia, ou seja, em 1999, quando entrei, mesmo estando no curso de Letras, eu era uma exceção. Ah, Eva, ser exceção nesses espaços privilegiados da sociedade é a maior materialização do racismo estrutural

que invade cotidianamente as nossas portas. Na universidade, os professores nunca esperam o melhor de você e se surpreendem, sem constrangimento, com a desenvoltura de uma negra. Nos primeiros anos da Universidade, eles nem percebiam que eu sabia falar, porque eu era introvertida naquele espaço que parecia não ser o meu, falava pouco e, nas aulas, falava nada. Só escutava e anotava tudo que podia. Era um mundo novo que se abria nas páginas do meu caderno. Venci essa barreira, comecei a entender como funcionava a universidade e descobri um espaço que, naquele tempo, ainda era pouco habitado por gente como eu: a pesquisa na universidade. No grupo de pesquisa, experimentei a universidade de outra perspectiva e me convenci de que aquele lugar também poderia ser meu, eu também poderia ser parte integrante daquele espaço, eu não era um corpo fora de lugar, mesmo que muitas cenas cotidianas me incitassem a entender o contrário. Entrei em 1999 e de lá nunca mais saí. Hoje sou professora doutora na mesma Universidade que estudei e continuo acreditando que pequenas ações para as comunidades mais vulneráveis podem melhorar o mundo. Descobri que o meu corpo poderia ocupar vários espaços na sociedade.

Ainda durante a graduação, por ter aprendido a gostar daquele espaço, eu queria que todos os meus irmãos de cor experimentassem isso também. Com essa ânsia de deixar de ser exceção, eu dei aulas em vários cursos pré-vestibulares de diferentes ONGs em bairros da periferia de Salvador, inclusive em Plataforma. Esses cursos tinham como público alvo pessoas carentes que me refletiam no espelho: gente preta, pobre, sedenta de conhecimento, não conformada em ser aquilo que a sociedade dizia que elas eram, todos os dias nos jornais, na TV. Eis, então, minha filha, uma importante ação humana para o Bem Viver: o conhecimento. O conhecimento, Eva, te impulsiona a falar, é motor para erguer a voz, te ajuda a perceber os inúmeros mecanismos do racismo cotidiano – porque ele sempre vai encontrar o seu corpo. Lembro-me de que certa vez na Universidade, uma professora insistiu comigo que os desvios da norma padrão do português que ela havia sinalizado em um texto escrito por mim e por um colega branco eram meus e não dele. Ela apontava a parte que o colega e eu sabíamos que havia sido escrita por ele, dizendo que tinha certeza de que aquela parte tinha sido escrita por mim – sim, filha, o conhecimento te ajudará a enfrentar essas cenas que, infelizmente, ainda são corriqueiras. Por tudo isso, Eva, te digo:

tenha sempre um lugar para voltar, para recarregar suas energias, para manter vivas suas memórias, um lugar em que pode fincar seus pés e encontrar as mãos de suas mães velhas, busque a sua baobá. Minha baobá é minha mãe. Ela, com suas histórias e com seu exemplo, tem sempre uma palavra encorajadora, ela transmite tanta força, é energia sempre renovada.

Todas as vezes que você tiver necessidade de conectar-se à sua ancestralidade, busque a baobá que se encontra dentro de você, a partir das dores de sua tataravó, da coragem de sua bisavó, da determinação de sua avó e da perseverança de sua mãe. O Bem Viver para uma mulher negra é saber que existe um reino de outras mulheres que vieram antes de você, que elas abriram e construíram caminhos para que você pudesse trilhar com mais liberdade o seu percurso hoje, é saber que existimos a partir de uma história bem anterior aos horrores da escravidão, por mais que insistam em apagar isso, a história do nosso povo não começou na escravidão. Não deixe que apaguem essa memória em você. Como afirmou Bárbara Carine P. Soares, a mamãe de sua amiga Ianinha: “Trazemos em cada uma de nós os acúmulos de todas as outras. Somos individualmente grandes quilombos ancestrais”.⁶⁴ Ouvi outro dia, da professora Lindinalva Barbosa que nas comunidades tradicionais africanas ou nas que se originaram delas, as pessoas têm um hábito de reunir-se em torno de uma árvore, para se fortalecer; elas se reúnem para lembrar, para rememorar ensinamentos, histórias, afetos, com esse intuito de se fortalecer.⁶⁵ Por isso, será preciso nunca perder de vista a sua árvore, a sua baobá. Lembre-se de que é preciso que você se sinta parte da árvore. Nunca abandone a árvore que te conecta com suas origens: você é uma mulher negra, sua avó teve de carregar água na cabeça, lavou roupa de ganho e limpou cozinhas de terceiros para que eu pudesse ter a escrita como um exercício de poder e usá-la como forma de estar no mundo. Você, Eva, pode ir ainda mais longe, a minha geração de mulheres negras está lutando para que a sua geração

64. SOARES, Bárbara Carine Pinheiro. @*Descolonizando_saberes*: mulheres negras na ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências.

65. BARBOSA, Lindinalva. Informação verbal. *A luta das mulheres negras pela educação para as relações raciais*. Femenagem a Luiza Bairros. Mesa Redonda. 21/07/2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/colet.luizabairros/posts/3044499552337528>>. Acesso em: 21 out. 2020.

possa ter escolha.

Hoje, ano 20 do século XXI, nosso povo ainda luta para sobreviver. Não aceite que maltratam o seu povo, acolha, proteja e lute com os seus, pelos seus, não aceite nenhuma injustiça, nunca, nem contra você, nem contra ninguém. Como nos ensinou Luisa Bairros: “uma sobe e puxa a outra”. Portanto, enquanto uma mulher negra estiver sendo morta a cada 23 minutos, enquanto meninos negros forem assassinados pelo Estado que perpetua o racismo estrutural de cada dia, a sua árvore não estará integralizada, enquanto estiverem arrancando folhas de nossa árvore, lute para restabelecê-la. Eu queria muito poder te dar outros conselhos, como: cultive flores, tome banho de sol, mergulhe no rio, mergulhe no mar, escale montanha. Eu espero que você possa fazer tudo isso também, mas... enquanto formos o alvo, o conselho para o Bem Viver é sobreviver, fuja do alvo, tire seu irmão do alvo. Sobrevivam! Esse é o primeiro passo, infelizmente.

Depois disso, viva de forma plena, lembre-se: você não tem de dominar a Natureza, você é parte dela. Então, gaste apenas o necessário, recicle tudo que for possível, compre do pequeno produtor, não aceite financiar a indústria e o comércio que mata, que escraviza, comprando os seus produtos. Sempre que der, olhe o mar e mergulhe no reino das águas. Seja mais colaborativa que competitiva. E o mais importante: não tente ser forte o tempo todo. Essa ideia de força inesgotável do povo negro é só mais uma das multifaces da violência perpetrada sobre o corpo e a mente do nosso povo. A colonização de terras ameríndias desumanizou os donos dessas terras, lhes tiraram o direito de ter alma e, ao tirar nossos ancestrais de suas terras de origem, através dos horrores da escravização, fizeram o mesmo conosco. Portanto, não precisa ser forte o tempo todo, não há problema nenhum em ser vencido. O problema é estar do lado dos vencedores, praticando injustiças.

Oh, minha pequena, como eu queria estar escrevendo esta carta num momento menos triste, acho que os conselhos seriam os mesmos, mas o tom de certa desesperança, talvez não atravessasse todas as linhas da carta. Hoje, nesse domingo de inverno, completamos 144 dias confinados dentro de casa, tentando nos proteger e cuidar dos outros, evitando a circulação de um vírus letal. Você ainda não tem consciência do que estamos enfrentando agora, para você, hoje com apenas 3 anos, você não está indo para a escola ou passeando na casa da

vovó, no parque etc. porque tem muitos bichinhos na rua que estão deixando as pessoas doentes. Sim, esse bichinho, como você já sabe, se chama coronavírus e, ontem à noite, aqui no país, atingimos a triste marca de 100.543 mortes causadas por ele. Eu não sei o que a história oficial se encarregará de contar, mas eu te adianto aqui: temos um presidente desumano que manda o povo “tocar a vida”, nas vésperas de atingirmos essa triste marca de 100 mil mortos; já estamos no terceiro ministro da saúde, todos trocados pelo presidente durante a pandemia. Estamos desgovernados, somos 210 milhões de pessoas sem um líder que se possa respeitar.

Hoje, minha pequena Eva, não podemos mergulhar no mar com segurança, não podemos respirar o ar livre sem usar máscaras, não podemos abraçar nossos entes queridos, não podemos encontrar pessoalmente nossos amigos. Por isso, finalizo essa carta com esse último conselho: distribua amor, receba amor sem medo e dê abrigo dentro do seu abraço para quem você quiser, para quem precisar. Carregue sempre contigo a utopia de um mundo melhor. Enfim, busque estratégias para viver bem, sem nunca esquecer de que o seu bem não deve custar a vida e o bem-estar de ninguém. Esses são alguns conselhos, mas como acredito mais no exemplo do que no conselho, seguirei aprendendo e buscando fazer tudo isso que te disse aqui, para que nós experienciemos todos esses exercícios para o Bem Viver juntas, de mãos dadas.

ROSINÊS DE JESUS DUARTE

Mãe de Davi e Eva

De Mara Vanessa para Iara e Maria Rita, suas filhas



Salvador, 01 de setembro de 2020.

Queridas filhas,

Aos vinte anos, saí em busca do segredo dos filhos de Maíra, o segredo de uma certa alegria de viver que me parecia passar longe de nossa angústia ocidental. Eu via nosso mundo caminhar para o abismo e, com a radicalidade sagrada da juventude, saí em busca do meu graal. Uma longa jornada que venho fazendo por toda a vida.

Essa busca me levou aos Maxakali, aos Pataxó, aos Krahô, aos Nambikwara, aos Huni Kuin, aos Aymara, aos Quéchua, a tantos povos indígenas raízes da Abya Yala (Terra Viva, Terra em Florescimento, nome pelo qual os povos indígenas preferem chamar a América). Viventes forjados em outro barro: aquele que reconhece a mãe de onde saiu. Aqueles que se sabem seres entre outros seres, todos com o mesmo direito no colo da mesma mãe.

Minha viagem foi para fora e para dentro. Me coloquei à disposição da experiência – o mergulho. Fui estrangeira nos Territórios Indígenas, consciente dessa diferença e agradecida pelo acolhimento. Pensava que, vivendo junto, o mais próximo possível, poderia captar aquele segredo que curaria minha angústia civilizacional.

Aos poucos fui descobrindo que a angústia não seria curada dessa maneira e que o segredo não tinha como ser compartilhado, porque partíamos de bases muito diferentes: aqueles povos vivem no diapásão do coletivo, embora com profundo respeito por cada indivíduo; enquanto nós, ocidentais, vivemos no compasso do cada um por si. Eles vivem no tempo da natureza; nós, no tempo

do relógio. Eles sabem que tudo é metamorfose, que o mundo está sempre em trânsito – os vários mundos do mundo - e que nada é estático; nós buscamos o sempre, queremos o fixo, tememos a transformação e só reconhecemos um mundo, ao qual chamamos realidade. Tudo que eles fazem é com beleza e é prático, tem uma finalidade, e essa finalidade muitas vezes é absolutamente incompreensível para nossa mente cartesiana. Viver a vida com beleza, compreendendo que o caminho é uma sequência de momentos rituais, nos quais o mito se recria e o mundo é reiniciado, é bem diferente de nossa expectativa ocidental de estudar e se preparar para entrar no mundo produtivo como objeto de desejo. Saber-se pessoa completa porque parte de um corpo coletivo, sem o qual a existência individual não encontra a completude, é distante de nossa experiência de buscar o eu, o meu, o sucesso, o êxito, vencendo competições pela vida afora.

Tenho pensado em como lutamos contra o tempo; encaramos o tempo como um inimigo e não como um aliado. Nosso tempo nunca tem tempo; vivemos de pressa, de correria, de pensar continuamente no amanhã, no depois de amanhã, no futuro que nunca chega, porque nosso movimento é sempre de falta, de ausência, de subtração. Nas aldeias, com as pessoas indígenas, vivi imersa na vida da completude: o momento do banho – o mais alegre! - a atividade diária comandada pela necessidade, pelo desejo ou pelo sonho, as festas que duravam dias inteiros, os ciclos rituais preparados por meses, a comida de cada dia sendo buscada, preparada, repartida e compartilhada, as excursões de pesca, os acampamentos de coleta, tudo enquanto podia durar; depois, era outra coisa, outro dia, outra ação, sem desejo de manter o que passou e sem antecipação do que poderia vir.

Acho que essa forma de lidar com o tempo, regulada pelo sol, pela lua, pelas festas e rituais, é uma das bases do Bem Viver. Saber-se filha da terra, e não dona dela, faz toda a diferença. Não ter vontade de correr e se apressar porque não existe razão para isso – afinal, todos corremos para a morte e a vida é para ser vivida todo dia, completamente. Uma vez, quando lhe comentei que estava preocupada com o futuro de seu povo, o velho Lourenço Nambikwara me disse: “Estou muito preocupado com o futuro de vocês, brancos. Vocês sabem para onde vão, quando morrerem? Porque nós, Nambikwara, sabemos.”

Mas o plano colonial e genocida deste país não pode permitir que os mundos dos povos indígenas permaneçam, floresçam e contaminem outros coletivos, em

nosso devir indígena, em nosso evoluir para índio. O caminho colonial, que é o de exterminar os indígenas, “integrá-los”, pode ser revertido: por que os indígenas teriam sempre que deixar de ser indígenas e tornarem se “brancos”? Por que não podemos, brancos, negros, pardos, cis, heteros, gays, trans, caminharmos no sentido de nossa indianização?

A resistência indígena é assombrosa e permite um vislumbre: a semente não morre. Rebrotar nos territórios, todos sagrados. A luta cobra vidas; o índice de suicídio da juventude indígena é maior que o índice geral brasileiro; a pandemia de Covid-19 deixou órfãos povos inteiros, na ausência de seus mais velhos; lideranças são assassinadas; a invasão cotidiana das Terras Indígenas, a perda de direitos, aldeias inteiras sem água porque o desmatamento ao redor secou as nascentes...

Talvez nossa espécie termine por destruir nossa bela casa comum. Talvez sejamos mesmo uma experiência que não deu certo. Mas os povos de Abya Yala estão nos mostrando caminhos. O Bem Viver. Como podemos, todos, mas todos mesmos, no planeta, alcançar o Bem Viver? Quantas dimensões precisam ser mudadas, quantos tsunamis precisam varrer torres ególatras, quantos planetas Melancolia precisam ameaçar chocar-se com a Terra, quantos encontros com a morte serão necessários para que a vida, pura e simples, prevaleça?

O que eu busquei, filhas, a vida toda, foi me aproximar do Bem Viver. Escolher o caminho que tem coração; recusar o poder; gostar de rir; celebrar a vida, festejar sempre; cantar, cantar muito... Esse, porém, é um caminho de luta. De resistência. Um caminho que exige o mergulho radical. Não dá para ficar na beirada. É o caminho de subir a grande montanha, de chegar à borda do abismo e sentir que se pode voar, porque esse é o destino humano: deixar o vento nos levar, equilibrar nossa alma à beira da vertigem. Sermos, enfim, livres. Nem senhores, nem escravos.

Quando voltaremos a ser gente? A amargura destrói nossas melhores intuições e a arte não nos emociona mais - isso é grave! Não basta apenas o difícil pão leite ovo carne verdura, é preciso mais que o arroz com feijão para a alma. Não queremos tantas igrejas missionárias, vendendo consolo e salvação, queremos fartura e praia e sol e tempo para curtir beleza e refinamento, sossego, humanidade. Andar na cidade como em nossa casa e podermos nos admirar das obras grandiosas da espécie. Ah, selvageria, quando virá enfim um pingo

de civilização nos clarear? Quando poderemos lutar menos e cantar no pátio da aldeia, cada tardezinha? Quando teremos tranquilidade interior para comer em paz a carne e o pão que nos couberem? Escravidão, nunca houve tempo pior, meus iguais são todos feras e nossos domadores nos arrancam à força dentes e unhas, deixando por ironia corações banguelas e acovardados.

A grande falha persiste: não formamos coletivos, nossas raízes são aéreas demais, não nos sentimos filhas e filhos da Terra, poeira de estrelas, barro. Porém, é nosso dever continuar construindo esse caminho – talvez a Terra Sem Males seja isso, a travessia, o caminho, a viagem. Não é preciso chegar; é preciso partir.

Tupi or not tupi, that is the question.

Contra todas as catequeses.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

A nossa independência ainda não foi proclamada.

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

A alegria é a prova dos nove. No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas.

Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Antropofagia. A humana aventura. A terrena finalidade.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa.

(Oswald de Andrade)

Filhas queridas, a alegria é a prova dos nove, o amor é a única morada possível e a paz só pode existir quando a Terra for de todos. Aí, será o tempo do Bem

Viver. Enquanto isso, digamos com Brecht: “assim passei o tempo que me deram para viver. Minha voz não pode muito, mas gritar, eu bem gritei!”.

Um beijo cheio da esperança que aprendi com Dom Pedro Casaldáliga, aquele que nunca desistiu. Então quem sou eu, tão menor, para desistir? Que vocês, filhas do meu coração, sigam o caminho, escapem das armadilhas da conveniência e se juntem a um difuso, mas enorme coletivo, aquele que constrói, dia a dia, um outro mundo possível. Antropofagicamente.

Com amor e esperança,

MAMÃE

MARA VANESSA

De Deise Queiroz para Pérola, sua alma vibrante



Salvador, 20 de agosto de 2020.

Para minha alma vibrante: Pérola,

Confesso que escrever esta carta foi um grande desafio. Desaprendi a escrever cartas.

Sou da geração que namorou através de cartas, inclusive era de meu feitio escrever muitas, longas e variadas, contendo desenhos, opiniões, juras de amor. Entretanto, perdi as habilidades de conversar sem obter a resposta imediata (tal qual esperamos através das redes sociais).

Então fui provocada a escrever uma carta para alguém. Pois bem! Quem me conhece nesta fase da vida não teria dúvidas que esta carta seria para Pérola, a minha filha.

Minha filha, quantas novas antigas coisas tenho redescoberto a partir de sua chegada em minha vida!!!

Pérola, não é possível pensar no seu futuro descolado do que é a sociedade brasileira, por isso esta carta resgata alguns pontos do passado, costura com a nossa contemporaneidade, buscando refletir sobre o nosso Bem Viver. Para muitas pessoas no Brasil o Bem Viver é um sonho a ser alcançado, mas para nós, mulheres negras, é quase um desafio que infelizmente muitas não irão encontrar nesta vida.

Estamos nesse além mar há algumas gerações, gerações estas que sabemos muito pouco devido a um processo violento de apagamento de nossa memória coletiva, a política do apagamento, conceito de Ângela Figueiredo e Ranon

Grosfuguel,⁶⁶ dificultando que as novas gerações conheçam a contribuição de ancestrais e intelectuais negros e negras.

A nossa experiência, enquanto pessoas negras nessa banda do Atlântico, não tem sido das melhores. Diversas formas de violência atravessaram toda a nossa humanidade e comprometeram, tanto a nossa crença sobre a potência que temos, quanto a certeza que os outros têm de que nossa inferioridade é real. Na atualidade, buscamos incessantemente redesenhar isso através da reconstrução de nossas histórias e trajetórias de resistência, beleza e conquistas, bem como das falhas, equívocos.

Quando os nossos antepassados para cá foram sequestrados, encontraram diversos povos que muito se assemelhavam com o modo de compreender o que é o Bem Viver: uma relação menos usurpadora com a natureza, estabelecendo uma conexão mais afetiva com seres não animados. Essa identificação, que poderia ser a mola propulsora de fazer e construir juntamente com a população indígena, infelizmente, também foi tomada como uma estratégia de colonização e, na contemporaneidade, as populações negras sabem muito pouco sobre si e conhecem muito pouco sobre os indígenas. Podemos pensar que uma das estratégias para construir o Bem Viver seja reestabelecer uma conexão com essa população com experiências bem semelhantes.

A compreensão de que o racismo é um fator determinante na vida das pessoas negras ainda está em disputa. A minha geração acreditou que havíamos ganhado essa etapa, após o árduo trabalho das organizações de movimentos negros e das mulheres negras, logo após a redemocratização do país em 1988 e ao longo do início do século XXI. Acreditamos que o mito da democracia racial, criado após o final da escravização institucional da população negra havia sido superada e nós, população negra, poderíamos lutar para a redução das desigualdades raciais no Brasil.

Entretanto, não estávamos certas. Os anos de 2018, 2019 e 2020 apresentaram-se num regresso que acreditamos ter sido ultrapassado, e estamos diante do descrédito de que o racismo contra a população negra é um problema do Estado brasileiro

66. VINHAS, Wagner. Colonialidade e política do esquecimento. *Revista de Teoria da História* — v. 22, n. 02, dez. 2019. Universidade Federal de Goiás..

e, dessa forma, precisa ser enfrentado institucionalmente, através de políticas públicas e sociais que busquem o empoderamento e acesso a bens e serviços, bem como a construção da ideia de nação em que caiba a população negra.

Digo isso porque, no início dos anos 2000, um grande congresso do povo negro (Congresso Nacional de Negros do Brasil - CONNEB) estava sendo realizado em todas as regiões do país, agregando organizações, militantes e ativistas negrxs de todos os espectros político-partidários. Numa das plenárias, ouvi uma fala incrivelmente tocante quando Iedo Ferreira⁶⁷ pegou o microfone e provocou os presentes a refletir acerca do projeto de nação, que nós, população negra, desejamos para o país. Ele seguiu refletindo sobre o Estado construído para o Brasil que nunca incluiu a população negra. Essa reflexão mexeu demais comigo e até hoje, quase 20 anos depois, eu ainda me pergunto que Estado o Brasil poderia construir para que nós, população negra, e aí eu incluo população indígena também, para que nós estivéssemos dentro? Para que nós fôssemos parte? Para que nós não fôssemos vistos como visitantes abjetos que só trazem problemas para essa nação com “tanto potencial”.

Essa provocação de Iedo Ferreira voltou com mais força, a partir dos últimos três anos, minha filha. O ano de 2020 ainda tem adicionado uma pandemia de um vírus desconhecido que transbordou todas as desigualdades raciais postas no mundo, inclusive por aqui. Apesar do coronavírus (este é o nome do vírus) atingir todas as pessoas, as pessoas negras estão em maior situação de vulnerabilidade e exposição a ele, devido ao modo de prevenção necessário para se proteger. As medidas de prevenção estão acompanhadas de jargões como: *Fique em casa, não aglomere, se sair vá de máscaras, lave as mãos, use álcool gel, se tiver febre, corra imediatamente para o posto de saúde*. Todas essas frases de ordem são verdadeiras, mas pouco acessíveis para a população negra. Assim sendo, somos nós que estamos mais sendo acometidos pelo coronavírus e que mais estamos sujeitos à morte por esse vírus.

E então eu penso: como planejar o Bem Viver para você, minha Pérola? Não posso pensar em seu Bem Viver hoje ou no futuro descolado das questões

67. Iedo Ferreira é um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU), militante desde o início da década de 1970.

relacionadas ao enfrentamento ao racismo e ao sexismo, pois nós mulheres negras somos duplamente atravessadas, como já nos alertava Lélia Gonzales, na década de 1970.⁶⁸

O nosso Bem Viver tem sido estar atentas à nossa vida, pois estamos em qualquer faixa etária mais expostas à morte. Assim sendo, o nosso Bem Viver tem sido a construção cotidiana da vida e isso tem sido apontado na minha geração como uma grande vitória.

É verdade que em minha geração, muitas de nós, mulheres negras, estamos na universidade, cursando as pós-graduações e, até mesmo, sendo efetivadas como docentes. Entretanto, o processo de adoecimento e o mal-viver tem nos atingido violentamente nesses espaços tidos como “conquista”. A negação de nossa humanidade tem provocado um mal-viver até mesmo quando chegamos profissional e economicamente onde nos parece ser um lugar de sucesso.

Assim sendo, o meu desejo a você, minha filha, é que o Bem Viver de sua geração esteja atrelado à articulação de sucesso profissional e material, mas que também esteja vinculado a uma valorização simbólica que não te negue o direito de se espelhar, se movimentar e existir com sua pele, a sua voz, o seu corpo, a sua espiritualidade, a sua ancestralidade antiga e próxima, sem que isso seja motivo de vilipêndio ou exposição negativa de sua história de vida. Tudo isso porque o nosso Bem Viver tem sido afetado principalmente pelo desequilíbrio de nossa saúde mental e pela ausência do amor em nossas vidas.

DEISE QUEIROZ

68. GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

De Thaianne Pinheiro para Maria Alda, sua avó



Serra, 22 de Agosto de 2020.

Voinha,

Como estão as coisas por aí?

Sou eu, Aninha, a menina do meio de Celia, sua neta. Há algum tempo nós não nos falamos, mas os teus vestígios moram em mim, nos meus olhos puxados, nas bochechas arredondadas, no riso espontâneo e no meu modo de amar, viu? Até recentemente, a minha saudade te encontrava nos sonhos, por isso queria tanto voltar a te sonhar, sabia? No último, a senhora me contou sobre coisas que, a princípio, não compreendi, mas, pouco tempo depois, uma amiga estudiosa dos sonhos me disse não se tratar de devaneios, pois suas palavras indicavam possíveis mudanças porvir. Isso foi em 2018, acredita que, meses depois, fui convocada em um concurso, mudei de estado e minha vida mudou completamente? A sua sabedoria me alcança até inconscientemente.

Resolvi te escrever, pois, hoje, após o banho, me perfumei com a alfazema e lembrei-me do seu cheiro vespertino, do seu abraço quente e olhar afetuoso. Revistei a saudade persistente, que, olfativamente, preencheu todos os cantos do quarto, da sala, da casa, da vida. A alfazema era o seu aroma predileto e tornou-se o meu, é um ritual diário, solitário, que, diferente do uso de todos os outros perfumes da prateleira, faço sem pressa, atenta a cada gotícula respingada na pele, inspirando todo o ar como quem se entrega a uma flor, eu percorro as memórias de ti.

Já são dezessete anos desaquecidos pela querência do teu abraço e tantas coisas

aconteceram desde então. Mainha está cada vez mais parecida com a senhora, disse que deixará os cabelos brancos à mostra, vai cortá-los curtos, assim como os seus, além dos aspectos físicos, ela sempre teve a sua força, lucidez, leveza e perseverança. Como vocês são referências de mulheres fortes, de amor, são uma inspiração para mim. A nossa família tem uma ancestralidade de mulheres fortes, não é mesmo?

Falei acima que mudei de estado, por isso não estranhe o endereço de onde essas palavras partem. Estou a cerca de 1024 quilômetros distante de casa, no Espírito Santo, mais precisamente. Descobri na prática que o melhor lugar é aquele ao lado dos que amamos, visto que aqui, apesar de trabalhar com o que gosto e ter certo conforto, vivo em permanente febre de saudade. A sensação é que além de enterrar o meu umbigo perto dos meus, deixei também parte do meu coração, pois todas as vezes que o avião pousa em terras soteropolitanas, e sinto a presença mais palpável dos meus amores, é como se acendesse uma luz em mim, que irradia tudo e me faz pulsar diferente, melhor. Não é pelo lugar, mas pelas pessoas, entende? Se as pessoas que mais amo morassem aqui, certamente, eu estaria na minha melhor morada.

Acho que também por isso, nos últimos dezessete anos, tenho ido cada vez menos ao Zuca, a terra Natal da senhora. Apesar das tias queridas e primos, aquele lugar com gosto de infância, adolescência e emoldurado de boas lembranças foi desbotando com o tempo, pois eram as cores fundadas na presença da senhora, que desenhavam a alegria e o sentido de estar lá, mas, infelizmente, perdeu-se. A sua chácara já não brota aquelas mangas doces e polpudas, tampouco laranjas lima e de umbigo, com as quais passávamos tardes nos deliciando. Até as carambolas minguaram, acredita? A senhora era o adubo agridoce de cada palmo daquele chão, por isso, talvez, o não brotar das frutas seja a terra também sentindo saudade da sua rega.

Ao longo desse tempo, além de várias mudanças em nossas vidas e dos sentidos dos lugares, o comportamento das pessoas mudou muito. A senhora, certamente, estranharia a presença tão comum dos celulares, eles tornaram-se itens essenciais no nosso cotidiano. Agora, vivemos conectados, falando pelas telas e telas, o virtual se confunde com o real. Digo que estranharia, voinha, pois o real sempre foi o seu forte, apreciava sentar lado a lado, olhos nos olhos,

conversa com conversa, gesto com gesto... Gostava de estar presente, de ser um presente. Lembro-me do percurso de aproximadamente duzentos metros entre a sua casa e a sua loja de tecidos, a senhora os percorria como se fossem quilômetros, eram muitos os encontros ao longo do caminho, cheios de prosa e risos inevitáveis.

Partiste no auge dos seus setenta anos, ainda havia muita cocada de coco, cuscuz e doce de goiaba para saborear, talvez, por isso, a saudade tenha fome e tamanho de mar até hoje. Tenho tanta coisa para te contar, fiz uma universidade pública, acredita? Voinha, a senhora teria muito orgulho do quanto a minha vida e da minha família mudaram. Antes de 2009, a universidade pública não me sonhava e nem eu a ela, só depois que implantaram os cursos noturnos, após o REUNI, vislumbrei a possibilidade e fui. Concluí o curso de letras em 2014, lá na UFBA, e, em 2017, o mestrado.

Os seus pés não tiveram a oportunidade de pisar naquele chão das letras superiores, mas, com a sabedoria que a senhora tinha, títulos para quê? Não é mesmo? Eu queria realmente era ter aprendido o molho daquele macarrão que a senhora fazia, o ponto daquele doce de goiaba e mugunzá feitos no fogão à lenha, aquele cuscuz cozido forrado no pano, que só de pensar a boca encharca. Parece que as receitas eram tão suas, porque mesmo seguindo todas as instruções, o paladar é outro, falta o seu tempero-afeto, o seu modo-amor. Essas aprendizagens nenhuma universidade ensina.

Fiz uma costela suína outro dia, ficou tão gostosa, que adoraria ter partilhado contigo. Todas as vezes em que cozinho algo e gosto, quero refazer para os que amo. Aprendizagem recebida de ti, que compartilhava cada prato como um gesto afetoso, suas comidas sempre foram um afago pelo paladar. A gente sempre se reunia naquela mesa enorme e farta da sala de jantar, tudo era tão delicioso, parecia que todos os temperos e ingredientes ganhavam sabores diferentes ao passar por suas mãos. Voinha, todas as suas filhas herdaram a sabedoria de transformar os alimentos em gostosuras. Eu e minhas irmãs não ficamos atrás, viu?

Há pouco, fiz um bolo de milho, tirei os grãos do sabugo, coloquei todos os ingredientes no liquidificador, deixei assar e, agora, o aroma tomou conta de todos os cantos da casa. Mesmo morando sozinha, há quase dois anos, cada vez que entro na cozinha, quero preparar algo que me conecte com mainha, com a

senhora, minhas irmãs, minha sobrinha, meus amores, comigo. É um gesto de autocuidado, de prosperar a *solitude*, uma oportunidade de consolo, paz e prazer. Às vezes, ao matar a fome, abrando um pouco a saudade; é como se o cozer dos alimentos devolvesse mais sabor aos meus dias.

Ainda não te contei sobre Sarah, filha de Thaís, sua bisneta. Ela está enorme, já é uma moça com dezessete verões vividos. Infelizmente, não teve o privilégio da sua presença, voinha, do seu colo macio, mas carrega a mesma força e beleza da nossa ancestralidade. A senhora virou saudade quando Sarah tinha apenas dois meses de vida, porém ela continua com aqueles mesmos olhos castanhos e vivazes avistados por ti pela última vez. Sobre todos os outros familiares, estão bem, pode acreditar! Hoje, inclusive, nasceu Sophia, sua mais nova bisneta, filha de Karine. Um pedacinho lindo de gente, que, certamente, terá vestígios da senhora e encontrará, de algum modo, os resquícios do seu amor.

Há muitas coisas acontecendo por aqui, voinha, mas não quero te contar nessas palavras todas sobre como os dias estão estranhos, que, pela primeira vez, a desesperança tem corroído, pelas beiradas, o meu sossego, pois, estamos experimentando tempos muito difíceis, com uma pandemia em curso, um desgoverno desastroso no poder e uma humanidade carente de humanidade. Decerto, o mundo empobreceu com a sua partida, a senhora que sempre foi tão humana e porta-bandeira da empatia faz muita falta em meio a esse mar de indiferença.

Mas não vou falar de indiferença. Quero te dizer que muitas das vezes, em que leio o poeta Manoel de Barros, lembro da senhora. Os versos dele costumam dizer sobre as coisas chamadas de desimportantes, acerca da experiência da simplicidade. Ai, recordo-me da senhora retirando os ovos das galinhas dos ninhos e colocando uma bolinha branca no lugar, pois dizia que elas poderiam esquecer o caminho de volta sem os ovos ali. Relembro da senhora com seu chapelão de palha limpando o quintal, tangendo as galinhas, colocando comida para os porcos, espantando o gato, pixane, com medo que arranhasse a sua perna. A senhora dizia que bastava amolar a faca e, tão logo, o pixane aparecia. Às vezes, estava sumido por alguns dias, mas o sussurrar da faca era a garantia de carne fresca e ele era esperto demais para perder (risos).

Passaria dias a fio lembrando de ti, de como a senhora era uma crônica

bonita da vida, um poema carregado de versos simples e rimas que bailam ao serem declamadas, mas não há palavras que alcancem tudo, que deem conta de dizer tanto. Por essa razão, narrei todas essas coisas para te contar um pouco sobre a saudade que cresceu, depois da sua partida, como uma árvore frondosa, que sustenta o balanço e sombreia os risos soltos das crianças, nas horas incertas, de janeiro a dezembro. Narrei como forma, talvez, de gravar no papel algumas memórias de nós. E, nesse processo, quase a ouvi me chamando: ô, Aninha, vem cá.

Parafraçando Ana Jácomo,⁶⁹ quero reiterar que tudo o que eu amar vai encontrar, de alguma forma, os vestígios desse perfume de Deus, que, numa temporada de sete décadas, se vestiu de Maria Alda, para me falar sobre coisas de amor.

Obrigada, voinha, pelo privilégio da sua memória, obrigada pelo rastro de amor que deixou em mim. Espero que essas letras cheguem a ti como um abraço apertado no meio da manhã de domingo.

UM BEIJO CHEIO DE AMOR.

ANINHA, THAIANE, SUA NETA

69. Ana Cláudia Saldanha Jácomo é jornalista e escritora. O trecho foi extraído da prosa poética *Almas Perfumadas* e parafraçado parcialmente. Disponível em: <http://www.releituras.com/ne_acd-jacomo_almasimp.asp>. Acesso em: 21 out. 2020.

O Bem Viver fora dos trópicos



SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.



De Tim Ingold para uma criança que está prestes a nascer



Aberdeen, Escócia, 16 de agosto de 2020.⁷⁰

Uma carta para uma criança que está prestes a nascer,

Meu pequenino,

Eu venho de uma sociedade que assume que crianças são ignorantes. Dizem que são criaturas da natureza, moldadas pela biologia, mas vazias de cultura. Elas precisam ser educadas, ter a cultura introduzida em suas cabeças. Só então, após tornados adultos bem informados, elas podem se juntar ao grande projeto humano de construção de um mundo melhor. Isso pode acontecer com você. Você também será educado, provido com conhecimento, como eles dizem, para “realizar o seu potencial”, e recrutado para o projeto. Você pode se tornar uma agente do progresso. Para mim, no entanto, já é tarde demais: disseram-me que uma vez que eu já esgotei meu potencial, não há nada mais que eu possa fazer. Veja, embora você venha ao mundo a qualquer momento, eu cheguei há mais de setenta anos. E, de acordo com o que as pessoas dizem, isso me torna “velho”. Não se engane, eu não me sinto velho. Idade é algo que eu só vejo nos outros, em comparação comigo mesmo. O que eu noto é que as pessoas ao meu redor parecem estar ficando mais e mais jovens.

Mas eu também noto, com o passar dos anos, que eu pareço saber menos

70. Carta traduzida do original em língua inglesa por Jéssica Xucuru-Kariri (Jéssica Torres Costa e Silva).

e menos. Houve um tempo em que eu pensava que sabia tudo: Eu sou um professor universitário, afinal, e supostamente uma autoridade na minha área. Passei décadas educando gerações vindas depois da minha. Mas agora, se você me pergunta o que eu sei, eu não consigo te dizer. Tudo o que eu tenho são dúvidas e questões. Disseram-me que isso é normal. Pois na sociedade de onde venho, as pessoas têm a tendência de imaginar o curso da vida como se tivesse o formato de um sino. Começando com a linha de base na infância, aumenta na juventude, pegando velocidade ao subir, até que alcança o topo na entrada do período conhecido como meia-idade. Daí para frente, após ter se estabilizado por um tempo, a única maneira de continuar é descendo. Então, agora, eu estou bem além do topo. Eu tive meus dias no sol, e estou destinado a desvanecer em direção aos anos de declínio. E na minha descida, eu tenho a esperança de te encontrar subindo!

É improvável, entretanto, que realmente nos encontremos. Pois a grande tragédia da nossa época foi termos produzido uma sociedade na qual pessoas idosas e jovens foram arremessadas em lados opostos, divididas pela geração da meia-idade que se interpõe entre elas. Essas pessoas no meio mantêm todo o conhecimento, todo o poder. Elas estão ocupadas com os assuntos do dia – “fazendo história”, como eles gostam de dizer. Para elas, o futuro é uma meta, um plano a ser realizado. É o seu futuro, que eles estão construindo, e você deve estar preparado para isso. Quando você chegar, ele será real e presente. Esse é o propósito da educação, como elas a veem: te posicionar num futuro já preparado para você. Claro que as pessoas da minha geração já estiveram no meio; nós também desempenhamos nossa parte no fazer-história. E que bagunça nós fizemos! Agora que nos aposentamos, é a vez do novo meio adicionar algo ao que nós fizemos, ou talvez reparar os estragos.

Mas agora, não temos mais nenhum papel a desempenhar. Você e sua geração estão no lado mais próximo do fazer-história, eu e a minha geração no lado mais afastado. O que temos em comum, sua geração e a minha, é que fomos ambos excluídos do processo de moldar as condições do futuro: você, porque ainda não está pronto; nós, porque já passamos do ponto. Mas apenas imagine, se pudéssemos estar juntos, que conversas poderíamos ter! Afinal, para a maioria das pessoas ao redor do mundo, pela maior parte da história humana, esse tipo

de conversa acontecia o tempo todo. Crianças cresciam observando gerações mais velhas, enquanto estas faziam seu trabalho. Elas aprendiam as habilidades práticas dos seus velhos, experimentando-as por si próprias, e escutando enquanto os velhos contavam as suas histórias e de vidas passadas. Eventualmente, ao seu turno, elas se tornavam contadoras de histórias e praticantes. Assim as vidas de gerações se sobrepunham como as fibras retorcidas de uma corda.

Na corda, cada fibra se estende até certo ponto. Mas ao introduzir novas fibras na mesma velocidade com a qual as fibras velhas começam a ceder, a corda pode se estender indefinidamente. Da mesma forma, ninguém vive para sempre, mas a corda da vida social continua. Hoje, entretanto, nós temos a tendência de imaginar gerações não entrelaçadas, como em uma corda, mas sim empilhadas umas sobre as outras como as páginas de um livro. Isso coloca todas as pessoas da minha geração em uma página, e todas as pessoas da sua em outra. E entre a minha página e a sua há pelo menos uma outra, a página da meia idade. Mas o que aconteceu que transformou a corda em um livro? O que incendiou a geração do meio com tanto zelo de “fazer o mundo” a ponto de deixar seus velhos de lado enquanto tratam seus próprios filhos como mero potencial que precisam ser conduzidos para um futuro que eles não podem tomar parte em criar? Não é fácil compreender as razões para a mudança, mas o certo é que a geração da meia idade não tem tempo para histórias ou para as habilidades. Isso, se diz, são coisas da tradição, preservadas apenas para entreter a juventude em representações de herança, ou para agradar o velho em flashes de nostalgia.

Poderíamos imaginar as coisas de forma diferente? Poderíamos imaginar uma sociedade na qual jovens e velhos, hoje excluídos da tarefa de fazer o mundo, possam mais uma vez se unir para forjar um mundo para todos nós? Vamos voltar à curva do sino. O que é medido no comprimento vertical da curva desde a base? Perícia intelectual? Conhecimento? A conversão de potencial em poder efetivo? Talvez todas essas coisas. Uma coisa a curva não mede, no entanto, é a sabedoria. Pois o conhecimento e a sabedoria não são a mesma coisa, e talvez tenham mesmo objetivos opostos. Na sociedade da qual eu venho, o conhecimento é valorizado acima de tudo. Marca o triunfo da “razão”, através da qual a humanidade historicamente afirmou sua superioridade sobre a natureza. Conhecimento, nós supomos, confere o poder de comandar, de dizer aos outros

o que fazer. Nos arma contra os adversários e serve como defesa em um mundo hostil. Porém, encarcerados dentro dos compartimentos enciclopédicos do nosso conhecimento, prestamos pouca atenção às coisas em si, e aos outros habitantes do mundo. Por que se dar ao trabalho de prestar atenção se nós já sabemos tudo sobre eles?

Ser sábio, ao contrário, é abrir as portas da percepção e deixar o mundo entrar no campo da nossa consciência. É acolher os outros na nossa presença, não para dominá-los ou vencê-los. É observar, ouvir e aprender. Sabedoria não fará você forte ou poderoso. Muito pelo contrário, na verdade. Você será fraco e vulnerável. Desarmada e indefesa, sua própria existência é fustigada pelas vicissitudes do tempo, ora abandonada em sua calma, ora agitada em suas tempestades. Se o conhecimento fixa as coisas no lugar, ou as prende, a sabedoria desarruma e perturba. Porém, é a sabedoria que te faz curioso, e você é curioso porque você se importa. É por isso que você, que ainda está para nascer, é sábio antes do seu tempo. Sua infinita curiosidade ainda não foi apagada pela educação que as pessoas de meia idade estão prontas e esperando para infligir em você. E eu sou sábio – ou ao menos mais sábio do que eu era antes – porque o conhecimento que eu ganhei é temperado pela humildade. Imagine se pudéssemos juntar nossas cabeças?

Esteja certo de que as pessoas no meio, com suas metas e planos, seus objetivos de longo e curto prazo, discordariam com irritação de qualquer sugestão. Aos seus olhos, a inocência da curiosidade é uma deficiência de conhecimento, a ignorância, e a humildade da sabedoria uma deficiência da mente, a demência. A ideia de que o ignorante e o demente podem juntos forjar o futuro soaria, para eles, evidentemente absurda. Unir curiosidade com sabedoria, entretanto, parece não apenas prudente, mas necessário para a renovação da vida para as futuras gerações. Pois tanto os jovens quanto os idosos estão em contato com ritmos de tempo mais duradouros, de maneira que as pessoas na meia idade, motivadas por bater metas, não estão. Este não é o tipo de tempo que avança através de camadas geracionais do passado ao presente, mas sim aquele que se estende, agregando-se com o vento e o clima, com o crescimento sazonal das plantas e o ir e vir de animais. Seu futuro não está vindo em nossa direção, mas se distanciando. Escolher esse futuro é optar pela sustentabilidade em vez do

progresso. Nós não podemos ter ambos. O progresso alimenta o otimismo de que um mundo perfeito está logo ali no virar da esquina. Mas apenas a sustentabilidade oferece uma base para a esperança. Para transformar essa esperança em realidade, o novo e o velho devem voltar a se encontrar, fazendo da sua colaboração uma força de renovação para o bem comum.

Espero encontrá-lo em breve!

TIM INGOLD

De Bernd Reiter para os não-indígenas



Lubbock, Texas, Estados Unidos, 13 de junho de 2020.

Caro leitor,

Espero que esta carta te encontre bem. Estou ciente de que estar bem pode significar algo diferente para você do que para mim. Afinal, não há apenas uma maneira de estar bem. Também estou ciente e entristecido pelo conhecimento de que seu Bem Viver é fortemente influenciado por quem você é, onde nasceu, com quais pais, em que país, até em que bairro e com que etnia ou raça você se identifica e é identificado por outros.

Eu sou alemão, do norte da Baviera, o que nós chamamos de Franke - isto é: um Franconiano. Nasci no lugar “certo”, com a cor da pele “certa” e o sexo “certo”. Eu sou homem, branco, alemão. ‘Tenho sorte’. Sei que, se você nasceu, caro leitor, como mulher, num país pobre, com pele negra, não tem tanta sorte. Não é justo. Todos os dias da minha vida, eu carrego comigo privilégios imerecidos e, para quem não entenda o que isso significa, deixe-me explicar: não estou preocupado com a polícia me prendendo ou espancando. Todo mundo que encontro pensa que sou inteligente. Eu não sou particularmente bonito, mas ninguém que encontro me acha feio. Eu tenho cabelos “bons”, que não exigem tratamento para serem aceitáveis para os outros. Posso trabalhar vestido com *jeans* e sandálias e ainda assim todo mundo pensa que sou um excelente profissional. Se procuro moradia, os proprietários querem alugar para mim. Quando tenho que ir ao hospital, sou tratado com respeito. Frequentei excelentes escolas, sem nunca pagar por elas. Nunca fui impedido de entrar em um hotel ou restaurante de luxo. Não sou

insultado, maltratado ou mal reconhecido simplesmente por ser quem sou. Sei que se você é indígena, em qualquer lugar das Américas, esse não é o seu caso.

É irônico, porque eu sou indígena. Como franconiano, nasci em um conjunto específico de práticas culturais, normas e expectativas, estabelecidas por nossa tradição. Temos nosso próprio dialeto alemão, muito forte e pronunciado, difícil de entender por não-franconianos. Nós temos nossa própria comida e nossas próprias roupas. Fazemos as coisas de uma maneira específica de onde eu sou. Nós temos nossa própria arte e um estilo distinto. Franconianos não são muito abertos e eloquentes. Falar demais é recebido pela maioria com suspeita. Seguimos um calendário ritualístico de eventos públicos todo verão - Kirchweihen - e amamos nossos Biergartens. E sim: bebemos muita cerveja, mas a Franconia também produz um excelente vinho. Se pudermos e se o tempo permitir, faremos caminhadas, normalmente de uma cervejaria e restaurante para o próximo. A Franconia tem a maior densidade de micro-cervejarias do mundo, a maioria das quais ainda aderem à lei da pureza, de 1516. Esta lei afirma que nada além de água, cevada e lúpulo pode entrar em nossa cerveja. Temos nossa própria definição do que é a boa vida. Nós chamamos isso de Gemütlichkeit.

Diferente dos povos indígenas das Américas, minha aldeia nunca foi colonizada ou conquistada. Os últimos que tentaram, e falharam, foram os romanos, cerca de 2000 anos atrás. Nossos corpos e mentes nunca foram escravizados ou maltratados. Ninguém me impede de ser moderno e ninguém me diz como ser moderno ou tradicional. Eu posso usar um telefone celular e um Macbook sem ter minha ‘indianidade’ questionada. Somos pessoas modernas que definiram e continuam a definir nossa própria modernidade. É uma modernidade franconiana, que difere de outras modernidades alemãs e outras modernidades não alemãs. Ela muda constantemente, à medida que nos adaptamos às mudanças de ambientes e circunstâncias. Não preciso usar nossas roupas tradicionais para afirmar minha indianidade. Em vez disso, eu posso usá-las, ou parte delas, sempre que quiser, em diferentes ocasiões, destacar minha diferença cultural.

Minha aldeia não é realmente percebida como tribo por outros. Também não somos um grupo étnico e nunca fomos racializados, portanto, “raça” também não se aplica a nós. Ao pensar nisso, caro leitor, você perceberá que etnia, tribo e raça não são categorias ou grupos “naturais”. Eles são fabricados, forjados

e constantemente remodelados e negociados. Na maioria dos casos que eu conheço, ser rotulado de “étnico” ou ter uma “raça” é resultado de opressão e discriminação, que força as pessoas a se unirem em grupos aos quais de outra forma não participariam. Muitas vezes, as pessoas também se reúnem para formar um grupo a fim de ampliar suas vozes e obter reconhecimento e direitos para si mesmas. Mas, ainda assim, as pessoas se mudam constantemente, se casam com pessoas de diferentes origens e têm filhos “mistos” sem etnia ou raça clara. Até nossas próprias identidades são múltiplas e não podem ser reduzidas a apenas uma categoria e muito menos a um só grupo.

Etnicidade não é imposta a mim, eis um outro privilégio que tenho. Posso reivindicá-la quando quiser, mas não sou definido por ela ou forçado a aderir a ela. Posso brincar com ela e, se um dia não me sentir franconiano, posso afirmar que sou bávaro, alemão, europeu ou mesmo cidadão do mundo. Eu sei que, para muitos povos indígenas das Américas, esse não é o caso. Sua indianidade não é divertida como a minha e vem com muito menos opções e possibilidades.

E, no entanto, compartilhamos muitas coisas. Compartilho terras coletivas com meus aldeões - um pedaço de terra que todos podemos usar. É para pastagem de gado, uma atividade tradicional entre nós. Todos nós também somos proprietários coletivos de uma grande floresta e, uma vez por ano, posso me juntar a meus companheiros de aldeia e ir à floresta para fazer madeira. Aqueles que querem ou precisam de madeira vão juntos naquele dia e ajudam a cortar algumas árvores, serrando-as em pedaços e transportando-as para nossas casas. Minha família possui um pequeno pedaço de terra, menos de 5 hectares, mas também somos coproprietários de terras e florestas coletivas que pertencem a todos nós. Então, aqui novamente, eu tenho escolhas e opções, que não são reduzidas a isto *ou* aquilo. Eu posso possuir terras privadas e coletivas. Eu posso ser indígena e moderno.

Se alguém do governo brasileiro ler esta carta, permita-me apelar a você em favor de seus irmãos e irmãs nativos. Como estamos todos enfrentando graves crises hoje, questionando nossa maneira de viver e de nos organizar, peço que olhem, consultem e peçam conselhos a seus irmãos e irmãs nativos. Há muito que podemos aprender deles e delas. Eles e elas podem nos ensinar como viver em harmonia com a natureza, dentro dela e não apenas nela ou dela, sem destruí-la. Eles podem nos ensinar como praticar a verdadeira democracia,

onde todos têm voz, incluindo mulheres e crianças, e as decisões são tomadas coletivamente, após debates e deliberações públicas. Eles podem nos mostrar como organizar nossas economias de maneira a evitar as desigualdades extremas que nos atormentam hoje e proteger a justiça e a igualdade de oportunidades para todos, a cada nova geração. Eles podem nos ensinar o que significa ser um verdadeiro líder, não um representante ansioso para viver do dinheiro público e sempre pronto para manipular os outros. Eles sabem como curar, não apenas consertar ossos quebrados. Eles sabem como alcançar a paz, porque entendem que a paz começa dentro de cada um de nós. Exige uma harmonia de corpo e espírito, algo que muitas pessoas não indígenas esqueceram.

Lembre-se de que somos todos nativos, todos indígenas em algum lugar. O povo indígena do Brasil não é tão diferente de você, mesmo que você se defina como não indígena. Eles também são modernos. Eles vão para a faculdade. Eles usam *ipads* e telefones celulares e, no entanto, ainda são indígenas, porque mantêm uma conexão com suas famílias, seus grupos, suas culturas, suas línguas, suas artes e seus territórios. São essas conexões que lhes permitem paz e renovação espiritual. E são essas conexões que oferecem lições valiosas para todos nós. Perder essas conexões, como muitos de nós temos perdidos, não significa perder apenas um lar. Significa perder uma cultura, uma sociedade, família, amigos, território para se sentir seguro, significado e orientação e, acima de tudo, um senso de quem somos.

Muitos de nós estão perdidos nesses dias estranhos e turbulentos. Em vez de buscar cura e orientação nas culturas de outros povos indígenas, de lugares distantes como a Índia ou o Oriente Médio, encorajo você a redescobrir sua cultura nativa e indígena e se reconectar a ela. Os povos indígenas brasileiros têm especialistas e guias que podem ajudar outras pessoas em seus esforços de se reconectar. Seus Mamos e Xamãs são especialistas, treinados e preparados a vida inteira para ajudar os outros a se reconectarem, a encontrar paz e equilíbrio. Respeite-os. Consulte-os. Honre-os.

Sua gentileza será recompensada.

BERND REITER

De Stéphane Pujol para “o outro”



Toulouse, 21 de agosto de 2020.

Caro “outro”,

Eu me pergunto que palavras você utiliza na língua que fala, ou que talvez já não fale mais, mas que seus pais e avós falaram, que palavras, digo, você utilizará para traduzir o que eu escrevo.

Pergunto-me o que a *escrita* significa para os povos de tradição oral e como ela é designada na língua falada.

O que significa escrever senão comunicar-se com um outro ausente? Digo “a um outro”, porém podemos também escrever para nós mesmos para rememorar um fato ou deixar um rastro. Eu disse a um “outro ausente”, mas podemos escrever a uma pessoa presente para expressar nosso amor, por exemplo.

Quais são as palavras empregadas para escrever cartas de amor em Guarani?

Envio-lhe esta carta da França, país onde existiu minorias linguísticas durante muito tempo. Certas línguas regionais desapareceram quase totalmente da linguagem cotidiana, mesmo que elas ainda sejam ensinadas e aprendidas nas escolas. Como no caso dos povos indígenas, essas minorias linguísticas têm um longo passado de humilhação e de opressão. As mentes “esclarecidas” as interpretaram como obstáculos à unidade nacional. As palavras “regionalismo” ou “língua popular” significaram um desvio em relação à língua oficial, singular, considerada como a única língua “nobre”. Eu sei que no Brasil várias palavras guaranis subsistem na linguagem comum. Na França, país dos “direitos humanos”, praticou-se uma espécie de genocídio cultural no que diz respeito às línguas

regionais. A própria Revolução Francesa procurou reprimir seu uso. Inventamos uma palavra, a palavra “patois”, para designar, em geral de modo pejorativo, o falar característico de uma localidade, principalmente rural.

Encontrei uma definição desta palavra num dicionário francês do século XVII:

Patois: linguagem corrompida e grosseira, como aquela do povo miúdo, dos camponeses e das crianças que não sabem ainda bem pronunciar. (Dictionnaire de Furetière, 1690)

Linguagem de “camponeses”, de “crianças”, segundo o dicionário... É conhecido que os povos indígenas foram com frequência qualificados de crianças pelos filósofos das Luzes. Sabemos que, durante muito tempo, a vida “selvagem” foi representada como “a infância da humanidade”. Que relação existe entre a suposta infância desses povos, de seu povo, e a língua que vocês falam? Esse antigo dicionário menciona igualmente uma linguagem “grosseira e corrompida”. De que corrupção se trata? De que lado está essa corrupção? Por que a diferença precisa ser sempre requalificada numa linguagem que a transforma em doença, fraqueza ou a muda para algo ruim?

Que relação podemos estabelecer entre essas reflexões e o “Bem Viver”? As políticas de genocídio linguístico e cultural que existiram na França, e que ainda existem no Brasil e em outros lugares, não visam somente a destruição da identidade dos povos nativos. Elas constituem um desejo de submissão a um modelo único, modelo cultural, linguístico, político, religioso e social. Elas podem, como foi o caso com a Revolução Francesa, se dissimular sob um verniz humanista. Elas afirmam querer favorecer a emergência de uma nação na qual as diferenças seriam abolidas em nome de um projeto comum no qual o “Bem Viver” seria equivalente para todos.

Parece-me que essa concepção é, na realidade, a de uma maioria falsamente reconciliada com os valores de solidariedade que ignora as diferenças e as concepções plurais do que constitui, justamente, o “Bem Viver”.

Como europeu, como francês, eu devo poder escolher o que significa “Bem Viver” para mim, contanto que isso seja feito com respeito do que significa “Bem Viver” para os outros, e esta diferença de julgamento não é fácil de fazer existir

nos fatos. Diderot, um filósofo das Luzes, dizia que todos os homens querem ser felizes. Na verdade, os homens buscam um único objetivo, sua própria felicidade. Mas, para ser feliz, é preciso que certas condições preliminares sejam reunidas: condições materiais, mas também o reconhecimento de nossa identidade, de nossas aspirações, de nosso próprio desejo de existir e de ser livre.

Como se diz “felicidade” em Guarani? Que representações se fazem dela?

Existe uma palavra para nomeá-la, ou a felicidade é somente uma coisa que se vive?

Talvez seja unicamente o fato de se viver, sem a necessidade de falar.

STÉPHANE PUJOL⁷¹

71. Traduzido da língua francesa por Mariana Teixeira Marques-Pujol.

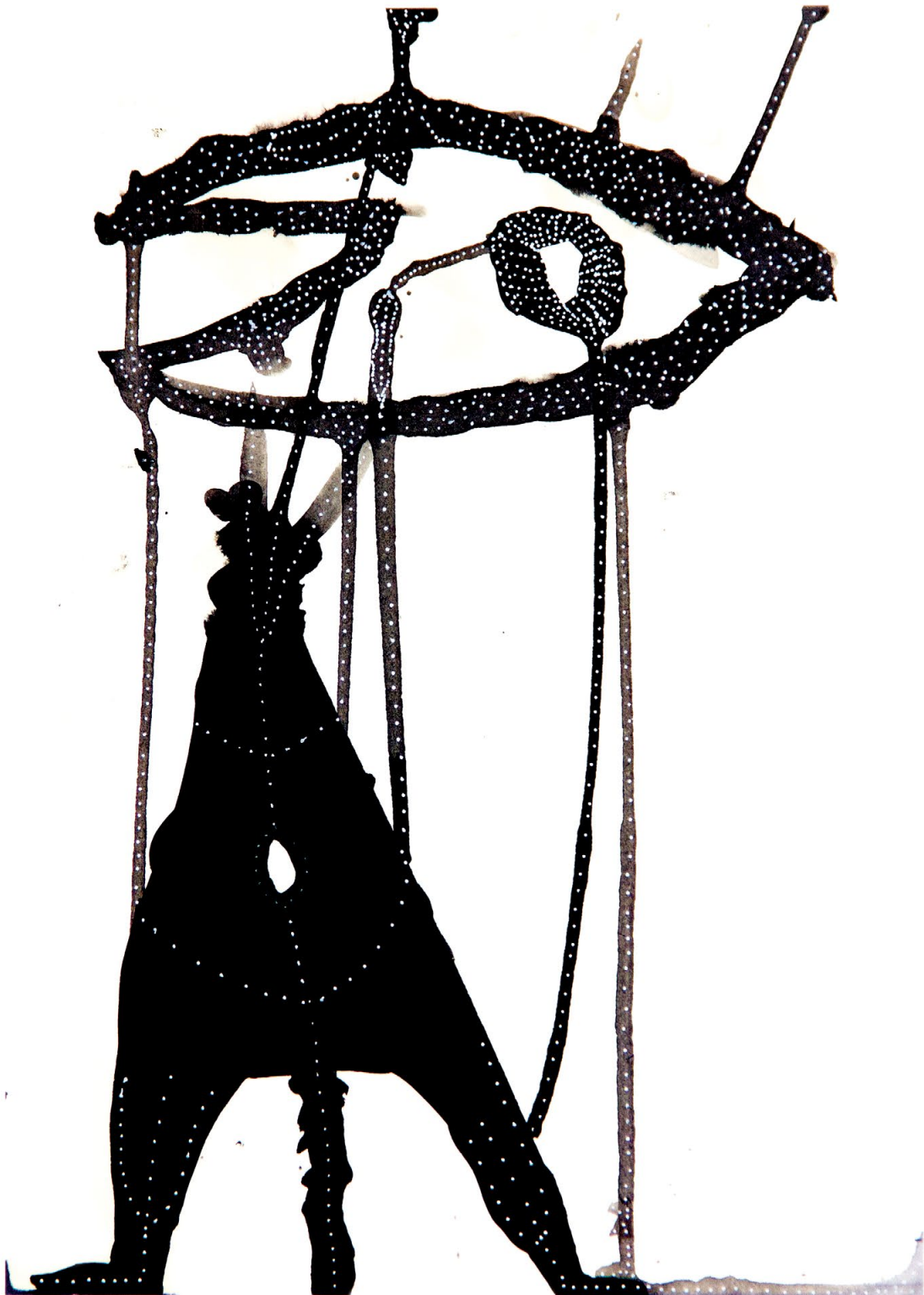
**O Bem Viver
e as artes de si**



SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.



De Paloma Vidal para Carmen



São Paulo, 28 de setembro de 2020.

Carmen,

Te escrevo de novo agora, em português, porque me fizeram um convite, e quando pensei em uma carta para escrever neste momento, voltei ao desejo que tive, no dia 16 de março deste ano, de contar para você o que estava acontecendo. Era o dia da sua morte, faz mais de vinte anos. Nem todos os anos minha mãe me lembra da data, mas nesse dia, a segunda-feira em que deixamos de sair de casa, ela me disse por telefone que estava pensando em você. Eu sou sensível às coincidências, acho que te disse isso em alguma carta. Para mim são um outro jeito de pensar o que nos acontece, que abre a imaginação, para que a gente faça conexões diferentes entre os tempos, os lugares e os seres. Nem eu nem minha mãe tínhamos a menor ideia do que estava por vir, mas esse início ficou marcado pela sua presença, que eu então carreguei para as cartas que me acompanharam nos meses seguintes. Te escrevia em espanhol, contando da vida cotidiana, a partir de alguma conexão que conseguia estabelecer com você, com minha lembrança de você. Não me perguntei muito, naquele momento, por que fazia tanto sentido me conectar com a minha avó morta, mas agora que tenho a oportunidade de escrever esta outra carta, que é uma carta aberta, a ser publicada, e lida por outras pessoas, tive vontade de pensar sobre isso e tentar entender o que a coincidência do dia 16 de março abriu para mim.

Se em algum momento eu decidisse escrever sobre você, como se fosse sua biógrafa, certamente eu iria até seu nascimento, sua mãe e seu pai, a emigração

da Europa para a Argentina no início do século passado, a pobreza, e também mais para frente, o casamento, os filhos, o trabalho doméstico, à procura de cenas que aproximassem de mim essa vida que eu não vivi. Neste caso era diferente, eu estava escrevendo para você, no presente, contando minha vida para alguém que me conheceu e que conheceu este mundo tal como fomos até o final dos anos 90. Era uma espécie de atualização e, no meio do horror do Brasil nestes últimos meses, eu cheguei a me divertir te contando sobre os avanços tecnológicos, sobre a política argentina, sobre meus filhos. Mas por que escrevia para você?

Em alguns momentos, escrever me pareceu perder o sentido diante da vida, ou da morte, e enfrentei isso como pude. Desta vez, eu precisava escrever para alguém, saindo do isolamento forçado pela doença. E te escrever me ligava à vida cotidiana que, contada para você, a partir da lembrança da sua, ganhava um sentido mais simples e mais concreto. Você fazia diariamente cálculos para viver bem: para que a casa estivesse limpa, para que houvesse a comida necessária, para que a roupa estivesse em bom estado e assim por diante. A geladeira era pequena e não tinha congelador. A comida devia ser comprada com parcimônia. O que sobrava era transformado em outra refeição. Esses cálculos e as ações que se seguiam a eles ocupavam o seu dia. Quando eu viajava para Buenos Aires e ficava hospedada na sua casa, eu te acompanhava e te ajudava. Pegávamos o carrinho de compras e íamos ao açougue, à mercearia ou a algum outro comércio do bairro. Talvez passássemos pelo armário porque uma roupa precisava de conserto. Você estava sempre atenta ao movimento do sol, para que a casa se mantivesse fresca ou cálida, dependendo da estação. Pedia que eu erguesse ou fechasse as persianas de madeira em horários precisos. Quando eu falava com minha mãe e meu pai pelo telefone, e contava o que tinha feito, havia uma decepção com essa rotina que consideravam limitada e da qual tinham se afastado. É compreensível. Havia muito a ser visto e feito na cidade. Às vezes eu insistia para que a gente fosse a uma confeitaria. Você me levava, mas não pedia nada, porque havia o que comer em casa.

Hoje meu filho mais novo faz dez anos. Já falei dele para você. É um menino que presta atenção nos detalhes: a planta que está precisando de mais água, a poeira que se acumula em um canto do quarto, as formigas que apareceram no banheiro, o tempo que a água demora para ferver. Acho que vocês se dariam

bem. Costumo dizer a ele que ele é otimista. Quando eu penso que a planta vai morrer, que a receita não vai dar certo, que seus espirros podem ser Covid, ele me diz para esperar, porque as coisas mudam e nos surpreendem. “Sou realista, mamãe”, ele me diz, e eu entendo que ele é um ser que ama o real, como você. Gosto de pensar que esta carta é um jeito de fazer vocês coincidirem no tempo e no espaço.

Com saudades,

PALOMA

De Arami Marschner para sua Oma



Dourados, Mato Grosso do Sul, 19 de julho de 2020.

“Estas son las mañanitas que cantaba el rey David y hoy por ser tu cumpleaños te las cantamos a ti...despierta, mi amor despierta... mirá que ya amaneció... Ya los pajaritos cantan, la luna ya se durmió”.

Minha querida Oma,

Engraçado que nem eu nem você esperávamos viver este tempo.

Um tempo desconhecido, que se limita ao presente sem nos dar muita perspectiva nem orientação sobre os próximos passos. Por isso mesmo eu queria estar contigo, que de tempo conhece e sabe, não é? E por falar em tempo.... seu aniversário está chegando Marion Lorena! O grande aniversário, o das 80 primaveras. O aniversário que deveria reunir toda a família, como há tempos não é mais possível. Mas Oma, eu vou dar um jeito de comemarmos juntas com aquele espumante *Garibaldi* e *Fundue* de chocolate. Vamos inventar uma nova realidade, e eu tenho certeza de que até setembro saberemos como nos abraçar. Às vezes parece que é necessário a gente se perceber melhor, sabe? Ver, sentir...tudo... a saudade, as ondas, os sons, o tempo; escutar o tempo. Oma, eu queria tanto estar contigo, ir na praia, comer as comidas que você gosta de fazer, aprender novas receitas, e olha que eu também estou ficando boa na cozinha, heim... Queria estar aí, me balançando na sua rede... e cuidando de você também. E este desejo me leva a te escrever esta carta para te ninar nas minhas palavras, como você o fez quando cuidava de mim pequena. Ah, Oma, eu fico pensando

sabe... eu fico pensando nos desejos das pessoas todas, das pessoas do nosso país... É tanto sofrimento... São tantos gritos surdos, tantos últimos abraços que não existiram. Eu queria te abraçar. Mas se não posso te envolver em meus braços, Dona Marion.... abraçamos o Mar em Lua Cheia.... “Abracei o mar em lua cheia, abracei... Abracei o Mar” ... E assim, os braços de todos os saudosos devem se encontrar na imagem do nosso corpo, refletida nas paisagens desta terra. Os desejos de tanta gente... de tanta gente. Os desejos pulsam e eles não cabem nos apartamentos. Por isso os desejos escorrem pelas paredes, alagam os pisos, sabe, Oma? Goteiam do forro do teto até abrirem as janelas. Por isso é preciso abrir as Janelas... é preciso, como Mário Quintana, abrir as Janelas. É emergente fruir e fazer poesia! Pois quem faz poesia abre uma janela. Os desejos então se alastram do interior de cada casa como vozes potentes até chegarem ao litoral. Oma, esta carta me transporta até o seu chalé.... Eu subo as escadas até chegar à entrada, na porta de vidro, e vou abrindo todas as janelas da casa e o ar corre... pela sala de estar, pela cozinha, pelo quarto de hóspedes, escritório, cozinha, banheiro, abro a janela do seu quarto e, finalmente, chego à sua varanda, todas as janelas da varanda... a sua varanda, o lugar mais almejado da sua casa... e é o mar que vejo à minha frente, o mar. E ao redor as suas belas primaveras.

Assim espero me fazer presente e encurtar as distâncias.
Com todo amor que cabe no peito,

ARAMI, SUA NETA AMADA

De Josiley Francisco de Souza para você



Belo Horizonte, 25 de dezembro de 2020.

Bom dia.
Como você está?

Faz muito tempo que não conversamos. Confesso que não me lembro da última vez que lhe escrevi. Falta tempo. Seguimos um ritmo em que parecemos perder as horas. Meus dias são como água que não para nas mãos, como chuva que não fica em peneira.

Por aqui, os dias têm sido de céu cinzento; as noites, de poucas estrelas.

Às vezes, acordo e lembro do azul no céu, da gente conversando pela manhã e se aquecendo ao sol. O Joaquim sempre falava: “Vamos ‘quentar’ sol...”. Também não esqueço dos nossos finais de tarde, da volta para casa, do pôr do sol e das outras conversas. Era tudo simples e bonito; hoje, dias e noites diferentes.

A vida segue mudando. E tudo começou num repente, nem conseguimos sentir o que se aproximava.

A gente levantava, mal acordava, e saía. As ruas sempre movimentadas, aos poucos o ritmo sendo outro. Os passos seguiam frenéticos, os carros continuavam o seu caminho barulhento de fumaça e buzina. E tudo mudando, tudo sendo outro, e a gente levantava, mal acordada, e saía.

Sem entendermos muito bem, o outro diferente foi tomando conta e nos invadindo. À medida que o tempo passava, as ruas cheias esvaziavam de vidas. A cada dia, levantava pela manhã e percebia que pessoas iam desaparecendo.

Agora, a cada nova manhã, a cada final de tarde, percebo que risos e

gargalhadas têm silenciado. Percebo que nossos dias acordam úmidos de medo. Na minha rua, as pessoas têm ficado em casa. Os olhares a cada dia com menos cores. Nossa respiração a cada dia mais ofegante.

E você, como está?

Nesses momentos de silêncio, lembro das histórias do nosso passado.

Faz muito tempo que não tomo banho de rio. Na cidade, não existe rio para se molhar. Preferimos ruas sem rio. Escondemos tudo quanto era rio para ninguém ver, pois atrapalhavam nosso trânsito. E rio se pode esconder de qualquer jeito? Eu nem duvidava. Outro dia choveu muito, e o rio não coube no buraco de cimento. O rio se espremeu e precisou sair. Veio inundação. Agora, todo mundo culpa o rio pela rua enlameada...

Quando saí da nossa vida e vim para cá, prometeram que tudo ia melhorar. Teríamos melhores condições de saúde, poderíamos ir para escola. Poderíamos trabalhar e comprar. Com muito trabalho e dedicação, a gente ia até ter um carro e um celular com muita internet. E eu acreditei, vim morar na cidade da vida moderna de tantos brilhos coloridos.

Mas o tempo passou. Já não sei mais quanto tempo. Dias... anos... vidas... horas...

O prometido não veio. A vida de tantas faturas não aconteceu. A cidade não parou de crescer, a fumaça foi aumentando, o fogo queimando cada vez mais... Veio lama, cinza, plástico... e mais um monte de coisa que não cabe em uma vida, que não cabe na nossa história, que não cabe no nosso corpo.

Agora, barulhos de metal, de gritos, de pedidos de socorro, de asfalto e de borracha fazem parte dos nossos dias.

Ainda lembro sempre de outros sons... Mas ninguém parece querer mais ouvir a música de uma estrela. Vivo cheio de ausências...

E a arara? Você ainda vê alguma por aí hoje em dia? E tucano? Pelo novo celular que comprei na semana passada ainda ouço alguns pássaros. Por tudo se pode navegar nessa tela do telefone. Outro dia, uma menina passou aqui correndo com um celular dizendo que era presente da mãe, que ia poder navegar longe – dizem que a internet ainda vai melhorar muito com o 5G.

E sinto saudade da gente na canoa de bubuia.

Ontem, vi na tevê que tem acontecido muitos incêndios onde a vó cresceu.

Você vê sempre barbadinho e prego? Lembra como eles ficavam fazendo barulho naquela figueira do quintal? Os meninos ainda brincam subindo em figueira?

Hoje, escrevo debaixo de mais uma tarde cinzenta, tudo muito seco. Tenho muito medo de que isso não passe mais. Será que jogamos tudo fora?

Eu queria tanto brincar lá fora...

Estou esquecendo de como subir em árvore...

Estou lembrando do cheiro da terra...

Estou esquecendo do gosto de pisar descalço na grama e na areia...

Lembro...

Esqueço...

Lembro...

Esqueço...

Resta escrever. Não consigo gritar. O grito está ofegante. Vivo de máscara no rosto e com dificuldade para respirar. Mas escrevo para você. Acho também que, se eu gritasse, você não ia me escutar.

E seguem meus dias de silêncios, de quase sem sol, de rio nenhum, de noites de céu sempre sem estrelas. Dizem que agora precisaremos viajar para longe para ver a lua.

Espero que aí você e sua gente consigam viver de outro jeito e ver outros dias por muito tempo ainda.

Vou ficar esperando suas novas outras histórias. Não demore a me escrever.

Eu espero. Quem sabe posso ir passear aí um dia desses... Espero.

Um abraço carinhoso,

Do seu irmão de sempre.

JOSILEY FRANCISCO DE SOUZA

De Antonio Marcos Pereira para A.



Salvador, setembro de 2020.

Querido A,

Minha primeira disposição ao ser convidado para fazer uma carta para esse livro foi a de aceitar o convite, desejar fazer, e envolveu a fantasia de escrever a carta para você. Aceitação, desejo e fantasia estão no início das coisas então. E, envolvido nessas disposições e emoções, imaginava esse momento, escrevendo a carta e dizendo o que teria a dizer para habitar um volume de “Cartas para o Bem Viver”.

Seria uma carta para você, que também sou eu: Para você, que fui eu no passado, mas que só aparece assim, como um interlocutor potencial para mim, agora. Seu futuro, que é de onde escrevo agora, é mais alheio para você que os futuros das histórias de ficção científica das quais você gosta tanto. Seu futuro é meu presente, meu futuro é tão incerto quanto o seu era para você e, que curioso, seu passado é tão enigmático quanto o futuro para mim. Ainda não sei como conversar com você, como ser ouvido por você, nem sei tampouco o que você, em sua juventude, em sua adolescência, em sua infância, está me dizendo. Está me dizendo algo, sei: suas coisas misteriosas e almeçadas, seus segredos, esperanças e impaciências, a mistura de força e estupefação, os ímpetos todos arrevesados, o mundo às vezes amigo, às vezes não. De tudo isso tenho vaga impressão, tudo me parece uma forma particularmente diáfana de “ouvi dizer”. Nessa carta queria contribuir com nosso diálogo, te dizer algo de mim, dessa região aqui do tempo, de onde olho para você e te conheço tão pouco. Você

talvez devesse ser a pessoa que conheço melhor, mas que nada: essa ideia é um engodo. E apesar de tudo isso, te reconheço, estou em você, sou você também.

Como esse que sou você no futuro, agora, é assim, acontece o seguinte: ao mesmo tempo que desejava escrever, sentia também a presença dos obstáculos, interdições, do “Não posso”, “Não sei”, “Não tenho”, “Não consigo”, “Não devo”. Essas emoções contraditórias são nossas velhas conhecidas, e me parece bom lembrar que nos definem com muita força, o reconhecimento dessa força abrindo um caminho de recusa ao purismo e ao essencialismo. A verdade é que muitas coisas que penso e sinto se misturam, habitam com desconforto as tábuas de categorias do espírito, entram e saem dos nomes que parecem candidatos à definição e guarda da experiência. Você, lembro, se aflige muito com isso: modelos morais de consistência e integridade absoluta lhe assaltam, você se sente exigido a ter um só rosto e um só nome, e tudo que seja alternativa a isso será falha e erro. Outro engodo, me parece, te lembro hoje.

O fato é que em torno da escrita da carta eu estava vivendo ao mesmo tempo o desejo e a impotência e isso não me era estranho: era familiar, e bem próximo disso que chamo de viver, e de maneira alguma avesso ao que chamo de Bem Viver. Como tantas coisas que tem a ver com nossa ideia do que é legítimo em nossos modos de ser, há fluxos entre o que é aprovação esperada e projeção nossa, e uma constante intempérie nas crenças que abraçamos para sossegar ambivalências que, talvez, funcionassem melhor ao ar livre, buscando seu lugarzinho numa ecologia de lusco-fuscos.

Às voltas com esse diálogo com o adversário íntimo, lembrei de uma história. É uma experiência comum: estou considerando uma ocorrência qualquer na vida, e recorro a uma coisa lida, assim como muitas vezes, lendo, emerge uma recordação, puxada da história que me fez pelo que li. Dessa vez, o que lembrei era uma narrativa curta do autor argentino Juan José Saer chamada “Na crosta ressecada”. Esse título, algo avesso e pouco promissor, encerra um relato iluminado, no qual Saer explora a vida juvenil de dois de seus personagens mais frequentes, Horacio Barco e Carlos Tomatis. Saer é um desses autores que passam a vida ao redor de um mesmo conjunto de temas e problemas – talvez todos sejam assim, expondo em seus textos o cercadinho do mundo que lhes coube. Mas no caso dele isso é muito saliente, e se traduziu também em um jeito de trabalhar com os mesmos

personagens, que aparecem numa e noutra história, em diferentes momentos e situações da vida, quase sempre lá, na mesma região da cidade argentina de Santa Fe, onde Saer nasceu e viveu sua juventude e de onde jamais se apartou totalmente. Não há muito de mirabolante no que se narra quase nunca: o que fica conosco é, na maior parte das vezes, a impressão duradoura de uma forma de vida que se imprimiu no que se narra e é o como se narra.

Com esse conto não é diferente. Vemos os dois amigos no limiar da juventude, começando as férias de verão. Fazem um plano: decidem escrever uma mensagem para o futuro, colocar numa garrafa e enterrar. Arrumam tudo, dão um passeio de barco, encontram uma ilha no rio que julgam propícia e, dentro dessa ilha, mais ao centro, uma clareira. Cavam, atravessam com a pá a crosta de barro ressecado à qual se alude no título e, como fazem um buraco fundo, encontram uma zona mais úmida de terra, na qual depositam uma garrafa lacrada, contendo um papel no qual escreveram a palavra MENSAGEM. Assim mesmo, em maiúsculas, e nada mais. Ainda na fase de planejamento das coisas, arrazoando sobre isso, um dos dois personagens da história diz que “afinal de contas, o conteúdo da mensagem não importava, que o fundamental era a própria mensagem, porque o importante de uma mensagem não era o que dizia mas sim sua faculdade de revelar que havia pessoas dispostas a escrever mensagens”. Lembrei desse personagem dizendo isso, e com isso lembrei de toda a história tal como ela se fez para mim e se depositou em minha memória: as imagens do início de verão e as férias, os amigos se visitando e planejando o que iam fazer no dia seguinte, a arbitrariedade de tudo, plano e desígnio, exercícios de lazer sem razão, afazeres juvenis que, ao serem feitos, nos fazem. Lembrei de ter lido várias vezes essa história, lembrei de já ter desejado escrever sobre ela sem conseguir, e lembrei outras coisas que já esqueci.

Importa dizer que há mais na história, pois quase sempre há, fato que não depende exatamente do que está escrito, mas de uma coisa mais difícil de demarcar que é o que a história faz, o que por sua vez depende do que fazemos que ela faça. O que me interessa não é ordenar os sentidos que a narrativa tem até secar. Sofro, com relação a Saer, a dificuldade da pessoa que passa muito tempo lendo um mesmo autor, relendo seus textos e lendo com afinco textos a respeito desses textos, e tendo a inflacionar o comentário. Mas há uma dose

acertada da história para a carta, e é ela que busco: a história vai em outras direções, a ficção de Saer também, sua crítica vai para outras ainda, e tudo isso tem sua ordem de importância, mas não para esta carta. Agora, a direção que sigo é a da lembrança que a carta puxou da história: a ideia de uma mensagem cuja importância reside em dizer “Aqui estive”.

Uma mão, ordinária e transitória, executa um movimento de reação contra o tempo, se inscrevendo noutra vida, paralela, mas com outra durabilidade, dentro e fora da vida que vivemos, que é essa dos textos. Aqui estão os livros que você leu e amou, e lhe disseram algo que você lembrou e algo que você esqueceu. Aqui estão os personagens lidos que você desejou ser, e desejando ser essas pessoas de ficção você também, à sua maneira, virou outro, inclusive para si mesmo. Os livros vão ser o armário que leva à sua versão particular do mundo de Nárnia: vão, diria em modo de arroubo, “salvar sua vida”, subtrair de sua solidão, adicionar sentido a algo que dele é privado, e assim encomendar amizades, amores, alegrias e marcar sua fisionomia com uma identidade em alguma medida escolhida e inventada. É com os livros e a leitura que você vai sair da escola, vai entrar na faculdade, vai sair do bairro, vai viajar, vai estudar, e vai se tornar o que você, hoje, é. A vertigem do desconhecido, a falta de razão dos acontecimentos, os problemas do pensamento que se volta para examinar os utensílios do pensar: a carta que quis escrever para você quer lhe dizer dessas coisas e dizendo essas coisas te dar força, o que quer que isso queira dizer: “te dar força”, para que você seja o que você é, o que você ignorava, e ignora, ainda, sendo bem provável que continue em certa medida ignorando, assim como na história de Saer os garotos ignoram o que será da garrafa, da mensagem, da memória do dia investido em enterrar uma mensagem numa garrafa, de si mesmos. Ignoram tudo isso, mas sabem que a mensagem diz “Mensagem”: “Estive aqui”, “Vivi”, “Fui”, como você, que agora lê, está aqui, vive, é.

A.

De Alexandre San Goes para Alexandra



Salvador, Bahia, 24 de agosto de 2020.

Minha querida irmã,

Alexandra. Ou qualquer outra pessoa leitora destas minhas palavras, que porventura possa compreender a razão pela qual estranhamente escrevo sob um olhar duplo, ao mesmo tempo pluralístico. Primeiro, enquanto diálogo imaginado para com minha irmã gêmea já falecida, fitando o meu passado mais primevo. E, vindo junto ao despertar para as lutas dos povos originários, sugerindo atenção urgente aos futuros passados de tantas outras irmandades possíveis. Tantas quanto a fortuna da presente leitura reservar, tantas entre todas as quais em vossa imaginação leitora conseguireis também remeter.

Reconheço a complicação deste empreendimento. Do que possivelmente reclamaria bruscas mudanças de tempo narrativo, múltiplos pontos de vista e de vozes que se intercalam, cronotopos muitas vezes difíceis de compreender, antes que saiba quem é a ouvinte. À dificuldade, constato o parecer de que ainda não fomos muito bem apresentados. Repercuta o questionamento de que seriam meras retóricas, portanto, nominais improdcentes num sentido prático, estas palavras para o Bem Viver dos povos indígenas e não-indígenas se continuasse a redigi-las sem ainda saber quem. Não posso continuar a insistir neste privilégio de escrever o que quer que seja, auto confiando tudo aqui como disponível à assimilação, e implícita a ideia de uma mudez destinatária.

A mim se pode dizer com verdade que busco escrever como se o fluxo vital de meu coração ressoasse em outro, como se assim pudesse reconhecer memórias

ancestrais e imaginários longínquos. À pureza dessa busca, da qual necessito cultivar fidelidade, verifico o que ainda não está afinado ou sequer escuto. Por isso hesito, recuso por ora o que nos faz supor em fronteira, isto o que parece condicional ao gênero epistolar. Não me entendas mal, se enquanto destinatária já assim te compreendes, continuas, espero logo encontrar o meu prumo. Romper com o desconhecimento dessa desnatureza. É difícil descrever o que se ignora, mesmo quando se começa a restaurar parciais conhecimentos de sua anatomia.

Meu descontentamento atual é ruidosamente concreto. Um problema que devo localizar agora; fugindo dos tão-somente lamentos resignados que, assim sempre sendo, devem ser suspeitados desde as primeiras linhas. Desconheço: (I) a voz pessoal da minha irmã gêmea, Alexandra, que poderia ter sido a melodia vocal mais frequente em minha vida, não fosse a sua morte precoce; (II) as mais de 200 línguas faladas em terras brasileiras, que estão sob o risco eminente de desaparecimento, pela razão atual da morte dos indígenas idosos vitimados pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

Para muitos, a pandemia apresentou à imaginação formas não naturais de morrer, modos de partir gerações. Para os povos indígenas, já consigo minimamente compreender, essa pandemia acende à memória de outras epidemias lamentáveis presentes contínuos. O drama da morte desses anciões, herdeiros das tradições originárias, é o que representa tal antecipado. É uma extinção mais radical que a de pandas, baleias ou borboletas. Vozes da origem. Com elas, se vão línguas, culturas, visões de mundo, narrações mais velhas e que denotam modos efetivos de ser da terra. Tantos tempos, cantos, timbres e curas. Espanto a cegueira do espírito humano.

Sou informado de que algumas tradições, variáveis de povo para povo, ponderam duos; veem ou viam gêmeos como perigosos, com conseqüências para todo povo. Notícias enviesadas até mencionam este como o problema e emblema da cruzada universal dos direitos humanos; outros vieses mais relativos apostam no respeito à diversidade cultural humana. O tempo não daria para contar tudo o que, por acaso, vim a saber sobre o assunto, sua antiguidade tanto quanto pluralidade através de muitos mitos e ritos. Apenas direi acerca do que parece envolver ciclos de vida e morte. Em retrospecto, pouco senti estimulado a escrever sobre esse ritual de busca que constitui o fundamento das minhas

atuais pesquisas, tampouco refleti até o momento sobre o resultado que delas depreendo. O fato de eu tê-la chamado de ritual evidencia o cunho estabilizador e necessário, mas para comunicar há passos ainda incompletos. Se fecho os olhos para os deslocamentos de sentidos implicados à tradução do ritual para a escrita, quase estou próximo de um ouvido atento.

Quero continuar. Assim, vou experimentando a nudez de toda verdade contida no gerúndio. Te procurando por imagens, algumas das quais difusamente nostálgicas. E, no entanto, todas aparecem como – costumeiramente são formadas em minha cultura – projetos visuais imperialistas, que mais confundem os outros sentidos. Fugindo do mundo das telas; deixando-me guiar pelo olfato, encontro prelúdios de labirintos infra biológico de odores, sem dúvidas evocativos, entrevistos de memórias afetivas que acionam caminhos próximos à sensação de ir ao seu encontro. Novamente quase, tudo se revelando sensação passageira, talvez por falta de treino ou mesmo minha incapacidade. Percebendo estar em posição de vítima, reconheço a condição de súdito neste reino de coisas e códigos de barra. Tentativas, manejos, tecnologias sensoriais, e apesar de tudo isso, sequer estamos falando a mesma língua.

Persistindo em gerúndio. Tateando distâncias neste espaço-tempo, continuo te procurando pelos confins da minha língua, do meu quarto. Da língua, a que me fora herdada e é sinal de extermínio de outras línguas. Do Quarto, onde agora estou pelo isolamento decorrente da pandemia do Covid-19. De todo modo, assim estando.... Explorando algo desta contradição que se aflora em sonora intensidade. Percebendo os limites de um realismo aquém de cômodos apartamentos. Oscilando entre o alívio fictício das distrações da redoma e a angústia que espelha tantas aflições e sofrimentos vivenciados em tão vastos territórios. Revendo como os registros das mortes se avolumam ao passar das horas, se prolongam na sucessão de dias, se atualizam na história – nem por isso despertam comum comoção entre concidadãos. Lamentando as notícias: dos garimpos ilegais, desmatamentos desenfreados, doenças, violências que persistem e se apoderam dos territórios dos povos originários. Estou cansando, adormecendo para sonhar alto o suficiente a um passo do céu sem males. Choro soado, descoberto, abafado, banalizado pelas avalanches de notícias, pela sua própria razão de ser gerúndio.

Pouco a pouco, desligo o controle aparente dos sentidos. Pouco a pouco, percebo como sem importância todos os sons. Pouco a pouco, os sons remanescentes conduzem o que me parece ser: a última porta da percepção a se fechar, anterior aos infinitos oníricos. Pouco a pouco, começo a acordar. Pouco a pouco, sons sobreviventes conduzem ao que me parece retorno à realidade. Pouco a pouco, mas também de um jeito estranhamente súbito, reconheço os sons de um inseto que mais parecem alvoroço. Pouco a pouco, os seus sons desconexos entregam o quanto parece perdido na escuridão do meu quarto – ou serão vibrações de procura? Pouco a pouco, ainda na escuridão do meu quarto, abro os meus olhos e percebo um ponto de luz, tão forte quanto ligeiro. Pouco a pouco, associo essa efêmera sutil fluorescência àqueles sons que ecoaram ao meu despertar; como resultado de um resgate da memória, pude então nomeá-lo vaga-lume.

Atento-lhe o caminho para a janela, para todos outros sons e luzes da cidade. Enquanto pondero a razão pela qual o tal vaga-lume se recusara a emitir mais luz e som, as janelas permanecem abertas. Perdido no breu de dentro, procuro o pequenino quase com o mesmo desespero das minhas buscas anteriores. Continuo te procurando. Tateio distâncias no escuro, enquanto pondero silêncios, e é somente assim que então reparo novamente o caminho para a janela à minha espera. Da janela vislumbro denso terreno celestial. Notabilizo a reversibilidade que encarna no mundo para além das alegorias. Reparo o sentido da audição. Estimulo clariaudiências. Como que num estado de alma afinada, sempre a afetar imaginações e memórias, ouço sons do mundo sobre nós.

Ouço.... Também ouves? Te ouço...

Antes que o mundo comece, e termine. Paisagens sonoras e iluminadas, registros temporais longínquos. Às curvas de tempos e espaços, *continuum* de uma ópera cósmica. Sons e luzes, antecedentes das vestimentas de barro. Antes, depois do verbo. Fomos, somos, seremos fragmentos resilientes de estrelas. Sobre nós, sons do cosmos. Feitos, efeitos de eventos ancestrais, estelares e explosivos. Futuros passados. Em princípio, mesma hora final de uma supernova, os elementos criados e ejetados em universo primitivo e em expansão são hoje reconhecíveis, não apenas genericamente, mas especificamente inclusive em nossos corpos. O carbono na maioria das células, o ferro nos glóbulos vermelhos, o cálcio nos ossos.... Apenas uma teoria? Ciclos de vida e morte.

Fomos, somos, seremos criaturas ligadas pela química, pelo sangue. Gêmeos. Alexandre e Alexandra, nossa bisavó Alexandrina. Oceano dos nossos ancestrais, matriarcados antepassados. Feitos, efeitos e frutos de uma mesma carne, de um útero aquoso e afetuoso. Nas entranhas da Terra, nossa Mãe. Oceano e Mãe. Mar que não tem tamanho. Mãe que nos deu morada. Para sempre testemunhas auditivas de originários afagos. Das coisas que não são nem tanto para se ver, senão serem tocadas e ouvidas. Sonares flutuações. Vozes de arrebenção. Nascimentos.

E bem assim, feito enredo de terra grávida de biodiversidades, diferentes culturas demarcam diferentes modos de nascer. Plurais destinos e irmandades.

Por uma dianteira de cinco minutos, nasci primeiro para ser o irmão mais velho que lembra e que cuida. Um primeiro relativo, a chorar antes e depois de outros tantos primeiros respiros. Choramos ao abundante encontro com o oxigênio. Choramos a condição humana. Choramos reversos de mortalidade. Choramos a brevidade da vida. Choramos até nossas vidas começarem a divergir. Choramos imersos a sentimentos profundos de incompletude, o fato bruto de corpos e mentes nos serem emprestadas. Choramos nossa gemealidade parcialmente perdida. Choramos esse tipo especial de encantamento duplo que na terra dos iorubas são *ibeji* e *abiku* – respectivamente, gêmeas e aquelas que nascem para morrer; viver por um curto período, logo retornar à floresta encantada.

E novamente, de modo semelhante ao enredo de tudo que é filial à terra, diferentes culturas demarcam diferentes modos de lidar com esta inegociável sentença. Plurais destinos e irmandades.

Aludo aqui a isto, porque frequentemente ignoramos o roteiro óbvio; vivemos fantasiando a vida eterna sem as devidas mediações das metamorfoses; esquecemos da mortalidade natural para qual continuamente dirigimos; resignamos ante mortes não naturais, por fomentar olhares tão seletivos. Irredutível taxa de mortalidade que permanece uma por pessoa, a despeito de todos os avanços medicinais. Aprendemos a rejeitá-la com apreço e suposto traço de personalidade humana. Criamos mentalmente o tipo de silêncio que é derradeiro; os tantos abismos entre vidas, também entre vida e morte. Quão profundamente imaginamos o abismo, nos tornamos incapazes de ouvidos atentos.

Quais sons devemos preservar, encorajar, multiplicar? Acredito que uma das

portas para o Bem Viver reside em tais questionamentos.

Quando comecei a interrogar quais fluxos aqui juntar para então remeter, do que deveria escutar antes mesmo de determinar as ouvintes, por acaso encontrei vídeo dos “Guardiões da Floresta”. Trata-se de um grupo formado por indígenas protetores da terra indígena Arariboia, no Maranhão, que passou a utilizar de tecnologias como câmeras ocultas e GPS para justamente flagrar a ação ilegal de madeireiros. Fiquei impressionado com a tentativa de negociação. Um dos madeireiros afirmou que logo sairiam da região, mas que antes pudessem retirar o que já havia sido posto a baixo. Os indígenas se recusaram, e daquilo fizeram notar sonoros irredutíveis e inegociáveis.

Mesmo uma árvore cadáver é imprescindível para o ciclo de vida na floresta. Imediatamente após qualquer tronco caído no chão, milhares de fungos avançam para sua decomposição; pouco a pouco tudo se metamorfoseia em húmus. E mais: alguns dos relacionamentos entre fungos e árvores são notavelmente amistosos; internet da floresta – alguns fungos são realmente capazes de formar redes subterrâneas de trocas de nutrientes, muitos dos quais se tornam fundamentais para área de expansão das raízes e do seu gêmeo aéreo, de tudo o que se faz possível à luz do dia. Passa bem!

ALEXANDRE SAN GOES

De Joseane Maytê Sousa

para o tempo



Salvador, 10 de setembro de 2020.

Caro tempo, cíclico tempo,

Eu passei 16 anos da minha vida tomando anticoncepcional.

Talvez essa seja uma maneira muito estranha de começar uma carta a você, mas ela tem um fundamento. A relação com o tempo, para mim, é a chave do Bem Viver, esse conceito que se liga a outro, o de abundância pessoal, e que por sua vez recai sobre o uso do meu tempo: o tempo do meu aprendizado, o tempo do meu cansaço, o tempo do meu acolhimento, do trabalho, do meu autocuidado, do estudo, da minha saúde e das minhas colheitas. A partilha do tempo está infinitamente conectada à harmonia e à integração com a natureza e todos os seus ciclos.

Ciclos, palavra bonita, não é, senhor tempo? Assim, no plural, ou no singular, é um vocábulo que remete a inícios, meios, durante, finais. Tudo na natureza funciona de forma cíclica, numa conspiração silenciosa que me permite viver em harmonia com ela, desde as frutas ideais de cada estação para dar conta das mudanças climáticas que podem atingir a minha saúde, passando pelas estações em trânsito constante, que quase parecem não ter fronteira nesse país, até as fases lunares, dentro e fora de mim, mulher, porque também sou cíclica dentro. Eu sou cronológica tal qual a Natureza; dela sou parte.

E este meu corpo de mulher, desde cedo, aprendeu muito sobre a pressa e muito pouco sobre o lento. Aos 14 anos eu menstruei, completamente alheia ao que significava em mim essa fase, bonita fase, recebida com desafetos. Mesmo

antes de sangrar, eu já sangrava. As violências sobre um corpo de mulher começam ao nascer e perduram uma vida inteira. São camadas e camadas de peles que nos incitam a criar sobre nossa essência bicho, nos revestindo com películas de comportamentos padronizados, regras determinadas, narrativas secretadas, voz baixa até o silêncio.

Com o tempo (que ironia!), tempo, meu corpo, pendente por Natureza – peitos, músculos, pelos, gordura - tornou-se rijo, tendeu ao fixo, ao engessado, esqueceu a dança, aquela ensinada pelas árvores, pelas águas, pelos bichos e, duro, repleto de silêncios e bordas, ele adoeceu. Aos 18 anos eu tinha ovários policísticos, um distúrbio endócrino que provoca alteração dos níveis hormonais, e leva à formação de cistos nos ovários, que fazem com que eles aumentem de tamanho. Isso me gerava, além de uma dor extrema e dos ciclos menstruais irregulares e sangramentos intermináveis, diversos outros problemas de ordem emocional.

Havia algo errado comigo, e eu achava que era minha culpa. Foram tantos médicos e tantos medicamentos e tantas certezas oriundas de fora que não havia tempo para escutar dentro. Enquanto métodos e médicos distintos tentavam dar conta da minha dor ao menstruar, o meu corpo, senhor sábio, me sinalizava, com riqueza de detalhes que era hora de romper a borda, era hora de transbordar.

O convite para sentir e viver o feminino chegou no tempo em que foi possível ouvir “devagar também é pressa”, gosto de dizer a mim mesma, e até o tempo tem seu tempo. Em um sábado desprezioso, fui a um encontro com o feminino. Beira-mar, onde eu e outras 7 mulheres fizemos nossa própria comida, conversamos sobre nossos corpos, dançamos e cantamos para e com a lua, e o simples fato de fazer uma coroa de flores para mim com os pés no chão e ouvidos atentos às vozes de tudo que me circundava, me legou uma experiência luminosa. “É só deixar, é só deixar...é só deixar o amor chegar”, assim se repetia a canção.

O amor cantado tem destino certo: meu corpo, meu templo sagrado. O sagrado que me habita foi sempre a mola propulsora dos encontros com mulheres - rodas de afeto, rodas de escuta, rodas de cura e conversa, como faziam as minhas ancestrais, dos quais participei e com os quais, na partilha com outras mulheres, fui entendendo situações tão comuns e medos tão próximos, que a gente ficou muito mais parecida do que diferente. Reunida com outras, dentro da minha autoinvestigação, na ciência da minha própria morada, da minha casa-corpo,

descobri que dizer a dor é libertaDOR, partilhar me ajudou a deixar de doer dores outras, dores muitas.

Esse lugar de aproximação com o feminino me levou a estudar os movimentos cíclicos da natureza; as velhas narrativas contadas por velhas senhoras; os muitos feminismos e o sagrado feminino. Esse saber cavado, varrido para perto, me fez suspender o uso de hormônios e buscar tratar o que se dava dentro e era detonado em meu corpo, este que me dava recados sem ser escutado, afinal não havia tempo, não o há, esta é a lógica deste mundo: ter, consumir, produzir, e isso toma qualquer possibilidade de silêncio. Sem o silêncio, no entanto, não se tem escuta. Escutar é uma experiência produtora de vida, de resistência, de presença.

É verdade, tempo, eu passei 16 anos da minha vida tomando anticoncepcional. Eu repito a sentença porque, hoje, aos 35 anos, os mesmos médicos, que não entendem como eu parei de tomar hormônios e controlei o aparecimento de cistos, me dizem que estou velha para gestar, é preciso, então, congelar meus óvulos, pois em breve estarei infértil. Como é possível, tempo, que aos 35 anos a sociedade da pressa queira me dizer que estou na data-limite, como boleto que vence?

Neste século, enquanto sangro intensamente e sem doer, enquanto consagro meu feminino, planto minha lua e me entendo cada vez mais curada das minhas dores, por me saber, me fazer e me sentir, ainda queiram me dizer o que posso e quando posso. Perfuro os silêncios: “não agora, não mais aqui”. Não sucumbo a tendências, teorias médicas ou compreensões temporais alheias. Meu tempo é outro e espiralar. Nesse tempo que é meu, desalinhado e presente, eu retiro camadas, arranco a pele que me habitou por longo tempo, porque “para parir é preciso estar nua”, me disse a minha terapeuta, e eu já estou grávida, de mim.

Há anos me gesto e você sabe. Na minha gestação de mim, um ciclo bonito se materializa de mãos dadas a outras mulheres com suas cicatrizes, suas marcas e narrativas. Essa experiência coletiva e pessoal com o corpo e seus ciclos naturais me fez compreender que carrego comigo, sob a minha pele, o meu maior canal de conexão com todo o universo, com os seres e com a natureza, da qual sou parte. A minha vida é trânsito. Para além da teoria, essa consciência me leva a uma prática de expansão de sentidos, de sensibilidade aguçada, que me permite perceber movimentos de forma mais apurada, desde a sensação do corpo lendo

um texto, às emoções quando toco a terra, ao plantar árvores, até os sentimentos que florescem em meio a isso, tudo marcado pela produção de minha presença.

Tendo reconhecido a mim enquanto parte da Natureza, com quem partilho o tempo e a ciclicidade, tendo reconhecido isso que é uma ínfima parte do legado dos povos originários e de sua lida com a terra, que é mãe, é impossível não tentar, ao menos, viver em harmonia e construir relações diferentes com o tempo, com as pessoas e com o todo ao meu redor. Isso evidentemente foi potencializado com esse momento de pandemia.

O Ailton Krenak, em entrevista à Revista Cult,⁷² conta que os sábios Krenak diziam quando ele era um jovem espectador: “Vocês precisam tomar cuidado porque o mundo está invadindo a nossa existência”. Em dado momento, ele passou a ter sonhos premonitórios, com tratores, motosserras e os rios falando: “nós acabamos nos constituindo como terminal nervoso do que eles chamam de natureza. Meu corpo pode ter uma reação de vomitar se eu escutar o barulho de uma motosserra. Aquele barulho para mim é uma ameaça. O fedor do diesel, de gasolina. São cheiros envenenados.”

O que é o Bem Viver senão a capacidade de torná-lo potência, de sentir, de experienciar, de escutar e de viver a Natureza, a de dentro e a de fora, em equilíbrio? Há tempo! Há, tempo? Nosso modelo de vida atual invade a existência, apressa o passo, devora o tempo, consome rápido, tudo descarta, nada reaproveita, rejeita o velho, oprime o diverso. Falta sentir e falta sentido, por isso, tempo, urgente para mim é pensar maneiras de transformar essa realidade agora, porque o amanhã pode nem existir.

O despertar de minha pertença à Natureza, enquanto ente, veio através da relação com outros, melhor dizendo, com as outras, com mulheres, com aquelas que aqui viveram mais tempo e, mais do que eu, aprenderam sobre o mundo. É o Ailton Krenak, mais uma vez, quem me ensina: “se você conversar com os sábios dos Krenak, dos Guarani, dos Xavante e perguntar ‘O que quer dizer o nome do seu povo?’, eles vão dizer ‘ente humano’, ‘nós’, desmantelando a ideia de indivíduo e dando oportunidade de conversarmos com o rio, com a montanha,

72. KRENAK, Ailton. *Entrevista à Revista Cult*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

com outros seres que não são os eletivos humanos”.

Veja, tempo, em 180 dias fui capaz de ver nascer os brotos das muitas plantas que tenho em casa, observando seus intervalos, seus espaços, seus trânsitos, seus ciclos de vida e morte. Deixa-me te explicar: há aqui, nesta casa, há muito tempo, duas árvores. As duas sabendo-se, criando-se, sentindo-se e fazendo-se. Uma delas é a “Comigo-ninguém pode”, a outra sou eu.

JOSEANE MAYTÊ SOUSA SANTOS SOUSA

De Suzane Lima Costa para quem ainda escreve cartas



Salvador, 25 de outubro de 2020.

Queridxs,

Eu ainda escrevo cartas. Cartas curtas. Meu Bem Viver há uma década. Publiquei parte dessas cartas em alguns artigos, do mesmo modo, fiz de certos artigos cartas, não só pelo meu amor ao gênero, mas porque achei nesse modo de escrever um jeito de conversar, de colocar as palavras nessa dimensão da dialogia, um afeto. Também leio cartas, de outros tempos e de agora, de escritores conhecidos e de desconhecidos, mas foram as cartas recentemente escritas por Davi Kopenawa, Gabriel Gentil, pelas mães Terenas..., cartas escritas por indígenas,⁷³ que me fizeram parar para perguntar quem ainda escreve cartas, quais as composições desse tipo de escrita, a quem são destinadas e por que escrever cartas no tempo da rapidez.

Do mesmo modo que escrevo e leio cartas, também pesquiso cartas fora do papel, como um tipo de criação, não circunscrita ao gênero escrito, modelado no impresso, com datação, um remetente e um destinatário, mas pelo efeito que o gesto desse fazer pode provocar. O que seria isso? O que seria pensar uma carta mais pelo gesto de quem ainda a produz do que pelo nome próprio de quem a envia ou a recebe? O gesto-carta na cena contemporânea poderia deslocar o binômio remetente/destinatário para produzir um terceiro efeito: uma *miração* da correspondência, uma outra paisagem sensível para as formas

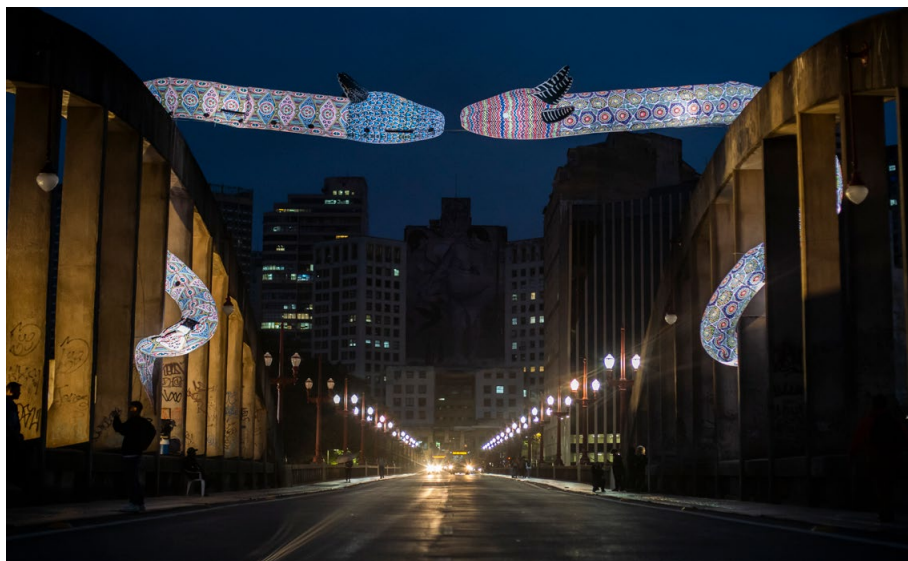
73. Cartas disponíveis em: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/>

da conversação, para lermos cartas-instalações, cartas-curtas, cartas-filmes, cartas-convites... Quem está produzindo essas correspondências? Como são seus efeitos em quem as recebe? Como uma carta pode rasgar temporalidades e se situar no nosso presente com uma outra composição?

Acredito, queridxs, que parte das possibilidades de saídas ou entradas nessas questões atravessa uma década de dedicação minha ao estudo de cartas escritas por indígenas.⁷⁴ Das cartas que ainda escrevo uma, especial e inacabada, talvez alcance melhor essas perguntas, porque me faz pensar o Brasil, destinatário dos indígenas, e seu silêncio em relação às correspondências encaminhadas pelos povos originários presentes até hoje em seu território. Não vou dizer dessa carta aqui, não conseguiria em tão poucas linhas, mas quero dizer do seu efeito, da paisagem estética que essas cartas movimentam em mim, de como esse corresponder ativa minha vontade de Bem Viver e cria isso que estou chamando de terceiro-efeito – um afeto que me faz desejar todos os dias que as pessoas continuem lançando suas cartas por aí.

Explico esse pensamento para vocês em duas imagens:

74. Para saber mais sobre o projeto acessar: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/>



ENTIDADES, por Jaider Esbell.

Fotos: Divulgação. 5. Edição do CURA, Circuito de Arte Urbana.

Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/topo/cura-bh-2020/>>.

Acesso em: 25 de out. de 2020.

Alguns chamaram essa instalação de dragões do viaduto, outros de minhocões, o Jaider Esbell, artista multimídia do Povo Macuxi, chamou de *Entidades*.⁷⁵ É aqui que eu vejo o gesto da carta: o gesto de uma carta-instalação multicolorida e inflável, com 40 metros de comprimento, que enlaçou o viaduto Santa Teresa, em Belo Horizonte, e ficou flinando na fixidez ferrosa da região central da capital de Minas Gerais. O gesto-carta que tomou de alegria e espanto o coração de muita gente leve e encheu de fúria o corpo dos mais amargurados transeuntes das ruas de Belo Horizonte. Uma instalação que traduziu no quase encontro das duas cobras grandes uma correspondência de ‘bote’ no peso da estrutura da cidade, no peso do velho discurso de “uma-só-nação-Brasil” com seus projetos cafonas de progresso e desenvolvimento. Jaider projetou no encontro das duas cobras grandes os efeitos de um quase beijo nos trópicos para falar da urgência de se colocar em correspondência no Brasil de hoje os indígenas e os não-indígenas, as pessoas das florestas e as dos condomínios, as cobras aquáticas e os carros elétricos. Remetente e destinatário em uma outra ordem de presença e sentido.

É sobre esse efeito que queria conversar com vocês, queridxs. Sobre o modo como vocês *ainda* conseguem produzir esse efeito em suas cartas. Sobre o efeito e sobre o *ainda*, que guarda uma certa melancolia em relação a escrita de cartas no nosso tempo presente, ao passo que redimensiona suas continuidades. Queria falar sobre esse efeito, porque há muito tento projetá-lo na carta inacabada que escrevo para os indígenas, na carta que inventei como resposta às tantas cartas que os indígenas endereçam há décadas ao Brasil. Fico com esta carta em minha cabeça criando rostos luminosos de gente e de bichos, nenhum deles com o brilho das cobras Macuxi, só com alguns vagalumes. Às vezes penso que não alcanço esse efeito, porque escrevo querendo o lugar do destinatário dos indígenas, escrevo me pensando Brasil, acreditando que suas cartas foram também escritas para mim. Se há um sensível jogo de lugares no fazer da correspondência qual seria o meu? Só você, que também escreve cartas, sabe como esse ‘tomar lugar’ precisa ser mais performatizado do que pertencido, precisa de mais ficção e menos rosto-próprio, precisa, sim e muito, de menos crença na fixidez do próprio lugar.

75. Uma das obras da 5ª edição do Cura – Circuito de Arte Urbana, realizada entre os dias 22 de setembro e 04 de outubro de 2020 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Por outro lado, não posso esquecer que nem toda carta produz essa ideia de correspondência, nem todo gesto de escrever cria esse efeito-carta, porque nem toda arte se dispõem a reproduzir conversações. O efeito-correspondência tem seus alcances e seus limites e está muito na mira de quem ainda faz da escrita de cartas uma montagem ordinária de manuscritos avulsos, entrecortada por cobras grandes e seus beijos impossíveis. Outra vez, a ficção, queridxs, a ficção!!

Não sei das saídas para continuar escrevendo minha carta aos indígenas, mas posso te dizer que tenho lido muitas dessas cartas-instalações, dessas cartas-filmes, e tenho falado sobre elas por aí, por isso resolvi escrever esta minha carta ligeira para quem se dedica a esse fazer de projetar utopias para os outros, para quem cria objetos de correspondência, porque tem na dialógica a invenção não de um lugar, mas dos modos como nos movimentamos na diversidade deles.

Obrigada por suas cartas. Quando as leio, sinto que, de algum modo, faço parte de suas vidas e vejo que encontrei, nesse fazer de escrever, ler e pesquisar cartas, um lugar de viver.

Um forte abraço,

SUZANE LIMA COSTA

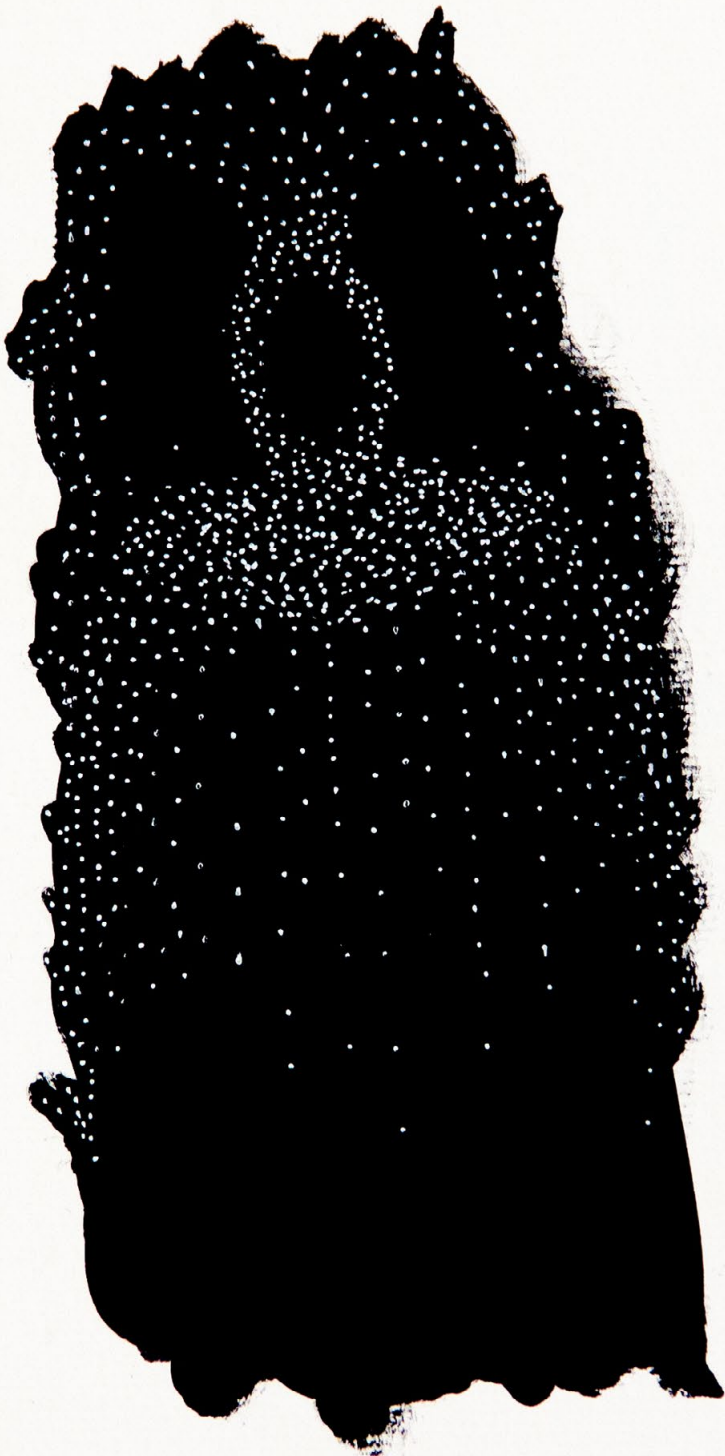
O Bem Viver e a vontade política



SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.



De Irene Maria para os professores indígenas



Porto Seguro, Bahia, 02 de novembro de 2020.

Queridos professores indígenas,

É com leveza, naturalidade, gratidão e desprovida de crenças limitantes, que lhes escrevo, expressando apreço e elevadas considerações e respeito aos povos originários - raízes de conhecimentos ancestrais, sustento dos troncos. Eu os conheci, ainda como alunas/os. Hoje, a sensação que tenho ao escrever-lhes é a de quem se coloca no lugar de aluna e com orgulho puro, sem arrogância no pensamento, os elevo à categoria de grandes Mestres da Humanidade. Quem não quer ser aluna/o de um Professor Indígena? Dos detentores de uma linhagem dos povos originários? Isto não é pouco! É honrar os ancestrais com humildade e reverência. É dar conscientemente o devido valor aos que tiveram a coragem de se lançar aos desafios de se tornar um professor indígena, em um contexto ainda de estruturação das políticas específicas de Educação Escolar Indígena.

No imaginário, incluo também nessa categoria honrosa de grandes mestres, alguns outros indígenas que conheci durante minha trajetória como funcionária da Funai, atuando na educação indígena no Sul e Extremo Sul da Bahia. Incluo também um cientista social e uma cientista social (ambos Xucuru-Kariri), que neste plano terrestre identifique-me como mãe destas duas pessoas indígenas e, juntamente ao Pai (Xucuru-Kariri) dele/dela, os encaminhamos para a vida, do jeito que foi e está sendo, com acertos e muitos erros, no passado e no presente, com esperança de que estes possam fazer melhor do que fizemos, que sejam eles mesmos, e não necessariamente uma cópia de seu pai e de sua mãe. No agora,

distante fisicamente, enquanto ele/ela, já adultos, trilham seus próprios caminhos, continuo recebendo o amor de Deus e emano proteção espiritual telepaticamente, aprendendo a expressar a maternidade como uma missão Divina.

Inspirada num conceito de que a vida não é linear e sim cíclica, lembro então de algumas formas de expressão, bem perceptivas nas estruturas conceptivas que projetam ideias e imaginários dessas comunidades indígenas, ainda que negligenciadas, tendo que se adequar ao modelo da caixinha, não significando que a expressividade cíclica deixe de existir. Vejo, queridos professores, que a todo instante essas circularidades cíclicas estão se manifestando na cultura indígena. Penso também que assim se cria a perspectiva de constante renovação da História dessas comunidades, com vistas aos conhecimentos ancestrais incógnitos, que emergem do subconsciente individual e coletivo, perceptíveis em práticas ativas na comunidade e absorvidas pela Escola Indígena, onde acontece uma mágica vivência intercultural.

As situações adversas, em forma de obstáculos visíveis e invisíveis, os tornam ainda mais fortes, desafiando-os, instigando-os a lembrarem dos seus ancestrais e a prestar reverência nos rituais indígenas, onde são expressas as manifestações dos conhecimentos originários que ressurgem dos desejos e encantamentos. Essas expressões registradas nas suas mentes e subconscientes e que são trazidas ao palco da vida comunitária, alimentadas pela energia sutil simbólica de seus antepassados, que vislumbraram conceitos, ideias, imagens de belezas naturais, singelas e arquitetônicas contemplativas, vivenciadas no passado com possibilidade de serem novamente experimentadas, resgatadas/reconstituídas. Essa é uma das variáveis do conceito de retomada pedagógica.

Vocês, como comunidades indígenas, sabiamente, já fizeram muitas vezes, e farão novamente, suas retomadas na educação indígena, assim como na vida. Pois está registrado em suas memórias/subconscientes a sua origem e missão da qual não adianta fugir. Se não for com o seu Povo de origem, será com outros Povos. Intuitivamente, o Ser é atraído ao retorno de sua originalidade. O novo fica velho e o velho fica novo em constante movimento cíclico. Independentemente de onde esteja fisicamente, circula em teu sangue a tua origem! A energia é a mesma! Assim acontecem as transformações e transmutações cotidianas, mantendo o ponto de partida que é o mesmo de chegada, gerando recomeços,

numa perspectiva cíclica de estar sempre retomando.

Queridos professores indígenas, vocês aceitaram a missão de transformação individual e coletiva. Não os vejo como heróis do agora! As sementes que vocês plantam produzem frutos e flores (conhecimento) por toda eternidade. Não é nada de imediato! Serão colhidos no tempo em que estiverem maduros (conscientes). Toda a Humanidade, a começar pela comunidade onde vocês atuam, será beneficiada. Essa é a sua recompensa! É assim que penso e desejo o Bem Viver para os professores indígenas.

IRENE MARIA DE JESUS SILVA
Professora Aposentada/Funai

De Joseli dos Reis Querino para os professores de Língua Portuguesa



Salvador, 11 de agosto de 2020.

Olá, Carxs Professorxs!

Lembro-me de um tempo em que a escrita rodopiava livre das amarras de uma armadura. Era cheia de movimentos e de sentidos. E dentre todos os sentidos assumidos por essa escrita, o que vinha exibindo um tom de conversa era o que mais me encantava. Por entre suas frestas eu entrevia alguém que se encontrava comigo, contava-me sobre sua vida, seus sentimentos. Isso já faz tanto tempo... Tempo de menina que depois virou estudante que depois virou professora e que passou a aprisionar a escrita, sufocando-a como quem sufoca o choro de uma criança. Por isso agora, com esta escrita que apresento, meu desejo é dar uma chance para que aquela outra, rodopiante e serelepe do meu tempo de menina, ressurgisse com toda sua desenvoltura, e que ela consiga revelar-se a vocês, pois quando se escreve é sempre para alguém. E este texto, caros colegas, eu escrevi para me encontrar com vocês. Toda a história aqui narrada foi escrita porque existe um outro possível. E se acaso me perguntarem se tudo o que escrevi não foi uma invenção, uma ilusão, é pela voz de Conceição Evaristo que respondo: “Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu”.⁷⁶

Sou Joseli dos Reis Querino: Mulher Negra, Filha, Mãe, Irmã, Companheira e Professora de Língua Portuguesa, ao longo de 25 anos, na educação básica da rede pública, no território baiano. Atravessada por muitas. Mas hoje meu desejo é compartilhar com vocês, através desta carta, um tantinho da Joseli Querino-

76. EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. p. 9.

Professora. Antes gostaria de falar um pouco sobre o significado da palavra *nomear* para mim, porque venho experimentando o exercício de me dizer pelo meu nome completo, na tentativa de demarcar melhor uma ideia de identidade e pertencimento. Esse *modus operandi* nasce muito recentemente a partir do meu despertar a um chamamento da socióloga Vilma Reis às mulheres negras, que nos convoca a uma apresentação pública sempre demarcando nosso nome e sobrenome, inspirada pela intelectual, professora, ativista e antropóloga Lélia Gonzalez, como estratégia de enfrentamento ao racismo e sua tentativa perversa de silenciamento e invisibilidade dos corpos negros e indígenas.

Essa ação de nos apelidar ou de não nos nomear como forma de deslegitimação, própria de uma concepção brancocêntrica e colonial, me fez pensar também sobre o conceito de *Nome-Ação*, agenciado pela escritora, performer da palavra e professora Luciany Aparecida, que nos traz outra perspectiva para essa reflexão, a de nomear também para “quebrar nomes” e “recriar enredos”, girando a “chave do constrangimento” para evocar o que nos incomoda, no caminho de tentarmos escapar dos ferrões racistas e sexistas com que insistentemente ousam tentar nos marcar, como se nós não tivéssemos humanidade. A forma como eu me nomeio é antes de tudo, portanto, uma escolha política. Assim, me chamo JOSELI DOS REIS QUERINO e hoje quero falar com vocês a partir desse meu lugar de professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino!

Essa ideia que venho reconstruindo de pertencimento do meu nome próprio como um corpo social, atravessado por subjetividades e interseccionalidades, me insere dentro de uma lógica de resistência, fazendo-me refletir também sobre a concepção de língua que mobilizo e que já mobilizei em minhas práticas pedagógicas, o que me faz pensar a respeito, por exemplo, do trabalho com a escrita realizado em sala de aula e percebo que de todas as teorias desenvolvidas a que tive acesso, ao longo de minha história profissional e como estudante, vejo que produz um sentido efetivo no ensino de Língua Portuguesa aquela cuja escritura implica na inscrição do sujeito que escreve, aquela que coloca marcas de si numa superfície vazia e produz prazer,⁷⁷ institui com todo o seu corpo,⁷⁸

77. BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

78. DERRIDA, Jacques. *Glas*. Paris: Galilée, 1974.

o ato que está no outro e vem do outro; estar em língua é mostrar-se. Sendo assim, tenho me perguntado recorrentemente qual o lugar da escola na vida de muitos estudantes, a quem raramente é dada a oportunidade da escrita, da leitura, da experimentação literária pelo desejo e pelo lugar de pertencimento?

Foi então que, através de uma pesquisa de mestrado (Profletras/Ufba) em 2013, me utilizei do gênero social carta e criei um projeto de intercâmbio de cartas entre meus alunos do 7º ano do ensino fundamental 2 e os alunos da professora parceira Cláudia Lessa Alves, por um período de seis meses que contou com vários desdobramentos. Decidi mobilizar com a carta uma práxis metodológica, porque a carta tem sido um movente da minha formação como professora e por isso eu acredito nesse gênero, pelo espaço de dialogia que ela promove, bem próximo do espaço biográfico nomeado por Arfuch,⁷⁹ que funciona como o lugar da declaração de si pelo contato com o *outro*, através das narrativas vivenciais e que abrange uma multiplicidade de formas, todas elas potencializando o dialógico, através das marcas de subjetividade. A carta funciona como uma das textualidades que mais potencializa rastros de *si* a partir do olhar do *outro*. Assim, a busca do autoconhecimento implica também conhecer o *outro*.

Dessa maneira, a carta foi pensada na construção da minha trajetória profissional porque ela produz uma série de significações e de sentidos, tais como, o dialogismo, a correspondência, a conversa, a partilha. E meu desejo agora é ter essa conversa com vocês, companheiros de jornada, sobre como eu me utilizo dessas textualidades para dar aulas de língua portuguesa hoje. Como é ser essa professora na rede pública, atravessada pelas diversas subjetividades, a partir de uma partilha sincera dos meus percalços e tropeços, das minhas dificuldades, mas também das alegrias e dos acertos, a fim de caminhar em busca de uma vida mais plena e mais digna.

Somente naquele momento, entre o vai e vem das inúmeras cartas, de forma consciente, acionei o gatilho para repensar minha trajetória com a língua a partir de um resgate memorialístico fundado numa pesquisa (auto)etnográfica. Foi quando fui despertada pelo desejo de pensar a escrita. Assim me coloquei a

79. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

observar e refletir sobre como eu desenvolvia as atividades de produção de texto em minha prática docente e hoje percebo que muitas vezes ao meu estudante não era oportunizado o direito de experienciar e de viver a escrita em uma situação outra que não fosse a normalizada, baseada apenas na cobrança de regras gramaticais, e na qual o professor assume a função de avaliador de um produto. A ideia de escrita que eu possuía antes daquele estudo continuava ainda muito vinculada a uma concepção estruturalista da língua, limitando-se ao desenvolvimento de práticas de produção textual voltadas para a combinação de frases ou orações, de modo a construir uma unidade textual, que por si só seria portadora de um significado, investidas sempre frustrantes para meus estudantes e para mim.

Percebo que essa experiência com as cartas me fez ativar um deslocamento possível ao ensino de língua que valorizasse o pluralismo de vozes por que somos atravessados diariamente na educação pública, no caminho de uma existência menos opressora e mais democrática que respeite o diverso presente entre nós. E nesse momento tomo a imagem dos paraquedas coloridos de Krenak⁸⁰ para pensar em como posso, a partir do meu lugar de militância, a sala de aula, mobilizar transformações possíveis no meu fazer enquanto professora. Refletir sobre o que penso a respeito do meu papel atual enquanto professora de língua e como consigo rasurar algumas estruturas em prol de uma plenitude. Mas o que significa essa busca por uma vida mais plena e mais digna no exercício de minha profissão?

Tenho pensado muito sobre essa proposta de *Bem Viver*, revisitada na contemporaneidade por alguns autores, mas há muito enraizada nas práticas tradicionais dos povos originários, e tento associá-la à lógica da dialogia discutida por Bakhtin,⁸¹ sobre a qual me debruço há algum tempo através do trabalho com as cartas, a fim de construir modos possíveis de conexão com os vários agentes que seguem comigo. Assim, a ideia de língua que tento acionar se estende para os corpos negros e indígenas, ignorados por uma visão brancocêntrica de currículo,

80. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

81. BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

mas que trazem em sua base essa ideia de pertencimento e identidade, construída ao longo de vários processos históricos, em diálogo com os vários *eus*, através de suas práticas coletivas em que filosofias de vivência como a do *Bem Viver* e a do *ubuntu* se fazem centrais na construção de sociedades plurais, tecidas com fios da igualdade e solidariedade entre todos os seres do universo.

E vejo como essas vivências estão bem entranhadas na experiência com as cartas porque através da realização de uma cartografia fundamentada no respeito às peculiaridades dos sujeitos ali envolvidos, levantei algumas reflexões sobre os modos como o ensino do idioma materno vem acontecendo na escola de educação básica, mobilizando vários questionamentos e me perguntei até quando essa instituição educativa ignoraria que o estudo da língua deve ocorrer em conexão com seu uso social, com o respeito à diversidade e pluralidade dos sujeitos, possibilitando uma aproximação entre os letramentos escolares e as práticas linguísticas cotidianas e, ainda, considerando o repertório linguístico e humano discente.

Essas experimentações dos estudantes com as atividades do projeto estão agora me servindo para pensar sobre o modelo de ensino-aprendizagem de língua que há muito vem sendo praticado na escola e fico pensando em mim como aluna e me questionando sobre o que me motivava na escrita. Lembro que para mim sempre foi muito difícil escrever uma redação cujo tema nunca era associado à minha realidade. Além disso, inquietava-me o fato de os textos na sala de aula não terem interlocutores. Em compensação, fora daquele espaço, sempre gostei de escrever cartas e me arriscava na produção de crônicas e poesias, embora nunca tenha tido coragem de mostrar a ninguém, a não ser aos amigos mais próximos.

Sem a pretensão de propor fórmulas milagrosas para o ensino-aprendizagem do idioma materno na escola pública, minha ideia com essa conversa é oportunizar espaços para a reflexão e aprendizagem docente. Utilizando-me de uma escuta (auto) etnográfica sobre os modos como o trabalho com a língua escrita vinha sendo realizado em minha sala de aula, ao longo de vários anos, busquei acionar outro formato ao ensino de Língua Portuguesa a partir da adoção de uma práxis educativa em que o dialógico fosse um princípio para o trabalho com a escrita escolar, experimentando outros caminhos possíveis para o exercício textual nesse ambiente, através de uma metodologia baseada em oficinas potencializadoras

dos sujeitos envolvidos.

Assim, percebo em diálogo com Acosta⁸² que o meu fazer tem se aproximado progressivamente da filosofia do *Bem Viver*, quando lanço o meu olhar sobre minha prática enquanto professora como forma de subverter o que está posto. E só consigo pensar numa experiência com o *Bem Viver* no ensino de língua a partir da lógica de descolonização de minha mente enquanto professora negra na rede pública e das mentes dos nossos estudantes, majoritariamente negros, no que se refere ao ensino de uma língua-plural que resgate as diversidades, valorize e respeite o outro em suas subjetividades. Desse modo, comungo do mesmo pensamento de Acosta quando ele diz que o *Bem Viver* precisa ser vivência e não ser apenas um conceito a ser empregado em situação específica. É preciso respirar o *Bem Viver*. Com isso estou querendo dizer que não posso mais mobilizar em minha sala um projeto de ensino que “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos” e que “oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo”, como nos diz Krenak.

Nosso ativista indígena nos pergunta “por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?” Alio a esse questionamento o pensamento de Ana Thomaz,⁸³ que nos alerta para o perigo de desconfiar da vida, da busca fervorosa de certezas como garantias para lidar com o novo, sendo esse um sinal de que não estamos com o pensamento ativo e nem instintivamente vivos. Creio que nossa insistência em fazer parte de um clube limitador de nossa criatividade e nossa desconfiança sobre a vida não podem nem devem limitar nosso desejo de corrermos riscos, pois correr riscos faz parte da nossa essência. Estar vivo é correr riscos. E se tivermos que ativar nossos paraquedas coloridos, que o façamos, sem medo de cairmos em algum abismo porque o abismo já existe em nossos espaços diários de opressão

82. ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Trad. de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

83. THOMAZ, Ana. *Incertezas*. 2010. Disponível em: <<http://anathomaz.blogspot.com.br/2010/12/incertezas.html>>. Acesso em 01 set. 2014.

e homogeneização. Que possamos criar nossas estratégias de resistência, assim como fizeram e fazem nossos irmãos negros e indígenas de forma continuada, para segurarmos nossa existência nesse mundo, mesmo que para isso tenhamos que colocar estacas para conseguir, de forma incansável, o exercício de suspender o céu que vem desabando sobre nossas cabeças.

Assim espero que, apesar das dificuldades próprias desse encontro de vozes, esta carta tenha servido, em alguma medida, para acionar reflexões em mim e em vocês sobre os modos como nos constituímos enquanto sujeitos, entendendo que pensar numa ideia de *Bem Viver* na condição de professora de língua é propor metodologias que me libertem e libertem os meus alunos das amarras de uma língua que na maioria das vezes nos reprime mais do que nos liberta. E agora pauso essa conversa, acionando essa fala de Krenak, a mim muito simbólica, na certeza de que ela me dá energia para continuar rasurando meus espaços de militância, as salas de aula da escola pública, como uma professora de língua portuguesa, companheira, irmã, mãe, filha e mulher negra que tem nome e sobrenome e que não vai se calar enquanto tiver a força subversiva e criativa para despencar agarrada aos meus alunos em paraquedas coloridos:

“Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.”

Ailton Krenak, 2019.

Ubuntu, queridxs professorxs!
JOSELI DOS REIS QUERINO

De Luciene Azevedo para seus alunos de Literatura



Salvador, setembro de 2020 (ano I da pandemia).

Queridos,

Estamos vivendo um ano atípico. Encerrados em casa ou mascarados na rua, enfrentamos o inimaginável e tentamos, cada um à sua maneira, cultivar o Bem Viver, mais imprescindível do que nunca, hoje, aqui, agora.

Pensando no conteúdo desta carta me ocorreu que parte das condições para meu Bem Viver está intimamente relacionado à leitura, aos livros, à literatura.

As cartas, como essa que escrevo, costumam ter destinatários concretos, mas uma imagem comum para caracterizar os livros, ou o próprio saber, é de que eles, sem ter um endereçamento certo, podem lançar um convite aleatório a qualquer um que esteja disposto a se debruçar sobre eles. Um filósofo alemão, chamado Peter Sloterdijk, cita o escritor romântico Jean Paul que comparou os livros a cartas dirigidas a amigos, mas lança uma desconfiança: será que essa relação de amizade pode prosperar ainda hoje? Sloterdijk é cético, porque está se referindo ao humanismo e à maneira como sua transformação programática alcançou o Iluminismo e chegou ao século XX e às atrocidades cometidas muitas vezes paradoxalmente em nome do próprio homem. Mas apesar da decepção que se seguiu ao entusiasmo com o projeto iluminista, a literatura continuou sendo entendida como uma saída fundamental ao embrutecimento provocado pelo naufrágio dos ideais que nortearam a Revolução Francesa.

Mas, desde o final do século XX, diz Sloterdijk, “essa época parece irremediavelmente esgotada”.⁸⁴

84. SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. Tradução de José Oscar de Almeida. S.P.: Estação Liberdade, 2000.

Fica claro pra mim que já não é possível pensar nos termos de um humanismo universalizante, atemporal, deslocalizado, mas defendo e acredito, e espero que minhas aulas, minha atuação como professora reflitam essa postura, que a literatura e todas as artes continuam sendo importantes para repensarmos nossa maneira de ser e estar no mundo. Mesmo admitindo com Sloterdijk que a formação de qualquer “amigável modelo da sociedade literária” idealizada pelos românticos não é mais possível na ágora contemporânea, e que a literatura só marginalmente atua na esfera pública hoje, gostaria que minha aulas deixassem entrever meu entusiasmo com a aventura da leitura dos textos literários e que fosse capaz de atrair vocês, alunos-amigos, para uma espécie de sociedade anônima proposta pelos livros, pelas discussões sobre a leitura, porque acredito que agir assim é uma maneira de resistir e garantir algum Bem Viver.

A cada início de semestre, então, lanço um convite para conhecer uma maneira de resistir, de Bem Viver, querendo estender a vocês parte da amizade que mantenho com a literatura. Será que não está aí no pequeno gesto cotidiano da sala de aula, no contato com vocês, a possibilidade de a literatura resistir e criar resistência?

Não é incomum ouvir e testemunhar a estupefação de vocês diante da dissonância cognitiva que experimentam ao ouvirem falar da literatura nas aulas. Muitos chegam a confessar o constrangimento de não serem leitores, mesmo tendo se decidido pela formação como professores de língua e literatura. O que os futuros professores afirmam é que a experiência como alunos do Ensino Fundamental, principalmente no Ensino Médio, deu-lhes uma ideia da literatura como um conjunto enfadonho de nomes de autores, datas, características de períodos literários e pouca ou quase nenhuma experiência de leitura dos próprios textos apresentados como literários.

Todo semestre tenho de me desdobrar para inserir vocês na discussão da dificuldade da definição do literário, da falta de uma essência da matéria sujeita às mutações culturais, acostamá-los ao gosto pelas perguntas, mais que à urgência das respostas definitivas a fim de fazerem conviver dois objetivos do ensino da literatura: abrir uma seara para que vocês possam percorrer sozinhos os caminhos de sua tradição cultural, literária e também oferecer algumas ferramentas para torná-los proficientes na leitura das produções dessa tradição.

Mas também, e isso talvez seja o mais importante, estender a vocês o modo como a literatura, a leitura e os livros podem nos ajudar a compreender os modos como imaginamos nossas identidades, quem somos e como atuamos nas relações sociais. E se isso dá certo, me sinto formando com vocês pequenas grandes comunidades virtuais de amizade, que não têm nada a ver com as amizades e o *likes* das redes sociais, mas com o laço afetivo de quem constrói junto uma resistência para garantir o Bem Viver.

Espero que aceitem meu convite.

Um abraço,

LUCIENE AZEVEDO

De Fernanda Mota Pereira para as professoras de língua estrangeira em escola pública



Salvador, 09 de agosto de 2020.

Cara professora de língua estrangeira em escola pública,

Ao escrever esta carta, me coloco ao seu lado sentada a uma mesa de chá, não o das 5, mas aquele que tomamos quando precisamos descansar de um dia repleto de trabalho perpassado por momentos de satisfação e/ou frustração. Coloco-me nesta posição, porque meu intuito, ao me dirigir a você, não é acionar o lugar que me rotula como formadora de professores, por ensinar o componente Estágio Supervisionado já há tantos anos. Elejo este lugar, porque sei que não é fácil encontrar interlocutores que empreendam o exercício de se colocar ao lado do outro. Afinal, muitas vezes, quando pedimos a alguém para que se coloque em nosso lugar, o nosso intuito é ter alguém que esteja ao e do nosso lado e possa ser uma interlocução afetiva, mais do que efetiva, da nossa jornada.

Compartilho com você da utopia que, ainda hoje ou um dia, guiou sua escolha pela profissão que professa alguns dos insumos mais preciosos, porque indelével e enaltecedor, que se possa ter: conhecimentos e saberes. Minha história esteve ao lado da sua nas aulas intermináveis de teorias que apresentavam um oceano de reflexões que não deságuam facilmente em nossas percepções e projeções sobre o contexto de sala de aula. Ela também converge com sua experiência de estudo das epistemologias do Norte Global⁸⁵ e a retórica que orienta as escolhas por escritores

85. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

de matriz eurocêntrica, embranquecendo os horizontes de conhecimentos que contrastam com a paleta multicolor que colore nossas vidas e que aprendemos a descolorir em nome da uniformidade de procedimentos e modos de saber. Essas epistemologias nos levaram à busca pela cientificidade, por autores renomados e por um referencial que nos permita ecoar a repetição de um pensamento que, para ter reverberação, tem que ser assinado por um renome. Assim, aprendemos a não valorizar a autoria das nossas práticas e reflexões e, assim, desembocamos na trilha da falta de relação entre teoria e prática.⁸⁶

O pensamento que questiona a retórica que hierarquiza os autores de teorias em relação àqueles que as implementam não parte do Sul por um acaso. É do Sul que têm emergido vozes que abalam o edifício da hegemonia. Em face dessa hegemonia, nos perguntamos o que tem regido os rumos de nossa sala de aula. Em minha história, posso dizer que, por muito tempo, os meus planos se coadunaram àqueles de autores que estudei – os renomes que figuram nas estantes e currículos de professores formadores em muitas partes do mundo. Em nome deles, nem sempre o meu mundo e dos meus aprendizes eram parte da paisagem que eu tinha em horizonte ao planejar minhas aulas. Isso ocorreu, acredito, porque nos acostumamos a contemplar apenas um tipo de horizonte: aquele advindo das teorias consagradas do Norte e pelo Norte, que detém o poder discursivo de definir os critérios do que é ideal. Não preciso dizer que esses critérios são bem especulares, ou seja, refletem os padrões de quem os define.

Por seguirmos um leme do Norte, nos esquecemos de um dos pensadores de maior penetração na realidade educacional brasileira, que conclama professores a conhecerem o contexto de seus aprendizes para planejarem suas aulas: Paulo Freire.⁸⁷ Isso ocorre porque aprendemos, com a episteme do Norte, a valorizar os conhecimentos que advêm desse polo, desconsiderando a rica gama de pensadores do Sul, e a compartimentar o que se aprende em campos disciplinares como se eles não dialogassem. Assim, as lições de Freire, voltadas ao letramento em

86. KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003. Disponível em: <http://www.ugr.es/~isanz/archivos_m3thodology/kumaravidelulibrocapr.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2019.

87. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

língua materna, não são contempladas pelo elenco de textos acionados ao se planejar uma aula de língua estrangeira.

Com o distanciamento em relação a pensadores que se debruçam sobre modos de aprender e de viver em nosso país, penetramos territórios que tornam ainda mais estrangeira a língua estrangeira que ensinamos e, não raro, nos vemos tentando aplicar métodos que se afinam com situações dissonantes da nossa. A esse respeito, Kumaravadivelu assinala que “ignorar demandas locais é ignorar experiências vividas.”⁸⁸ Ele é o autor que aponta o caráter *top-down* dos métodos, ou seja, como métodos são pensados de forma homogeneizante, como se o que valesse para o lugar idealizado pelo autor fosse aplicável a qualquer contexto.

Comumente, nós, professoras, nos sentimos impelidas a uma frenética atualização, ao invés de uma constante reflexão sobre o que fazemos em sala de aula. São vários *workshops*, treinamentos e novas tecnologias anunciadas pelo *mercado* do ensino de línguas estrangeiras. Nesse ritmo frenético de atualizações a serem consumidas, noto o apelo pelo desenvolvimento pessoal em alinhamento com a noção de desenvolvimento empregada, segundo Alberto Acosta, depois da Segunda Guerra Mundial, quando “o discurso sobre “o desenvolvimento” estabeleceu – e consolidou – uma estrutura de dominação dicotômica: desenvolvido-subdesenvolvido, pobre-rico, avançado-atrasado, civilizado-selvagem, centro-periferia.”⁸⁹ Regidas por essas dicotomias, nos sentimos obrigadas a consumir novas tecnologias e métodos de ensino para que não nos sintamos obsoletas. Nesse ritmo, consumimos e somos consumidas de tal modo que não temos tempo para refletir sobre o que se conecta com experiências ancestrais e desconsideramos princípios de vida de comunidades que vivem em harmonia com a natureza, a exemplo das comunidades indígenas. Assim, nos alienamos da parte da nossa cultura não encapsulada nas embalagens da máquina capitalista e perdemos muito da percepção sobre nosso entorno que contorna o que há de mais salutar no viver: vidas.

88. KUMARAVADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. *TESOL Quarterly*, v. 35, n. 4, p. 537-60, 2001, p. 539, (tradução minha).

89. ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. p. 415.

As ideias e soluções vendidas pelo capitalismo educacional muito comumente desafinam do contexto de sala de aula da educação básica em escolas públicas. Diante da criação de tantos métodos, acredito que você se pergunta como pensar, por exemplo, em seguir o Método Comunicativo se há disparidades entre os conteúdos a serem ensinados de acordo com esse método, com ênfase nas chamadas *functions*, e o currículo escolar, que enfatiza a compreensão escrita e conhecimentos de estrutura? Como colocar em prática os princípios da formação continuada se as quarenta ou, às vezes, sessenta horas de sala de aula são organizadas de modo que o tempo de ensino seja superior ao tempo de planejamento e pesquisa?

É preciso considerar, ainda, a sua dupla rotina de trabalho, pois a sociedade avançou nas discussões de gênero, elas só não avançaram em seu lar. Às vezes, se você impõe o seu feminismo à injusta divisão do trabalho, tem que lidar com o sentimento de culpa que a sociedade incute nas mulheres, pois, muitas vezes, a teoria e a prática discordam e nos colocam em lugar de dissonância com aqueles com quem convivemos e que fazem parte do nosso núcleo mais íntimo de afeto. Contudo, é preciso tentar mudar esses paradigmas e, assim, você tece a sua terceira jornada de trabalho: o de deseducar a sociedade dos padrões patriarcais em que se ergueu e reeducá-la para uma ótica feminista, que se pauta na luta por uma sociedade equânime e que, portanto, deve envolver não só mulheres.⁹⁰

Entre suas lutas com a sociedade patriarcal, está aquela contra a pouca valorização financeira. Ao tocar nesse ponto, não quero reforçar paradigmas capitalistas, mas assinalar a necessidade de que a profissão seja valorizada, pois, em nossa sociedade, a dignidade deve ser conquistada também nesse campo. A dignidade, infelizmente, não é um direito humano atingível por todos. Apenas, no tocante a esse tipo de conquista, gostaria que ela se desviasse do *American Dream* em carros que ostentam, celulares e outros eletrônicos que impressionam. Meu convite, então, é que você redimensione seus ideais de modo que eles se distanciem das práticas atreladas ao consumismo, pois ele é um dos colonizadores dos tempos atuais. Não raro, trabalhamos para consumir sem notar que o apreço

90. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. Tradução Christina. Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

pelo consumo consome o tempo qualitativo que passaríamos lendo literatura, conversando com amigos, passeando por parques com árvores que nos conectam à natureza, contemplando o mar, vendo o pôr-do-sol.

Outro convite é o de não abrir mão da utopia. Não evoco, com isso, força heroica ou autossacrifício. Sabemos que a vida é uma só e temos que colocar em prática a meta do bem-estar, ou melhor, do Bem Viver e isso não combina com autoexploração. O Bem Viver é um convite à harmonia entre todos os seres do cosmos que habitamos e essa harmonia começa com o cuidado de si, o que não significa egoísmo ou egocentrismo.

Para uma sala de aula com o Bem Viver, o que acha de transformar esse espaço em uma comunidade de saberes⁹¹ e instilar nos aprendizes o desejo de aprender⁹², estimulando-os a compartilhar esses saberes e conhecimentos com os colegas? Ao dar atenção não apenas aos conhecimentos, mas aos saberes que advêm das experiências dos aprendizes, colocamos em prática um princípio caro ao pensamento decolonial⁹³: o descentramento da sala de aula para dar protagonismo aos aprendizes e uma pluralidade de experiências, que tiveram seu papel subalternizado pelo conhecimento institucional representado pelo professor. Esses saberes, combinados aos conteúdos das aulas, atrairiam muito mais do que as lições sobre o verbo *to be*, em que não há o que ser ou estar nas frases que triangulam as estruturas da afirmativa, interrogativa e negativa e entre as quais predomina a negação do si.

Um conselho, que está diluído nos procedimentos do livro que escrevi,⁹⁴ é que você sempre tente compreender o contexto e as necessidades de seus aprendizes antes de planejar suas aulas e articule ao planejamento de atividades textos

91. HOOKS, Bell. *Teaching Community: a Pedagogy of Hope*. New York: Routledge, 2003.

92. HOOKS, Bell. *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom*. New York and London: Routledge, 2010.

93. MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E (editors). *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham and London: Duke University Press, 2018. p. 81-98.

MOTA, Fernanda. Literatura e(m) ensino de língua estrangeira. *Revista Folio*, vol. 2, n.1. jan./jun.2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/39>>. Acesso em 19 fev. 2019.

94. PEREIRA, Fernanda Mota. *Education and Literatura: Reflections on Social, Racial, and Gender Matters/ Educação e Literatura: Reflexões sobre Questões Sociais, Raciais e de Gênero*. Salvador: EDUFBA, 2019.

literários.⁹⁵ Exemplos dos quais nos valemos ao ensinar os conteúdos podem ser destacados de textos literários que possam servir a ensinar o idioma e uma visão de mundo bem como experiências às quais talvez não tivéssemos acesso se não fosse através da literatura. Textos como diálogos também podem ser extraídos de textos literários. Com isso, suas aulas podem cumprir com três propósitos: aprender uma língua estrangeira; conhecer outras culturas e experiências; nutrir o desejo de ler. O país precisa de mais leitores e da empatia que a leitura de textos literários proporciona.

Ressalvo que não tenho a inocência de pensar que qualquer texto literário é capaz de promover empatia. Sabemos que uma tradição de textos literários, como pontua Achebe,⁹⁶ foi capaz de imprimir um modo de ver a África por lentes muito negativas. Por isso, proponho que leia textos escritos por autores que estiveram fora da paisagem literária por uma tradição eurocêntrica. Sugiro que leia literatura produzida por escritores negros, indígenas, andinos... com cosmovisões que redimensionem paradigmas hegemônicos. Há inúmeras atividades que podem ser feitas em sua sala de aula e que não se limitam à leitura. É sempre salutar, no entanto, entender a realidade, as preferências e desejos de seus aprendizes. Apenas com esse primeiro olhar, é possível criar estratégias para suas aulas.

Acrescento que a vivência na literatura pode vir a ser profícua também para você, que conciliará ao seu processo de planejamento o estudo e a leitura de textos que descortinam mundos outros para além do que você vivencia em seu cotidiano. A literatura é um respiro em meio ao ritmo intenso de nossas vidas e a leitura dela em língua estrangeira também trará contribuições à sua fluência e repertório intercultural, semântico, sintático, pragmático, apenas para citar alguns exemplos.

95. GHOSN, Irma K. *Nurturing Emotional Intelligence through Literature*. [2001]. Disponível em: <http://americanenglish.state.gov/files/ae/resource_files/01-39-1-c.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MOTA, Fernanda. Literatura e(m) ensino de língua estrangeira. *Revista Folio*, vol. 2, n.1. jan./jun.2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/39>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

Id. *Education and Literatura: Reflections on Social, Racial, and Gender Matters/ Educação e Literatura: Reflexões sobre Questões Sociais, Raciais e de Gênero*. Salvador: EDUFBA, 2019.

Id. *Pedagogy of Possibility in foreign language classrooms through literature and other media in Brazil and beyond*. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 57, jul.-dez. 2017, Salvador, p. 23-37.

96. ACHEBE, Chinua. *Home and Exile*. Nova Iorque: Anchor Books, 2000.

Na companhia de Paulo Freire, Bell Hooks e também na minha companhia, lhe convido a pensar uma sala de aula em que haja crescimento mútuo e que seja regido pela lógica do convívio harmônico entre todos os seres, não apenas os humanos. Para isso, a literatura é um importante recurso capaz de tornar o ensino e aprendizagem de língua estrangeira uma experiência de vidas em sua pluralidade e em nome do pluriverso, ou seja, “um mundo onde caibam todos os mundos, onde todos os seres (humanos e não humanos) possamos desfrutar de uma vida digna”.⁹⁷

Você pode achar que o tom deste texto é demasiadamente romântico. Talvez seja, mas prefiro considerá-lo utópico. A utopia é a prática do sonho para nos mantermos acordados e atentos ao que se empenha para nos amortizar e nos alienar dos nossos (amigos, comunidades, natureza, aprendizes...) e de nós mesmos.

Sua colega,

FERNANDA MOTA PEREIRA.

97. ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. p. 122.

De Roberto Sobral para os que ainda se encontrarem pelo Ministério da Educação



Brasília, 30 de julho de 2020.

Aos que ainda se encontrarem pelo Ministério da Educação,

Percebi que um dos primeiros efeitos da tarefa de se redigir uma carta é a precipitação de injustificável atmosfera de cumplicidade com o destinatário. A escrita parece se desvencilhar do peso de fala ao júri que alguns outros tipos de escrito suscitam.

Digo injustificável, pois estou de acordo com os que asseveram que até os livros são cartas – apenas extensas –, assim como todo texto que colocamos ao destino de pessoas desconhecidas com as quais pretendemos compartilhar algo.⁹⁸ Dessa milenar troca de correspondências, das mais diversas toadas e formas, talvez atribuamos o nome carta mais a um efeito psicológico do que a um objeto circunscrito. E, muito provavelmente, as pessoas queridas que me convidaram a escrever esta carta serviram-se desse curioso artifício de leveza e cumplicidade, ao qual, certo ou errado em minha presunção, tentarei corresponder.

Uma carta seguramente pode valer-se, com maior direito, da desobrigação com a apresentação de provas que José Ortega y Gasset atribuía a textos em formato de ensaio. Não por uma questão de as possuir – doutro modo, estaríamos diante da mera desonestidade –, mas por considerar lícito deixá-las subentendidas “de modo que aquele que delas necessite possa encontrá-las e não estorvem, por outro

98. SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 7.

lado, a expansão do íntimo calor com que os pensamentos foram pensados”.⁹⁹

Essa longa introdução para uma carta tão curta e sem maiores pretensões, caras e caros colegas do Ministério da Educação, é certamente em decorrência do melindre de quem vem dar o testemunho da paradoxal experiência de ter vivido um futuro. Venho do futuro para alertá-los! Um recém chegado do vindouro que pretende, como Fernando Pessoa, contar a história do que poderia ter sido.¹⁰⁰

Não é todo sujeito que tem o privilégio de vivenciar o futuro almejado por algum coletivo político do qual fazia parte – ou pelo menos supunha fazer parte, ignorante dos reais donos do coletivo. Trato como privilégio apenas o feito do alcance em si, como a chegada do alpinista ao cume. Se a experiência foi profícua ou não, tende a ser questão dependente de inúmeras variáveis, a começar pela grandiosidade da utopia perseguida e sua coerência, quando alcançada, com as circunstâncias efetivamente vividas.

É certo, contudo, que o registro dessa experiência do íntimo calor em que a estou pensando, por mais insignificante que seja, tem interesse sincero de servir a alguém que inadvertidamente comece a acalantar um porvir parecido ao que vivenciei num passado recente. Mais precisamente, tenho receio de que os profissionais da educação, sobretudo os que atuam no MEC, comecem novamente a falar em gestão democrática e participativa – ou reacendam essa pauta incerta do Estado como um indutor da “diversidade” – de um modo que, hoje, desde o amargor de minhas decepções, julgo acentuadamente ingênuo e presunçoso.

Para afastar a questão da esfera pessoal, posso, com a trajetória de normalista que foi trabalhar como servidor público no MEC, assegurar que a gestão democrática e participativa da educação brasileira foi pauta central da minha geração nessa área. Pauta nada ousada quando comparamos a distância que algo semelhante estava, por exemplo, da geração que enfrentou a ditadura militar. Não por acaso o anseio participativo, potencializado sob o julgo ditatorial, foi dela herdado com grande proveito. Basta termos em mente que já a tomamos

99. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Campinas: Vide Editorial, 2019. p. 25.

100. “Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? [...] Sou quem falhei ser. Somos todos quem nos supusemos. A nossa realidade é o que não conseguimos nunca”. PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 388.

praticamente com força de lei, postulada nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996.

O mais curioso é que esse futuro almejado na educação não tinha apenas caminho bem traçado, como tinha cara partidária. Não é demais salientar que toda essa pauta era gestada tendo como pano de fundo a força política de um partido, cujos anseios da maior parcela dos trabalhadores em educação, pelo menos no Distrito Federal, convergiam para a oportunidade de sua chegada ao poder.

Adentrei o MEC, por meio de concurso público, na justa ocasião em que tudo isso adentrava junto – a pauta, o partido, as pessoas expoentes etc. Por uma coincidência do destino, fui trabalhar na linha de frente dos setores formalmente responsáveis por isso, em meio a uma atmosfera mágica de abertura de possibilidades.

Essa fenda emergia com tamanho ímpeto justamente porque a possibilidade pretérita se fazia atual. Se, como Leibniz dizia, o presente está prenhe do futuro,¹⁰¹ vivíamos a alegria de tomar o rebento nas mãos. Estávamos diante do ápice do projeto de participação social na educação, como se as portas do Governo Federal se abrissem a uma multidão que pressionava de fora – não por acaso a onda, que se seguiu, de criação de colegiados e de portentosas conferências nacionais.

Interessante também foi a convergência desse receituário da gestão democrática e participativa com novos ventos multiculturalistas do Atlântico Norte, que tratavam das políticas de promoção da diversidade. A criação, em 2004, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) é o reflexo desse processo que mirava a “incorporação definitiva pelo Estado brasileiro de uma nova agenda de políticas educacionais inclusivas e de valorização da diversidade étnico-racial, regional e cultural do país”, representando a “mudança de padrão no processo de formulação das políticas educacionais – de um modelo técnico-gerencial para um modelo participativo e democrático”.¹⁰²

101. LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 135.

102. BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação. *Relatório de Gestão da Secad - 2004*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

A imagem de incorporação é indubitavelmente oportuna, pois, como acentuavam Deleuze e Guattari, o funcionamento do Estado mobiliza uma dinâmica de externalidade e interioridade. Soberana sobre o que já foi internalizado, é sobre sua externalidade – o seu *fora* – que a lógica estatal se projeta: “a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente”.¹⁰³

Tomar esse *fora* em termos relacionais é importante para não confundirmos a interioridade estatal com os limites físicos de um prédio, como alertava Pierre Clastres.¹⁰⁴ Não necessariamente está *fora* do MEC apenas quem é barrado nas portarias pelos seguranças. O cotidiano da Administração Pública é permeado por entes que escapam ao típico exercício do poder estatal, por contrabandos de fora. E esse é o ponto principal do que gostaria de compartilhar como minha tábua de salvação, a qual poderá socorrer também a outro desavisado: esse *fora* está longe de ficar circunscrito à passiva posição de vítima da soberania estatal, mas, antes, perpassa e anima a Administração de modos inesperados. Não fosse a vitalidade e constância das incursões de seu *fora*, a vida burocrática na Esplanada seria simplesmente impossível.

Essa é uma tábua a se agarrar sobretudo em momentos, como os que pude presenciar, em que nos encontramos diante do oximoro do Governo que se posiciona como promotor da diversidade, como encarnação da gestão democrática e participativa. A tentativa de o Estado interiorizar o seu fora envolto numa promessa de supostamente preservar sua externalidade é o tipo de contradição que pode levar facilmente alguém à loucura. Confesso que, até hoje, estou às voltas com essa questão.

Obviamente isso não atinge a todas as pessoas com igual intensidade e está longe de ser uma novidade. Vítima apenas o crédulo que embarcou na promessa. Há alguns dias, por exemplo, lia um ex-servidor do MEC, Carlos Drummond de Andrade, refletir sobre a inutilidade de participar de um colegiado para o qual foi

103. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 24.

104. CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 154.

convidado – no Conselho Nacional de Cultura. Sua conclusão era certa: “[...] há sempre o risco de que o excesso de preocupação do Governo em benefício da cultura dê resultados nocivos. O Ministro é geralmente político, interessado em soluções políticas; em um órgão como esse, desejoso de atuação descompromissada, não terá autoridade ou se chocará com a orientação governamental”.¹⁰⁵

Custa-me o orgulho reconhecer que a intensidade de minha consternação diante da era da gestão democrática e participativa, que supostamente se inaugurava no MEC, provinha não apenas dos dilemas éticos que se sucederam, mas, sobretudo, de minha ignorância. Nós, os crédulos, nunca estivemos tão certos acerca da potencialidade de abertura do Ministério à gestão participativa, pois havia uma concretude de meios para a recepção do que vinha de *fora*. Quem se interessar pelo assunto, basta resgatar os registros de encaminhamentos acordados nos encontros dos colegiados e nas conferências nacionais do período.

Era tudo tão exequívelmente certo, que foi a duras penas que nos demos conta do que estava errado. Àquela altura, não fazia sentido aceitar os usos e obliterações de quem não consegue pensar e agir a não ser de/para dentro. Às barbas do oportunismo político-partidário, dos simulacros de participação, do aparelhamento de movimentos sociais, dos interesses que, de tão mesquinhos, tornam-se impronunciáveis nas bocas dos perpetradores – muitos dos quais hoje observo pomposos e atuantes em causas que jamais acreditaram –, presenciamos e lutamos contra a morte precoce do futuro.

Alguém, envolto de parcimônia fingida, pode levantar a tese curinga de que qualquer Governo é cheio de contradições e que nem sempre se consegue o que se quer, apenas um meio termo. Típico enredo que mascara a realidade de que efetivamente não se quis o que poderia se conseguir sem nenhum entrave. Aquilo que estava à mão foi deliberadamente recusado em nome de outros interesses – refiro-me a opções sem imposições.

Todavia, para fins desta carta, a simples menção superficial ao que não se perseguiu tem pouca importância e a angústia da vivência daquele futuro não combina com meu real interesse que é o de trazer uma boa-nova, o testemunho

105. ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório: páginas de diário*. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 137.

de quem levou uma topada na esperança. Grosso modo, isso consiste em afirmar, ou melhor, reafirmar que, se um governo promotor da gestão participativa tem um quê de mentira, a riqueza inimitável e as potencialidades da participação são grandes verdades.

Nosso maior desafio, capturados pela lógica estatal, é ter a sensibilidade para reconhecer quem realmente a promove, bem como perceber as sutilezas e sofisticções de como se materializa. Naquela ocasião que entendia como histórica, permaneci tão aborrecido com a encenação de um espetáculo medíocre, que praticamente perdi a oportunidade de acompanhar a atuação de grandes atores que patrocinavam outros enredos ao lado.

Cito o caso dos povos que, há muito, lutam por questões vitais e que possuem suas próprias ferramentas de participação, a despeito da boa vontade ou do slogan do governo do momento. Isso não quer dizer que são indiferentes aos distintos perfis dos governantes, pois é justamente o contrário. Promovem perseverança não a partir da indiferença, mas da implicação.

Uma lição que aprendi, a muito custo, com algumas lideranças indígenas que tive a honra de conhecer no MEC, diz respeito a uma mania – bem intencionada, mas presunçosa – de alertá-los para o que estava “realmente” acontecendo. Ficava exasperado por ver pessoas que, a muito custo, vinham de tão longe – ou de *fora* – serem “passadas para trás” em reuniões permeadas de promessas vazias. Quando tinham a sorte de ser razoavelmente recebidas, não sofrendo constrangimentos como os de serem barradas na portaria por não usarem roupas “adequadas”, ou de serem escoltadas por seguranças pelos corredores, eram desrespeitadas em simulacros de audiência, cujos acordos jamais seriam levados a sério.

Somente com o tempo entendi quão presunçosa era minha postura. Demorei, sobretudo, porque as respostas dessas lideranças às minhas inquietações sempre foram cordiais. Talvez por perceberem a minha intenção sincera, não respondiam sarcasticamente aos meus alertas com um “Não me diga! Quer dizer, então, que essa nova chefia do MEC, que disse e que fez o mesmo que as dezenas de chefias anteriores com as quais nos encontramos nas últimas décadas, está fazendo cena? Obrigado. Você é um gênio!”.

Assim, caras e caros colegas, venho do futuro da gestão democrática e participativa para alertá-los que a tarefa – difícil, mas necessária – da abertura da

Administração Pública às incursões do que está *fora*, bem como a potencialização de suas consequências, implica compromisso não com quem a prescreve, mas com quem a precipita. Não com quem a idealiza enquanto projeto, mas com quem a experiência com a urgência e com o compromisso de assegurar-se a própria existência. É crucial aprendermos a potencializar a participação cotidiana, que há muito abre fendas em projetos, normas, narrativas de governos, estruturas hierárquicas etc.

Nesse sentido, vale lembrarmos uma passagem de Gabriel Tarde que dizia: “Sempre que uma realidade morre, ela sepulta consigo seu cortejo de possíveis; mas, também, sempre que uma realidade nasce, ela faz avançar em um grau seu cortejo de possíveis.”¹⁰⁶ Ao fim e ao cabo, não faz sentido ficarmos apegados à morte do futuro da realidade de outrora, desde que permaneçamos atentos a quem tem real capacidade para irradiar um novo cortejo de possíveis. A defesa e a materialização da gestão democrática e participativa não foi possível do modo como a idealizamos – mas foi aquele apenas um possível. Importante mesmo são os futuros que não dizem respeito ao, já sabido, futuro do Estado.

ROBERTO SOBRAL

106. TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 214.

O Bem Viver entre o presente e o futuro

* * *

SONHAÇOS

De Leonardo França.

Salvador, julho de 2020.



De Maria Rosário de Carvalho para um amigo



Salvador, 01 setembro de 2020.

Caro Amigo,

Você me pede notícias do Brasil sob a pandemia, principalmente sobre os povos indígenas com os quais, suponho ao longo de mais de duas décadas, você tem mantido regular interlocução. Tento atendê-lo, muito sucintamente.

O governo Bolsonaro teve início em 1º de janeiro de 2019. O 1º caso confirmado de Covid-19 no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020. Pouco mais de um ano separa, pois, o início desse governo do da epidemia de SARS-COV 19. Por que, então, eu vejo os dois fatos como contíguos, e me surpreendo quando tomo consciência do lapso temporal que os separa? Provavelmente porque se trata de duas tragédias sem data marcada para terminar.

Elas têm alterado, especial e profundamente, os quilombolas, os povos indígenas, as comunidades tradicionais e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Um conjunto de ações concertadas tem visado esses alvos, com o expresso objetivo de anular dispositivos implementados em seu benefício, nos últimos treze anos. Entre 1º de janeiro e 10 de abril de 2019, a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) encaminhou a órgãos do poder público mais de 60 pedidos de esclarecimentos, recomendações ou solicitações sobre medidas que afetavam direitos humanos. Questões como o efetivo funcionamento dos conselhos de políticas públicas, a participação social como elemento central de um regime democrático e o acesso universal a políticas de saúde, de educação e de assistência social estiveram entre os destaques.¹⁰⁷

107. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Informe PFDC 2019 Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão em 100 dias, 2019.

Não bastassem essas ameaças, constantes, a pandemia tem amplificado o clima de instabilidade reinante no Brasil. O número de mortos é assustador, bem como a ausência de medidas efetivas que atenuem os efeitos dessa crise planetária. As medidas acionadas vão em sentido contrário: matam ou deixam morrer.

E estão associadas a um terceiro componente, o chamado setor de defesa, que trinta e quatro anos depois de deixar o poder, após longos anos de um regime opressor, retorna com grande disposição e ânimo.

Esta carta é, portanto, a tentativa de compartilhar alguns fatos relativos a esse cenário desalentador e, menos que um desabafo, provavelmente vão, é uma forma de buscar superar o desânimo e o sentimento de impotência que me tem assaltado. Todo dizer é um fazer, diz Austin.¹⁰⁸

Para quem guarda na memória o tratamento conferido aos Índios ao longo da ditadura, bem como a percepção militar sobre a Amazônia como “a última fronteira a ser conquistada e incorporada ao estado brasileiro”, a sua presença, uma vez mais, é fonte de grande desconforto.

O jornalista Rubens Valente chamou a atenção para “o limbo” a que foi lançado o tema “de como a ditadura tratou os indígenas ao longo de 21 anos de poder”. Esse limbo também caracterizou os governos que se seguiram à ditadura militar: os governos de Sarney, Collor, Itamar Franco e Lula da Silva não abordaram o tópico. As leis e comissões criadas para concessão de indenização a perseguidos, mortos e desaparecidos políticos não foram estendidas aos indígenas. Ele lembra que apenas em 2014, no relatório final da Comissão da Verdade, no governo de Dilma Rousseff, foi incluído um capítulo sobre os indígenas, do qual, todavia, não resultou qualquer consequência reparadora. Os textos acadêmicos também não trataram dos índios sob o regime militar.¹⁰⁹

Essa lacuna impulsionou Valente a escrever “Os Fuzis e as Flechas História de Sangue e Resistência Indígena na Ditadura”, para o que se valeu da sua experiência de 26 anos de jornalismo, lapso durante o qual conheceu cerca de 30 terras indígenas, às quais, no período 2013-2014, acrescentaram-se outras em 10

108. AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

109. VALENTE, Rubens. *Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

estados brasileiros, entrevistas com mais de 80 pessoas, “entre índios, sertanistas, indigenistas, antropólogos e missionários”, documentos cujo sigilo foi levantado a partir de 2008 e um acervo de 187 dossiês produzidos pelo braço do Serviço Nacional de Informações (SNI) na FUNAI, e vários outros acervos.¹¹⁰

O 1º fato descrito por Valente foi narrado por Antonio Cotrim Soares. Estudante, em Maceió, envolvido com as Ligas Camponesas, tentou envolver-se, logo depois do golpe militar de 1964, com um grupo de guerrilheiros peruanos, mas, frustrado esse intento, se juntou ao sertanista Telésforo Martins Fontes que então organizava uma expedição para contatar os Kararaô, um subgrupo kayapó que estava em litígio com moradores locais, no Pará, na região do Porto de Moz, à margem do rio Xingu e perto da divisa com o Amapá. O seu recrutamento como voluntário, sem remuneração, ocorreu em 1965, tendo sido “a 1ª do gênero do regime militar. Sua consequência foi dramática”.¹¹¹

Entrevistado por Valente, em 2013, portanto quase 50 anos depois da expedição aos 48 kararaô, Cotrim fez uma descrição amarga dos fatos “que continuam a assombrá-lo”: após o estabelecimento do contato, “morreram quase todos. Esse grupo desapareceu. Se teve sobreviventes, foram quatro ou cinco”, resume Cotrim, que observou ter certeza de que não havia doença entre os índios antes da interação com os componentes da expedição. Os kararaô morreram de gripe. “Não foi levado medicamento”.¹¹²

O registro da extinção dos Kararaô é dramaticamente atual.

“O primeiro caso confirmado de contaminação por Covid-19 entre indígenas brasileiros foi de uma jovem de 20 anos do povo Kokama, no dia 25 de março, no município amazonense Santo Antônio do Içá. O contágio foi feito por um médico vindo de São Paulo a serviço do Governo Federal pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que estava infectado com o vírus. Devido à falta de adoção de medidas preventivas do Governo, atualmente o povo Kokama é o mais afetado

110. Ibid., p. 12.

111. Ibid., p. 14.

112. Ibid., p. 15.

em casos de mortes, com 57 indígenas mortos e a região do Alto Rio Solimões, local dos primeiros casos de transmissão da doença, é o local com maior número de indígenas contaminados no Brasil.

A chegada do vírus na região com o maior número de povos em isolamento voluntário e de recente contato no mundo, o Vale do Javari, no estado do Amazonas, também aconteceu através de agentes de saúde do Governo Federal, que entraram no território sem a adoção das medidas de proteção necessárias. No Parque do Tumucumaqui, uma região isolada e de difícil acesso entre os estados do Amapá e Pará, foram militares do Exército que levaram o vírus para a região.¹¹³

Em 29 de julho deste ano, a Apib, representada por 12 advogados, entre os quais indígenas, 06 partidos políticos e a Clínica de Direitos Fundamentais da Faculdade de Direitos da UERJ, ingressou com uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) junto ao STF para determinar medidas urgentes passíveis de garantir a vida dos indígenas ante a pandemia da Covid-19. Foi a 1ª vez que a organização, em seu nome e de advogados próprios, propôs uma ação de jurisdição constitucional. A tramitação da ADPF 709 é uma eloquente demonstração da deliberada incúria do governo.

29 de julho. Abip ingressa com ADPF.

03 de julho. Ministro relator solicita manifestação do presidente da República, procurador-geral da República e do advogado-geral da União, em 48 horas;

08 de julho. Ministro determina que o governo federal adote uma série de medidas para conter o contágio e a mortalidade por Covid-19 entre a população indígena;

05 de agosto. Plenário do STF confirma medida cautelar;

113. Pedido de medida cautelar requerida na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 709, em que a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e seis partidos pedem a adoção de providências no combate à epidemia da Covid-19 entre a população indígena (p. 10-11).

07 de agosto. Ministro relator determinou que o governo federal complemente o Plano de barreiras sanitárias para povos indígenas isolados e de recente contato;

11 agosto. Governo afirma haver concluído plano para reforçar medidas contra Covid-19 entre indígenas;

18 agosto. Plano do governo produzido por um GT liderado pela ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) inclui apenas 163 das 537 terras indígenas. Os especialistas convidados pela Apib classificaram o plano como “extremamente deficitário e inconsistente”;

18 agosto. A Apib pede ao STF que determine a revisão das medidas apresentadas pelo governo;

31 agosto 2020. O ministro relator homologou, parcialmente, o Plano, determinando que as Terras Indígenas mais ameaçadas (Vale do Javari, Yanomami, Uru Waw Waw e Arariboia) passem a constar como prioritárias e tenham as barreiras sanitárias implementadas até setembro, e a aceleração do processo para as prioritárias.¹¹⁴

Um novo fato agravou, e expôs, a deliberada negligência. Em 20 de agosto, o Médicos Sem Fronteiras (MSF), após proceder ao conhecimento da região de Aquidauana e Anastácio, no Mato grosso do Sul, onde há várias aldeias Terena, submeteu à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, um plano de trabalho para atuar no atendimento de uma população de cerca de cinco mil indígenas, com foco na detecção e prevenção de casos de Covid-19. Os caciques acolheram o plano, mas a SESAI, sob pretexto risível, autorizou apenas atendimento a uma única aldeia - que não constava da proposta dos MSF -, condicionando as demais autorizações a modificações no plano apresentado.

De um lado, obstáculos são criados à ajuda humanitária dos MSF, do outro, facultada-se a entrada de mulheres de militares para uma autodenominada Ação Cívico-Social (ACISO), sem quaisquer medidas preventivas. Em 17 de junho

114. “Barroso amplia plano contra Covid em Índios e manda União agir mais rápido”. *Revista Consultor Jurídico*, 31 de agosto de 2020.

- quando as estatísticas registravam 960.309 casos e 46.665 mortes, no Brasil, e 280 casos e 04 mortes entre os Yanomami -, a coluna, no Universo online UOL, do já citado jornalista Rubens Valente, repercutia a ação social realizada, no final de junho, por mulheres de militares nos pelotões especiais de fronteira de Surucucu e Auaris. As fotos, exibidas nas redes sociais, causam perplexidade e indignação: mulheres yanomami são maquiadas e têm as unhas pintadas, enquanto são distribuídos brinquedos para as crianças, em grande aglomeração.¹¹⁵

Posteriormente, uma missão interministerial de combate à pandemia da Covid-19 em populações indígenas de Roraima, Terras Indígenas Yanomami e Raposa Serra do Sol - com a presença do ministro da Defesa e de representantes do Ministério da Saúde - levou 66 mil comprimidos de cloroquina 150 MG.¹¹⁶

Há que também mencionar os vetos do governo ao projeto de lei para assegurar medidas emergenciais, durante a pandemia, aos povos indígenas, aos quilombolas - cerca de 5 mil comunidades - e às comunidades tradicionais - no Brasil, são assim denominados os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização social; estima-se que 650 mil famílias se auto classifiquem como comunidades tradicionais -, o maior entre os projetos aprovados pelo congresso, com 16 pontos que incluem desde o acesso às aldeias de água potável, fornecimento de matéria de higiene, oferta emergencial de leitos em hospitais, inclusive no contexto urbano, até a distribuição de cestas básicas, sementes e ferramentas agrícolas diretamente aos beneficiários. A matéria retornou ao congresso nacional, onde os vetos presidenciais foram, afinal, derrubados.

O número de infectados no país já atingiu, hoje, 01 de setembro, 3.908.272, e o de mortos se elevou para 121.381. Os mortos indígenas já somam 761 e os povos afetados são 156.

Comenta-se que a um repórter que teria perguntado à mãe do cineasta

115. VALENTE, Rubens. *Mulheres de militares maquiagem, dão roupas e causam aglomeração de ianomâmis*. UOL, Coluna RubensValente. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/07/17/militares-coronavirus-indigenas.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

116. ZUKER, Fábio. "Missão com ministro da Defesa leva 66 mil comprimidos de cloroquina para indígenas de Roraima". Amazônia Real. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/missao-com-ministro-da-defesa-leva-66-mil-comprimidos-de-cloroquina-para-indigenas-de-roraima/>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

Glauber Rocha, precocemente morto, em 1981, por um choque bacteriano decorrente de broncopneumonia, a causa da sua morte, ela teria respondido: “Morreu de Brasil”.¹¹⁷

Vozes poderosas têm rompido, ao longo dos anos, o silêncio e a omissão, como se vaticinassem o que estaria por vir. Carlos Drummond de Andrade, em ode ao médico e indigenista Noel Nutels, clamou: “Valeu a pena? Valeu a pena gritar em várias línguas e conferências e entrevistas e países que a civilização às vezes é assassina? [...] Noel, tu o disseste: A civilização que sacrifica povos e culturas antiquíssimas é uma farsa amoral. [...]”.¹¹⁸ Poucos o terão ouvido.

O grande xamã Davi Kopenawa, em estreita e generosa interlocução com B. Albert, vem alertando, há tempo considerável, para o poder mortífero das mercadorias, máquinas e epidemias, “que não param de nos trazer a morte”¹¹⁹. E advertido que os brancos “*querem ignorar a morte*”.¹²⁰

É inaceitável que essas mortes sejam ignoradas. É imperativo cobrar a responsabilização penal daqueles que as promoveram, e ainda promovem, *intencionalmente*. “Há indícios significativos [intenção, plano e ataque sistemático] para que autoridades brasileiras, entre elas o presidente, sejam investigadas por genocídio”. A afirmação é de Deisy Ventura, da Faculdade de Saúde Pública da USP, autora com estudos sobre epidemias à luz do direito internacional.

No que se refere à população em geral, acredito que há o crime de extermínio, artigo sétimo, letra b, do Estatuto de Roma. É também um crime contra a humanidade. E, no caso específico dos povos indígenas, minha opinião é de que pode ser tipificado como genocídio, o mais grave entre os crimes contra a humanidade. [...] Tanto no genocídio da população indígena quanto no que, na minha opinião, é uma política de extermínio com relação à resposta geral da

117. ESCOREL, Eduardo. *Contaminados pelo novo coronavírus, milhares de mulheres e homens perderam a vida – morreram de Brasil*. Revista Piauí. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/mortes-visiveis-o-reencontro-de-sergio-ricardo-dib-lutfi-e-glauber-rocha/>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

118. ANDRADE, Carlos Drummond de. Entre Noel e os índios. In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record [1973, José Olympio Editora] 1998, p.95.

119. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p. 81.

120. *Ibid.*, p. 300.

pandemia, eu vejo claramente uma intencionalidade.¹²¹

Não haverá vida possível sem um pacto, pós-pandemia, de Bem Viver. A memória dos mortos haverá de assombrar os silentes, indiferentes e omissos.

MARIA ROSÁRIO GONÇALVES DE CARVALHO

121. Boletim DIREITOS NA PANDEMIA - Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil/Conectas Direitos Humanos e Centro de Pesquisas e Estudos sobre Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP); e Eliane Brum, “Há indícios significativos para que autoridades brasileiras, entre elas o presidente, sejam investigadas por genocídio”, El País Brasil, 22 de julho de 2020.

De Nego Bispo para a geração neta afrodescendente e afrodiaspórica



Quilombo Saco Curtume, 07 de outubro de 2020.

Querida geração neta afrodescendente e afrodiaspórica, onde quer que esteja e como preferir ser chamada,

Axé

Ao tempo em que eu, Antonio Bispo dos Santos, Velho Bispo, Nego Bispo, ou seja lá como queiram me chamar, como parte da geração avó quilombola... ousou escrever estas mal ortografadas linhas com assuntos que me interessam muito, porém não sei se vão interessar às pessoas para quais estou destinando, porque estou me dispondo a receber as respostas tais quais se tornarem consequentes.

Neste momento, estou bastante festivo e espero que estas escritas possam lhes encontrar em situações de muitas festividades, assim iniciaremos nossas confluências... Nesse sentido, peço licença para compartilhar algumas inspirações que recebi da minha geração avó e depois lhes fazer algumas perguntas a respeito.

Então, vejamos o que as mestras e os mestres de minha geração avó, mais presente em minha vida, me falaram, não nessa ordem, mas em contextos diversos, o que da mesma forma pretendo dizer a vocês.

Eu não tive filhas nem filhos, porém ajudei a criar muita gente. Não tive riquezas, mas comi e dei de comer... estou chorando, porque lhe ensinei tudo que sabia, mas não sabia tudo que queria lhe ensinar... às vezes precisamos nos unir às pessoas ruins, porque as boas já têm donos... a vasilha de dar é a mesma de receber... tudo que se mede é pouco... não espere ajuda de quem você

ajudou, não confunda ajuda com troca... ao desatolar uma rês tenha cuidado, ela pode arremeter contra você... plante o que precisar e a terra lhe dará o que você merecer...

A terra dá e a terra quer... o melhor lugar para se guardar os peixes é no rio... o melhor lugar para se guardar as batatas é na terra... o melhor lugar para se guardar os frutos é nas árvores... não é feio pedir, pedir é ruim, feio é deixar pedir... tudo vai acabar como começou... devemos transformar as armas dos inimigos em nossas defesas e etc.

O que eu compreendi a partir de tudo isso? Que a vida é começo, meio e começo, ou seja: geração vó começo, geração mãe meio e geração neta começo de novo. Assim como a semente é o começo, a árvore é o meio e a semente o começo novamente... que o mundo é redondo para que as pessoas não se enganchem nos cantos... quem nunca passou por uma encruzilhada não sabe escolher caminhos... cupim que vai para festa de tamanduá, dificilmente volta... nossas trajetórias sustentam nossos discursos.

É a partir daí que algumas questões me aparecem com respostas muito explicativas e pouco resolutivas, tais como: por que entre as vidas animais, que eu conheço, só a humanidade produz armas de destruição em massa!? Será por se autointitular como a única existência inteligente!? Como fica a situação de um povo que põe a geração neta na creche e a geração avó no asilo e diz que a família é a base de tudo!? E mais: um povo que põe veneno na terra, põe esgoto nas águas e resíduos gasosos no ar, o que deve esperar da natureza!?

Todos os exercícios que eu fiz, na tentativa de responder a essas questões, estão estruturados em minha trajetória e escriturados no livro *Colonização quilombos, modos e significações*, que está disponível na Internet em PDF.¹²²

Serei muito grato pelas respostas que vocês da minha geração venham me oferecer através de qualquer forma de linguagem...

Já me darei por satisfeito só pelo fato de haver um diálogo intergeracional.

Com os sentimentos de quem está se preparando para um novo começo, eu

122. SANTOS, Antonio Bispo. *Colonização quilombos, modos e significações*. Brasília: UnB, 2015. Disponível em: <http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

faço uma pausa dizendo que:

Nós nascemos nos ventres das mães mulheres para aparecermos na terra...

E nascemos no ventre da terra para aparecermos na ancestralidade!

Vivas, porque todas as vidas importam!

NEGO BISPO

De Diosmar Filho para o Quilombismo



Salvador, 21 de agosto de 2020.

Carta ao Quilombismo “Negras Somos Ujamaa”

Saibam: quanto a este público instrumento de procuração que, no ano de mil novecentos e setenta e quatro, (1974), aos 19 dias (dezenove) do mês de julho, neste Município de Candeias, Estado da Bahia, República Federativa do Brasil, em meu cartório, perante mim a Tabelião Elisabeth Dias Costa, compareceu o sr. Maximiano Jacinto de Santana, viúvo, lavrador, maior, brasileiro, residente em Passagem dos Teixeira, neste Município de Candeias, conhecido de mim e das testemunhas nomeadas e no fim assinadas (...)¹²³

Pensar a vida em movimento me faz buscar oxigênio e me coloca num espaço e tempo em que preciso gritar antes que celebrem o não respirei pós-morte, assim, me reconheço como corpo que tem no oxigênio o clorofilar de Humanidade.

Isso me coloca em escrita desta carta em pensamento negro – uma carta em quilombismo e avisando que essa não deve ser lida longe das hegemônias, porque precisa ser sentida pelas pessoas que sentem em si a voz que somos maioria e o porquê não devemos lutar mais o combate que não começamos, mas lutarmos

123. Trecho da Procuração registrada em 19 de julho de 1974, no Tabelionato do 1º Ofício – Tabeliã Elisabete Dias Costa, município de Candeias – Bahia.

pelo encontro do nosso íntimo –, no encontro daquilo que me violenta, mas que não me impossibilita de me mover, de sair desse lugar de fraqueza que querem para o corpo negro.

Nesse encontro íntimo, trago a minha memória ancestral familiar, meu avô Maximiano Jacinto de Santana, o pai de mainha, nascido no ano de 1896, nas terras do Engenho do Matuim (atual distrito de Cabotó, município de Candeias). Meu avô faleceu com setenta e nove anos em 1975, quatro anos depois eu nascia. Não tive o direito de conhecer esse homem negro brasileiro em vida. Trago aqui na memória a Procuração registrada em cartório, para que minha tia passasse a receber sua aposentadoria do Funrural no Banco Brasileiro de Descontos S/A (BRADESCO), é com essa citação que inicio essa carta.

A República em que nasceu meu avô, oito anos depois da assinatura do documento de Abolição Estatal da Escravatura, e os proclamantes em poder, emanciparam o Estado Moderno eugenista – tendo como política o genocídio do corpo/território Maximiano Santana. Sem direito à educação, à saúde, à moradia e à renda, meu avô Maximiano teve que conquistar o reconhecimento de sua própria humanidade.

Negando a condição de subalternidade que o Estado lhe impunha, conquistou o domínio da escrita e o letramento possível em sua época. Em sua jornada nas terras da Freguesia de Nossa Senhora do Matuim em espaço e tempo – deixou na memória das filhas e do filho, e de seus netos(as), várias histórias e entre essas a de não conhecer suas origens (mãe, pai, tio, sobrinhos, lugar de nascimento). Não dando o direito a mainha, minha tia e meu tio de contarem a história de sua avó e seu avô, devido seu pai ter nascimento na segunda metade do século XIX e a memória da época ser eliminada pelo Estado republicano fundado.

Para mim, foi deixado pelo meu avô a sua humanidade em lutar na terra do outrora Engenho Passagem (atual distrito de Passagem dos Teixeiras, Candeias/Ba) da família escravocrata portuguesa Teixeira. Com 57 anos, o homem negro pagava a Julia Morais (proprietária da Fazenda Passagem) pelo arrendamento das quatro tarefas de terra o valor de 1.200,00 (um mil duzentos cruzeiros), onde estruturou sua unidade de produção de telhas e tijolos – uma pequena olaria, com registro em recibo datado de 28 de fevereiro de 1953.

Os movimentos, aqui resumidíssimo, da vida de meu avô só foram possíveis

pelos documentos em memória que mainha guardou como simples registro, mas na verdade guardava a nossa memória coletiva de Povo Negro Brasileiro: uma memória que o pensamento político/intelectual nacional luta bravamente pelo desaparecimento, para prevalência dos seres incapazes de existir na ordem democrática que nos viola, nos tira, nos castiga e nos agride. Nossa história humana deve ser contada como escravizado, criminoso, preguiçoso, analfabeto, seres não protagonistas de formas produtivas e de liberdade no espaço tempo da República.

Com essa memória aprendemos que nossos registros não estão nas autarquias públicas, estão conosco em nossas famílias e é preciso nosso movimento pela memória, para que tenhamos a sapiência de saber quais são os direitos que queremos conquistar ou constituir, num tempo de Bem Viver.

Se mover por cidadania sem aprisionamento do corpo negro é mover-se pela nossa ancestralidade – que deixou sim em registro as violações do processo histórico vivido que nos antecede. Sim, nossas vós/vôs existiram e nos deixaram o tempo futuro, para que nossa luta não busque as armas que eles usaram, mas que use da inteligência ancestral que os libertou, como registrou o pensador Abdias Nascimento – nas palavras do ex-presidente da Tanzânia Julius Nyerere ao se dirigir aos participantes do “VI Congresso Pan-Africano” (Dar-es-Salaam, Tanzânia, 1974), convocando o povo na África, nas Diásporas Africanas, para reconquistar nossa atitude mental de Ujamaa.¹²⁴

O momento é de reconhecermos em aprendizado o pensamento de Abdias Nascimento em “Quilombismo”, não o tornando um manifesto inócuo para a mudança estrutural da sociedade, como os racistas progressistas fizeram, mas um pensamento de Nação que tem como princípio o não genocídio dos Povos Indígenas e Negro como política de Estado. Na mesma perspectiva que Abdias, a pensadora Lélia Gonzales, em exílio intelectual nacional, escreveu sobre a

124. *Ujamaa* “descreve nosso socialismo. Ele se opõe ao capitalismo, que procura edificar uma sociedade baseada na exploração do homem pelo homem; ele igualmente se opõe ao socialismo doutrinário, que procura edificar uma sociedade baseada na filosofia do inevitável conflito entre o homem e o homem”. Trecho da obra NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019. p. 66. Prefácio de Kabengele Munanga e texto de Eliza Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento.

“Amefricanidade” em 1988, exigindo a reparação da história humana diante dos processos de exclusão dos povos negros da narrativa historiográfica oficial, como aconteceu com Frantz Fanon, intelectual de renome internacional, mas que só foi reconhecido na sua terra natal (Argélia) após sua morte física. Algo que, lembramos, aconteceu com Abdias Nascimento. Mesmo após sua morte, a França ainda não lhe rendeu o reconhecimento devido.

Rememorar nossos mortos é nossa forma de nos movimentar no tempo presente da sociedade, como faço com meu avô. Vejo esse movimento, no tempo presente, como o tempo em permissão democrática, como bem afirma o geógrafo Andreilino Campos: o tempo em que não nos calamos diante da autorização oficial do Estado de assassinar crianças, jovens, mulheres e homens negros à luz do dia ou da noite, na rua - justificando baleiar um homem segurando um guarda-chuva com a ideia de legítima defesa, pois um corpo negro, para eles, é sempre uma ameaça -, no bar, numa viatura, mesmo com a vítima algemada, num carro, com a medida ‘preventiva’ de atirar 200 vezes por parte daqueles que deveriam salvar vidas, e não eliminá-las.

Nesse tempo será preciso uma força coletiva em ancestralidade, que mergulhe em memórias de nossa existência e nos conecte com a memória de como construímos o território nacional e como esse só andarás pelas nossas pernas. Como seria uma sociedade republicana nacional, sem o letrado preto dono da olaria, que alimentou por saveiro a Feira de Águas de Meninos na cidade do Salvador-Bahia, na segunda metade do século XX?

O corpo negro negado em sua história não deixou a terra na mesma condição que encontrou. Seus três filhos receberam formação para leitura e escrita, suas netas(os) chegaram ao ensino universitário na luta contra as cotas de 100% para brancos.

Não nos cabe nesse tempo trair o Quilombismo, não cabe nesse momento deixar que o mundo, tomado em mortes diante de uma pandemia (nunca sentida pela humanidade em totalidade), encontre formas para se repetir sobre as mesmas estruturas de violência.

É preciso que o chão acolha nossos pés e nossas histórias para sermos humanos do século XXI, falando como mais de 60% (pessoas negras e indígenas) no território nacional brasileiro, mesmo sem o poder político e econômico.

Mas, quais poderes políticos e econômicos que precisamos ter para existir neste século? É a pergunta que precisamos nos fazer em totalidade.

Quando o poder ancestral é traído, nada mais volta ao lugar sem o compromisso com a totalidade, portanto, somos maioria – é hora de constituição de maioria – é hora do estado da maioria – é hora da vergonha da minoria, que age como maioria – que no presente legislam pelo massacre dos corpos e territórios indígenas e negros.

Por fim, deixo aqui o movimento de maioria em Ujamaa: a nossa história diz que sem nós, Povo Negro, nada se realiza, mas conosco todos conhecerão a Humanidade.

Que meu ancestral tenha orgulho da carta que me ajudou a escrever sobre o Povo Negro Brasileiro para o Bem Viver.

DIOSMAR MARCELINO DE SANTANA FILHO

GEÓGRAFO - NETO DE MAXIMIANO JACINTO SANTANA

De Kandy Obezo Casseres para a Presidenta eleita da Colômbia



Cartagena das Índias, Colômbia, 1 de setembro de 2020.¹²⁵

Senhora

Presidenta eleita da Colômbia 2022 – 2024,

Assunto: Proibido esquecer dos cinco filhos de Llano Verde.

Quero que o 11 de agosto de 2020 seja um dia para a memória do país. É difícil, eu sei, porque neste canto do mundo todos os dias são para a memória, porque ao massacre do 11 de agosto em Cali se somou o massacre do dia 16 em Nariño. A realidade é que até o dia 17 de agosto, e em meio a uma pandemia sem precedente na história recente, foram registrados 33 massacres na Colômbia. Em todo o ano de 2019, foram produzidos 36.

O massacre ocorrido em Llano Verde, Cali, entretanto, senti como meu. Senti meu coração oprimido ante a irreparável perda da vida e o estômago revirado ante os sonhos que já não se podiam sonhar. Fiquei de coração partido ao saber que cinco sorrisos haviam sido calados com tiros e facões. Pensei em meu sobrinho, Dieguito, de oito anos, em tudo que havia me dito que gostaria de ser quando crescer: jogador de futebol, ou talvez cantor ou ciclista. Pensei também nos meus inquietos, curiosos e inocentes primos adolescentes na expectativa de um futuro que eles não controlam, que nós não controlamos.

Na noite de 11 de agosto de 2020 foram encontrados os corpos torturados e sem vida de Juan Manuel Montaña (15 anos), Jean Paul Perlaza (15 anos), Leyder Cárdenas (15 anos), Jair Andrés Cortéz (14 anos) e Álvaro José Caicedo (14 anos).

125. Carta traduzida do original em língua espanhola por Rafael Xucuru-Kariri.

Eles foram encontrados em um canavial, perto de suas casas, em um bairro no qual haviam chegado com suas famílias há 07 anos, deslocados pela violência fratricida que sempre envolve os mais pobres e vulneráveis.

Os cinco eram crianças negras, estudantes como meus priminhos, como Dieguito, como eu fui em outros tempos. Eram filhos de catadores, vendedores ambulantes, pedreiros e empregadas domésticas. Neste país, aproximadamente 85% da população negra vive em condições de extrema pobreza, dentro de um sistema que limita nosso acesso aos serviços públicos básicos, à educação e às oportunidades dignas de emprego em empresas privadas e/ou no serviço público.

Desde pequena vejo como as pessoas que se parecem comigo, que se parecem com eles, são tratadas como cidadãos de “terceira classe”. Eu vi como, sobre o escárnio, cresceu o medo e, sobre este, a ameaça. Zombo de ti, porque você é negro; você me dá medo, porque é negro; te ameaço, porque você é negro. Eles foram mortos por serem negros? Por serem pobres? Eles foram mortos talvez porque suas vidas não importavam? Foram mortos por nada? Por acaso foram mortos por nada? A verdade é que a discriminação e o racismo matam. Nos matam também a falta de oportunidades, a pobreza, a suspeita.

Eu quero que seus nomes não sejam esquecidos. Não quero que esqueçamos que os mataram porque empinaram uma pipa ou porque depois foram comer cana-de-açúcar ou amenizar o calor no lago dentro do canavial. Nada justifica a morte. Nada repara o horror com o qual, imagino, eles devem ter deixado este mundo, quando se deram conta que haviam caído numa armadilha mortal. Nada preencherá o vazio deixado em suas casas, já violentadas por tantos anos de guerra injusta.

Nos dias seguintes ao massacre de Llano Verde, não pude senão pensar nos meus, nos que estão perto de mim. Foi difícil organizar o pensamento para tentar explicar que, devido ao azeviche de sua pele, sua pressa, inclusive sua lentidão, suas brincadeiras - suas mais inocentes brincadeiras - os transformariam em suspeitos. Todavia, eles têm que lutar para ser livres, abrir suas asas e expressar sua individualidade da maneira que for possível. É difícil ser um homem negro na Colômbia, mas também no Brasil ou nos Estados Unidos.

Em 2020, centenas de milhares de pessoas foram às ruas em todo o mundo para defender o direito mais básico e fundamental que temos: a vida. Em especial, a vida dos oprimidos, dos excluídos, dos negros. As vidas negras importam, repetimos

este ano, até ficarmos sem voz, até alcançarmos algum vislumbre de justiça.

Hoje, que você assume como a nova presidenta da Colômbia, passaram 726 dias desde que a promessa de melhores futuros foi arrancada violentamente de Juan Manuel, Jean Paul, Leyder, Jaír Andrés e Álvaro José. Passaram-se também não mais que 146.606 dias, ou melhor, cerca de 401 anos do assassinato, em pleno centro de Cartagena, de Domingo Benkos Biohó, o quilombola que lutou pela liberdade e dignidade dos africanos trazidos em condição de escravizados a este novo continente. Confio que não tenhamos que esperar outros 400 anos para recuperar nossa dignidade. Confio que nós, mulheres negras, não tenhamos de seguir parindo filhos para a guerra, para engrossar os cordões da miséria, ou pior, para vê-los morrer antes de nós. Te peço que nosso sangue não siga sendo derramado em vão.

Nosso país não pode se acostumar a massacrar seus jovens, justo quando começam seu ciclo mais vital. Não podemos normalizar a violência contra eles, nem os estigmatizar, muito menos negar-lhes as oportunidades e os meios para superar as condições adversas em que nasceram, mas nas quais definitivamente não deveriam morrer. Senhora Presidenta, quais são as políticas para a juventude étnica no país? Como vamos salvaguardar a vida nos territórios? Como vamos mostrar às crianças negras que suas vidas são sagradas e que nos importamos?

Quero que o 11 de agosto de 2020 seja um dia para a memória do país, para recordarmos que nenhuma mãe, nenhum irmão, nenhuma avó, deveriam sofrer pela absurda perda de cinco crianças num mesmo dia. Quero que seja um dia para também reconhecer e, oxalá, começar a erradicar as múltiplas violações que diariamente se cometem contra os direitos das comunidades afro-colombianas e indígenas, contra a vida, dignidade e determinação de seus homens, de suas mulheres e de seus filhos. Quero que seja um dia para recordar o sofrimento das centenas de pobres, que não são negros ou indígenas, mas que vivem na periferia e que também são vítimas da violência e do classismo colonial e estrutural, que segue presente nos nossos países. Senhora Presidenta, nós também somos colombianos, por favor, não se esqueça.

KANDYA OBEZO CASSERES

De Beth Rangel para os pequenos e grandes jovens



Salvador, 30 de julho de 2020.

Meu pequeno menino, minha pequena menina, meus e minhas grandes jovens,

Aqui quem fala é uma também pequena, mulher, senhora, que ao longo da vida tem buscado ao menos ser grande diante dos desafios que a vida nos impõe, em especial quando essas situações envolvem os mais distantes e com menos possibilidades de responder a tanta *complexidade*,¹²⁶ que o mundo nos impõe. Para isto, meus queridos, eu vou chamar vocês de jovens amigos, mesmo que eu possa ser quase avó de muitos. Preciso, antes de tudo, explicar o que quero dizer quando falo em *complexidades da vida*.

Sabe aquela rede, que é trançada com muitos fios juntos, e que ao longo do tempo passam a se misturar e a gente não consegue identificar e distinguir qual é cada um desses fios, nem pelas cores, nem texturas, nem tamanhos, porque tudo está misturado numa única trança...? Então, na vida também as coisas acontecem assim, inicialmente separadamente, depois começam a se misturar e aos poucos começam a se tornar complexas, ficando muitas vezes difícil de compreender o que é cada coisa, onde começou a embolar, a dar nó, porque tudo se apresenta misturado e quase sempre temos dificuldade de lidar com essas questões, muita coisa para lidar juntas. Tem um mestre, de todos nós, de quase 100 anos, com muita sabedoria que nos diz que complexo é aquilo que é

126. MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

tecido (trançado) junto. Assim ele também nos fala que às vezes a gente precisa separar, agrupar as coisas que se parecem, entender cada uma delas, e depois se quiser até misturar de novo. Mas daí sabendo quem é quem isolado e quem é quem junto, no grupo.

Trazendo um pouco da minha experiência de vida vivida, vejo que algumas coisas nos são dadas pela natureza e que devemos preservar, cuidar, para mantê-las não só para mim, mas para os outros, os que estão perto de mim, que eu conheço porque são da minha comunidade, mas também para outros, que estão distantes, mas que sabemos que também fazem parte desta vida, parecida ou diferente da nossa, mas que também precisam dessas coisas para viver.

Talvez, se pensarmos o *ar que respiramos*, seja um bom exemplo de coisas da natureza, que todos nós, você, eu e os outros lá... de longe, precisam também. E como cuidar do ar? Será que é *complexo* entender? Como cuidamos para o ar ser bom, puro para respirarmos? O que você acha? Será que nossos amigos pensam de uma forma diferente, que possa ajudar a entender melhor? E os mais velhos, que já viveram muito mais do que os pequenos, do que os jovens... Será que terão como nos ajudar a entender como fazer para cuidar do ar e prevenir coisas que não são boas para nossa vida, para nossa saúde? E quando a saúde não está boa, será que a gente se descuidou e deixou alguma porta aberta para algum “desconhecido” entrar? E quem são estes desconhecidos, às vezes até invisíveis, que podem entrar pela porta do nosso corpo, que estava aberta? Hum, complexo, com certeza! Vida, respiração, ar, natureza, saúde, cuidado para não deixar porta aberta... hum..., principalmente para a entrada de coisas desconhecidas, invisíveis, que não sabemos como tratar.

É muita coisa, muita coisa nova, às vezes até desconhecida. É muita novidade, é muita informação. Isso dá cansaço, dá tristeza, às vezes até desânimo... é isso mesmo que acontece. Por isso, quando não sabemos, e às vezes não sabemos mesmo, por ter muita coisa acontecendo, e não temos capacidade de saber tudo. Mas nessa hora é bom nos sentarmos em círculo, fazermos uma roda de conversa e trocarmos ideias, trocarmos informações. Importante também é que nessas rodas de conversa a gente chame pessoas diferentes, além dos jovens, também mulheres, homens, vovôs e vovós, para que juntos, possamos tentar entender melhor esta trança de acontecimentos. Muitas vezes as situações se

mostram emaranhadas, cheias de nós, e passam a dificultar nossos passos, nossos movimentos e até chega a impedir nossa respiração, não deixando que o ar entre – o ar que é tão nosso e tão importante para nossa vida.

Mas por que será que a natureza está agindo assim com a gente, logo com a gente que cuida tanto dela? É isso mesmo, mas nessa conversa vamos lembrar de como vivemos com a natureza. Sabemos que podemos ficar aqui até escurecer e não vamos acabar de lembrar tudo, como nos relacionamos com a natureza, como convivemos com ela. Porque a gente sabe que não pode responder só por nós mesmos. Mas vamos pensar, será que vivemos sós neste mundão? Claro que não, seria muito triste também. O mundo tão grande e só a gente ocupando este espaço.

Aí que está... Pensando bem. Se nessa roda, neste nosso lugar somos diferentes, pensamos, falamos, fazemos coisas diferentes um dos outros, imagine todos os grupos de todos os lugares. É muita gente, é muita diversidade. O que é muito bom, formamos uma rede bem diferente, colorida, diversa, com pessoas, de todas as idades, cores, gostos de todos os tipos.

Mas será que todos estes grupos fazem círculos, rodas de conversas, para trocar ideias, discutir problemas, isso não sabemos mesmo..., mas o que sabemos é que as coisas no mundo estão cada dia mais complexas, enredadas mesmo, difíceis de compreender...

Queridos e queridas, pode ser que eu esteja falando até com crianças, além dos jovens, mas como estou longe de vocês e não posso estar nessa roda de conversa para também tentar ajudar a entender o que está acontecendo, eu daqui distante quero pedir a vocês que se cuidem e cuidem dos que estão mais perto de vocês, façam uma rede sem fim de cuidados, de atenção com o outro. Este cuidado grande entre as pessoas chamamos aqui de solidariedade. Mais importante do que saber o nome é termos ações que demonstrem esta forma de viver junto, de ajudar o outro, isso é a solidariedade. O importante é o cuidado.

E tem outra coisa que quero trazer para vocês terem atenção. É buscar conversar com outros, buscar saber o que não sabemos sobre alguma coisa. Sempre tem alguém que tem algum interesse e vai atrás de uma informação nova e que pode nos ajudar. Assim é bom chamar para perto mais gente. Também é importante pedir ajuda a pessoas. É bom para quem recebe, também muito

bom para quem pode dar.

Assim, meus meninos, minhas meninas, jovens, vocês que estão aí em algum lugar, longe de mim, com muita natureza ao redor, e que, com certeza, ao modo de vocês, transformam tudo isso na cultura de vocês, que os torna tão especiais e importantes, tanto pela natureza como pela cultura.

Eu, daqui de onde estou, faço questão de, mesmo vivendo em uma cultura diferente da de vocês, buscar preservar a natureza que está perto de mim, e de alguma forma, com todo respeito e muito prazer, passo um tempo olhando e contemplando a sua beleza. Algumas vezes, sei que poderíamos valorizar mais essa natureza tão importante e presente nas nossas vidas. Mas a cultura, este outro caminho que temos, de participar e entender a vida, às vezes tem uma grande preocupação com esta construção. Isto nos confunde e não nos deixa de forma inteligente e com sabedoria relacionarmos a natureza e a cultura.

Estou indo, mas ficamos todos pensando, nessa complexidade, de rede trançada, às vezes até pelo invisível, mas por não conhecermos temos que ter mais cuidado e buscar ajuda de mais gente. Ah, como seria mais fácil se soubéssemos e valorizássemos mais nossa natureza como energia de vida para crescermos a cultura de fato dos homens, da humanidade!!

Até um dia...

Quem sabe nos encontraremos um dia, o que gostaria muito, fosse numa roda de conversa, ou mesmo a partir dos nossos olhares, se cruzando, neste grande céu, quando estivermos olhando as estrelas, ou melhor, olhando a lua, que é uma só, nas estrelas corremos o risco de nos perder, diante de tanta complexidade.

BETH RANGEL

De Alvanita Almeida Santos para as Deusas



Salvador, 28 de setembro de 2020.

Minhas deusas,

Acordamos, em uma manhã de março de 2020, com um novo temor, entre os que já pairavam sobre nossas cabeças! Ironicamente, uma vida mínima – um vírus, impôs-se para comprometer as vidas humanas! Para alguns, já diariamente afetados pelo comportamento violento de uma sociedade profundamente doente, não foi uma novidade: em luta constante contra as várias formas de destruição, discriminação e intolerância, era mais uma frente de luta. Para outros, confortáveis em sua insensatez e/ou na sua ignorância e ilusão de estabilidade individual, tornou-se um desespero.

Há algum tempo, e não muito longe, um artista cantou: “pare o mundo que eu quero descer...”. Sílvio Brito, compositor brasileiro de músicas de protesto na década de 1970, unia sua voz a outras: “E pensar que a poluição contaminou até as lágrimas/ E eu não consigo mais chorar”. É um pouco como me sinto neste mundo de incredulidade, sensação de impotência, medo, mas também da certeza de que não é possível deixar de me indignar!

Por isso, recorro às deusas! Essas que desde o princípio são o signo da vida. Gaia, na mitologia grega (mãe Terra); Onilé (Terra-Mãe), entre os iorubás; Pachamama, na cultura Inca; existentes com muitos nomes nas diferentes culturas do mundo. Símbolos femininos de criação e cuidado da vida humana. Dirijo-me a elas para pedir apoio e conselhos. Em tempos de vontade de descer do mundo, porque tudo parece muito errado, é dessa sabedoria que precisamos.

Preciso movimentar minha indignação, porque não posso deixar que o cansaço diante de batalhas em que as forças são muito desiguais me impeça de continuar em luta! Reagir como a Pachamama, pronta para enviar trovões e tormentas quando os homens desrespeitam a natureza! Um vírus, uma resposta da natureza aos desmandos e irresponsabilidade da humanidade!

Entre as fábulas conhecidas, há a da andorinha que, diante do incêndio que consumia a floresta, ao contrário dos outros animais, ia em direção ao fogo com um pouco de água no bico. Ia e voltava com esta gota de água no bico para jogar na floresta. Confrontada pelos outros bichos sobre porque fazia aquilo que parecia nada adiantar, ela responde: “estou fazendo a minha parte”. A fábula tenta apresentar a moral de que, se cada um fizer a sua parte, é possível resolver um grande problema. Podemos dizer que essa é uma ação necessária e que da ação individual de cada um(a), no conjunto, as coisas serão resolvidas. Mas parece-me também que é preciso problematizar esse ato. Individualmente, imagino que todos estamos realizando alguma ação de resistência, para a sobrevivência de nosso mundo. No entanto, esse pingo de água levada no bico estimula um ato isolado e solitário. Penso que estamos precisando das ações coletivas, porque essa minha parte só não basta!

Em tempos de distanciamento físico social, eis um desafio! Nossas práticas estão todas virtuais, uma forma concreta, mas muito fluida, de relacionamento. Falta-nos um elemento fundamental nas relações humanas: o corpo. No ambiente virtual, lidamos com um corpo etéreo e limitado a uma dimensão espacial em 2D. Tocamos a tela de um aparelho (um corpo de plástico e metal). A melhor possibilidade é a possibilidade da voz, a concretude da voz tem nos mobilizado. Creio que nunca ouvimos ou falamos tanto. Talvez, só estejamos fingindo ouvir! Mas pode ser a nossa melhor aposta, na árdua tarefa de transformar mentes e corações, na tentativa de quem sabe se ainda neste século ou ainda neste lugar chamado Terra, termos um mundo melhor. Nem sabemos por quanto tempo ainda teremos um mundo!

Falando em tempo, este é o nosso tempo e, como já dizia o poeta, “um tempo de homens partidos”. Um tempo! Este é um tempo de ilusão. Um tempo de dúvidas se estamos de fato acordados, ou se estamos dentro de um sonho, ou um pesadelo, do qual não conseguimos sair. É imperioso tentar, entretanto! Reagir,

ainda como o poeta que fala dos idos de 1945 no fim de uma guerra (mas início de outras), diante da esperança de que as coisas talvez melhorem! Com palavras!

*Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!*

*Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Temos palavras em nós também! E ainda bem que elas querem sair! Que nunca percamos, inclusive, aquelas palavras irritadas, enérgicas! Peço a vocês, deusas de todos os tempos, que não permitam que percamos a capacidade de nos indignar! Dessa indignação que movimenta o corpo para a reação e nos mantém vivos! Resistindo à banalização da morte, que está em evidência nesses tempos. Tenho visto tanta gente cansada, desiludida, expressando uma vontade de desistir! Não podemos desistir da vida, da vida de todas(os), da vida de cada um(a) de nós! E não podemos desistir da vida de forma plena! Não queiramos apenas uma subvida!

Decidi escrever para vocês na busca pelas vozes ancestrais que nos constituem. Dessas vozes divinas, pois no mundo material somente uma reação radical da natureza parece se apresentar como forma de provocar abalos nas pessoas, para que tenham um mínimo de consciência sobre como somos parte desse cosmo! Tão desalentados estamos no contexto atual! Seres perdidos num labirinto cujas saídas parecem deslocar-se constantemente! Submersos em tristeza! Agarrando qualquer migalha de alegria!

Busco a força na simbologia guerreira de mulheres que resistiram e resistem,

e vivem, mesmo quando as querem mortas. Chamadas de feiticeiras por quem tinha medo do poder do seu conhecimento, não foram subjugadas. Nisso está a força de que precisamos. Viver, continuar vivendo, apesar de..., é uma forma de luta, de resistência, de sobrevivência.

Para um Bem Viver, precisamos, então, recuperar o corpo. Aproximar corpos que, nesta distância dos abraços fraternos, ficaram apagados ou adormecidos, entorpecidos pelo desânimo ou pela dor. Como fazer isso? Como vencer o dilema do contato, quando podemos sem saber contaminar pessoas queridas? Como ultrapassar esses medos que temos de chegar perto demais de qualquer um(a)?

Talvez possamos partir de uma perspectiva de que não estamos “isolados”, nesta pandemia, mas em “distanciamento físico”, como disse Catherine Walsh, da Universidad Andina Simón Bolívar (Equador), em uma conferência na rede. E se não estamos isolados, podemos nos (re)unir de outras maneiras para tentar forjar energias capazes de mudar o curso da destruição.

É, então, com alguma esperança que me despeço!

ALVANITA ALMEIDA SANTOS

De Ramon Fontes para as nossas ancestrais infectadas



Salvador, 31 de julho de 2020.

Carta para as nossas ancestrais infectadas,

Não sei exatamente como começar essa comunicação, não sei nem ao certo se escrever, ou palavrear, seja o meio mais adequado para desaguar a liquidez que esteve parada durante alguns anos... Sempre tateando possíveis, rodopiando em marés, digo, de antemão, que essas linhas são precárias em sua possibilidade de comunicar tudo, dizer tudo, se fazer completamente audível e, sobretudo, compreensível. Mas confio nas malhas do mistério ou, caso prefiram, nas cosmografias das instâncias invisíveis. Axé pra quem é de Axé, Amém pra quem é de Amém e Amor pra quem é de Amor!

Como as senhoras já devem saber, vivemos, aqui por essas bandas, um tempo de muita confusão, acho que minha tentativa de escrever às Senhoras tem muito a ver com essa necessidade de ancorar em mim uma tranquilidade que me ajude a atravessar os dias, ou melhor, o fim do mundo como o conhecemos. Em meio às ruínas desse Mundo Ordenado¹²⁷ é preciso afinar com precisão as técnicas

127. A ideia de um Mundo Ordenado é desenvolvida pela filósofa negra-feminista Denise Ferreira da Silva e diz respeito à produção de toda uma ordenação do mundo a partir dos pilares branco-europeus que definem os conceitos de Sujeito, Mundo, Tempo e Progresso. O Mundo Ordenado, nas palavras de Amílcar Packer, leitor de Denise Ferreira da Silva, é “estruturado e reencenado pela tríade colonial-capital-racial a partir de uma violência total”. Para maior compreensão do conceito de Mundo Ordenado ver: FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. Tradução: Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 197.

de movimento para evitar soterramentos. Qualquer passo em falso pode ser fatal. Acho que escrevo às Senhoras para saber ao certo (ou em partes) como caminhar sobre os escombros, como se equilibrar sobre as pedras pontiagudas que nos espreitam no próximo pulo. Escrever, pelo menos nesses tempos, tem sido uma maneira sutil de dançar nesse cenário.

Uma beija-flor, já no finalzinho da tarde de hoje, entrou no meu quarto e até agora está aqui, debatendo-se para buscar novamente a janela por onde entrou... Tô meio preocupado porque ela é filhote (vê-se pela miudeza de suas formas) e - isso é apenas uma suposição humanoide -, temo que se perca, que não saiba mais achar seu lar, temo que sua família deve estar preocupada ou elaborando algo que para nós, humanos, seria próximo do sentimento de preocupação. Ou talvez seja assim mesmo, né? Beija flores para tornarem-se ancestrais de sua linhagem precisam perder-se em noites de sextas-feiras...

Vou colocar néctar para ela pois está gastando muita energia tentando sair do quarto. Já tentei guiá-la para a janela, mas não sei como a fazer ir. Colocar néctar próximo de onde ela está é uma forma de dizer que aqui em casa ela está bem. Se quiser ir ou ficar sempre terá alimento e segurança. Vou ali botar o néctar e já volto. Me espera, tá?

[...]

Pronto. Tá ali já. Ela tá bebendo. Espero que consiga restituir a energia gasta com tanto desencontro na busca da janela pela qual entrou...

[...]

Bem, voltando ao que eu tentava formular, quero dizer às Senhoras que tenho prestado muita atenção aos meus sonhos. Acho que é por aí, né? Quando o corpo cede ao soberano sono parece que o inominável produz algo da ordem do fabuloso, algo muito próximo à contação de estórias... Prosas de tempos longínquos, fragmentos sempre enigmáticos de tempos de um bocado de tempo, perdido entre o que foi, o que é e o que vem a ser. Uma dança quântica de possíveis. Aliás, possíveis nem sei se é uma palavra adequada. Acho que é melhor dizer uma dança quântica de invisíveis, ou quem sabe, talvez, uma sucessão de giros do mistério, num tempo que só-no-sono-há. Hoje mesmo, quer dizer na madrugada de ontem pra hoje, eu sonhei com um montão de coisas que posso elencar assim: roupas militares, terremotos, grandes porções de terra, muitos

corpos soterrados, muita gente trabalhando para salvar os fragmentos de corpos que cintilavam entre a lamacenta chuva... Eu trabalhei muito, acordei exausto. Lembro de suar e chorar muito no corre-corre para salvar as pessoas pegas de surpresa, aquelas que, por muitos motivos, inclusive ancestrais, não tinham sacado que o tempo tinha chegado. Pode parecer algo de profético, mas meu terapeuta diria que tem algo a ver com uma certa produção de sentido de salvação familiar (risos)... Deixo as interpretações em suspenso, por ora, pois é justamente sobre a suspensão delas que me dirijo às Senhoras.

Dia desses uma menininha me deu um pedaço de papel rosa enquanto eu caminhava pelo centro histórico daqui da cidade. Eu sorri e agradei, ela disse, apenas: “É pra você!”. Desde então eu guardo esse pedaço de papel rosa na minha carteira, presente de uma azeviche menina, numa encruzilhada do Pelourinho, na Salvador da Baía de Todos os Santos, Encantos e Axé. Acho que é por aqui, também, que passa essa afinação dos movimentos no mundo, não é? Receber rosas em encruzamentos azeviches. Assim é. Acabo de me dar conta que noutro dia, também, uma preta senhora me presenteou com indicações de leitura, documentários e músicas, num pedaço de papel escrito com caneta azul. Ela tinha sede... Pediu uma Coca-Cola, mas eu achei prudente comprar-lhe, também, uma garrafa de água mineral [sei lá, mainha sempre me disse que nunca se pode negar de beber a alguém]. Ela me disse assim: “Obrigado! Espere aí que tenho um negócio.” Enquanto procurava o papel, pacientemente, algo me conectou profundamente àquela moça. Tinha muita água ali, movimentando-se na e a partir daquela negrura. Titubeei, lembro, por pensar que estava sendo invasivo, mas ela mandou eu esperar... Quando uma mais velha fala a gente obedece, mainha também me ensinou. Mainha certamente aprendeu de voinha que aprendeu de bisa, que aprendeu de tata... Seu Gilberto, o Gil, me lembra sempre: O filho pergunta ao pai pelo avô, avô pergunta ao bisavô pelo tataravô... Uma sucessão de entrelaçamentos no tempo. Acho que é por aqui, né minha Velha? Aceitar bilhetes e papéis em rosa, violeta, branco em azul, de quem lhe quer bem. É construir saberes fora do circuito validado, é ouvir os sussurros das canções talhadas em nossos corpos de memória. Será que aquele sonho que lhe falei há pouco não era uma memória longínqua daquela grande explosão? Ou talvez uma memória longa daqueles que foram arrancados nas primeiras

levas, sem saber pra onde iam ou porque estavam indo naquelas condições de não-gente? Ó, minha Velha, é tanta coisa que fica passando nessa minha cabeça que só mesmo falando com a senhora que esses rodopios não me deixam tonta. Tô aprendendo a dançar aos pouquinhos... No dia que eu conseguir fazer um salto perfeito no ar eu lhe escrevo para contar essa beleza que é voar e saber pousar. Por enquanto estou como esse beija-flor aqui no meu quarto, esperando amanhecer para voar pela janela que entrou (risos). Em breve, muito em breve mesmo, lhe escrevo contando desse meu lindo passo de dança e de meu pouso serenamente sincronizado. Sei que a Senhora tá torcendo por mim.

Falando em torcer queria lhe dizer que tenho torcido todo dia para as sementinhas vingarem. Plantei abóbora, tomate, gengibre, boldo. Ganhei comigo-ninguém pode, abacaxi roxo, árvore da felicidade (tá uma lindeza que só), jiboia (cada dia mais espaçosa, risos), Espada de Iansã, Espada de Ogum, cactos e suculentas... Comprei lavanda, alecrim, arruda, rosa do deserto e uma exuberante samambaia. Papai acabou de me dizer que trouxe um pé de erva-doce para aumentar a família. Deixou lá embaixo, na entrada do prédio. Amanhã eu a vejo e trago para conhecer as mais antigas. As doces sempre são bem recebidas. É sobre isso, também, que queria falar com a Senhora: torcer por sementes, regar e adubar os solos empobrecidos, tirar a poeira dos dias que insistem em marcar as folhas, borrifar água como que para refrescar os dias, sentir a queimadura do sol da manhã para ativar o corpo e a glândula pineal... É uma boa forma de afinar os movimentos de conexão, não é? Converso com elas quase todos os dias, quase todos porque sei que nem todos os dias as vivências plantadas estão a fim de interagir. Sei lá, acho que é respeitar o tempo da síntese-das-fotos que se faz do ambiente: tem dias que as fotos são borradas de muita dor, de muita ansiedade, de uma sensação insuportável de não sentido, aí não tem luz que dê jeito, só o silêncio, o recolhimento organizam as coisas; já tem outros dias que as fotos do ambiente são pura graça! Risada pra lá, afetos pra cá, respiração para não asfixiar, água pra não secar, rizomas para aterrar, bolas de sabão na janela para se deixar voar e o fenomenal movimento das cordas que não deixam de cantar... É por aqui, também, né minha Senhora? Nada na vida é sempre constante. E tá tudo bem, eu acho. Acabou de subir um cheiro gostoso de incenso pelas bandas de cá. Deve ser as vizinhas incensando a casa ou pode ser mainha cozinhando, sei não. Vou ficar com esse cheiro maravilhoso que está me invadindo.

Deixei esse negócio de invasão para o final porque é aqui que quero gastar um tempinho maior, minha Senhora. Repare, há algum tempo atravessei um processo muito doloroso de adocimento das águas da cabeça. Tinha dias que eu paralisava na rua com medo de ser tocado por *Iku*,¹²⁸ teve dias que meu coração parecia que ia explodir de tanto que batia com medo de uma invasão militar de minha cabeça. Teve dias que eu quase atravessei o *Orum*, mas quando chegava quase perto algum rodopio nas malhas do mistério pareciam me tragar de volta ao *Ayé*¹²⁹... Meus sentidos, todos, pareciam ter se expandido completamente: os sons ficavam mais nítidos, inclusive os ruídos não captados por nós; as imagens pareciam colar rapidamente àquilo que seria entendido pelos pós-estruturalistas deleuzianos-guattarianos como uma máquina subjetiva de produção paranoica, todos estavam me vigiando, todos os olhares pareciam estar dirigidos a mim, como se eu estivesse próximo de cometer algum crime; minha pele parecia adquirir uma propriedade muito complexa de não estar apenas em meu corpo, a cidade eram meus poros, tudo se dava nela e através dela, sabe? Como se eu deixasse de ser eu e em algum lugar, que era no rodopio do

128. “Para os povos de terreiro [casa de culto do candomblé], morrer não é um problema, nem é encarado como evento punitivo. Para entender isso, é importante saber que *Iku*, o modo como a palavra *morte* é entendida em iorubá - língua de um dos povos que compõem os terreiros de candomblé-, é, antes de qualquer coisa, um orixá, isto é, uma divindade. Aquela divindade encarregada de desvençillar o corpo das pessoas que habitam uma comunidade do restante daquilo que as faz ser pessoas, para que elas possam seguir na comunidade como ancestrais. *Iku* é, portanto, a morte e também a divindade que, ao nos tocar, retira-nos parte daquilo que nos faz sermos pessoas vivas: nossa ligação com o corpo”. Trecho do artigo “Da necropolítica à ikupolítica”, de Wanderson Flor do Nascimento, publicado no Dossiê Filosofia e Macumba, edição número 254 da Revista Cult, grifos meu.

129. O *Ayé*, segundo a mitologia iorubana, é “a Terra, o mundo dos homens”. Tal qual *Iku* a Terra também é uma divindade, um Orixá, que em algumas casas de candomblé é cultuada como a Orixá Onilé. Já o *Orum* é o “céu, o mundo sobrenatural, mundo dos orixás; cada um dos nove mundos paralelos da concepção iorubá”. PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*; ilustrações de Pedro Rafael - São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.564 e 569.

tempo espiralar,¹³⁰ muitas me eram, muitas me tinham sido, muitas me seriam... Acho que era a Senhora, né (risos)? A Senhora já me fazendo gracejos para fazer a travessia¹³¹ para o Mundo Implicado.¹³² Ah, impossível esquecer os cheiros: perfume de infância, gasolina, brócolis sendo cozido no vapor, creme para cabelos crespos, sabonete *Phebo* daquela cor e cheiro originais, não esses novos cheiros de muita coisa, protetor solar, óleo de amêndoas, tabaco, maconha, vinho seco... Os cheiros

130. A percepção de um tempo que se constitui na dimensão espiralar é elaborada pela escritora Leda Maria Martins ao longo de sua obra *Afrografias da memória*. Inspirada por uma cosmovisão banto, a noção de tempo espiralar dá conta de uma experiência temporal que não captura passado, presente e futuro como tempos fechados em si, datados, mas, ao contrário, como uma experiência em que passado, presente e futuro existem numa elaboração sensível que compõe o que é, o que já foi e o que será. Diferentemente da noção de tempo espiralar, a cosmovisão branco-europeia, que colonizou as noções de História, experimenta um tempo linear onde a noção de progresso (do menor para o maior, do passado para o futuro, da barbárie para a civilização...) constitui a precária relação de sensibilidade entre as interações espaço-temporais. Por exemplo, para os argumentos que constituem essa carta é impensável para uma noção de tempo linear que eu estabeleça diálogos com as mais velhas que constituem a minha história ancestral a não ser que isso seja entendido, apenas e infelizmente, como argumento literário ou poético. Por outro lado, se assumimos uma concepção de tempo espiralar, o diálogo que aqui se estabelece existe, pois produz em meu corpo e em minha subjetividade formas sensíveis de reconstrução afetiva, elabora as dores e dúvidas, produz argumento, teoria e episteme para compor as vivências que terão contato com esse escrito, além de produzir, na linhagem ancestral de quem me lê [pois aqui estamos tratando do exercício da escrita - daí a reflexão do primeiro parágrafo desta carta], giros de afecção, potências de afetabilidade na movimentação de mais e mais malhas do tempo e do mistério.

131. A metáfora da travessia, bem como de um tempo que é atravessado, navegado, devir-tempo, é explorada por SANTOS, Matheus Araújo dos. Atravessando abismos em direção a um Cinema Implicado: negritude, imagem e desordem. *Logos*. DOSSIÊ INSTABILIDADE E CONFLITO DAS/NAS IMAGENS, 2020, v. 27, n.1. O autor apreende o conceito de Mundo Ordenado, de Denise Ferreira da Silva, para mobilizar uma crítica contemporânea das relações raciais e a linguagem cinematográfica.

132. A ideia de um Mundo Implicado é, também, desenvolvida pela filósofa negra-feminista Denise Ferreira da Silva e diz respeito ao exercício especulativo/de imaginação que produz uma outra paisagem psicossocial para compreender e agir no tempo-espaço. Essa outra imagem pressupõe, como uma ação primordial, a destruição completa dos pilares que permitiram e financiaram a violência advinda da expropriação total dos valores [materiais, subjetivos, afetivos, territoriais...] produzidos pela subjugação colonial branco-europeia. Nesse sentido, para construir um outro mundo, no qual a exploração violenta não seja a tônica, é imprescindível que o que o permitiu seja destruído. O exercício de especular criticamente um outro mundo é, também, uma ação política, uma movimentação radical protagonizada pelas corporalidades e subjetividades que ficaram alheias ou foram excluídas da construção do mundo como o conhecemos. Para maior compreensão do conceito de Mundo Implicado ver: FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. Tradução: Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

eram as matérias do que não se vê, mas se sente, pré-sente. Todos me invadiam de uma forma inominável, uma mistura de medo, uma mistura de lembrança boa, uma mistura. Hoje, refletindo em perspectiva, acho que era um treino da Senhora para sensibilizar os sentidos que foram apagados pelas caravelas da invasão e da escravização. Adupé, minhas Senhoras! Atravessar o fim do mundo como o conhecemos é mesmo uma tarefa para corpos com órgãos: órgãos que veem, órgãos que sentem, órgãos que cheiram, órgãos que ouvem, órgãos que engolem a si mesma para germinarem por dentro. Como não sentir os órgãos que pulsam nas marcas do tempo? Como não respeitar os ensinamentos que *as* répteis nos deixaram? Como não respeitar a pineal que insiste/existe no movimento de presença? Quem quiser que duvide... É sobre isso, né minha Senhora? Eu tratei inicialmente de invasão, mas essa palavra não é a adequada, acaba de me ocorrer. Acho que é algo como *em vazão*, né? Fazer rachaduras no corpo enrijecido, cavar profunduras, quebrar o quadrado, o quadril, e rebolar as águas paradas que são moradas de mosquitos usurpadores de energia, colorir as unhas para as queratinas se derramarem em possibilidades, deixar os cabelos encrespados crescerem numa lógica própria e não só pra baixo... Corpos orgânicos, corpos que experimentam o tempo do Tempo.¹³³

Quando a Senhora receber esta carta *a minha corpo* já terá sido outra... Mas em breve escrevo-lhe para dizer como tem sido habitar *outra corpa*.

Acho que é isso, também, não é? (risos)

Só quero deixar escrito, mesmo sabendo que a escrita é uma possibilidade muito precária, o quanto sou grato por não abandonar minha linhagem ancestral, por confiar que nessa vivência terrestre a minha miúda existência pode ser grandiosa quando encontra outras miúdas existências, ou melhor, “quando encontro vocês”.¹³⁴

Oxalá essas linhas cheguem serenas pelas bandas daí.

Com muito amor e felicidade,

RAMON VICTOR BELMONTE FONTES

133. Refiro-me, aqui, à divindade do panteão afrobrasileiro Tempo, também conhecida como orixá Irôco.

134. Refiro-me, aqui, ao título do livro da Castiel Vitorino Brasileiro. Ver: BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando encontro vocês: macumbas de travesti, feitiços de bixa*. Vitória: ES. Edição da autora, 2019.

De Felipe Milanez para os brancos



Salvador, 20 de Agosto de 2020.

Bem Viver e o dom da vida em sentido amplo,
Para os brancos,

Bem viver é a vida em convívio com todas as vidas e todas as formas de vida. Céu, ar e terra, como elementos estruturantes, estão interconectados como pulsões vitais. Entre o céu e a terra, o ar que energiza a vida segura a abóboda celeste, cuja atmosfera é composta da água que escorre pelas chuvas fazendo os rios e os oceanos, marcando e irrigando o chão que fertiliza a vida. Para baixo da terra, outros elementos minerais são a sustentação desse edifício de vida de terra, água, ar e céu.

Nada está separado nessa composição de vida, onde os elementos que proporcionam a vida são também eles vivos. Não há uma natureza, cara gente branca, morta ou viva que seja separada da vida humana. A ecologia da vida é composta também dos elementos não vivos que proporcionam a vida. Bem viver, na concepção que eu tenho aprendido, é como uma rede de interdependência de diferentes formas de vida, que compõe a própria vida em sentido amplo. Vidas humanas e não humanas que se inter-relacionam com a pulsão vital do dom maior do existir.

Quero falar, dessa relação da vida em sentido amplo, nesta carta, da vida humana e não humana, anima também, além das formas biologicamente vivas, outras matérias e outras dimensões ontológicas da vida. Essas dimensões se constroem pela experiência de percepções da vida interconectada, e não separada, do ambiente onde a vida emerge. A montanha, o rio, a árvore, o chão, o alimento, a flor, o inseto,

o pássaro, a caça, o trigo, o pão, a mandioca, a farinha. Não vejo uma natureza subalternizada ao universo antrópico, mas um comum de relações de coexistência.

Essa percepção que tento descrever de um Bem Viver é visualmente aprendida a partir de reflexões de diferentes experiências humanas que tenho tido a oportunidade de ouvir e ler nos últimos anos, sobretudo, experiências de sujeitos colonizados, cujas ideias, pensamentos, epistemologias, insurgem-se face à monocultura da vida.

Uma ampla literatura tem surgido no Brasil, como os expoentes Ailton Krenak e Davi Kopenawa,¹³⁵ históricas lideranças do movimento indígena, em paralelo com a emergência cada vez maior do movimento indígena em amplos setores da sociedade, constituindo uma força política motriz nas lutas e rebeliões democráticas do país, que questionam o sentido único de uma linearidade da história do Brasil. Aquela linearidade evolutiva e evolucionista, que parte de um caminho inicial, um mito de origem, para se chegar a um lugar, o lugar este que só pode ser alcançado pela ordem e pelo progresso, pelo desenvolvimento, pelo crescimento econômico do PIB. Uma história que tem início com o “descobrimento”, o mito fundacional, e que, após o “achado”, é inundada de civilização para combater e sobrepor a barbárie - aquela barbárie do “estado de natureza” dicotômico do estado social, com a consequente desselvagerização da população originária do continente e de todas as formas de vida que se entrelaçaram-se por milênios. Separar as formas de vida entrelaçadas é o primeiro marco do colonialismo: separar para dominar, para exterminar, para administrar.

Essa linearidade da existência é a oposta do grande dilema Baniwa, como explica André Baniwa: “Os nossos dilemas têm sentido sim, pois conhecemos bem a origem da humanidade, sabemos da sua complexidade, do futuro da terra, que somos nós mesmos.”¹³⁶ Para Baniwa, a destruição do Bem Viver se deu pelo processo do colonialismo e conquista e da ação de três instituições: o Estado

135. KRENAK, Ailton. *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

Id. *Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

Id. *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

Id. *O Amanhã Não Está à Venda*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

136. BANIIWA, André Fernando; VIANA, João Jackson B.; LUBEL, Aline Fonseca. (Orgs.). *Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro*. Curitiba: Ed. UFPR, 2019. p. 13.

brasileiro, “a organização formal dos colonizadores na terra conquistada, que reúne seu povo sob um mesmo nome, uma nação”; o capitalismo como “uma maneira de consumir e destruir outras formas de vida na Terra”; e as Igrejas, que condenam “as culturas e tradições milenares dos povos indígenas”.¹³⁷

Este sentido da separação das vidas que coexistem - escrevemos, eu e Krenak - emerge da violência fundante do colonialismo que promove o desequilíbrio gerador da *xawara*, concepção dos Yanomami, como traduz Kopenawa, da doença: “Gente, lugar e jeito de estar compõe um todo. A violência corta esse comum por uma erupção externa sobre os sujeitos coletivos e atinge o lugar. A separação do suporte de vida/lugar atinge pessoas e Natureza: desmembra, desterra.”¹³⁸

É o equilíbrio — e não a harmonia — que dá suporte para a interdependência da vida mutuamente constituída. Foi o colonialismo que inventou a ideia de “natureza” isolada, bem como do humano não natural, a ideologia hierarquizante das formas de vida, da qual vidas são inferiorizadas para privilegiar algumas outras vidas. Um mundo organizado de forma assimétrica em permanente desequilíbrio, onde a *xawara*, essa doença maléfica definida pelos Yanomami, ameaça a existência de toda a vida.

Não há futuro em um mundo partido pelo colonialismo e pela conquista decorrentes da expansão europeia que não tenha, em seu horizonte, a reparação e a restituição, em sentidos profundos, dos territórios, das vidas e das subjetividades. Não há futuro em pulsões de dominação, autoritarismo, extrativismo, de uma vida ideologicamente regida pelo fascismo, pela política de gestão de distribuição seletiva da morte, pela racialização e naturalização das formas de opressão e de dominação. Nunca haverá um “país do futuro” em que o futuro é a homogeneização, expressão maior da monocultura da vida, humana e da paisagem. Não há possibilidade de um futuro de vida, e muito menos de Bem Viver, diante da desumanização hierarquizada das diferenças culturais, assim como da objetificação extrativa da natureza reduzida a recurso.

Em um novo espelho aonde as diferenças se somam e se compõem longe do

137. Ibid., p. 15.

138. KRENAK, Ailton; MILANEZ, Felipe. “*Ecologia Política*”. Dicionário Alice. Disponível em: <https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24271>. Acesso em: 13 ago. 2020.

narcisismo do racismo, não apenas as sociedades humanas podem reimaginar formas de coabitar o planeta desfronteirizado, mas essas margens em ruínas devem, também, recolocar membros amputados partidos de uma vida inteira dilacerada pela metade e em partes, como o “meio ambiente”. A dimensão da coexistência entre sujeitos coletivos e a natureza: “O sujeito coletivo que pertence ao lugar é uma oposição epistêmica ao sentido capitalista/colonialista de que o lugar pertence ao indivíduo”.¹³⁹

Bem Viver é a vida; É o sistema da vida, para André Baniwa. A vida ampla nas suas relações, como também explica a concepção Mbya Guarani: “Não só a minha vida, mas a vida de todos”, me disse em entrevista a cacica Kerexu.¹⁴⁰ Esse sistema de vida é o que os Guarani chamam de *Teko porã*:

Teko porã, traduzindo para o português, quer dizer “bem viver”. Mas antes do tekó, a gente tem a vida, que é o ar que a gente respira, a água que a gente bebe, a terra, o que a gente depende para viver. E é também de onde surge a vida. Ekó é vida, e tekó é corpo com vida. Então, meu corpo físico chama tekó, porque ele é um corpo com vida. E tekohá é o ambiente da vida, o espaço da vida. Nós chamamos de tekohá aonde a vida e o corpo tem o seu espaço. E ñande rekó é o sistema da vida, aonde está interligado com tudoplantas, animais, todos os seres vivos da Terra. Bem viver para nós é você saber viver e fazer com que as vidas que estão vivendo ali vivam em harmonia, um respeitando o espaço do outro, sem estar um querendo ser maior do que o outro. (Depoimento de Eunice Kerexu).¹⁴¹

Humanidade, um conceito inventando, como ironiza Krenak, por aqueles que já o fizeram excluindo outros humanos desse clube, deve ser repensado a partir das provocações de Bem Viver e da vida plena, de concepções mais amplas do

139. Ibid.

140. MILANEZ, Felipe. *Fundamentos de Ecologia*. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito; Superintendência de Educação a Distância, 2020.

141. Ibid., p. 58.

sentido e do dom da vida.¹⁴² A humanidade como vida separada das outras formas de vida cria desigualdades que operam como a *xawara*, desigualdades estas que se transformam em máquinas de produzir novas desigualdades. Essas máquinas são opostas das máquinas de produção de diferenças, como percebeu o arqueólogo Eduardo Neves ao escavar o passado de povos originários do continente.¹⁴³ Se a diferença é produtiva e reprodutiva, parte integrante do sistema de redes de vida, a desigualdade é decorrente da hierarquização do colonialismo. Essa recolocação do humano no mundo pressupõe, também, a valorização e a multiplicação das diferenças que se reconhecem fora dos espelhos.

Toda vida tem sentido, toda vida é um dom. Vida em sentido amplo das redes de relações vitais; Do cuidado da água do rio que é vivo e que alimenta a vida; Do cuidado do ar que é vivo e enche de energia as vidas a plenos pulmões; Da montanha que é viva e cuida da vida e da morte, que olha pelas existências; Do chão onde brota a vida como das pulsões do mundo mineral de abaixo da terra com o universo cósmico dos gases da atmosfera, circundados pela abóboda celestial, que está suspensa pela força dos *xapíri* dos Yanomami e outras entidades não humanas que regem e pulsam a vida através de diferentes experiências humanas. A vida em sentido amplo é a vida em relação de coexistência, relação da qual emerge o comum como o lugar/território, a Terra e o sentido de pertencimento que dá suporte ao Bem Viver de uma vida plena.

Bem Viver é a vida em relação com outras vidas, com todas as formas de vida, com a produção e a reprodução das vidas.

FELIPE MILANEZ

142. KRENAK, Ailton. *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

143. NEVES, Eduardo G. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente, Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo São Paulo, agosto de 2012.

De Amanda Marina Batista para o Bem Viver



Florianópolis, 01 de julho de 2020.

Amado Bem Viver,

*No espero que me recuerdes
soy solo uno de los muchos que se van
un viajero agradecido
del cobijo, del abrigo que le diste aquella vez
casi sin pedirme nada me mostraste tu mirada
De un mundo diferente es tu paso tan sereno
es tu paz y la simpleza
con que enseñas a quererte*

Anhelando Iruya – Joaquín Aguirre

Te conheci depois de anos com fome, depois de anos com medo do que restaria de minha pequena alma, depois da iniciação na convencional vida adulta que tudo exige e nada oferece, que mastiga nossos corpos e mentes, que nos seca a todos e às mulheres, em especial, esteriliza. Tenho usado os anos primeiros dessa “adulce” para proteger minha umidade e aproveitar para gerar calor, para aprofundar aprendendo com a terra e com os outros, mas sempre em fuga, sempre desenhando barricadas, tentando adiar o abate inevitável em que consiste o passar dos dias na ingrata vida que o capitalismo impõe. Até que te olhei.

Te vi nos olhos de um grande amigo e, com a simplicidade de costume, fez

sinal para eu parar a debandada e ouvir uma história em seu colo de luar. Me contou de sua origem, de como antes tu eras a vida que havia, antes dos tempos coloniais, e mesmo agora ainda (re)existe como pequena flor no cerrado, singela flor em meio a rachadura do asfalto, no coração dos povos tradicionais, bem no fundo do meio do mato e, para minha surpresa, no mais forte e macio de minha própria alma, nutrindo meus desejos mais genuínos.

Saí com seu nome silencioso nos lábios, como algo que conhecia há muito tempo, mas ao mesmo tempo talvez nunca tivesse visto. Li de você em alguns livros, o primeiro deles foi do Leonardo Boff,¹⁴⁴ com certeza ele é seu amigo, olha só:

O “Bem Viver” não é o nosso “viver melhor” ou “qualidade de vida” que, para se realizar, muitos têm que viver pior e ter uma má qualidade de vida. O Bem Viver andino visa uma ética da suficiência para toda a comunidade, e não apenas para o indivíduo. Pressupõe uma visão holística e integradora do ser humano inserido na grande comunidade terrenal que inclui, além do ser humano, o ar, a água, os solos, as montanhas, as árvores e os animais, o Sol, a Lua e as estrelas; é buscar um caminho de equilíbrio e estar em profunda comunhão com Pacha (a energia universal), que se concentra na Pachamama (Terra), com energias do universo e com Deus.

Você, Bem Viver, só com sua fragrância, com uma única gota de sua selvagem sabedoria, saciou aquela fome antiga e acolheu meu medo de criança sobre o que seria a vida depois da infância. É que algo nesse mundo que a princípio foi apresentado como o único possível, vitorioso e viável nunca me convenceu, nunca me conquistou, mas sendo eu de família pobre, sendo eu mulher, logo me mostrou o cabresto e a submissão. Eis a razão das barricadas, da vontade de vagar pelo tempo que restasse, olhando esse mundo pela janela, somando nas lutas dos outros, descobrindo as minhas próprias. Você, Bem Viver, me abraçou com as asas de todos os pássaros, como diria Guimarães Rosa, me adoçou os

144. BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: O que é - o que não é*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 62.

lábios com outra noção de realidade, me deu o que cultivar.

No seu vasto campo, Bem Viver, o labor é abundante e nutritivo, é esforço e aconchego. O labor como o cultivo é um trabalho cujo produto carrega uma parte de dentro de quem o realiza e uma parte do que esse alguém vê do mundo a seu redor. Junto a você, Bem Viver, foi a primeira vez que pensei ser possível conhecer o sabor do que li uma vez sobre o labor.

...existe uma outra palavra que nos ajuda a pensar a questão do trabalho no sentido positivo, ou seja, não no sentido de exaustão de forças, mas no sentido de construção, do ser, que é a palavra labor. A palavra labor está ligada, exatamente na sua origem latina, às raízes agrícolas, à lavoura, à laboração no campo. Quer dizer, trabalhar significa cultivar. Então, trabalhar, enquanto cultivar, é uma palavra que nos remete diretamente ao sentido da palavra cultura. Cultivar é fazer cultura. A cultura é cultivada, é fruto de um processo de enriquecimento, de um processo de transformação.¹⁴⁵

O trabalho do desenvolvimento tem como origem etimológica a palavra *tripalium*, denominação de um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (*paliu*). Desse modo, originalmente, “trabalhar” significa ser torturado no *tripalium*. O desenvolvimento diz que valoriza o *status* do trabalhador como elemento fundamental do crescimento econômico da nação e o trabalho também é conhecido por “dignificar o homem”.

Confesso que já achei bonito, mas também meio estranho... O trabalho ao qual ele se refere é aquele precarizado - ou até escravo - a que milhares de pessoas estão submetidas? Ou talvez aquele que, no Brasil, possui uma diferença salarial de quase 53% a menos para as mulheres em comparação com os homens quando exercem a mesma função? Será que as crianças que trabalham com mineração artesanal na República Democrática do Congo, na África, de onde é extraída mais da metade do cobalto do mundo, se sentem dignas por contribuírem para o

145. VIEGAS, Sônia. *Trabalho e Vida*. Conferência pronunciada por Sônia Viegas para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INSS- Belo Horizonte, em 12 de junho de 1989, p. 01.

desenvolvimento, uma vez que seu trabalho é extrair a matéria prima fundamental das baterias de lítio-íon usadas nos veículos elétricos, celulares e computadores?

Toda atividade deveria aproximar-se o máximo possível do labor e não do trabalho, porque a vida necessita da atividade laboriosa para ser *bem vivida por todos*. Há noites em que perco o sono, pensando que não há esperança na vida como está sendo vivenciada, quando sinto que eu mesma não tenho valor diante do mundo, que as existências estão fadadas a não se entenderem jamais e que o amor secou. O que me faz adormecer e amanhecer é a necessidade de ir aos poucos descobrindo novas formas de vida, abrindo a mente, as portas, as janelas para poder te ver chegar. Não és apenas uma utopia, não és apenas um mundo possível, és também muito presente: é a vida em si mesma.

És diferente da vida em expectativa medida, comparada entre PIBs e IDHs, para saber se acontece em país pobre ou rico. Não é indivíduo, é pessoa, não é população, é povo, não é amostragem, é gente. Não é represa, barragem, hidrelétrica, é rio, água e nascente. Criativa e naturalmente inteligente, é tão comum quanto rara e preciosa.

Sabe, Bem Viver, *precisamos urgentemente de Alma*. Só com Alma podemos ter chance de superar as estatísticas, dar sentido novamente à palavra, sinceramente chorar por todo esse massacre que primeiro chamamos progresso, depois desenvolvimento.

“Desenvolver” tem como significado “tirar do que envolve”. Com certeza foi isso que ocorreu, fomos “desenvolvidos” de você, Bem Viver. “Desenvolvidos” da Pachamama, chamados a sustentar-nos a nós e nossos filhos em meio ao vazio, onde se nega a vida para que sejamos reféns da exploração pelo trabalho, correndo atrás do que é nosso por direito sem nunca sentir que é suficiente. Hoje já somos todos filhos dessa farsa, com necessidades, fobias e desejos pré-formatados. Aqueles de nós que se recusaram, os indígenas, os quilombolas, são duramente executados. Os que se recusam a se separar da Alma da Terra, tem sua vida perseguida. Mas, mesmo sendo assim tão arriscado, precisamos urgentemente da Alma. Qualquer um que não esteja se fingindo de tonto, já sentiu o frio do desenvolvimento, as doenças psíquicas do desenvolvimento, o assédio do desenvolvimento, a falta de afeto do desenvolvimento, já sentiu ou viu a fome do desenvolvimento, a miséria do desenvolvimento.

Porque como disse Clarice, “todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial”.¹⁴⁶ Está na cara! E não há como dizer que uma vida assim, que não tem Alma, seja a única que existe quando há uma multidão de pajés, pais de santo, rezadores, pensadores, curandeiras, yoguis, capoeiristas e artistas falando que tem mais, que tem outra coisa. Nos faltariam olhos? Nos faltariam ouvidos? Ou ficamos simplesmente cegos e surdos? Imagino então seus olhos, Bem Viver, me perguntando “Como faço para ser possível?” Ou serão meus próprios olhos, minha boca seca, perguntando: “Como faço para ser possível?”

Bem Viver, sei que você não tem gênero, mas no calor do seu colo senti essência feminina. Então lhe proponho um acordo íntimo, como o que tenho com minhas ancestrais...

Que meus lábios sejam seus lábios, que possam sorrir, provar frutas suculentas, serem mordidos nas aflições do dia a dia, que possam trazer boas palavras para meus irmãos e irmãs, fiquem doces de amor e amargos de indignação com as brutalidades do desenvolvimento.

Que meus olhos sejam seus olhos, possam mirar paisagens lindas de nossa abundante e generosa Pachamama, enxergar de longe os perigos, oferecer doçura aos meus irmãos e irmãs e clareza para não me deixar enganar, nem por mim, nem pelas falsas promessas desse mundo.

Que meus ouvidos sejam seus ouvidos, permaneçam abertos para seus solidários conselhos, abertos para conhecer meus irmãos, fechados para os julgamentos, as repreensões e machismos de cada dia.

Que meu nariz seja seu nariz, com ele eu possa farejar a fumaça de uma fogueira com meus irmãos, o cheiro daqueles a quem amo, o odor daquilo que já não quero mais.

Que minha palavra seja sua palavra, que possa fazer mais silêncio que falar, mas que possa também uivar, cantar, contar histórias e denunciar esse mundo e semear você.

Que minhas mãos e pés sejam suas mãos e pés, com eles vamos caminhar

146. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 12.

com a Pachamama, tocá-la, abraçar, correr e pular.

Que meu corpo seja seu corpo, um corpo alegre, dançarino, prazeroso, livre, de mulher, fértil, digno de carinho e respeito, capaz de inventar novas formas de interagir com tudo ao redor, capaz de deixar mais pegadas na terra cultivada que de carbono. Que dessa forma, sua imensa Alma desperte a minha pequena Alma e quanto menor ela ficar, quanto menos ela precisar, maior se tornará com o Todo.

Um beijo daquela que agora pertence a você,

AMANDA MARINA LIMA BATISTA

De Leandro Durazzo para o futuro



Rio Grande do Norte, 10 de agosto de 2020.

Ao Futuro,

Oi, cria minha. Perdão pela demora em te escrever. Estou adiantado duas ou três décadas apenas, quando devia ter começado esta carta antes, bem antes, quando o mundo lá fora ia menos gritante e a esperança ainda verdava. Tivesse escrito antes, talvez você lesse antes também, em outro futuro. Não sei. Mas aqui segue sendo como sempre foi: o tempo correndo feito o vento e alguma angústia espreitando na beirada de cada dia.

Mas você me lê do futuro, então há de saber: o que poderíamos ter sido, mas não fomos; o que fomos, mesmo sem querer muito; o que tentamos fazer com o absurdo que nos foi feito; o que acabou se dando a partir de nossos esforços. Aqui, neste momento em que escrevo, lá fora o cricrilo do grilo, mais cedo o piar da coruja, as gatas no meu entorno e a lua em algum dos céus; aqui, neste instante, não sei bem ao certo o que aconteceu com o futuro.

Não você. O de antes.

Há alguns meses quedamos em casa. Não sabemos até quando, porque lá fora a vida espera, sem se deter, e um vírus detém, e muito, as nossas vidas. Tivesse escrito esta carta, meu filho, minha filha, no começo do ano que corre, te desenharia outro mundo. Mas o absurdo nos abateu: amontoados em caixas de concreto, cimento nos olhos, metrô apinhados rasgando as veias destas cidades, tombamos pouco a pouco como quem nunca. Como quem tivesse perdido o tato do pé na terra, a grama coçando a pele, espinhos furando os pés. Como quem tivesse se protegido de tudo apenas para, veja, apenas para tombar igualinho,

igualinho. Como se a proteção não surtisse efeito algum, como não surtiu.

Aqui, felizmente, mantemos algum contato. Com o mato. Os saguis que volta e meia vêm pulando no arvoredo, pavões a bicar a rocinha de macaxeira que há uns meses pude plantar, as gatas e os gatos vizinhos em telhados e jambeiros. Aqui, felizmente, em meio a tanta incerteza, a tantíssima insegurança, ainda vamos plantando um coqueiro aqui, pitangueira lá, a bananeira dando folhas muito novas, sempre e sempre, como se nem se inteirasse de nosso desdém para com o mundo. Porque, talvez, nem se inteire.

Mas agora vejo que erro, filho meu, filha minha, ao dizer nesta carta de um desprezo que não nutro, que jamais, que jamais rego. O desdém para com o mundo não é de mim que vem, nem dos amigos queridos nas aldeias Brasil afora, das mestras queridas em mosteiros mundo adentro. O desprezo, como você sabe, olhando aí do futuro, vem de quem nunca teve zelo, senão ganância. E ignorância também. Vem do dinheiro que compra terreno, mas nem de longe compreende a terra. Vem de gente que erra, e erra, e erra, e nunca se gasta querendo acertar. Aquele que devasta os chapadões, que devora a mata como quem mata o mundo, que torna tudo, tudo infecundo na sanha de ser-se mais. De progredir, como sempre se disse. De avançar.

Deixe-me contar: dia desses estive com um grupo que há anos tem trilhado a estrada. Andarilhado o mundo, vindo de um ponto longe e chegado até aqui. Em busca de outro futuro, sabe? Avançando no espaço, mas com as raízes plantadas sem nunca largar. Como árvores flutuantes, como raízes que se espaliassem desde outro rio. Gente nascida em canoa, pescadora, artesã da palha do buriti. Dia desses estive com eles, porque era urgente, e mesmo com o vírus lá fora não pude deixar de sair. E foi bom ter ido, e foi bom ter voltado, e foi bom ter estado naquele círculo de gente de verdade, como se diz. Gente-gente, não gente-dados. Aí em teu futuro ainda há tanta tela? Ou a terra voltou a crescer sobre os transístores e resistores? Ah, filha, filho, queria tanto que não houvesse esse tanto de lítio a nos carregar. Que nossa energia voltasse a vir de onde sempre veio, do sol, do veio de água fresca e daquilo que noutra canto chamam de, veja você, energia vital.

Energia vital. Vibrante. Como a da gente-gente que me acolheu, e que me acolhe, não apenas num dia desses, mas toda a vida caída na estrada. Deixe-me contar: uma canção de meu tempo dizia assim: “caia na estrada/ e perigas ver.”

Não sei você, mas aqui nosso anseio era todo esse: ver o mundo, mundo enorme, as gentes todas abarrotando os caminhos profundos da terra inteira. Os espaços largos, largos e silenciosos das montanhas, da neve em seu cume, da flor no sopé.

Nunca pensei que divagaria tanto ao falar de mim, e do que vislumbro ao longe. Do que jogo ao vento do futuro. Mas eis-me aqui, divagando como se plantasse um interesse noutra campo. Como se, dizendo filho, dizendo filha, desse à nossa relação um vínculo maior que o mais possível: o vínculo de sermos, na verdade, semelhantes nesta mesma embarcação, singrando o universo feito fosse mesmo um mar. Feito oceano.

O que mais desejo, até o limite de minhas possibilidades, é ver no futuro um mundo outro. Saber que, a despeito de hoje, do medo, do vírus, transístor, dinheiro, da gente-que-não-é-mesmo-gente, no futuro haverá mais futuro. Que a gente de verdade – e que a gente, de verdade – poderá colher frutos. E plantar mais sementes. Que a gente, mesmo vivendo bem no meio do turbilhão, seguirá sendo sempre capaz de encontrar as brechas, a força, a inspiração, a lua brilhando na esquina da noite e o mar marejando lá longe. E aqui dentro.

É ao futuro que esta carta vai, cria minha, cria nossa, rebento de todas as nossas ações, de toda a tensão entre quem vai buscando, por bem, viver, e quem por mal vai tentando impedir a vida. Futuro, teu nome, mas não tua natureza: porque tudo é feito o tempo, e o tempo é todo agora – passado, presente, futuro, outros períodos que nem sonhamos em vislumbrar. É ao futuro que esta carta vai, escrita com os pés no barro endurecido dos ladrilhos, nesta casa antiga em que ora existo, escrita por quem não desacredita. Por mim, mas não por mim apenas, senão por todas as vidas que minha vida tocam, e todas as muitas vidas que à minha vida ensinam: Bem Viver o tempo, Bem Viver o presente, Bem Viver o futuro – um presente atrás do outro, mesmo quando tudo parece escuro.

E, talvez, sobretudo isto: sobretudo quando tudo parece escuro.

Termine de ler isto e venha. Estou te esperando na beira do mar.

Com amor e confiança em teu caminho,

LEANDRO DURAZZO

Sobre as autoras e os autores das cartas

AILTON KRENAK

É ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas. Um dos mais destacados líderes indígenas do Brasil, escritor e intelectual do povo Krenak, recebeu, em 2020, o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores.

E-MAIL: ailtonkrenak@gmail.com

ALEXANDRE SAN GOES

É escritor e roteirista. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisador da Fundação Pierre Verger, desenvolve pesquisas acadêmicas vinculadas às esferas religiosa, política e jurídica.

E-MAIL: sangoes.alexandre@gmail.com

ALVANITA ALMEIDA

É mulher, professora, negrindia (como algumas amigas chamam), doutora em Letras pela UFBA, docente da graduação de pós-graduação no Instituto de Letras UFBA (nos programas: PPGLitCult e PROFLETRAS), atua em ensino e pesquisa. Organizou junto com Ívia Alves o livro *Mulheres em Séries*, têm artigos publicados em livros, discutindo temas sobre literatura, oralidades, mulheres, raça e classe, ensino de literatura.

E-MAIL: india.alva@gmail.com

AMANDA MARINA LIMA BATISTA

É aprendiz do Bem Viver com desejo de se transformar. Mestranda em Administração pela UDESC com foco em sustentabilidade e gestão de resíduos para imaginar outra realidade.

E-MAIL: amanda.marinalima@gmail.com

ANGELA MENDES

É ativista socioambiental, graduada como tecnóloga em Gestão Ambiental. Coordenadora do Comitê Chico Mendes, movimento criado para gestão e difusão da memória e ideais do líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988, lutando pela conservação da Amazônia e das Florestas Tropicais do mundo.

E-MAIL: angelamfmenDES@gmail.com

ANTONIO MARCOS PEREIRA

É doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor de literatura brasileira na Universidade Federal da Bahia. Seu pós-doutorado, realizado no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre as experimentações da crítica na relação com os gêneros (auto)biográficos, é, junto com a biografia literária, um de seus temas de pesquisa.

E-MAIL: antoniomarcospereira@gmail.com

APARECIDA VILAÇA

É carioca, doutora em antropologia social e professora do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escreveu diversos livros acadêmicos sobre os Wari'. Em 2018, lançou *Paletó e eu – Memórias de meu pai indígena*.

E-MAIL: aparecidavilaca2011@gmail.com

ARAMI MARSCHNER

É atriz e gestora cultural do Casulo - espaço de cultura e arte em Dourados, Mato Grosso do Sul. É formada em artes cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É artista da vida! E-MAIL: aramimarschner@gmail.com

ARISSANA PATAXÓ

É artista Plástica e mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Sua produção artística, em diversas técnicas, aborda a temática indígena. Participou das exposições *Sob o olhar Pataxó*, *Eco Arte*, *Mira! Artes visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas e Resistência*.

E-MAIL: arissana_braz@yahoo.com.br

BERND REITER

É especialista em América Latina e professor da Texas Tech University. Suas publicações incluem *The Dialectics of Citizenship* (2013), *Bridging Scholarship and Activism* (2014), *The Making of Brazil's Black Mecca: Bahia Reconsidered* (2018), *The Crisis of Liberal Democracy and the Path Ahead* (2017), *Constructing the Pluriverse* (2018), e *Legal Duty and Upper Limits* (2020). Seu trabalho se concentra em raça, democracia, cidadania e descolonização.

E-MAIL: bereiter@ttu.edu

BETH RANGEL

É professora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e doutora em Educação pela UFBA, coordenadora do Programa de Pós Graduação Profissional de Dança da UFBA. Tem experiência em gestão cultural, projetos comunitários e atua em pesquisas da Arte enquanto Tecnologia Educacional. É líder do grupo de pesquisa ENTRE: Artes e enlaces.

E-MAIL: bethrangel19@gmail.com

BIANCA DIAS

É Psicanalista, ensaísta, crítica de arte e autora do livro *Névoa e assobio*. Fez história da arte na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e é mestre em Estudos contemporâneos das artes pela Universidade Federal Fluminense.

E-MAIL: biandias@hotmail.com

CRISTINA ARARIPE FERNANDES

É doutoranda e mestra em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), com especialização em Educação Popular (FACED) e Gênero e Sexualidade em Educação (IHAC) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisa narrativas indígenas sobre o Bem Viver e tem interesse nas interfaces arte, migrações e etnopoéticas.

E-MAIL: cafseg@yahoo.com.br

DEISE QUEIROZ DA SILVA

É professora e coordenadora da Área de Saúde Coletiva da Universidade Federal

do Recôncavo da Bahia, tem se dedicado à pesquisa nas áreas das Ciências Sociais e Saúde Coletiva, com ênfase em saúde pública e com vistas à saúde sexual, saúde reprodutiva e garantia de direitos das populações em maior situação de vulnerabilidade.

E-MAIL: deduqueiroz@gmail.com

DENILSON BANIWA

É indígena Baniwa, natural do Rio Negro, interior do Amazonas. Artista-jaguar, atualmente reside no Rio de Janeiro. Seus trabalhos expressam sua vivência enquanto Ser indígena do tempo presente, mesclando referências indígenas tradicionais e contemporâneas em diversos suportes e linguagens, como canvas, meios digitais e performances.

E-MAIL: denilsonbaniwa@gmail.com

DIOSMAR MARCELINO DE SANTANA FILHO

É geógrafo, formado pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL), Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutorando em Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador Associado da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) - ABPN.

E-MAIL: ptfilho@gmail.com

ELOÁ SOARES DUTRA KASTELIC

É professora no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Pós-doutorado em Políticas Públicas Sociais e Educacionais - Universidade Estadual de Londrina; Doutorado em Letras – Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Membro Estadual da Comissão Universidade para os Índios; Líder do Grupo de pesquisa Educação, Diversidade e inclusão no Contexto de Fronteira.

E-MAIL: eloasoaes@outlook.com.br

FÁBIO ANDRÉ DINIZ MERLADET

É Doutor em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra e coordenador da Universidade Popular dos Movimentos Sociais.

E-MAIL: fabioandredm@hotmail.com

FELIPE MILANEZ

É professor do Instituto de Artes, Humanidades e Ciências Prof. Milton Santos e do programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Sociologia pela Universidade de Coimbra e coordenador do GT Ecología(s) Política(s) Desde El Sur/Abya Yala no CLACSO. E-MAIL: felipemilanez@ufba.br

FERNANDA MOTA PEREIRA

É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua como professora da Área de Inglês do Instituto de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA. É autora dos livros *Education and Literature: Reflections on Social, Racial, and Gender Matters* e *Literatura Anglófona em Perspectivas*. E-MAIL: pmotafernanda@gmail.com

GERSEM BANIWA

É indígena do Povo Baniwa, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. E-MAIL: gersem@terra.com.br

GRAÇA GRAÚNA

É indígena potiguara (RN), nasceu em São José do Campestre (RN). Escritora. Publicou *Canto Mestizo*, *Tear da palavra*, *Flor da Mata*, entre outras obras. Participa de várias Antologias no Brasil e no exterior e é responsável pelo Blog. *Tecido de Vozes* (no wordpress). E-MAIL: grauna3@gmail.com

IRENE MARIA DE JESUS SILVA

É professora aposentada da Fundação Nacional do Índio. Alfabetizou diferentes gerações do povo Pataxó, além de ter participado dos primeiros cursos de formação inicial dos professores indígenas do estado da Bahia no Ensino Médio e nas Licenciaturas Interculturais. Estudante de meditação Raja Yoga, pratica

o Bem Viver por meio do cuidado de si e dos outros.

E-MAIL: irenemarialquimiaclorofila@gmail.com

JERRY MATALAWÊ

Licenciado em Ciências Sociais pela UNEMAT. Especialista em Gestão em Direitos Humanos pela UNEB. Mestrando em Antropologia Social pela UFBA. Coordenador Executivo de Políticas para Povos Indígenas, na Secretaria Estadual de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Governo da Bahia.

E-MAIL: jerrymatalawe@gmail.com

JOHN ANTÓN SÁNCHEZ

É Doutor em Ciências Sociais, professor do Instituto de Altos Estudos Nacionais (IAEN), da Universidade de Pós-graduação do Estado Equatoriano. Membro do Observatório de Justiça para Afrodescendentes na América Latina (OAJAL) e sócio do Instituto Afrodescendente para os Estudos, Pesquisas e Desenvolvimento.

E-MAIL: jhonanton@hotmail.com

JOSÉ CARLOS TUPINAMBÁ

É indígena do povo Tupinambá de Olivença, formado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Foi professor indígena no Colégio Estadual Indígena Tupinambá de Olivença, consultor do Ministério da Educação e Coordenador da Política de Educação Escolar Indígena na Secretaria Estadual de Educação no Governo do Estado da Bahia. E-mail: jcarlosbatistat9@gmail.com

JOSEANE MAYTÊ SOUSA SANTOS SOUSA

É professora da Secretaria Municipal de Educação de Camaçari/Ba. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA) e Mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UFBA). Nesse momento, desenvolve pesquisa em torno da leitura de narrativas contemporâneas, campo expandido da literatura e literatura e ensino. É membro do grupo de pesquisa NEAI- Núcleo de Estudos das Produções Autorais Indígenas (UFBA).

E-MAIL: jms.educadora@gmail.com

JOSELI DOS REIS QUERINO

É professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, Bahia. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, pesquisando a noção de livro-objeto a partir do seu lugar de professora e formadora de leitores da educação básica.

E-MAIL: josiquerino@hotmail.com

JOSILEY FRANCISCO DE SOUZA

É professor da Universidade Federal de Minas Gerais, na Faculdade de Educação. Possui graduação em Letras, mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pela UFMG. Desenvolve pesquisas com enfoque em expressões poéticas da voz e tradições orais, e atua nas áreas de Educação e Letras, principalmente nos seguintes temas: oralidade, literatura, performance, memória e educação indígena.

E-MAIL: josiley8@yahoo.com.br

JUVENAL PAYAYÁ

É cacique, professor, romancista e poeta. Baiano da Chapada Diamantina, plantador de sementes.

E-MAIL: juvenalpayaya@gmail.com

KANDYA OBEZO CASSERES

É Comunicadora Social com mestrado em Estudos Latino-Americanos da Universidade de Georgetown em Washington, D.C. (EUA) e em Desenvolvimento e Cultura, da Universidade Tecnológica de Bolívar (Colômbia). Foi bolsista Fulbright do Departamento de Estado dos Estados Unidos e do Programa Erasmus Mundus da União Europeia. É originária de San Basilio de Palanque, considerado o primeiro povo livre da América.

E-MAIL: kandiaobeso@gmail.com

LEANDRO DURAZZO

É antropólogo e tradutor. Autor de *Cantos de Natal* (munganga edições, 2017)

e *Mar de Viração* (Moinhos, 2018), entre outros, integrou a antologia de poesia contemporânea *É Agora Como Nunca*, organizada por Adriana Calcanhotto (Cia. das Letras, 2017). Trabalha com povos indígenas e religiões orientais, nem sempre ao mesmo tempo.

E-MAIL: leandrodurazzo@gmail.com

LEONARDO FRANÇA

É dançarino, pai e artista do corpo interessado em dançar com a escuta ética-estética-política das forças vitais que movem os entes de afirmação da vida. Através da sua dança se move com a palavra, imagem, audiovisual e música.

E-MAIL: mestradoleofranca@gmail.com

LUCIENE AZEVEDO

É professora de Teoria Literária da Universidade Federal da Bahia. Coorganizou o e-book *Autoria e escrita não-criativa* (e-galáxia, 2018) e o livro *Palavras da Crítica Contemporânea* (Paralelo13S, 2017). E-MAIL: aaluciene@gmail.com

MARA VANESSA

É doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, professora substituta do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Prof. Milton Santos, da UFBA, professora convidada do Curso de Especialização em Arte-educação da Escola de Belas Artes da UFBA e do Curso Formação Intercultural de Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-MAIL: maravaness@gmail.com

MÁRCIA KAMBEBA

É indígena pertencente ao povo Omágua/Kambeba no Amazonas, Alto Solimões. É mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, escritora, poeta, compositora, fotógrafa, ativista. Desenvolve um trabalho autoral com canto, poesia e fotografia numa luta descolonizadora e chamando para um pensar crítico-reflexivo sobre os povos indígenas.

E-MAIL: marciacambeba@gmail.com

MARIA ROSÁRIO GONÇALVES DE CARVALHO

É doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal da Bahia, Bolsista de Produtividade de Pesquisa 1 do CNPq. Coordena o Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB) e o Fundo de Documentação Histórica Manuscrita sobre Índios da Bahia (FUNDOCIN).

E-MAIL: mrgdecarvalho12@gmail.com

MILENA BRITTO

É natural de Salvador, Bahia. É Doutora em Literatura e Cultura Brasileira e professora do Instituto de Letras da UFBA. Coordena o projeto de pesquisa Literatura, Política Cultural e Mercado Editorial: *Quais Literaturas (Re) Conhecemos?* - mapeamento do campo literário baiano e nacional.

E-MAIL: millenabritto@hotmail.com

NEGO BISPO

É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, morador do Quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí/PI. Ativista político e militante de grande expressão no movimento quilombola e nos movimentos de luta pela terra, faz parte da primeira geração da família da sua mãe que teve acesso à alfabetização.

E-MAIL: bispoquilombo@gmail.com

PALOMA VIDAL

É escritora, tradutora e professora de Teoria Literária da Universidade Federal de São Paulo. Possui doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pós-doutorado na Université Paris 7-Diderot (2016), na Universidade Estadual de Campinas (2007-2009) e na Universidade de Brasília (2006-2007). É pesquisadora na área de Teoria Literária e Literatura Latino-americana.

E-MAIL: ondeeunaouestou@gmail.com

RAFAEL XUCURU-KARIRI

É Cientista Político, doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Analista de Políticas Sociais do Ministério da Educação. Filho da nação Xucuru-Kariri.

E-MAIL: rafaexucurukariri@gmail.com

RAMON VICTOR BELMONTE FONTES

É Comunicólogo - Relações Públicas (UNEB), em processo de doutoramento em Literatura e Cultura (UFBA). Multiartista em processo, desenvolve reflexões em torno das questões de gênero e sexualidade, nas intersecções entre raça, saúde, território e memória, com particular interesse na literatura enquanto uma linguagem expandida, abarcando as artes performáticas, a música, o cinema e o teatro afrodiaspóricos.

E-MAIL: ramon_fontes@hotmail.com.br

RICARDO PIERA CHACÓN

É chileno, mora há mais de 20 anos em Salvador. Doutor em Literatura e Cultura pela UFBA. Membro do Núcleo de Estudos das Produções Autorais Indígenas (NEAI – UFBA), dialoga com a obra do poeta Elicura Chihuailaf, ao tratar tanto da arte da palavra dita à beira do fogão quanto do conflito do Estado chileno com o povo Mapuche, um de cujos pontos fundamentais é a luta pelo Bem Viver.

E-MAIL: pierachacon46@gmail.com

ROBERTO SOBRAL

É antropólogo pela Universidade de Brasília e Analista de Políticas Sociais no Ministério da Educação. Desde 2005, vem atuando nas e pesquisando as políticas de Estado, supostamente desenvolvidas para a promoção da “diversidade”.

E-MAIL: joserobertosobral@gmail.com

ROSENILDA RODRIGUES DE FREITAS LUCIANO

É mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (FACED/UFAM). Formadora de Professores Indígenas - Secretaria de Educação e Qualidade de Ensino do Estado do Amazonas (SEDUC). É

indígena Sateré-Mawé do município de Maués – região do Baixo Amazonas.
E-MAIL: rosebaniwa@gmail.com

ROSINÊS DE JESUS DUARTE

É mulher, negra, mãe de Davi e Eva. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia/Universidad Complutense de Madrid. Atualmente, é professora de Filologia da UFBA e coordenadora do Grupo de Pesquisa FILEN (Filologia das Letras Negras), atuando em temas como: crítica textual; processo de produção, transmissão e circulação de textos de mulheres negras; escrita negrofeminina e filologia e ensino.
E-MAIL: rosiart20@yahoo.com.br

RUBELISE DA CUNHA

É doutora em Teoria Literária (PUCRS) e Professora de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Rio Grande. Dedicou-se ao estudo das Literaturas Indígenas do Canadá e do Brasil e coordena o Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-FURG).
E-MAIL: rubelisedacunha@gmail.com

SONIA GUAJAJARA

É uma das maiores lideranças políticas do Brasil. Do povo Guajajara, Terra Indígena Araribóia, é Coordenadora Executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). Foi candidata na chapa para a Presidência da República nas eleições de 2018, fato inédito na história do Brasil. Defende os direitos indígenas e ambientais em um país que, ela insiste, não pode se acostumar com tamanhas desigualdades.

STÉPHANE PUJOL

É professor de Literatura Francesa do século XVIII. Ex-diretor do Collège International de Philosophie. Presidente da Société Diderot. Universidade de Toulouse - Jean Jaurès. Afiliação ao Laboratório Patrimônio, Literatura, História (PLH) - equipe de Literatura e Hermenêutica (ELH).
E-MAIL: pujolstephan@gmail.com

SUZANE LIMA COSTA

É professora do Instituto de Letras, na Universidade Federal da Bahia, Brasil, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (UFBA). Coordena o projeto As cartas dos povos indígenas ao Brasil (CNPq) e pesquisa cartas, retratos e biografias dos povos indígenas.

E-MAIL: suzanelimacosta@gmail.com

TAQUARI PATAXÓ (GENILSON DOS SANTOS DE JESUS)

É indígena do povo Pataxó, graduando em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do projeto “Ecologias antirracistas na Bahia: comunidades tradicionais, cultura e ecologia política”.

E-MAIL: genilsontaquary@gmail.com

THAIANE PINHEIRO COSTA

É mestre em Literatura e Cultura, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), como também pós-graduada em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior pela ESAB. Além disso, atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos das Produções Autorais Indígenas (NEAI – UFBA) e é professora de língua portuguesa na rede estadual de ensino do Espírito Santo.

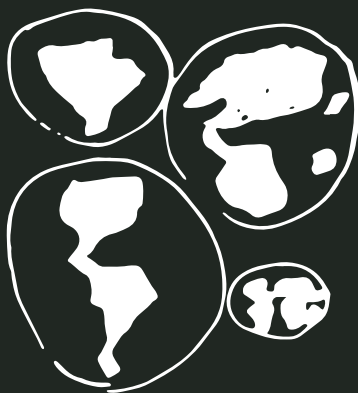
E-MAIL: thaianepinheiro@hotmail.com

TIM INGOLD

É professor de Antropologia Social na Universidade de Aberdeen, Reino Unido. É autor de *The perception of the Environmet: essays in livelihood, dwelling and skill*(2000), *Lines: A Brief History* (2016), *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimentos e descrição* (2015), *Correspondences* (2021) dentre outras obras.

E-MAIL: tim.ingold@abdn.ac.uk

fonte Cormorant Garamond e Freight Display Pro
papel Couché liso 150g
mês & ano Dezembro de 2020



Apoio:



paraLeLo13S

